



2.  
42483

CONTOS TRADICIONAES  
DO  
POVO PORTUGUEZ

—

II

THEOPHILO BRAGA

---

CONTOS TRADICIONAES

DO

POVO PORTUGUEZ

COM UM ESTUDO

SOBRE A NOVELLISTICA GERAL

E NOTAS COMPARATIVAS

---

VOLUME II

Historias e Exemplos de thema tradicional  
e fórma litteraria

---

PORTO

LIVRARIA UNIVERSAL

DE

MAGALHÃES & MONIZ—EDITORES

12—LARGO DOS LOYOS—12

COMPRA

244611

✓  
8/263

LITTERATURA

DOS

CONTOS POPULARES

EM PORTUGAL

---

Assim como na linguagem existem duas correntes de elaboração, uma popular ou dialectal e outra escripta, ou regularisada por uma norma grammatical, acontecendo muitas vezes desconhecerem-se estas duas correntes, ou entre-cruzarem-se por effeito de causas sociaes e historicas, o mesmo phenomeno se observa com as tradições novellescas: um grande numero de Contos persiste exclusivamente na transmissão *oral* do povo, que os transforma desde a primitiva concepção *mythica* até á simples aventura faceta ou á referencia vaga de qualquer adagio, e existe simultaneamente um outro grupo de Contos conservados por via da redacção litteraria e escriptos com uma certa intencionalidade moral ou artistica. Nem sempre estas duas correntes se communicam, havendo comtudo uma epoca em que os escriptores deram fórma litteraria aos *themas* tradicionaes ou os imitaram, e em que os contos escriptos por seu turno vie-



ram a influir na imaginação popular pelo emprego da *parabola* na prédica religiosa é do *exemplo* na doutrinação concreta da moral. A universalidade dos Contos populares na tradição oral não se póde explicar historicamente; este processo compete aos Contos generalizados pela fórma litteraria, cuja transmissão se estabelece quasi de um modo chronologico e por documentos que subsistem. Huet, Sacy, Loiseleur des Longchamps, Benfey e Max-Müller, segundo os recursos da sciencia da sua epoca, fixaram os caminhos diversos por onde os Contos do Oriente fizeram a sua migração para a Europa. Provenientes de collecções litterarias, de que a mais antiga conhecida é o *Panchatantra*, elles acompanham os accidentes da historia da civilisação da Europa, implantando-se no Occidente com as invasões dos Arabes, propagando-se com os ultimos lampejos do hellenismo, sendo o assumpto de redacção dos novos dialectos romanicos e dos prégadores catholicos da Edade media. A Igreja afastando os povos da Europa do contacto da civilisação greco-romana, aproveitou-se d'este fundo tradicional para actuar sobre a imaginação da gente rude, e assim as litteraturas começaram o seu desenvolvimento sobre uma base e com um destino popular. A redacção litteraria dos Contos e fabulas indianas foi provocada pela profunda revolução religiosa do Buddhismo, que batendo as abstracções metaphysicas da casta sacerdotal brahmanica e procurando os seus proselytos entre as raças inferiores e amarellas, teve de propagar-se pela exposição pittoresca dos Contos; onde quer que o Buddhismo se divulgou, ahi encontram-se os Contos como meio de propaganda. As collecções da China, como os *Avadanas*, e as do Thibet, resultaram d'essa crise religiosa; no rarissimo livro das *Cartas do Japão* (fl. 99 v.) se lê: «Ha y mais duas Seitas, que chamam Iexu e Muraçaqui. Estes são dados a meditações, tem somma d'ellas de cousas como *fabulas e comparações.*» Na lucta do Christianismo contra

o polytheismo, e mais tarde contra o islamismo e o protestantismo a polemica religiosa fez-se á custa de contos Moraes, de facil comprehensão, chamados *Exemplos*. Esta similaridade de crise religiosa coincidiu com o conhecimento dos Contos indianos traduzidos para arabe na corte de Bagdad, e trazidos na invasão mussulmana da Europa occidental. Os trovadores nas suas canções, os troveiros nos seus fabliaux, os menestreis nos seus lais, secularisaram o conto com esse espirito de livre exame communicado pela civilisação dos Arabes. No periodo mais activo da organisação das sociedades modernas, no seculo XII, é que se constituiu a nacionalidade portugueza; dirigida a sua cultura pelos latinistas ecclesiasticos, os primeiros documentos litterarios em prosa foram Contos traduzidos do arabe e com uma intenção moral exclusiva. Com as correntes cultas de outros elementos medievaes, como os trovadores da Provença, os jograes francezes e menestreis bretãos, alargaram-se as fontes litterarias dos Contos, estabelecendo-se essa unanimidade de sentimento da Civilisação occidental. Indicaremos estes differentes vehiculos.

Desde o seculo XIII que se conheceu na Hespanha a collecção arabe do *Kalila e Dimna*, não só pela traducção castelhana do infante D. Affonso (1289), como pelo *Exemplario contra enganos y peligros del mundo*. Succederam-se as imitações litterarias, e a fonte litteraria apparece citada com frequencia nos poetas do principio do seculo XV, como se vê pelo Cancioneiro de Baena:

Reyne de Byrra todo su feresa,  
E las falsedades de *Cadyña Dyna* . . . (1)

Que mudan discordias, consejos peores  
Que *Dina y Çadina* con su lealdad . . . (ib. 119.)

(1) Ed. Pidal, t. 1, pag. 115.

O nome d'esta collecção é tirado das aventuras passadas entre os dois chacaes *Karataka* e *Damanaka*, que no persa ante-islamico se abrandou na fórma *Kalilak* e *Damnak* vulgarisada pelos arabes. (1) Assim na Hespanha o chacal identificou-se com a raposa, e as aventuras do Kalila e Dymna foram designadas pela palavra generica de *raposias*:

Sea asno ó letrado por contradicion  
Segunt que del dixo la *sabia raposa*... (2)

O nosso chronista Fernão Lopes, no principio do seculo xv, emprega esta designação de *raposias*. É talvez por esta influencia arabe que o cyclo do *Roman du Renard*, que se desenvolveu na Europa com um character heterodoxo e hostil á igreja, não se propagou entre as nações catholicas. O velho anexam conservado por Jorge Ferreira de Vasconcellos, na Comedia *Euphrosina*, de 1521:

O Lobo e a Golpelha (*Vulpecula*)  
Fizeram uma conselha

allude a um dos episodios do *Roman du Renard*, como este outro rifão popular:

Da pelle alheia  
Grande corréa.

A influencia arabe na peninsula foi simultaneamente popular e litteraria; Alvaro de Cordova allude ao gosto dos contos «*fabellis mille suis delectamur*.» Das collecções arabes passaram para os nossos documentos litterarios

(1) Max Müller, *Essais sur la Mythologie comparée*, p. 469.

(2) *Canc. de Baena*, ed. Pidal, I, 118.

do seculo XIV bastantes contos intercalados no livro asctico do *Orto do Esposo*, e na traducção da lenda mystica de *Barlaam e Josaphat*, tirada do *Lalita Vistara*, sendo Buddha sanctificado no christianismo. No *Nobiliario* do Conde Dom Pedro, o conto de *Gaia* é tambem nos seus episodios semelhante ás narrativas arabes, das quaes persiste no gosto popular ainda a folha volante da *Donzella Theodora*.

A divulgação da poesia provençal veiu ajudar ao desenvolvimento da fôrma litteraria dos Contos, com os *Noellaires*; temos um exemplo na tradição da *Chuva de Maio*, de que ha reminiscencias em um poeta do Cancioneiro de Resende, em Sá de Miranda e D. Francisco Manoel de Mello. Os jograes abandonavam por vezes os assumptos lyricos, e contavam fabulas ou narrativas com um intuito satyrico. O jogral Martins Moxa, que dizia:

D'estes privados non sei *noellar*...

refere-se ás fabulas da sua classe:

Uns joglares  
Sus nobles *fatares*  
Soyam dizer...

Comprehende-se o sentido d'estes versos pelo que Affonso XI dizia a Ramon Vidal, ouvindo-lhe um fabliau: «Jogral, *tuas fabulas são agradaveis e formosas.*» Devido talvez a esta influencia jogralesca e á propagação dos *fabliaux* francezes, é que os contos vieram a receber em Hespanha, embora no seculo XVI, o nome de *Francias*. A influencia bretã é tambem manifesta na fôrma dos *lais*, que além do seu destino musical tinham um accentuado character narrativo, que veiu a desenvolver-se no cyclo da Tavola Redonda. No *Nobiliario* do Conde D. Pedro é onde existem os principaes vestigios dos contos bretãos; no

Conto da *Dama pé de cabra*, lê-se: «E alguns ha em Biscaia, que disseram e dizem hoje em dia, que esta sua mãe de Enheguez Guerra, que este é o *coouro* de Biscaia.» Leroux de Lincy cita os *Gourils*, *Gories* ou *Crious*, (1) que ainda nas costas da Finisterra são chamados *Courils*, diabos malignos da superstição popular. No mesmo *Nobiliario* se encontra rapidamente narrado o conto do *Rei Lear*, a tradição de Merlim, e da *Islavalon* (Ilha do Avalon.) Um velho anexim portuguez:

Tanto vale cada um na praça  
Quanto vale o que tem na caixa,

apparece-nos como um vestigio derivado d'estes versos de *Roman de Brut*, d'onde veiu o conto:

Tant as, tant vaux, et tant je t'aime,  
Tant comme j'eus, et tant valus,  
Et tant aimé et privés fus.

A tradição do Solar dos *Marinhos* deriva tambem d'essas lendas heraldicas fundadas na crença das fadas terrestres, como a Melusina e a Dama pé de cabra, ou do mar como as Sereias, de que falla Gil Vicente:

Vae logo as *ilhas perdidas*,  
No mar de penas ouvinhas,  
Traze trez *fadas marinhas*  
Que sejam mui escolhidas. (2)

Martim Moxa allude a esta crença, que recebeu fórma litteraria, como a Urganda do *Amadis de Gaula*:

(1) *Livre des Legendes*, p. 167.

(2) *Obras*, t. III, p. 101.

As nossas *Fadas*  
 Iradas,  
 Sam achegadas  
 Por este *fadar*...

No Cancioneiro da Vaticana encontra-se uma allegoria satyrica da Verdade, em uma canção de Ayres Nunes que se avalia bem aproximando-a de um conto popular da Andalusia. Eis o conto: A Verdade e a Justiça foram pelo mundo mostrar-se, e como eram muito formosas, arranjaram muito dinheiro. No caminho aggregou-se-lhe a Avareza, e ella é que guardava o dinheiro. Quando resolveram voltar, a Avareza que não queria repartir o quinhão, ao passar por uma ponte baldeou a Verdade na agua, e por isso ella nunca mais appareceu no mundo. A Justiça tratou logo de castigar o crime, mas a Avareza refugiou-se com a bolsa em uma igreja e nunca mais de lá saiu, e lá hade ficar até que as paredes venham abaixo. (1) Vejamos agora a sirvente de Ayres Nunes:

Porque no mundo mengou a Verdade,  
 punhey hum dia de a hyr buscar,  
 et hu per ela fui preguntar  
 disserom todos — Alhur a buscade;  
 cá de tal guisa se foy a perder,  
 que non podemos en novas aver,  
 nem já nom anda na yrmaydade.

Nos moesteyros dos frades regrados  
 a demandey, et disserom-m'assy:  
 Non busquedes vós a Verdade aqui,  
 cá muytos annos avemos passados  
 que non mor'en nosço, per boa fé,  
 .....

e d'al avemos maiores cuydados.  
 E em Cistel, hu Verdade soía  
 sempre morar, disserom-me que nom  
 morava hy, havia gram sazom.

(1) *Folk-lore andaluz*, p. 126; R. Marin, *Cantos populares españoles*, t. II, p. 196.

nem frade d'hy já nom a conhecia;  
 nem o abade us'outrosy nom estar,  
 sol nom queria que fosse y pousar,  
 et anda já fora da abbadia.

Em Santyago seend'albergado  
 em mha pousada, chegarom romeus;  
 preguntey-os et disserom: Par deus,  
 muyto levadel-o o caminho errado;  
 ca se Verdade quiserdes achar  
 outro caminho conven a buscar  
 cá nom sabem aqui d'ela mandado. (1)

As tradições eruditas da primeira Renascença receberam tambem uma fôrma litteraria entre os latinistas ecclesiasticos; da Bibliotheca de Alcohaça subsiste ainda a traducção portugueza da *Visão de Tundal*, sobre cujo thema, o da descida aos infernos, Dante escreveu a *Divina Comedia*, tradição que os padres da Igreja tomaram do Eucrates do *Philopseudes* de Luciano. D'esta corrente erudita deriva essa allusão do cavallo-fada *Pardallo*, citado no conto da *Dama pé de cabra*, que é evidentemente uma fôrma do *Pardulus* de Aristoteles. No *Orto do Esposo* descrevendo-se os costumes da panthera, Frei Hermenegildo de Payo Pele, introduz o conto do animal agradecido: «Aconteceu hua vez que hum homem livrou da morte os filhos d'esta besta. E este homem cayou em hua cova e a besta o tirou fóra d'ella e o poz em salvo do deserto hindo com elle muy leda e afagando-o, em guisa que parecia que lhe dava graças.» (2)

D'este cyclo erudito da primeira renascença data o conhecimento dos *Gesta Romanorum* em Portugal. Azurara, na *Chronica da Conquista de Guiné*, cita «as obras dos Romanãos.» (3) Na Bibliotheca do rei Dom Duarte guardava-se a colleção hespanhola do *Conde de Lucanor*, uma traduc-

(1) *Cancioneiro portuguez da Vaticana*, n.º 455.

(2) *Orto do Esposo*, fl. 73, v.

(3) *Op. cit.*, ed. de Paris, p. 148.

ção portugueza dos versos do *Arcipreste de Hita*, e da *Confissão do Amante* de Gower, em que receberam fórma litteraria diversos contos da Edade-media. Na côrte de Dom Duarte prevaleceu o gosto dos contos com intuito moral, chamados *estorias* e *exemplos*; na sua obra o *Leal Conselheiro*, cita o conto da *Manta e o chocalho*, que parece popular pela persistencia do anexim: «O diabo tem uma manta e um chocalho.» Acham-se ali tambem o conto allegorico das *Duas Barcas* e o do *Filho prodigo*: «e a festa que fez o padre ao filho degastador, que confessando seu desfallecimento dizia nom sou digno seer chamado teu filho...» (1) O rei Dom Duarte condemnava a leitura dos livros de contos, que ella aponta como um vicio entre a aristocracia portugueza do seculo xv: «taaes leituras aos que de semelhantes non téem boo conhecimento mais som para serem ensinados que para despende tempo ou se desenfadar com o *livro d'estorias*, em que o entendimento pouco trabalha por entender ou se nembrar.» (2) Fernão Lopes, o nosso grande chronista, empregava a palavra *estoria* no sentido de tradição, tal como ainda subsiste entre o povo. O rei Dom Duarte condemnando o uso de ouvir contos, diz: «E d'aquesta guysa erramos per este desassecego: se no tempo de orar e ouvir officios divinos, nos conselhos proveitosos, fallamentos ou desembargos, levantamos *estorias*, recontando longos *exemplos*.» (3) Gil Vicente conservou esta designação medieval:

Como diz o *exemplo* antigo  
Que não são eguaes os dedos.

O costume de contos era tão persistente entre o povo como entre a aristocracia portugueza. As nossas *seroadas*

(1) *Leal Conselheiro*, p. 81.

(2) *Ibidem*, p. 7.

(3) *Op. cit.*, p. 192.

e o typo dos *patranheiros* populares derivarão dos costumes mouriscos das *zambras*? As suas raizes são mais profundas, derivam da primitiva raça do occidente; na Grecia havia uma classe de mulheres chamadas *paramythia* encarregadas de contarem contos por officio; Guthrie descrevendo os velhos costumes da Russia, diz: «Observa-se tambem nas casas dos grandes, mulheres encarregadas de contar contos, *Skaski*. . . A sua occupação consiste em entreter suas amas até que ellas adormeçam, com contos semelhantes ás Mil e uma Noites arabes, antiquissimo costume entre os orientaes.» (1) Conhecida a intima relação que existe entre os contos russos e os sicilianos, comprehendemos a relação que deve haver entre os *Skaski* russo e os *Chascos* ou *Chascarilhos* com que ainda no seculo xvii se designavam em Hespanha os Contos facetos. (2) Esse elemento mongolico que no seculo xiii propaga na Russia e no norte da Europa as ficções orientaes, é o mesmo que no occidente sob a corrente iberica produz esta similaridade de tradições e de costumes.

Usavam-se os contos, na Edade media, á meza dos principes, sob o nome de *Rumor*. Na descripção das festas do casamento do principe D. Affonso vem:

Depois ledos tangedores  
 Á meza. . . . .  
 Fizeram fortes *rumores*.

Camões empregou este termo na locução: «*O rumor antigo* conta.» O conto do Boi Cardil parece-nos ter sido objecto de um d'estes rumores, como se deprehende dos versos latinos:

Ad mensam magni principis  
 Est *rumor* unius bovis. . .

(1) *Antiquités de Russie*, p. 151.

(2) Ticknor, *Hist. da Litteratura hesp.*, t. III, p. 25, not. 38.

Nos costumes palacianos e universatarios, o conto tomou uma grande importancia, em parte sustentado pelos moralistas catholicos, e principalmente pelo impulso da Renascença classica communicado pela Italia. Gil Vicente caracteriza este costume:

E folgam de *ouvir novellas*  
Que durem noites e dias. (1)

Na *Vida do Infante D. Duarte*, cita André de Rezende este uso: «Ora, senhor, deixemos a febre e fallemos em coisa de passatempo. Comecei-lhe então a dizer *patranhas*, com que o tornei alegre.» O infante fingia-se doente para não dar lição ao jurisconsulto Madeira. Aqui a palavra *patranha* significa o conto imaginoso sem base real; empregou-a Sá de Miranda: «Não do Rei Mouro a *patranha*.» (2) E Antonio Prestes:

Podeis levar,  
Comadre, que vos la conte  
*Patranhas* de rir e folgar. (3)

Este uso domestico acha-se descripto no viver da principal aristocracia do seculo XVI: «O mesmo usava D. Joanna de Vilhena com as senhoras que a vinham visitar, dando a cada uma d'ellas algum trabalho com que se entreter; e entretanto ou lhe lia algum capitulo dos documentos que o conde tinha composto, ou *lhe contava algum Exemplo* ou historia santa com que adoçar o trabalho; o que fazia com tanta graça que assim D. Brites, duquesa de Coimbra e Aveiro, como todas as mais senhoras, frequentavam com gosto a escola de D. Joanna.» (4) Em

(1) *Obras*, t. II, p. 287.

(2) *Obras*, p. 104. Ed. 1804.

(3) *Autos*, p. 426.

(4) P. Francisco da Fonseca, *Evora Gloriosa*, p. 627.

um Alvará de 23 de setembro de 1538 recommenda-se ao reitor da Universidade que prohiba o contar-se contos nas lições: «Eu el-rei faço saber a vós, reverendo bispo reitor dos estudos e Universidade de Coimbra, e aos reitores que ao diante pellos tempos forem, que per quanto ás vezes acontece a lentes nas lições que lêem... se põe a *contar estorias* fóra da materia da lição, em que guastam o tempo sem proveito, hei por bem que o lente que cada huma das ditas cousas fezer, por cada vez perqua ho ordenado da lição d'aquelle dia...» Soropita leva mais longe a pintura d'estes costumes que influiram na litteratura novellesca portugueza: «Primeiramente, assim no tapete da obra appareceram certos aventureiros pagens da lança da tolice, *cuyo officio é contar contos prolixos* de uns certos manganazes desencadernados, que, primeiro que puguem uma lança do que querem contar, irão cem vezes a Roma... E se vem á mão, ou por a *historia* não ser tão branda que se deixe facilmente conversar ou pelos seus entendimentos serem de ferro, tal que não cortarão por um queijo fresco, ao cabo de os pobres historiadores torcerem o queixo trezentas vezes e metterem toda a munição que podem para se declararem, ficam elles tão virgens do negocio como se nunca ouviram nada.» (1) Nos escriptores quinhentistas é que se encontram mais referencias aos Contos populares; Antonio Prestes cita:

É o segredo das canas  
das orelhas do rei Mida.

(Autos, p. 259.)

João de Barros, na sua Grammatica, traz o celebre conto do Novellino, da interpretação do testamenteiro *dar o que quizer*. Em Bernardim Ribeiro vem a referencia:

(1) *Poesias e Prosas*, p. 103.

A Dita e a Formosura,  
Dizem patranhas antigas,  
Que pelearam um dia,  
Sendo de antes mui amigas.

Jorge Ferreira de Vasconcellos, na comedia *Ulyssipo*, refere-se ao conto da *Cendrillon*: «Pois eu tambem não quero *Gatas borralheiras*.» (1) E em Soropita: «Se não quando, fallando com referencia, appareceram por prôa as *Tres Cidras do Amor*.» (2) Gil Vicente, além do conto da *Bilha de leite*, traz no Auto da *Floresta de enganos*, a scena do Doutor Justiça Mayor, que se acha como conto nas *Gem Novellas novas*, n.º XVII. Em Sá de Miranda abundam as fabulas e contos, que revelam o grão de consciencia que elle tinha do elemento tradicional na litteratura: taes são as fabulas do *Rato do campo e o rato da cidade*, a *Chuva de maio*, o *Cavallo que se deixa enfriar para vingar-se*, a dos *Membros e o estomago*, o *Mosquito e a têa de aranha*, o *Parto da montanha*, a facecia de *Diogenes*, a anedocta de *Apellos*, o conto de *Psyche*, e a *Cigarra e a formiga*. Camões tambem descreve o costume dos nossos marinheiros, que historias mil recontam e casos referem, para se distrahirem do somno. Foi no seculo XVI que o Conto recebeu a fórma litteraria, dada por Gonçalo Fernandes Trancoso. (3) Antes de fallarmos da sua collecção, importa definir as relações com os novellistas italianos e francezes da grande epoca da Renascença ou que n'este tempo foram lidos em Portugal. Pelos *Indices expurgatorios* conhece-se a corrente da leitura dos livros de Novellas; no Index de 1564 prohibe-se «Boccacio, Decades, seu *novella centum*.» (Fl. 16, v.); esta collecção appa-

(1) Op., fl. 14 e 32.

(2) *Poesias e Prosas*, p. 103.

(3) Os contos de Trancoso tornaram-se typos do genero: «Finalmente para prova do que tem dito, conta dois casos, que me parecem de Trancoso.» Frei Arsenio da Piedade, *Reflex. apologeticas*, p. 34.

rece anteriormente citada no *Espelho de casados*, do Dr. João de Barros, que diz: «João Boccacio fez muitas novellas contra as mulheres, e d'ellas diz mal no livro da Cahida dos Principes.» (Pag. 12.) No Index de 1581 cita-se como prohibidas: «Cento novelle scelte da piu nobili scriptori de la lengua vulgari, con la junta di Cento altre novelle.» (Fl. 17, v.) E adiante: «Facecia e motti e burle raccolti per M. Ludovico Domenico, e Guiejardin.» (Fl. 19.) «Pecorone, di Messer Jovani Fiorentino.» (Fl. 21, v.) No Index de 1597 vêem prohibidos o *Cymbalum mundi* (fl. 29) de Bonaventure des Perriers, já citado no Index de 1564, e as *Gesta Romanorum*. As *Notte piacevoli* de Straparola foram conhecidas em Portugal, como se infere de algumas novellas de Trancoso, que traduziu o conto de Griselidis do folheto italiano, sem data, *La Novella di Gualtieri*, traduzida da redacção portugueza por Timoneda no seu *Patrañuelo*.

A comprovação de um vasto campo de tradições populares no seculo xvi, explica-nos o apparecimento de Gonçalo Fernandes Trancoso, auctor dos *Contos e Historias de proveito e exemplo*, para o qual fômos o primeiro que chamou a attenção dos criticos europeus. A collecção de Trancoso, tambem conhecida com o titulo de *Contos proveitosos*, compõe-se de vinte e nove contos, derivados em grande parte de fontes tradicionaes, alguns de proveniencia popular, como o provamos em notas adiante, outros de obras eruditas. Apesar de se acharem diluidos em divagações moraes, que embarçam as narrativas, e não obstante o estylo forçado, são importantes para alargarem a área dos estudos comparativos da Novellistica. Diremos algumas palavras da personalidade de Trancoso; era natural da provincia da Beira, tomando o appellido da localidade do seu nascimento; veiu exercer para Lisboa a profissão de mestre de humanidades, isto é, latim e rhetorica, em um tempo em que estas disciplinas não era privilegio exclusivo dos Jesuitas (1555).

Nos seus contos refere-se: «Ao glorioso S. Pedro, *cujo freguez sou*»; d'onde se deduz que vivia na freguezia de Alfama. A data em que começou a escrever os seus Contos fixamol-a em 1544, segundo esta referencia a uma armadilha de jogo: «e elle levava comsigo duzentos e vinte *reales de prata, que era isto o anno de 1544, que havia quasi tudo reales.*» (1) No conto XIII, da primeira parte, que versa sobre o anexim do *real bem ganhado*, allude outra vez a esta moeda: «o qual com muito contentamento por vêr que soube escolher, lhe deu um *real* em dois meios, *como ora costumam.*» (2) E tambem: «metteu *real* e meio na mão.» (3) Estas referencias fixam irrevogavelmente a epoca em que Trancoso escrevia.

Uma das circumstancias que levaram Trancoso a proseguir na continuação dos seus Contos, foi o terror que espalhou a chamada *Peste grande* de Lisboa, em 1569, circumstancia que lembra a peste de Florença que determinou Boccacio á composição do *Decameron*. No conto IX da segunda parte, declara Trancoso este motivo: «Assi o exemplo d'este marquez, *os que este anno de mil e quinhentos e sessenta e nove*, a esta parte perdemos mulheres, filhos e fazenda, nos esforçaremos e não nos entristecemos tanto, que caíamos em caso de desesperação sem comer e sem paciencia, dando occasião a nossa morte.» (4) D'esta peste, que ainda hoje se conhece entre o povo como uma data historica, a *Peste grande*, subsiste uma reminiscencia na chamada *Procissão da Saude*, que se faz em Lisboa. Inspirado pelo fervor religioso, que succedeu ao fim da peste, Trancoso publicou logo em 1570 um opusculo das *Festas mudaveis*, dedicado ao Arcebispo de Lisboa. A redacção dos Contos ficou sus-

(1) *Contos*, p. 153, ed. 1642.

(2) *Ibidem*, p. 46.

(3) *Ibidem*, p. 247.

(4) *Ibidem*, p. 208.

pensa, desde que cessou a peste: «e assim eu, ainda que tenho desejo de escrever este mez trinta historias, as ditas para desenfadamento...» A perda de quasi toda a sua familia, mulher, filhos e a falta de lições, obrigaram-o durante a tremenda crise a esses exercicios de desenfado, para se não deixar cabir em desfallecimento.

Na primeira edição dos Contos proveitosos, de 1575, de que conhecemos um exemplar unico, ignorado dos bibliographos, vem uma *Carta á Rainha D. Catharina*, regente de Portugal e viuva de D. João III, onde se descreve o desastre da Peste grande; n'essa Carta narra Trancoso, que lhe morrera em casa sua mulher, uma filha mais velha de vinte e quatro annos, um filho estudante e um outro filho que era menino do côro. Sob o peso da sua desgraça é que foi escrevendo os Contos; pela Carta á Rainha infere-se que Trancoso casára pouco antes de 1544; as suas relações com a Rainha, extremamente severa, dão-nos o sentido da allusão á morte do principe D. João, pae de D. Sebastião, e por ventura auctorisam a crêr que Trancoso fôra mestre de lèr no paço.

A determinação de alguns paradigmas de Trancoso, e o confronto com contos populares ainda existentes, prova-nos que elle se apropriou dos themas tradicionaes mais correntes na litteratura do seu tempo. (1) A collecção de Trancoso compõe-se de trez partes, que ficaram interrompidas pela morte do auctor; a primeira parte deve fixar-se por 1544, talvez impressa separadamente, em vista de uma edição desconhecida citada por Brunet; a segunda parte redigida em 1569 imprimiu-se em 1575, reimprimindo-se ainda em vida de Trancoso em 1585; a terceira parte, não continuada, appareceu depois da morte do auctor, publicada por seu filho Antonio Fernandes em 1596. Por uma edição que possuímos, do meado do

(1) Vid. um estudo comparativo do conto xv, da Parte I, na *Harpa*, e na *Revista de Ethnologia e de Glottologia*.

seculo xvii conhecem-se as relações litterarias de Trancoso com o poeta Luiz Brochado, o auctor das *Trovas do Moleyro*. Os Contos tiveram numerosas edições nos seculos xvii e xviii, e foram immensamente apreciados pelo povo, apparecendo citados proverbialmente nas comedias de cordel e em Filinto Elysio. Quando outras leituras se apoderaram do gosto do nosso povo, é que os Contos de Trancoso deixaram de reimprimir-se.

A inspiração tradicional que levantou a epoca dos Quinhentistas, ainda se continuou no seculo xvii nos excellentes poetas D. Francisco Manuel de Mello, e Rodrigues Lobo. Nas suas *Cartas*, escreve D. Francisco Manuel: «E cuida que virey a ser aquella :

Dona atrevida,  
Doce na morte  
E agra na vida,

que nos contam quando pequenos.» (1) Este conto ainda vive na tradição popular portugueza. Nos seus *Relogios fallantes* refere-se ao conto de *Pedro de Malas-Artes*. Nos *Apologos dialogaes* allude: «ou como a historia do *Salsinha*, em que não haveis de dizer sim nem não...» (2) Ainda existe este typo de conto, em que se não diz *sim* nem *não*, ou a que se accrescenta sempre *e eu tambem*. Na mesma obra refere-se ás trovas de *Maria Castanha*, (p. 341) que encontrámos já no começo do seculo xvi citadas no romance piccaresco hespanhol da *Lozana andaluza* (p. 192). Na *Feira d'Anexins* cita D. Francisco Manoel os *Contos da Carochinha*: «— Espere; contar-lhe-hei uma historia.— A da *Carochinha*?— Não! buscára outra mais cara, que essa é muito barata?— Pois digo-lhe que

(1) *Cartas*, p. 671 (1649). Aqui tambem allude ao conto dos Frangãos e do Milhafre (p. 215).

(2) Op. cit., p. 260.

ainda com a carocha, *é esta historia o feitiço das crianças.*» (Op. cit., p. 8.) Nas outras suas obras metricas tem este poeta muitas fabulas dispersas, que nos explicam a superioridade artistica pela sua intuição tradicional. (1)

No seculo xvii o Conto recebia em Portugal duas poderosas influencias; Francisco Rodrigues Lobo, na *Côrte na Aldeia* procurava submettel-o ás regras litterarias, discriminando os seus generos e estabelecendo o modo de narral-o; por outro lado Saraiva de Sousa, no *Baculo pastoral*, o padre Manoel Bernardes na *Floresta* e *Estimulo pratico* limitam o Conto no destino ascetico, e Vieira na intenção moral.

No dialogo x da *Côrte na Aldeia*, traz Rodrigues Lobo a *Historia dos amores de Alêramo e Adelasia*, da qual diz um dos seus interlocutores: «poderá servir—no modo como se devem contar outras semelhantes, com boa descrição das pessoas, relação dos acontecimentos, razão dos tempos e logares, e uma pratica por parte de alguma das figuras, que mova mais a compaixão e piedade, que isto faz dobrar depois a alegria do bom successo.— Esta differença me parece que se deve fazer dos *Contos* para as *Historias*, que ellas pedem mais palavras que elles, e dão maior logar ao ornamento e concerto de rasões, levando-as de maneira que vão aperfeiçoando o desejo dos ouvintes, e os *Contos* não querem tanto de rhetorica, porque o principal em que consistem é na graça do que falla, e na que tem de seu a coisa que se conta.» Em applicação d'estas regras apresenta a *Historia dos amores de Manfredo e Eurice*, á imitação dos novellistas italianos, com divagações de estylo rhetorico, para confrontal-as com as narrativas populares «com mais *bordões* e moletas do que tem uma casa de romaria, porque me não esca-

(1) Traz o anexam: *Cantar mal e porflar*, derivado da fabula do corvo querendo cantar com a philomela, do *Dialogus criaturarum*, de Nicoláo de Pergamo. (Ap. Du-Méril, *Hist. de la Fable*, p. 152, nota.)

pam *termos das velhas*, nem remendos de descuidados, que lhe não misture.» Em seguida exemplifica o processo com uma *Historia contada com o erro do costume dos ignorantes*:

«Dizem que era um rey; vem este rey casou por amores com a filha de um seu vassallo; era ella tão fermosa, que podia por sua belleza ser confiada, pois por essa alcançara o ser rainha; mas sem lhe valerem esses privilegios, deu em tão ciosa, que bem á mão, não dava o marido um passo que ella não acompanhasse com as suspeitas; assim que apertavam estas tanto com ella, que jámais vivia em paz com seu gosto. Vem ella, e por vencer esta desconfiança, vai e manda secretamente chamar uma feiticeira, que n'aquella terra havia, de muita fama, em cujo engano achavam os namorados huma botica de remedios para seus males. Assim que dizia esta feiticeira por lhe vender mais cara sua diligencia, feitas algumas fingidas, meteu em cabeça á boa rainha ciosa, que o marido amava com grande extremo a uma criada sua, que ella pintou logo a mais galante, airosa, galharda e bem assombrada, que havia no paço. Quando ella aquillo ouviu, ficou (guarde-nos Deus) como uma mulher transportada e sem sangue; por maneira que prometeu áquella feiticeira que lhe faria e aconteceria se a desafeiçoasse ao rey d'aquelles amores e empregasse n'ella todos os seus: a outra, que não queria mais que aquillo, vêde vós como ficaria contente, vem e promete á rainha que lhe daria tres aguas conficionadas, de tal maneira que huma, tanto que el rey a provasse, bebesse logo os ventos por ella, e lhe quizesse mais que o lume dos olhos com que a via; a outra, que em a rainha a bebendo, parecesse a seu marido o maior extremo da formosura, que havia no mundo; a terceira, que tanto que a dama a bebesse, a desfigurasse de maneira que a todos aborrecesse a sua vista. As palavras não eram ditas, a rainha lhe deu muitos haveres e fez grandes mercês e

promessas, que muito facil é de enganar a que deseja aquillo com que lhe mentem. Vai a feiticeira d'ali a poucos dias, e traz aquellas aguas conficionadas, encarecendo muito a virtude e segredo d'ellas; mas ou porque lhe errou a tempera ou porque todas se resolvem n'estas boas obras, a mudança que ella queria houvesse na vontade e nos pareceres, lhe houverão de fazer na vida, que a peçonha, que é sempre material dos seus unguentos, penetrou de maneira, que os teve a todos tres em passamento, e a bem livrar ficaram d'ahi a poucos dias sem juizo. Inda bem a feiticeira não soube o damno que fizera, e que por não trazer a mão certa n'aquelles adubos podia vir a estado de a porem na da justiça, desapareceu. Eis senão quando, se ajuntam todos os medicos eminentes que havia no reino, e depois de muitos mezes de cura (olhay vós quantas se fariam a taes pessoas) foram pouco e pouco cobrando os sentidos e entendimento; e com a força do mal lhes cahiu a todos o cabello da cabeça, sem lhes ficar um só. E não foi tão ruim o partido, como era ter cabeça sem elle quem antes o trazia sem ella. Tornando ao meu proposito, tanto que a rainha se viu desfigurada, conhecendo o desatino que fizera, dando todas as culpas ao amor, confessou seu erro, a criada sua innocencia, e o rei sua desgraça; d'ali em diante, conformando-se com o exemplo d'aquelle successo, fizeram vida sem ciumes, que d'elles e de casamentos por amores não escapam senão com as mãos nos cabellos, ou com elles pelados.» (1)

Rodrigues Lobo continua definindo os differentes generos de Contos: «A noite... se tocou n'esta conversação o modo que havia de ter o discreto em contar uma historia, fugindo muitos vicios e bordões que os nescios tem n'ellas introduzidos, e como em dependencia d'esta materia, se fallou nos *contos gallantes*, que tem d'ellas

(1) Ibid., pag. 146.

muyto grande differença: pois ellas não consistem mais, que em dizer com breves e boas palavras uma cousa succedida graciosamente. São estes Contos de trez maneiras. Huns fundados em descuidos e desatentos, outros em mera ignorancia, outros em engano e subtileza. Os primeiros e segundos têm mais graça e provocam mais o riso, e constam de menos razões, porque sómente se conta o caso, dizendo o cortezão com graça propria os erros alheios. Os terceiros soffrem mais palavras, porque deve o que conta referir o como se houve o discreto com o outro que o era menos, ou que na occasião ficou mais enganado.» «Além d'estas tres ordens de contos, de que tenho fallado, ha outros muito graciosos e galantes, que por serem de descuido de pessoas, em que havia em todas as cousas de haver maior cuidado, nem são dignos de entrar em regra, nem de serem trazidos por exemplos; a geral é que o desatento, ou ignorancia, d'onde menos se espera tem maior graça. Atraz dos Contos graciosos se seguem outros de subtileza, como são furtos, enganõs de guerra, outros de medos; fantasmas, esforço, liberdade, desprezo, largueza e outras semelhantes, que obrigam mais a espanto que a alegria; e postoque se devem todos contar com o mesmo termo e linguagem, se devem n'elles usar palavras mais graves que risonhas.» «Os Contos e Ditos galantes devem ser na conversação como os passamanes e guarnições nos vestidos, que não pareça que cortaram a seda para elles, senão que cahirão bem e betaram com a côr da seda ou do panno sobre que os puzeram; porque ha alguns que querem trazer o seu Conto a remò quando lhe não dão vento os com que practica, e ainda que com outras cousas lhe cortem o fio, torna a tea e o faz comer requentado; tirando-lhe o gosto e graça que podia ter se caíra a caso e proposito, que é quando se falla na materia de que elle trata, ou quando se contou outro semelhante. Assim convem muita advertencia e decoro para os dizer, outra maior se requiere

para os ouvir, porque ha muitos tão soffregos do Conto, ou Dito que sabem, que em o ouvindo começar a outrem ou se lhe adiantam, ou o vão ajudando a versos como se fora psalmo, o que a mim me parece notavel erro...» «tambem eu não sou de opinião, que se um homem souber muitos Contos ou Ditos de uma mesma materia que se fallou, que os traga todos ao terreiro como jogador que levou rifa de um metal, mas que deixe lugar aos outros, e que não queira ganhar o de todos, nem fazer a conversação só comsigo.» Rodrigues Lobo conhecia a collecção hespanhola de Timoneda, *El sobremesa e Alivio de Caminantes* (1576), que tomava por typo :

«Antes me parecia a mim, que assim dos *Contos galantes, Ditos engraçados e Apodos risonhos*, se ordenasse que em uma d'estas noites, tomando um proposito, cada um contasse a elle o seu Conto, e dissesse o seu Dito: e seria um modo extremado para se tirar outro novo *Alivio de Caminantes*, com melhor traça que o primeiro.» (1) Na tradição popular portugueza temos encontrado contos que apparecem no *Alivio de Caminantes*, taes como: *A mulher afogada* que o marido busca indo contra a corrente do rio (n.º 1); *Tudo andaremos* (n.º 33); *Não lhe dar com o tom* (n.º 37); as *Orelhas do abbade* (n.º 51); *Para quem canta o cucu?* (n.º 57); e o *Cego que recobra o seu thesouro* (n.º 49).

Nos Sermonarios e Livros asceticos do seculo xvii tão rhetorico nos paizes catholicos, é que os Contos receberam uma exclusiva intenção moral, continuando os Thesouros de Exemplos, dos prégadoras da Edade media. O livro de Francisco Saraiva de Sousa, *Baculo Pastoral*, é um apanhado de todas essas collecções predicaveis; ahi se encontra o conto do principe castigado pelo mestre nos seus doze condiscipulos, que por certo não veiu do Novellino (n.º XLVIII.) No *Estimulo pratico* do padre Ma-

(1) *Côrte na Aldêa*, Dialogo xi.

nuel Bernardes, vem o conto dos tres cegos, que conversam entre si, imitando um pouco o estylo popular. Nos prologos em verso das comedias de Simão Machado acham-se pequenos Contos tirados da tradição classica e erudita.

Apesar da profunda decadencia da Litteratura portugueza no seculo XVIII pela inintelligencia dos escriptores pelo elemento tradicional, os Contos de Trancoso continuaram a ser lidos com soffreguidão, e alguns poetas, como Filinto e Nicoláo Tolentino alludem ao grande interesse que ainda tinham os Contos populares. Na Comedia de cordel *Incisão da Peraltice* acham-se citados os Contos de Trancoso, e mesmo no *Folheto de ambas Lisbeas*, n.º 25: «O dote d'ella consta de memorias, sem serem dos dedos, mas sim de *Contos de Trancoso*...» E Filinto Elyσιο, nas notas da sua traducção de Lafontaine, tambem repete: «Conta de in illo tempore: Como os *Contos de Trancoso*, do tempo de nossos avoengos.» (1) Este poeta ultra-classico, pela sua origem plebêa, conservava certas reminiscencias tradicionaes; assim allude a varios contos: «*João Ratão* e a *Princesa Doninha*... Sem contar outras personagens, que não é muito que me esqueçam (por mais doutrinaes que sejam) contos que ouvi contar ha mais de setenta e dois annos!» (2) «Contem-me *Pelle de Asno*... conto em França tão conhecido como entre nós o das *Tres Cidras do Amor*.» (3) Filinto, nas notas dispersas pelas suas Obras, á maneira de uns Tischreden, ou cavacos á mesa, faz allusões importantes á novellistica e litteratura popular: «Com o titulo da *Gata Borralheira* contava minha mãe a historia da *Cendri-lhon*. E nunca minha mãe soube francez.» (4) A mãe

(1) Op. cit., p. 444.

(2) Ibid., p. 516.

(3) *Obras*, p. 324.

(4) Ibid., t. III, p. 60. Por este texto se vê a verdade da nossa interpretação do texto de Jorge Ferreira.

de Filinto tinha sido uma tricana de Aveiro; pelas passagens supracitadas, vê-se que Trancoso era ainda bastante lido pelos nossos avoengos, como o confirmam as edições das *Historias proveitosas*, de 1710, 1722, 1734 e 1764. O gosto popular foi desviado por novas leituras, mas a predilecção do conto oral conservou-se mesmo nas classes aristocraticas em Portugal; diz Nicoláo Tolentino, alludindo aos Contos de fadas que contava á Marqueza de Alegrete:

Quando eu a teus pés contava,  
Mentiroso historiador,  
Ora a do *Caixão de vidro*,  
Ora a das *Cidras do Amor*.

Quando os mesmos tenros annos  
A tua filha contar,  
Todos os dias virei  
Meu officio exercitar. (1)

Em outras passagens dos seus versos allude a esta predilecção familiar:

Contando *historias de Fadas*  
Em horas que o pae não vem,  
E c'o as pernas encruzadas  
Sentado ao pé do meu bem  
Lhe dobo as alvas meadas.  
(*Ib.*, p. 262.)

São divertimento inutil,  
São as *historias de fadas*.  
(*Ib.*, p. 122.)

(1) *Obras* de Nicoláo Tolentino, p. 93. Ed. Castro Irmão.

O conto não foi desprezado pela litteratura ascetica do seculo XVIII, que se apropriou de elementos de erudição; o Padre Manoel Consciencia, na *Academia universal de varia erudição*, traz o conto dos ladrões que foram ao Thesouro de Rampsinito, narrado por Herodoto. Encontrámol-o na tradição oral açoriana, em que um rei manda escutar pelas portas para descobrir onde se chora e assim descobrir-se a familia do morto. Ouviu-se chorar em uma casa, bateram á porta, e n'isto um dos filhos, que estava desmanchando um porco, deu com um machado n'um pé, e assim se encobriu o motivo verdadeiro por que se chorava. Na *Hora de Recreio* do Padre João Baptista de Castro vem alguns contos tradicionaes, que já apparecem em collecções anteriores, como o da *Quarta de leite* (p. 29), a *Velha que dá o que tem á filha* (p. 81), o *Cego e o moço comendo uvas* (p. 123), o *Estudante que furta a roupa do transeunte* (p. 130), e o conto decameronico do *Marido que confessa a mulher* (p. 16). O conto do estudante que se substitue ao burro que vae á feira, e do qual se originou o adagio *Quem não te conhecer que te compre*, já contado pelo Bluteau, acha-se outra vez narrado na *Hora de Recreio* (vol. II, p. 13).

No periodo do Romantismo, em que as Litteraturas modernas se aproximaram das suas fontes tradicionaes, tambem Garrett e Herculano sentiram a necessidade de imprimir uma feição nacional á litteratura portugueza; Herculano romantizou o conto da *Dama Pé de Cabra* nas suas *Lendas e Narrativas*, e Garrett metrificou a lenda de *Gaia*, do Nobiliario. Mais tarde Mendes Leal fez uma especie de magica fiabesca das *Tres Cidras do Amor*, com toda a inintelligencia do ultra-romantico. Era preciso fazer a transição da emoção artistica para a critica consciente; esta phase do Romantismo europeu só veiu a operar-se muito tarde em Portugal, quando a Historia litteraria recebeu um espirito philosophico, e o corpo das tradições poeticas foi explorado com intuito scientifico.

No ultimo quartel do seculo XIX o Conto popular continuou a receber fórma litteraria; (1) prevaleceu, porém, a direcção scientifica, havendo já numerosas collecções em que se vão archivando as tradições portuguezas, symptoma auspicioso de uma revivescencia da nacionalidade. (2)

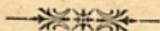
(1) Ramalho Ortigão, nas suas *Farpas*, traz o conto do *Manto do Rei*, por ventura conhecido pela collecção de Andersen, mas já desde o seculo XIV vulgarizado na Peninsula pelo *Conde de Lucanor*, de D. João Manoel. Em um outro numero das *Farpas*, traz o conto do lazarento que não quer que lhe enxotem as moscas; este conto é de Esopo (coll. do Planudes) e Josepho cita-o nas *Antiguidades judaicas* (Livro XVIII, cap. 8) em nome de Trajano.

(2) Bibliographia dos Contos populares portuguezes:

1. *Historias de Proveito e Exemplo*, de Gonsalo Fernandes Trancoso. Lisboa, Antonio Alvares, 1575. 1 vol.
2. *Lendas, Tradições e Contos populares portuguezes do seculo XII a XIX*. 1871. (Annunciado, e só publicado em 1883.)
3. *Contos populares portuguezes*, colligidos por F. A. Coelho. Lisboa, 1879. 1 vol.
4. *Portuguese Folk-Tales*, collected by Consiglieri Pedroso, and translated from original Ms. by Miss Henriqueta Monteiro, with an Introduction by W. R. S. Raslton. London, 1882. 1 vol.
5. *Contos tradicionais do povo portuguez*, com uma Introducção e Notas comparativas, por Theophilo Braga. Porto, 1883. 2 vol. (Vid. n.º 2; mais tarde publicaremos as *Lendas portuguezas*.)
6. *Contos populares do Algarve*, colligidos por Reis Damaso. (Annunciado nas Scenographias.)
7. *Contos populares portuguezes*, colligidos por Leite de Vasconcellos. (Annunciado nas Tradições populares.)
8. *Contos de velhos e crianças*, colligidos por Joaquim de Araujo. (Annunciado na *Renascença*.)
9. *Contos populares portuguezes*, colligidos por Consiglieri Pedroso. (Ineditos.)
10. *Contos nacionaes para crianças*, por F. A. Coelho. Porto, 1883, 1 vol.
11. *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, colligido por Alvaro Rodrigues de Azevedo. Funchal, 1881. (Traz contos metrificados.)

## PARTE II

### HISTORIAS E EXEMPLOS DE THEMA TRADICIONAL E FÓRMA LITTERARIA



126.

#### O REY LEIR

Quando foi morto rey Balduc o voador reynou seu filho que ouve nome Leyr. E este rey Leyr nom ouve filho, mas ouve tres filhas muy fermosas e amavaas muito. E hum dia ouve sas razões com ellas e disselhes — Que lhe dissessem verdade quall dellas o amava mais. Disse a mayor — Que nom avia cousa no mundo que tanto amasse como elle. E disse a outra — Que o amava tanto como ssy meesma. E disse a terçeira, que era a meor — Que o amava tanto como deve d'amar filha a padre.

E elle quislhe mall por em, e por esto nom lhe quis dar parte no reyno. E casou a filha mayor com o duque de Cornoalha, e casou a outra com rey de Testia, e nom curou da meor. Mas ella por sa ventuira casousse melhor que nenhuma das outras, ca se pagou della elrey de França e filhoua por molher. E depois seu padre della em sa velhiçe filharomlhe seus gemrros a terra e foy malladante, e ouve a tornar aa merçee delrey de França e de sa filha a meor a que nom quiz dar parte do reyno. E elles regeberomno muy bem e deromlhe todas

as cousas que lhe forom mester e honrraromno mentre foy uiuo; e morreu em seu poder. E depois se combateo elrey de França com ambos os cunhados de ssa molher e tolheolhes as terras.

(Port. Mon. historica (Scriptores), *Livros de Linhagens*, p. 238.)

127.

### A DAMA PÉ DE CABRA

Dom Diego Lopez era muy booo monteyro, e estando hum dia em sa armada e atemdendo quando verria o porco ouvyo cantar muyta alta voz huma molher em çima de huma peña: e el foy pera lá e vio seer muy fermosa e muy bem vistida, e namorousse logo della muy fortemente e perguntoulhe quem era: e ella lhe disse que era huma molher de muito alto linhagem, e ell lhe disse que pois era molher dalto linhagem que casaria com ella se ella quisesse, ca elle era senhor d'aquella terra toda: e ella lhe disse que o faria/se lhe promettesse que nunca sse santificasse, e elle lho outorgou, e ella foisse logo com elle. E esta dona era muy fermosa, e muy bem feita em todo seu corpo salvando que avia hum pee forçado como pee de cabra. E viverom gram tempo e ouverom dous filhos, e hum ouve nome Enhequez Guerra e a outra foy molher e ouve nome dona

E quando comiam de suum, dom Diego Lopez e sa molher assentava ell a par de sy o filho, e ella assentava a par de ssy a filha da outra parte. E hum dia foy elle a seu monte e matou hum porco muy grande e trouxe pera sa casa, e poseo ante ssy hu sia comendo com ssa molher e com seus filhos: e lançarom hum osso da mesa e veerom a pellejar hum alaão e huma podenga sobrelle em tall maneyra que a podenga travou ao alaão

em a garganta e matouo. E dom Diego quando esto vyo teveo por millagre e synousse e disse — Santa Maria vall, quem viu nunca tall cousa! E ssa molher quando o vyo assy sinar lamçou maõ na filha e no filho, e dom Diego Lopez travou do filho e nom lho quiz leixar filhar: e ella rrecudio com a filha por huuma freesta do paaço e foyse pera as montanhas em guisa que a nom virom mais nem a filha.

Depois a cabo de tempo foy este dom Diego Lopez a fazer mall aos mouros, e prenderomno e levaromno pera Tolledo preso. E a seu filho Enheguez Guerra pesava muito de ssa prisom, e veo a fallar com os da terra per que maneyra o poderiam aver fóra da prisom. E elles disserom que nom sabiam maneyra porque o podessem aver, salvando sse fosse aas montanhas e achasse ssa madre, e que ella lhe daria como o tirasse. E ell foy alaá soo, em çima de seu cavallo, e achoua em çima de uma peña: e ella lhe disse: «Filho Enheguez Guerra, vem a nym ca bem sey eu ao que veens. E ell foy pera ella e ella lhe disse: «Veens a perguntar como tirarás teu padre de prisom.»

Entom chamou hum cavallo que andava solto pello monte que avia nome Pardallo e chamouo per seu nome: e ella meteo hum freo ao cavallo que tiinha, e disse-lhe que nom fizesse força pollo dessellar, nem pollo desenfrear nem por lhe dar de comer nem de beber nem de ferrar: e disselhe que este cavallo lhe duraria em toda sa vida, e que nunca entraria em lide que nom vemçesse delle. E disselhe que cavalgasse com elle e que o poria em Tolledo ante a porta hu jazia seu padre logo em esse dia, e que ante a porta hu o cavallo o possesse que alli deçesse e que acharia seu padre estar em hum corral e que o filhasse pella maõ e fizesse que queria fallar com elle, que o fosse tirando contra a porta hu estava o cavallo e que desde alli fosse que cavalgasse em o cavallo

e que pozesse seu padre ante ssy e que ante noite seria em sa terra com seu padre: e assy foy.

*(Livros de Linhagens, p. 258.)*

## 128. A MORTE SEM MEREÇIMENTO

Aconteço gram cajam a D. Fernam Rodriguez, porque huma covilheira de ssa molher dona Estevainha fazia mall com hum peom, e hia cada dia ao seraão a ella a hum pomar dèsque se deitava ssa senhora, e levava cada dia o pelote de ssa senhora vestido: e dom Fernam Rodriguez nom era entom hi, e dous escudeiros seus que hi ficaram viromnos humas tres noites ou quatro, e como entrava o peom a ella per çima de um çarrado do pomar a fazer mall sa fazenda ssô huuma arvor. E quando chegou dom Fernam Rodriguez espediromselhe os escudeiros e foromsse, e tornaram a elle outro dia e contarom-lhe esta maneyra dizendo que ssa molher fazia tall feito e que a virom assi humas tres noites ou quatro e disserom que se fosse dalli e que lho fariam veer. E elle foysse e tornou hi de noute a furto com elles aaquelle lugar hu elles soyam a estar: e a cabo de pouco virom viir a covilheyra pera aquelle lugar meesmo e trazia vestido o pellote de ssa senhora bem como soya; e dom Fernam Rodriguez foy pera lá quanto pode e trauou no peom, e em quanto o matava fugiu ella pera casa e colheusse só o leyto hu sa senhora jazia dormindo com seu filho dom Pero Fernandes nos braços. E desdeque Fernam Rodriguez matou o peom emderemçou pera o leito hu jazia sa molher dormindo com seu filho e chamtou o cuytello em ella e matoua, e desdeque a matou pidiu lume, e quando a achou jazer em camisa e seu filho apar de ssy maravi-

lhouse e catou toda a casa e achou a aleyvosa da covilheira com o pellote vestido de ssa senhora sô o leito, e preguntoulhe porque fizera tall feito, e ella lhe disse que fizera como máa e elle mandoua matar e queymar por aleyvosa: e ficou com gram pesar d'este cajam que lhe contegera e bem quisera sa morte.

(*Os Livros de Linhagens*, p. 266. Ed. cit.)

## 129. A LINHAGEM DOS MARINHOS

Foi hum cavalleiro boo que ouue nome dom Froyam, e era caçador e monteiro. E andando hum dia em seu cavallo per rriba do mar a seu monte achou huma molher marinha jazer dormindo na rribeira. E hiam com elle tres escudeiros seus, e ella quando os sentio quisesse acolher ao mar, e elles forom tanto em pós ella ataa que a filharom ante que sse acolhesse ao mar; e depois que a filhou aaquelles que a tomarom fea poer em huuma besta e levoua pera sa casa. E ella era muy fermosa, e el fea bautizar, que lhe nom caia tanto nome nenhum como Marinha porque saira do mar, e assy lhe pos nome e chamaromlhe dona Marinha: e ouve della seus filhos, dos quaaes ouve hum que ouve nome Joham Froyaz Marinho. E esta dona Marinha nom fallava nemygalha. Dom Froyam amavaa muyto e nunca lhe tantas cousas pode fazer que a podesse fazer fallar. E hum dia mandou fazer muy gram fogueyra em seu paaço, e ella viinha de fóra e tragia aquelle seu filho comsigo que amava tanto como seu coração, e dom Froyam foi filhar aquelle filho seu e della e fez que o queria enviar ao fogo; e ella com rayva do filho esforçou de braadar e com o braado deitou pella boca huuma peça de carne, e dalli em diante fallou. E dom Froyam rreçebeoa por molher e casou com ella.

(*Os Livros de Linhagens*, p. 383.)

130. **EXEMPLO DO PHILOSOPHO**

E destes taaes (sc. um philosopho) diz hum exemplo e pñoe semelhãça de huma arvor que estava rreygada em huma pouca terra em meo de huma grande augua, e era bem basta de rrama e bem carregada de pomas. E em cima della estava um homem deleitandose muito em tomar ora de humas ora doutras. E em no pee darvor rroyam dous vermens, hum branco e outro preto e tiinhãlhe rroyda a rraiz pera cando daryã com ella em terra. E a huma parte estava hum lyom bravo cõ a gargãta aberta, tendo mentes quando el cayria, pera o arrebatar e comello. E a outra parte estava hum alicornyo muy espantoso, aguardando quando cayria a arvore, pollo debrotir e lastimar. E o mizquinho do homem tão se deleitava em as pomas que nom parava mentes que nemhumas destas cousas nem curava dello.

Esta arvor senifica este mundo em que se o homem deleyta, tanto que lhe esquece o feito de sua alma e nõ se nembra da hora da morte. E a terra sinifica a vida do homem que he breve e pouca, e que nom avera em que se asconda. A augua sinifica o medo e o grande espanto que o homem averá em a hora da morte. E os vermens, hum branco e outro preto, sinifica o dia e a noite que rroe em na vida do homem e lhe tolhem cada dia huma jornada. E o leom senifica o inferno, e o olicornio sinifica o purgatorio que está prestes com fogo e cõ fryo e com graves tormêtos pera os homẽs pera sempre.

(Ms. de Alcobaça, n.º 266, fl. 145, v. (Na Bib. publica.) Mr. J. Cornu fez d'elle varios extractos na *Romania*, XI, publicandoo-os depois sob o titulo *Anciens textes portugais*.)

131. **EXEMPLO DOS TREZ AMIGOS**

E desto pōe a Escripura hum exemplo hu conta de hum homem que tiinha trez amigos, hum amava mais que sy, e outro tãto como sy, e ó outro menos que sy. E este homem foy chamado a juizo perante el rrey. E ell temendosse de morte, chegou ao primeiro amigo que amava mais que sy e diselhe que se fosse com ell ante el rrey. E ell disse que nom ousava de hir ante ell rrey, mas pois, se ell temia de morte, que lhe baratarya cinco varas de pano que levasse ante os olhos. E des y chegou ao segundo amigo que amava tanto como sy e disse lhe que lhe acorresse e que lhe fosse boo, que nom avya em ell se nom morte. E ell diselhe que pois hy al nō avya, que irya com ell ataa porta. E des y tornousse ao terceiro de que avia vergonça por que o amava tam pouco e disselhe que lhe accorresse, que nom avia em el vida. E ell esforçou e disselhe que nom ouvesse medo: que ell yria com ell ante ell rrey e rrogarya por ell que ouvesse dell mercee. E por esso diz o sabedor: «O boo amigo nō fallece aa coyta.»

E este homem sinyfica cada hum daquelles que vivem em este mundo. E estes tres amigos, hum delles he a rryqueza que o homem ama mais que sy, aventurando a alma e o corpo a grandes perigos pollas ajuntar, e quãdo vem a hora da morte, leyxaas com grande dolor, e vaasse dellas deseioso que non leva dellas senō hum pouco de pano em que o envolvem. E por esto diz o sabedor: «Oo mundo, quem te ama, non te conhece.» O segundo amigo he a molher e os filhos que o homem ama tãto como sy, e quando vem a hora da morte dōoesse delle, mas polla falha que lhe fara e por a pena que el avera por quanto a ca trabalhou pollos manter, des y vãa com ell ataa cova, e non curam del mais. E por esso diz Job: «Os vermens sō aly os seus irmãos.» E o terceiro amigo he mi-

sericordia que o homem ama muy pouco em quanto vive, en pero aa hora da morte aparece com elle aquelle bem que faz ante Deus pollo esforçar e pollo tirar do inferno e por lhe gançar coroa de vida.

(Ms. da Livraria de Alcobça n.º 266, fl. 147 e 148. Do seculo XIV. Na Bibl. publica de Lisboa. Vid. J. Cornu, *Vieux Textes portugais*, p. 28.)

132.

### EXEMPLO ALLEGORICO DA REDEMPÇÃO

Huñ homem passou per acerqua de hum edificio muy fremoso en o qual eram todalas cousas que pertenciam pera deleitaçom. E achou trees donzellas estar chorando acerqua dos ryos que sayam daquel castello, porque a senhora do castello estava tam enferma que era chegada aa morte. E disselhe aquel homem caminheyro:

— Ha esperança de vida em vossa senhora.

E as donzellas responderam:

— Os fisicos desesperaram da sua vida; mais ella espera continuadamente hum de hum Rey que ha em sy tres condições muy nobres. s. elle he muy fremoso e grande fisico e he virgem.

E disselhe o mancebo:

— Eu soõ esse que ella espera que hey todas essas cousas muy compridamente.

E entom levaram aquellas donzellas aquelle mancebo ao castello muy cortezmente. E a senhora do castello o recebeu muy bem, e com grande reverença. E elle começou a fazer sua cura e suas meezinhas aa senhora do castello. E fez um banho de sangue do seu proprio braço deestro, que fez sair, e pozse a senhora em aquelle banho. E tanta foy a virtude d'aquel sangue muy casto, que

com a queentura do sangue foy tornada a aquella se-  
nhora a queentura natural, em guisa que sayu saa, e cu-  
rada daquel banho, depouys que foy banhada em elle sete  
vezes. E quando ella viu tam grande beneficio como este,  
rogou a aquel fisico que lhe prouguesse de curar qui-  
nhentos cavalleyros que forom mortos de muy cruel  
morte e jaziam ençarrados em huma cova muy escura. E  
o fisico veeo aaquella cova e braadou alta voz :

— Oo cavalleyros, levantadevos e alegradevos e can-  
tad louvores ao vosso livrador.

E os cavalleyros forom logo tornados aa vida e come-  
çarom braadar em huma voz dizendo todos :

— Hu he a maã deestra daquelle que assy sooa Hu  
som os doens bem aventurados. Vem trigosamente e  
daanos as doas que perdemos em outro tempo. E esto  
contra o sabedor Tephon.

E per este edificio tam nobre se entende a sancta  
Igreja que he ajuntamento dos fiees.—E aquel castello  
da sancta Igreja estam a rredor delle tres donzellas, que  
som tres virtudes theologaes, convem a saber, fe, espe-  
rança e caridade. E estas choravam polla linhagem hu-  
manal, que era enferma de morte ante a vinda de Jhu  
xpo...

(Fl. 16 e 17 do *Orto do Sposo*. Ms. n.º 273 da  
Livraria de Alcobça, hoje na Bibl. nac.  
de Lisboa.)

133.

## A JUSTIÇA DE TRAJANO

Hum emperador de roma que avya nome Trajano, hya  
huma vez a grande pressa a huma batalha. E huma viu-  
va sayu a elle chorando e disselhe: — Rogo-te senhor,  
que faças justiça d'aquel que matou hum meu filho sem  
razom. E disselhe o emperador :

— Eu te farey justiça depois que veer.

Respondeu a viuva:

— E se tu morreres en a batalha quem me fará justiça?

E disse-lhe o emperador:

— Aquell que reynar depos my.

E disse a viuva:

— E que aproveytará a ti se outrem fizer justiça?

E o emperador respondeu:

— Certamente nom me aproveytava nenhuma cousa.

E disse a viuva:

— E pois nom he melhor que tu me faças justiça e ajas ende o gualardom ca o leixares a outrem.

E entom decendeo o emperador do cavallo com piedade, e fez aly justiça da morte d'aquel filho da viuva. E outrossy aconteceu huma, que o filho deste emperador Trajano hya correndo pella villa em hum cavallo e per aqueecimento sem seu grado, matou hum filho de huma viuva, e ella queyxouse ao emperador chorando. E o emperador deu entom aquelle seu filho em logo d'aquelle que lhe matara e deulhe muyto aver com elle.

(*Op. cit.*, Fl. 20.)

#### 134. A MORTE DOS AVARENTOS

Hum avarento jazia muy mal enfermo pera morte.

Este homem avia muytas riquezas e nunca se aproveitava dellas nem tanto a deus, nem quanto ao mundo, nem pera seu corpo. E jazendo assy chegado aa morte, sua molher entendendo que nom avia em elle vida, chamou huma sua servente e disselhe:

— Vay tostemente e compra tres varas de burel pera envolvermos meu marido em que o sotерrem.

E disselhe a servente:

— Senhora, vos avedes huma grande tea de pano de linho, dadelhe quatro ou cinco varas ou aquello que lhe avondar em que o soterrem.

E a senhora disselhe queyxosamente:

— Vay faze o que te mando, ca bem lhe avondarom tres varas de burel, segundo eu sey a sua condiçom e a sua vontade.

E estando en esto fallando a dona e a serventé, ouviu esto aquel homem avarento, e esforçousse quanto pode pera fallar e disse:

— Nom comrade mais que tres varas de burel, e fazedeme o sacco curto e grosso que se nom leixe en o lodo.

E depois que elle morreu assi lhe fezerom. E a molher casou com outro e lograram os beens que tesourou o avarento.

Mas per outra guisa fez outro homem que avia muytas riquezas. E quando se vio enfermo de morte, mandou trazer seu aver ante sy. E começoulhe a rrogar que o ajudasse en tal guisa que nom morresse. E quando viu que nom avia dellas ajuda nem conforto disse:

— Oo riquezas enganosas, eu vos amey de todo coraçom e vos prezey e honrrey. E agora que soõ posto en necessidade nom posso aver de vós nenhum conselho nem ajuda, é queredesme desemparrar e nom vos queredes hir comigo. Pois assy he, eu vos leixarey de todo. E tanto que esto disse, deu-as todas em esmolas a pobres.

(Ib., Fl. 48.)

### 135. AS MISERIAS DA RIQUESA

Hum Rey era gentil e de maaos feitos. Avia hum boo conselheyro que avia desto grande tristeza e catava hum

tempo convinhavel pera o tirar do erro en que andava. Hum dia disse elrey aaquelle seu privado :

— Vem e andemos pela cidade se per ventura veremos alguma cousa proveitosa.

E andando elles pela cidade, virom lume que luzia per hum furado. E tenerom mentes per elle, e viram huma casa soterranha em que estava hum homem muy pobre vestido en huma vestidura muy vil e muy rota. E ante elle estava sua molher que lhe escantava o vinho per hum vaso de vidro. E tanto que o marido tomou o vaso de vinho na mão, começou de cantar altas vozes e ella outrossy a balhar ante elle e louvalo muyto, e tomavam ambos muyto prazer. E aquelles que iam com elrey, esteverõnos oolhando hum grande espaço, e maravilhamse porque aquelles homees tã pobres que non aviam casa en que morasen, nem vestuduras senõ muy rötas, como faziam sua vida tan segura e com tanto prazer. Entom disse elRey ao seu conselheyro :

— Oo amigo, que maravilha he esta, que nunca a nossa vida foy tan aprazivel nem tam leda a my nem a ty porque avemos tantos meios e tantos avondamentos, como he a sua destes sandeos, ca como que ella aja vil e mesquinha e aspera, parecelhe a elles leda e blanda.

Quando esto ouvyo o privado entendeu que tinha tempo de castigar elrey e disselhe :

— Senhor, quejanda te parece a vida destes homens? Elrey disse :

— Pareceme que he a mais mesquinha e a mais mal aventurada de todallas vidas que eu vy.

E disselhe o privado :

— Senhor, sabe por certo que por mais mesquinha e mais mal aventurada teem a nossa vida aquelles que contemplam e recontam a gloria perduravel e celeste que sobre poyam todo sido. Ca os vossos paaços resplandecentes como ouro e as vossas vestiduras nobres e fermosas mais fedorentas e mais feias parecem que o esterco aos

olhos daquelles que contemplam as fremosuras das mo-radas do ceo que nom som feitas com mão e as vesti-duras feitas per deus, e as coroas que nunca seeram comrompidas, que aparelhou o senhor deus aaquelles que o amam. E assy como estes pobres homens parecem a vós sandeus, bem assy e muyto mais nós que andamos neeste mundo e pensamos que avemos grande avondan-ça en esta falsa gloria e com estas deleytações sem pro-veyto, parecemos dignos e merecedores de lagrimas e choros e de tristeza e de mesquindade, ante os olhos daquelles que gostaram a dulçura de bees perduraveis, que enganõ os homens en esta vida fazendo-se creer que ham em sy blandeza e dulçura grande e verdadeyra, o que he o cóntragio e per esto sã enganados os viçosos.

(Fl. 53, v.)

### 136. O QUE DEUS FAZ É POR MELHOR

Hum escodeyro avya huma sua molher, que avia tam grande esperanza em Deus que toda cousa de novo que acontecia a sy ou aos seos, sempre dizia:

—Esto he por melhor.

E aconteceu que aquelle escodeyro per aquecimento perdeo hum olho. E sua molher trabalhouse de o confortar, dizendo que aquillo lhe leyxara deos acontecer por o melhor. E depois aconteceu a este escudeyro de se hir a huma terra estranha que chamõ dos lutuanos e servia hum principe daquella terra. E elle servia aquelle prin-cipe muy graciosamente em tal guisa que o principe o amava muyto. E aconteceu ao principe enfermidade de morte. E o costume daquella terra era tal, que quando o principe morria escolhiam hum dos seus sergentes dos melhores e mais graciosos, que morresse com elle, pera o servir en o outro mundo; e queymavãno con o senhor

segundo era seu costume. E esto avian per grande honrra aaquelle servente que assi era escolheito.

Entom aquelle princepe mandou dizer aaquelle seu escudeyro que nom avya mais que hum olho que elle o escolhia que morresse e fosse queymado com elle, porque elle o servia muy bem e muy fielmente, e que o amava muyto, e poren o queria assy honrrar mais que todollos seus serventes. Quando o escudeyro esto ouvyo dava a entender que se tiinha per muy honrrado desto, dando muytas graças ao principe pela mercee e honrra que lhe fazia. E disse aaquelles que lhe trouxerom o rrecado:

—Como quer que esto seja a my muy grande honrra, pero dizede a meu senhor que elle bem sabe que sempre o servi muy fielmente e ainda agora em este caso quero seer fiel e quero leixar a minha honrra polla sua, e praz-me que dê esta honrra a outro que tenha dous olhos. Ca nom compre aa honrra de meu senhor que elle parecesse en o outro segle com servidor que non tevesse mais de um olho.

Quando o senhor ouviu esta resposta louvou-a e recebeu-a por boa, julgando que em esto lhe fazia aquelle escudeyro estremada e singular fieldade. E assy escapou aquelle escudeyro morte cruel per razom do olho que tinha quebrado.

(Fl. 63, v.)

---

### 137. UM HOMEM DE TAVERNA

Hum homen rico husava muyto em beber en as tavernas, en tal guisa que gastou o que havia. E depois meteu-se a servir os que beviam en as tavernas por tal que bevesse con elles. E dessy per tempo avorrecedõ e lançarõ dessy. E elle estando desesperado, veeo a elle

o diaboo en semelhança de hum homem velho e disse-lhe:

— Vay tu aa taverna e eu te darey dinheyros que te avondem, por tal que dees aazo aos outros que bevam mais.

E elle assi o fez. E fazia muytas pelleyas en a taverna, e muytas bevedices de que se seguiam muytas pancadas e muytos maaos feytos. E elle fez hi hum fecto tal per que o mandarom enforçar. E pozeromno na forza per trez vezes e nunca pode morrer, porque o diabo o ajudava e o sostinha. E hum sancto homem que sabia a maa vida daquelle homem, veendo esto maravilhouse e entendeo que o diabo o ajudava. E foise hu enforcavam aquelle homem e começou a esconjurar o diabo pella virtude de Jhu xpõ que lhe dissesse a verdade daquelle feito porque nom podia morrer aquelle homem maa. E o diabo respondeo e disse:

— Que como quer que elle desejasse a morte daquelle homem porque morria enforcado; pero por que elle fazia ir ao inferno tantos homens que ja os diabos eram cansados en os levar e receber; que por en o ajudava que nom morresse.

(Fl. 55, v.)

138.

## OS QUATRO RIBALDOS

Hum Rustico aldeano matou hum carneyro e esfolou e levava-o aas costas pera o vender en o mercado. E fallaronse quatro ribaldos que estevessem em quatro lugares en a carreyra per hu avia de hir aquelle aldeão, e que cada hum lhe dissesse que aquel carneyro era cam, por tal que o deitasse de ssy, e que o ouvessem elles. E quando o aldeão passou per hu estava o primeiro ribaldo disse-lhe:

—Pera que levas assy esse cã?

Respondeu o aldeão:

—Irmaão, nom sabês o que dizees, ca certamente carneyro he e nom cam.

E o Ribaldo aperfiou com elle que era cam. E asy o fizeram os outros tres ribaldos. E o aldeão veendo esto disse antre sy:

—Eu cuidava que esto era carneyro; mas poys todos dizem que he cam, nom hei que faça dele,—e lançou o carneiro em terra e foyse. E os Ribaldos tomaram-no.

E hem assy cõmmunalmente todo o mundo falla mentirosamente.

(*Orto do Sposo*, de Frei Hermenegildo de Tancos, alcobacense.)

### 139. A BOA ANDANÇA D'ESTE MUNDO

Hum cavaleyro era muy namorado d'huma dona muy filha d'algo, casada. E a dona era de boa vida e non curava nada do cavalleyro como que a elle demandava muy aficadamente. E aconteceu que morreu o marido da dona. E o cavaleyro começou de a demandar mais aficadamente. E ella mandou-o chamar e disse-lhe:

—Vós sabedes que non sodes igual a mym; pero quero vos tomar por marido se vos iguardes a mym al de menos em riquezas, e per esto me escusarey de meu linhagem.

E o cavaleyro pidyu a elrey e aos outros senhores e trouve aa dona muyto ouro e muyta prata e muytas doas. E ella por se escusar do seu casamento disse-lhe, que todo aquello era pouco, se mais non trouvesse. E entom o cavaleyro teve o caminho a hum mercador que levava muy grande aver e matou-o e soterrou-o fõra da carreyra e tomou todo o aver que levava e trouve-o aa dona. E

ella entendeu que aquella riqueza era de maaõ gaanho, e disse ao cavaleyro que se lhe non dissesse d'onde ouvera aquella aver que non casaria com elle. E o cavaleyro descobriu-lhe todo o que fezera. E ella lhe disse que fosse ao loguar hu jazia o mercador soterrado e que estivesse aly des o seraõ ataa o galo cantante e que lhe non encubrisse todo o que lhe acontecesse, e se esto non fizesse que o non tomaria por marido. E elle fez assy como lhe a dona mandou. E viu sayr da cova o mercador e ficou os giolhos em terra e disse tres vezes:

«Senhor Jesus Christo, que és justo juiz, e que vees todalas cousas, posto que sejam feitas escondidamente; dá a mym vingança d'este cavaleyro que me matou e tomou-me todalas cousas porque viviamos eu e minha molher e meus filhos.»

E ouvyo huma voz que lhe disse:

«Eu te digo e prometto em verdade, que se elle nom fez peendencia em triipta annos, que eu te darey d'elle tal vingança que será a todos exemplo.»

E tanto que esto foy dito tornou-se o morto pera sua cova. E o cavaleyro muy espantado e tornou-se pera a dona e contou-lhe todo o que vira e ouvya. E ella recebeu-o por marido e ouve dele filhos e filhas. E ella lhe dizia muyto a meude cada dia, que se lembrasse do espaço que lhe fôra dado pera fazer peendencia. E este cavaleyro fez em hum seu monte humas casas muy nobres e muy fortes. E estando elle hum dia em aquella loguar comendo com sua molher e com seus filhos, e com seus netos em grande solaz com a boa andança d'este mundo, veo hum jograr e o cavaleyro feze-o asseentar a comer. E emtanto elle comya, os sergentes destemperarom o estormento do jograr e huntarom-lhe as cordas com frusura. E acabado o jantar tomou o jograr o seu estormento pera tanger e nunca o pode temperar. E o cavaleyro e os que estavam com elle começaram escarnecer do jograr e lançarom-no fóra dos paaços com vergonça. E logo veo

hum vento grande como tempestade e soverteo as casas e o cavaleyro com todolos que hy eram. E foy feito todo hum grande lago. E parou mentes o jogar tras sy e vyo em cima do lago andar humas luvas e hum sombreyro nadando, que lhe ficarom em na casa do cavaleyro quando o lançaron fóra.

(Ibid., fl. 89, 90. (Ms. 274 da Bib. de Alcobaca, hoje na Bibl. nacional.) Ainda subsiste na tradição oral. Vid. *Contos populares portuguezes*, n.º 74.)

140.

## OS DOUS CAMINHOS

Eram dous Irmaãos, e huum era sabedor e o outro sandeu. E andavam ambos fóra de sua terra. E querendo-se tornar pera ella, chegarom a huum logar ha sse partiam dous caminhos. E acharom pastores que guardavam gaado, que lhes disserom que huuma carreyra daquellas era dura e fragosa e estreita e per aquella hyriam directamente e seguros a sua terra. E que a outra era ancha e chaã mas era perigosa e chea de ladrões. Quando esto ouvio o irmão sabedor quisera hyr pela carreyra fragosa e segura. E o irmãoo sandeo rogou muyto que se fossem pela carreyra ancha e chã. E o sabedor consentyo. E foramse ambos pella carreyra chã e perigosa. E foramse e sayram ladrões a elles e prenderamnos e esbulharamnos e feriomnos. E lançaron o sandeo em huuma cova em que morresse. E levarom o outro pera o matarem; e dizia o sabedor ao sandeo:

— Malditto seias tu, ca por a tua sandice mouro eu.

E o sandeo lhe disse:

— Mas tu seias malditto, que sabias que eu era sandeo e treesteme.

E assy pereceram ambos. E bem assy acontece ao homem, ca a carne que he sandia quer hir polla carreyra

da boa andança e das deleytações do mundo, mas a alma que he sesuda querya andar pella carreya da pèendencia e das tribulações do mundo, e a rrazom assy lho conseilha, mas a sensualidade tem com a carne, e os prelados e pregadores que som os pastores demostram ao homem ambas as carreyras.

(Ms. 273, fl. 98.)

141.

### A PAPISA JOANNA

Huum papa que ouve nome Johãne, natural de Margantina de Ingraterra, foy molher. Ca ella seendo moça pequena levoua huum seu amigo aa cidade de Athenas em trajo de barom. E aprendeo tanto que foy sabedor em muytas ciencias, em tal guisa, que nom avia nenhum que fosse egual a ella. E depois veeo a Rroma e leeo hi de cadeyra. E aprendiam della grandes meestres e muytos outros discipulos, em guisa que era de muy grande fama en a cidade de Roma. E porem foy eleito en concordia por papa. E seendo papa dormio com huum seu familiar e empenhou. E ella nom sabia o tempo do parto, e hindo huum dia da egreja de sam pedro pera sam joham de letram veeromlhe as doores do parto e paryo aly en a carreya e morreo, e soterraromna aly. Pouco aproveitou a esta a fama e os louvores dos homees, assy como empeeceo a outro papa a desonrra que lhe foy fecta.

(Fl. 99.)

142.

### O FIRMAL DE PRATA

Huum barom segral avia grande cobiça de fazer seu pecado com huuma molher. E ella era casta e boa, e porem nom se atrevia elle de a demandar, mas cuydou fal-

samente e arteyramente como cumpriria sua maa vontade. E tomou hum firmal de prata que era de grande preço e deuho em guarda aaquelle molher. E depois furtou em guisa que o ella nom soube, e lançou o firmal en o mar, por tal que nom lho podendo ella dar, ficasse por sua serva, e assy cuydava husar com ella como lhe prougesse. E depois que esto fez demandou o firmal aa boa molher. E ella entendeo o engano que lhe fora fecto e acorreusse a huuma sancta virgem que avia nome brigida, e estando con ella veeo hum homem que trazia pexes do mar que elle tirara. E quando abrirom hum delles acharom en o ventre delle o firmal, e deuo a boa molher aaquelle homem maa. E assy ficou vaão o seu pensamento e sua arteyrice.

(Fl. 105.)

143.

**OS QUATRO LADRÕES**

Contam as historias antigas que em Roma eram quatro ladrões. E andando huuma nocte a furtar sintirom a Justiça e fugirom e esconderomse em huuma cova. E quando a luz veeo, acharomse em huuma casa de abovada muy fremosa. E acharom en ella hum moymento de marmor muy fremoso. E disserom antre ssy:

—Este moymento foy de algum homem nobre e ryco. Abramollo e vejamos se acharemos hy algum bem. Ca em outros tempos acostumavam soterrar os grandes homens com doas e cousas de grande preço.

Entom abrirom o moymento e acharom o moymento cheo douro e de prata e de pedras preciosas e de vasos e de copas douro muy fremosas. E antre elles era huuma copa muy fremosa e mayor que todallas outras. Quando esto acharom, disserom antre ssy:

—Ora somos nós ricos e de boa ventura, e seremos

ricos pera sempre nós e nossos filhos, mas será bem que algum de nós fosse aa villa per vianda.

E cada hum se escusava, dizendo que era conhecido en a cidade e se temia de o enforcarem. Em cabo disse hum delles:

—Se me vós derdes aquella maior e melhor copa, eu hirey pollo mantimento.

E os outros outorgarom, e elle foy e trouxe de comer. E hindo pello caminho levando a vyanda, cuydou como meteria em ella peçonha em guisa que comendoa seus companheyros morreriam e ficaria delle todo o que acharom en o moymento. E os trez ladrões que ficarom enquanto elle foy fallaromse antre sy e disserom:

—Aquelle era nosso companheiro nom quis hir pollo mantimento senom que lhe dessemos a copa melhor, matemollo e ficará a nós todo o aver.

E disse hum delles:

—Como o mataremos sem perigo, cá elle he mais esforçado ca nós.

Respondeo o outro e disse:

—Quando elle veer digamoslhe que entre dentro e tome a copa e quando se antre dentro tiremos o madeyro que sostem as pedras e cayrom as pedras sobre elle e morrerá.

E quando veeo o outro fezeromno assy e ficou logo morto. E elles disserom:

—Comamos e bevamos e depois partiremos o aver antre nós.

E começaram a comer a vyanda que o outro trouxera e morrerom com a peçonha que em ella andava.

144. **O CAVALLEIRO E O PACTO  
COM O DIABO**

Huum cavalleyro nobre poderoso seendo rico despendeu todos seus bẽes tam sem descreçam, que cayo em muy gram pobreza. Este cavaleyro avia huuma sua molher muyto casta e devota da benta virgem Maria. E veu huuma grande festa em que este cavaleyro soya dar muytas doas e fazer grande despeza. E por que nom tinha já que desse, com vergonça foyse esconder em huuma mata, e ali jazia fazendo seu doo ataa que passasse aquella festa. E estando elle em aquelle logar chegou a elle huuma creatura muy espantosa em cima de huum cavallo espantoso e perguntoulhe por que era assy triste. E o cavalleyro lhe contou toda sua fazenda. E a creatura espantosa lhe disse:

—Se quizeres fazer o que te eu mandar, eu te farey aver mays riquezas e mais honrras que ante avias.

E o cavalleyro lhe prometeo que faria todo o que elle quisesse, se elle comprisse todo o que lhe promettera. E o demo lhe disse:

—Vay a tua casa e cava em loguar e acharas muyto ouro. E prometeme que tal dia tragas aqui a mym tua molher.

E o cavalleyro lhe prometeo. E foyse a sua casa e achou muy grande riqueza segundo lhe dissera o diabo. E começou de viver honrradamente como ante. E quando veu o dia em que prometera levar sua molher ao diabo, disselhe que sobisse em huum cavallo que se avia d'hir longe con elle. E ella como quer que ouvesse grande temor, nom ousou contradizer ao marido e foyse com elle, commendando-se devotamente a sancta Maria. E hindo elles pello caminho, vyo ella huuma egreja de sancta Maria e deçeo do cavallo e entrou en a egreja, e o marido ficou fora attendendoa. E ella fazendo sua oraçom

devotamente aa beenta virgem adormeço. E a beenta virgem tomou semelhança daquella dona em todo e foyse fóra da egreja e cavalgou en o cavallo da dona. E foyse com o cavaleyro, pensando elle que era sua molher. E quando chegarom a o loguar veo logo o diabo tostemente. E quando perto delles nom se ousou chegar, mais começo de tremer e aver grande pavor e asanhar-se. E disse ao cavaleyro:

—Oo falso e muy desleal cavaleyro porque me fezeste tam grande escarnho e me fezeste tanto mal por muytos beens que te eu figi, tu me prometeste que me trarias tua molher e trouveste Maria. Ca eu me quisera vinguar da tua molher por muytas enjurias que me faz, e tu trouvesteme esta que me atormenta gravemente e me lança en o abisso do inferno.

Quando esto ouvyo o cavalleyro ficou muy espantado e maravillhado, e com temor nom pode falar. E a beenta virgem disse ao diabo:

—Qual foy a tua ousança e o teu maa atrevimento que presumias empeecer aa minha devota! mas nom escaparás assy sem pena, ca eu te mando que logo descendas aos abissos do inferno e que daqui em diante nom empeças a nenhuuma pessoa que me chamar com devoção.

Quando esto ouvio o diaboo, partiuse logo dally tostemente huyvando e fazendo grande doo. E o cavaleyro deçoosse do cavallo e lançouse em terra aos pees da beenta virgem. E esta o reprendeo do que fezera e mandoulhe que sse tornasse pera sua molher que acharia dormindo en a egreja e que lançasse de ssy aquellas riquezas que ouverom pollo diaboo. E a beenta virgem desapareceo. E o cavaleyro tornouse a egreja e espertou sua molher que jazia dormindo e contoulhe todo quanto lhe acontecera. E foramsse pera sua casa e lançaron de ssy todo aquelle aver que ouverom pollo diaboo. E perseveraron em louvores e em serviço da beenta virgem

muy devotamente e depois ouverom per ella muyta riqueza a serviço do senhor deus.

(Fl. 120.)

145.

## O DIABOO ESCUDEYRO

Em huuma terra avia hum cavalleyro que era homem boo e sua molher outrossy. Este cavaleyro por amor de deus e da gloriosa sua madre, mandou fazer spiritaaes e casas pera pobres e despendia en esto o que avia. E avia hum filho, e quando ouve de morrer, chamou e recõmendoulhe os spiritaaes que fezera, e o escudeyro ficou com sua madre depois da morte de seu padre, e já quanto per vergonça de sua madre curava do que lhe seu padre encommendara; mas depois da morte de sua madre, começou elle a fazer maa vida e nom curava de semelhar seu padre, mas despendia em vaydade o que lhe seu padre e sua madre leyxarom.

Huum dia este escudeyro estando em sua casa veo a elle hum mancebo e disselhe que querya viver com elle e que o serviria muy bem, ca era homem fidalgo, e que sabia fazer todallas cousas que compriam a boo servidor. E o escudeyro recebeo em sua companhia e hia com elle muy a meude aa caça e tam bem sabia caçar que o escudeyro andava caçando com elle todo o dia ataa nocte per logares perigosos e fragosos. Em aquella terra avia hum bispo de boa vida que fora muito amigo d'aquelle cavaleyro, e de sua molher. E hum dia dizendo elle missa pelas almas delles foy-lhe demonstrado per deus que aquelle servidor do escudeyro era diaboo. Entom o bispo foy veer o escudeyro e comeo com elle e o mancebo servia ante elles. E depois que comerom, perguntoulhe o bispo donde ouvera tal servidor. E o escudeyro gaboulho muyto. Entom o bispo mandou chamar o servidor, e elle nom querya vir ante elle. E o bispo mandou chamar ou-

tra vez mas elle fingeose doente. Entom o bispo lhe mandou que veesse per obediencia, e elle veo contra sua vontade. E o bispo lhe perguntou:

— Dy-me que homem es tu?

E elle respondeu:

— Soo diaboo.

E disselhe o bispo:

— A que veeste?

E elle respondeu:

— Viim pera matar este escudeyro, porque he maaõ homem e desviado da bondade de seu padre, e nom curou dos conselhos boos que elle deu.

E disselhe o bispo:

— Pois porque o nom mataste?

Respondeu o diaboo:

— Porque avia em custume de dizer cada dia sete vezes avemaria, e porem andava eu com elle pelos montes e pelos luguares fragosos pera o matar se algum dia leixara de dizer aquellas sete avemarias, mas nunca foy dia que as nom dissesse.

E o bispo lhe perguntou donde houvera o corpo que trazia, e elle lhe disse que era o corpo de hum enforcado. Entom o bispo mandou-lhe que se fosse dally e que nom empeeçesse a nenhuum. E logo se partyo d'aly e ficou aly o corpo que trazia morto e fedorento. Quando esto vio o escudeyro mudou sua vida em bem segundo lhe conselhou o bispo.

(Fl. 124.)

---

#### 146. AS MAAS ARTES DAS MOLHERES

Huum mancebo trabalhava muyto por saber a arte das molheres. E posse en sua vontade de casar, e ante que casasse demandou conselho ao mais sabedor ho-

mem d'aquella comarca hu vivia, como poderia guardar aquella molher com quem casar queria. E o sabedor lhe deu conselho que mandasse fazer huuma casa de muy altas paredes, e que pozesse dentro sua molher e lhe desse boo mantimento non sobejo. E que aquella casa nom tevesse mais de huuma porta e huuma freesta per que visse, en tal guisa que podesse sair nem entrar ne-nhuum. E o mancebo fez todo per aquella maneyra. E casou e pose dentro sua molher, e quando elle entrava ou saya, fechava elle muy bem a porta. E quando avia de dormir escondia as chaves, e a molher avia grande sabor en a freesta pera veer os que hyam ou viinham pela rua. E huum dia que o marido era hido fora, sobiusse ella en a freesta, e vio huum mancebo fremoso e pagoussse d'elle, e mandou falar com elle, e depois que teve com elle formada sua maa preytasia, embevedava ameude seu marido, e depois que dormia, furtava-lhe as chaves e abria a porta e saya fazer sua vontade com aquelle mancebo. E porque o marido era ensinado sobre as artes das molheres parou mentes como sua lhe dava muyto a beber. E huum dia beveo mais que soya atiinte perante a molher pera veer o que fazia. E ella levantouse aa meayte e furtoulhe as chaves assy como avia en costume e abrio a porta e sayo a o mancebo; e o marido que jazia espreitando levantouse e çarrrou a porta muy bem. E possesse en a freesta ataa que vio que sua molher que se tornava em camisa, pera casa, e começou a puxar a porta; e o marido mostrando que nom sabia que era, perguntou quem estava aa porta? E ella pidyo-lhe perdõ, dizendo: que nunca mais sayria fóra; mas elle nom lhe quis abrir, dizendo, que elle diria aquelle feito a seus parentes. E ella começou de gemer, dizendo que se lhe nom abrisse, que sse lançaria en huum poço que hi estava, e que elle daria conta della a seus parentes. Mas o marido nom a leixou porem entrar. E ella tomou huuma grande pedra e lançoua em o poço con esta entençom

que seu marido ouviria o soõ da pedra quando cayesse na agoa, e cuydaria que ella se lançara en o poço.

E tanto que ella lançou a pedra en o poço, escondeo-se de traz o poço. E o marido pensando que a molher jazia en o poço, saio fora da casa pera veer o poço. E ella quando vyo a porta aberta meteuse en a casa, e çarrou a porta sobre ssy. E sobyose en a freesta, e elle que a vyo estar, diselhe:

— Oo molher chea de maa arte e enganosa, leixame entrar e eu te perdoarey quanto fezeste.

E ella lhe disse que o nõ faria, mas que diria a seus parentes que elle todallas noctes assy saya a fazer seu pecado con as maas molheres, e assy o fez. E elles does-tarõ muyto mal o marido. E per esta guisa tornou o seu maaõ fecto sobre seu marido. E nom lhe aproveitou nada a guarda que pose en ella.

(Fl. 137.)

147.

## O REY E OS CORTESÃOS

Huum Rey andava en humm carro dourado, e hiam com elle seus cavalleyros. E encontrou com huuns homeens vestidos de vestiduras velhas e viis, e eram magros e desfeytos. E ellRey quando os viu sayosse logo do carro e lançouse aos pees delles e adorouos, e algouse e foyos beijar en as faces. E os cavalleyros quando esto virom, nom ouverom esto por bem. E porque nom ousarom reprehender elRey por aquello que fez, diseromno a humm seu Irmaão, como elrrey fezera tal cousa que nom pertencia a ell. E o Irmaão delrrey (reprehendeo) daquello que fezera. Em aquelle Regno, avia tal custume, quando aviam de matar per justiça algum homem, mandava elrey a humm pregoeyro que tangessem huuma tromba, que era pera aquello ante a porta d'aquelle que aviam de matar. E depois que o Irmaão delRey o rreprehendeo da-

quello que fezera, quando foy aa tarde mandou elrey tanger aquella tromba ante a porta de seu Irmaão. E elle quando ouvyo tanger a tromba ficou desasperado da sua vida, e nunca pode dormir toda aquella nocte. E fez seu testamento. E em outro dia pella manhaã vestiuse de vestiduras negras e com sua molher e com seus filhos foyse aa porta do paaço delrey chorando. E elRey fezeo viir ante sy e disselhe :

— Oo sandeu, se tu ouveste temor do teu Irmaão, que sabes que nom lhe arraste, como nom averey eu temor dos pregones do meu senhor deus, ao qual muyto pequey e errey, os quaes me significam a morte com mais nobre tromba e me demostrom a viinda espantosa do Juizo.

E depois desto mandou fazer quatro arcas e duas dellas mandou fazer douradas de fora e mandouas encher de ossos de mortos podres e fedorentos. E outras duas mandou huntar de fora de pez e mandou-as dentro encher de pedras preciosas. E mandou chamar aquelles cavalleyros que aviam dito a seu Irmaão aquello que elle fezera. E mandou poer ante elles aquellas arcas, e preguntoulhes quaes dellas eram de mayor preço. E elles disserom que as duas que eram douradas eram milhores e de mayor valor. E elRey mandouas abrir. E sayo dellas muy mao fedor, e disse elrey :

— Semelhantes som estas arcas aaquelles que som vestidos em nobres vestiduras. E dentro em suas almas som cheos de pecados. Assy como estas duas arquas que som fremosas e douradas de fora e som cheas de dentro dos ossos fedorentos.

Entom mandou abrir as outras duas arquas huntadas de pez e parecerom as pedras preciosas e saia de dentro muy boo odor. E disse elrey :

— Estes som semelhantes aaquelles pobres servos de deus que eu honrrey, que como quer que andam vistidos de viis vistiduras pero dentro en a suas almas resplandecem com odor de virtude; mas nom parades mentes

senom aas cousas de fora e nom consirades aquellas cousas que som de dentro.

(Fl. 141.)

148. **AS VISTIDURAS HONRADAS**

Donde aconteceu que hum filosofo chegou ao paaço d'hum princepe en vestidura vil e nunca o leixarom entrar dentro, pero o provou muytas vezes. Entom elle vistyose em outra vestidura fremosa, e logo o leixarom entrar. E quando chegou ante o princepe começou de beijar a sua vestidura meesma que elle trazia e fez elle reverença.

E o princepe se maravilhou desto. E perguntou porque o fazia. E o filosofo respondeo :

— Eu honrro aquella que me honrrou; porque aquillo que a virtude nom pode fazer, gaanhou a vestedura. E esto he grande vaidade dar a honrra pella vestedura a qual honrra he devida aa virtude.

(Fl. 142, v.)

149. **ROSIMUNDA**

Huum Rey dos Lombardos que avia nome Alburno era muy forte e muy poderoso em armas. Este Rey ouve batalla com outro rey. E Alburno venceo e matouo, e tomou huuma filha daquelle Rey por molher, que avia nome Rosimunda. E do testo da cabeça de seu padre, que matara, mandou fazer huuma copa e encastonha em prata e bevia per ella. E este Rey Alburno entrou em Italia e tomou todallas cidades della pella mayor parte. E estando elle em huuma cidade que chamom Verona, fez hum grande convite. E mandou alli trazer a copa que mandara fazer da cabeça do rey que matara, padre

da sua molher Rosimunda. E bebeu per aquella copa e fez a sua molher que bevesse per ella, dizendolhe:

— Beve com teu padre.

E quando ella esto soube, ouve grande odio a elrey seu marido. E elrey avia huum duque que dormia com huuma donzella da rraynha. E huum dia nō veendo hy elrey, dormiu com a rraynha, cuydando que era a donzella. E a Raynha fezlhe conhecer, e disselhe:

— Sabe por certo que tu as feyta tal cousa, que ou tu matarás a elrey Alburno, ou tu morrerás das suas mãos. E eu quero que me tu vingues delle que matou meu padre e fez copa da sua cabeça, e fez a my que bevesse per ella.

E o duque lhe disse o nom fazia, mas cataria outro que o fizesse. E entom ella guisou como se fizesse. E tyrou as armas fora da camara delrey e legou a espada que elle tinha aa cabeceyra em tal guisa que se nom podese tirar. E depois que elrey jouve em seu leyto, entrou aquelle que o queria matar. E quando o sentyo elrey, saltou fóra e quiz tirar a espada e nom pôde. E entom começou elrey de sse defender muy fortemente com huuma cadeyra que hy estava, mas pouco lhe valeo seu ardimento nem sua fortaleza. Ca o outro andava muy bem armado e pôde mays que elrey e matou. E tomou todollos thesouros que achou en no paaço e fugio com a rraynha Rosimunda, pera huuma cidade que ha nome Ravena. E aly se pagou a rraynha de huum mancebo que era perfecto de Ravena. E por casar com ella deu peço-nha aaquelle com quem fugira. E elle embevedoua, syntio que era peçonha e fez que a Rosimunda que bevesse o que ficara a força da espada. E assy morrerom ambos. E assy parece que pouco prestou a fortaleza do corpo a elrey Alburno, nem ao outro que o matou, ca ambos morrerom maa morte.

150.

## A BILHA DE AZEITE

PAIO VAZ: Pois Deus quer que pague e peite,  
Tão daninha pegureira,  
Em pago d'esta canceira  
Toma este pote de azeite,  
E vae-o vender á feira;  
E quiçaes, medrarás tu,  
O que eu contigo não posso.

MOFINA MENDES: Vou-me á feira de Trancoso  
Logo; nome de Jesu,  
E farei dinheiro grosso;  
Do que este azeite render  
Comprarei ovos de pata,  
Que é a cousa mais barata,  
Que eu de lá posso trazer.  
E estes ovos chocarão;  
Cada ovo dará um pato,  
E cada pato um tostão,  
Que passará de um milhão  
E meio, a vender barato.  
Casarei rica e honrada,  
Por este ovo de pata,  
E o dia que fôr casada  
Sahirei ataviada  
Com um brial de escarlata;  
E diante o desposado  
Que me estará namorando,  
Virei de dentro bailando  
Assi d'esta arte bailado  
Esta cantiga cantando.

*(Estas cousas diz Mofina Mendes com o pote de azeite á cabeça, e andando enlevada no bailo, cae-lhe, e diz:)*

- PERO VAZ: Agora posso eu dizer  
E jurar e apostar  
Que és Mofina Mendes toda.
- PESSIVAL: E se ella baila na voda  
Qu'está ainda por sonhar,  
E os patos por nascer,  
E o azeite por vender,  
E o noivo por achar,  
E a Mofina a bailar;  
Que menos podia ser?

(*Vae-se Mofina Mendes cantando:*)

Por mais que a dita me engeite  
Pastores, não me deis guerra;  
Que todo o humano deleite  
Como o meu pote de azeite  
Hade dar consigo em terra.

(Gil Vicente, *Obras*, t. 1, p. 145. Ed. de Hamb.)

151.

## O ERMITÃO E O LADRÃO

Em um ermo morava um virtuoso Ermitão, ao qual se chegou um salteador de caminhos, dizendo-lhe:

— Vós rogae a Deus por todos; rogae-lhe que me tire d'este máo officio que trago, senão ey-vos de matar.

E indo d'ali tornava a fazer o mesmo que d'antes, e outra vez tornava a vir ao padre, dizendo:

— Vós não quereis rogar a Deus por mi, pois ey-vos de matar.

Tantas vezes fez isto, que uma vez determinou para matar o padre, o qual lhe pediu e lhe disse:

—Já que me quereis matar, tiremos primeiro ambos uma lagea que tenho sobre minha sepultura, e, morto, lançar-me-has dentro sem muito trabalho.

Elle o acceitou, e assi foram ambos erguer a lagea; porém como o salteador trabalhava quanto podia por erguel-a, assi trabalhava o padre Ermitão por que não se erguesse, e d'esta maneira ambos não faziam mudança na lagea. Attentou o salteador no caso, e disse assi:

—E se vós não ajudaes como posso eu só erguel-a? que ainda que eu ergo da minha parte, vós fazeis da vossa com que não aproveite o que faço.

Antes que passasse adiante disse o padre Ermitão:

—Vês ahí, irmão, o que te eu digo. Que me presta a mi rogar a Deus por ti, pedindo-lhe que te tire do peccado e máo officio que trazes, se tu não te queres tirar e estás muito de proposito perseverando n'elle?

*(Historias de proveito e Exemplo, de Gonçalo Fernandes Trancoso. Parte I, conto 1.º)*

---

## 152. D'AQUELLAS SETE AO DIA

Uma virtuosa dona de boa vida tinha uma filha de tão má inclinação que não queria tomar os nobres conselhos da mãe, nem aprendia seus louvados costumes; mas em tudo seguia seu proprio parecer sem obediencia de pessoa alguma, nem correição de visinha nem parenta, porque era preguiçosa, golosa, andeja, muito falladeira e de outras feias manhas. A mãe, como mãe, desejosa de seu bem e de lhe dar marido, determinou dar a um mancebo tudo o que a pobre velha tinha por que casasse com a filha. E concertada com elle no dote, quiz o mancebo que não dessem conta á moça até que elle a fosse vêr o

dia seguinte, seguindo o conselho do rifão que diz: *Antes que cases olha o que fazes*. Foi a velha contente e disse que assi faria; porém, por que a filha estivesse sobre-aviso e não caísse em alguma fraqueza a tal tempo, crendo que para casar tomaria seu conselho, lhe descobriu aquella noite tudo o que se passava, dizendo-lhe:

— Filha, toda tua vida seguiste tua opinião, sem querer entender meus conselhos; agora te rogo que este dia me ouças e acceites o que te disser.

E com discretas palauras lhe amoestou que o dia seguinte não se erguesse de um logar; que sempre estivesse calada fiando, ou ao menos com a roca na cinta, por que pois o futuro marido a queria vêr a achasse quieta e occupada. E para mais ajuda fiou a velha aquelle serão quasi até meia noite, e pela manhã pôz-lhe á filha uma grande roca na cinta, e deixou-lhe as maçarocas que fiára no regaço; fel-a assentar, tál que á vista dos olhos a quem a não conhecera parecia uma diligente fiandeira. Porém como aquelle não era seu costume, tanto que a mãe deceu á porta, (por que avia de esperar ali o mancebo) a moça deixou a roca, e com diligencia fez lume, e nelle uma honesta tigellada de papas, e porque se esfriassem prestes as lançou em cinco ou seis escudellas, que logo chegou de redor de si, e soprando e fervendo estava a pobre moça apressada por acabar sua obra antes de ser sentida. A este tempo chegou o mancebo á porta, e ainda que o viu a velha e elle a ella, pelo que tinham concertado não fallaram, mas elle subiu de manso por vêr em que se occupava a que elle queria receber por molher. E a velha o deixou ir, tendo pera si acharia a filha ao menos com a roca na cinta como a deixara; mas ainda que elle subiu dez ou doze degrãos da escada, ella de occupada não o sentiu, nem, posto que metheu a cabeça em casa o não viu; mas ella foi d'elle muito bem vista, e notando o officio em que estava disse entre si:

—Nunca nós faremos boa matalotagem; porque quem tanto e com tal pressa madruga a comer, pouca prol me póde fazer. Não é esta a que me arma.

E sem fallar se deceu; e a velha vendoo vir tam pres-tes, lhe perguntou:

—Que vos parece, filho? Que cuidado de moça!

E querendo-lh'a gabar, porque imaginava que estaria fiando, e mais com a roca cheia, lhe disse:

—Vistes a pressa que tinha, e a habilidade das suas mãos, e o que já tinha despachado; pois eu vos prometto que d'aquellas enche e vasa sete no dia.

Querendo a velha dizer as roçadas da roca; mas o mancebó sem descobrir o que lhe vira fazer, respondeu:

—Senhora, não me arma; que se ella é tal, não na posso sustentar, e assim estê-se em vossa casa, e se as vasar e encher tantas vezes, sejam embora de vossa farinha.

E foi-se.

(Trancoso, *Contos e Historias de Proveito e Exemplo*, P. 1, conto 2.º)

153.

## A DONZELLA RECATADA

Em uma populosa villa havia uma dona honrada que tinha uma filha muito virtuosa, sesuda, recolhida, e amiga de seu trabalho, que per elle alcançava com que honestamente se mantinham ambas das portas a dentro, mui limpamente tratadas. Fazendo-se uma voda de uma sua parenta, assi se passaram mais de quatro mezes em recados até que a noiva lhe veiu a casa rogar que fosse um dia á sua, o que a moça acceitou por comprazer com a parenta; e chegando a noite, por ser menos vista, com um irmão mancebo que áquelle tempo viera de fóra da terra, saiu de sua casa para ir a casa da parenta. Na rua do proprio caminho por onde haviam de ir, estava um

eschola de dança, a que o mancebo era inclinado, e a estas horas dançavam, e ao passar pela porta da eschola fez uma pequena detença; mas a donzella, que não tinha sua imaginação senão no caminho que levava, andava pela rua tão baixo o rosto que o não erguia. Foi vista por um nobre mancebo, que a seguiu, e poz-se-lhe diante fingindo ser seu escudeiro, encaminhou-a pera sua casa; e ella, quando ergueu o rosto, crendo ser seu irmão lhe disse:

—Tão longe é isto!

Elle ainda que entendeu, não lhe respondeu nada; e dissimulado se metteu em sua propria casa, dizendo:

—Aqui é.

E como a teve bem dentro, fez cerrar a porta, e mostrou-se-lhe, e descobriu-se a ella quem era. Grandes promessas, que lhe fazia, e ricas joias que lhe dava, com palavras amorosas e meigas, n'esta casta e honesta donzella não fizeram abalo. Elle que a viu tão determinada, a levou a um jardim, logar onde ainda que bradassem não podesse ser ouvida; e lhe ia tirando das roupas que levava vestidas; por lhe ganhar a vontade, largou-a de si um pequeno espaço, ficando-lhe porém o cabo do trançado na mão. A donzella, tanto que se viu fóra de suas mãos, tirou com diligencia o garavim da cabeça, e mettendo-o no tronco de uma arvore, se foi até chegar ao pé do muro do jardim, e subindo na parede, sem temer a queda, se deixou ir abaixo em camisa e em cabello. E assi se achou na rua a tempo que já havia muito que era achada de menos do irmão, e d'elle e da mãe buscada por todas as partes. E quando sua mãe a viu, e ella viu sua mãe, parecia que ambas ressuscitavam, e logo quietamente coberta com a capa e sombreiro do irmão se foram para casa. O fidalgo, tanto que lhe pareceu que tardava, ainda que tinha o trançado na mão, porque não lhe respondia chamando-a, foi para ella cuidando que lançava mão de sua pessoa; achou-se abraçado com o

tronco da arvore onde o garavim estava posto, e sintindo o engano, e como não sabia quem era, nem cuja filha, se recolheu em sua casa triste, então lhe estava mais affeicoadado que d'antes. E com desejo de a vêr e saber quem era, e havel-a por molher, cahiu em cama doente de imaginação, e tanto esteve assi que se secava e houvera de morrer, senão dera conta do caso a uma discreta dona que o criára, a qual entendido tudo o que passara, tomou o vestido, que foi tirado da moça, e foi-se pela villa dizendo que o achara, e se alguma pessoa o conhecesse e mostrasse como era seu lh'o daria. E isto fazia por saber quem era aquella donzella; o que a boa dona fez com tanta sagacidade, que por enculcas veiu á propria casa d'onde o fato era. A dona foi dizer ao fidalgo a casa e a pessoa que era; e elle, visto e ouvido o que dizia d'aquella que já tinha feito senhora de si na vontade, folgou muito e aguardou tempo que soube que estava vestida com o proprio vestido, e então para melhor se afirmar se era ella, se subiu pela escada acima, e de supito deu com a mãe, e com ella e seu irmão, que estavam descuidados de tal vinda. E o fidalgo tanto que a viu logo conheceu ser aquella por quem passava os trabalhos que passou desde que ficou sem ella no jardim, e com muita cortezia lhe disse:

—Senhora, desde agora vos fico que nunca haverei outra molher senão a vós.

A donzella, vergonhosa de ouvir, e a este tempo se desbarretou e queria pedir-lh'o em giolhos, se lhe humilhou muito e tomando polas mãos o fez erguer. Depois se correram os banhos, e com muito contentamento de ambos viveram sempre; e por esta donzella se disse o rifão:

A moça virtuosa  
Deus a espósa.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte 1,  
conto 4.º)

154.

**O ODIIO ENDURECIDO**

Viviam em hum logar pequeno dous homens, que se queriam mal, e os visinhos e seu prelado aviam feito o que n'elles era pelos fazer amigos; os quaes, ainda que algum tempo se fallavam, como o odio era de coração, não durava n'elles a amisade, feita por cumprir com quem lh'o rogava, ou lh'o mandava, que logo tornavam como de primeiro. Durou n'elles este odio tanto, que vindo por ali ElRey, lhe deram conta d'isto alguns homens da terra. E ElRey mandou chamar a ambos, e ante si, por elles e por outros inquiriu o melhor que pôde qual seria a causa; porque, sabida, atalhando-lhe os principios, se faria a paz. E achou que era pura inveja que cada um tinha dos bens e fazenda do outro, porque n'isto eram quasi eguaes e abastadamente ricos. Porém, cada um desejava vêr-se aventajado do outro, inda que fosse á custa de por isso o vêr destruido e perdido de todo; e o mal que hum queria ao outro, esse mesmo lhe queria o avaro a elle. ElRey deseioso de os contentar a ambos fartando-os de fazenda, por que perdessem a inveja, lhe disse:

—Sêde amigos; e eu quero que seja á minha custa, e me apraz de vos dar tudo o que souberdes pedir de meu reyno, que eu tenha, com esta condição, que um de vós hade pedir á sua vontade tudo que elle quizer, com que fique contente, para não haver inveja do outro, e eu desde agora lh'o dou; e ao outro que não pedir, ey de dar em dobro sem mingua alguma.

Elles, á primeira face, parecendo-lhes bem o acceitaram e agradeceram, crendo cada um que ficaria aventajado do outro; porém quando cahiram na conta, que, ainda que hum pedisse muito, aviam de dar dobrado ao outro, nenhum queria pedir por não ficar menos que seu

visinho. ElRey entendendo-os, mandou lançar sortes, e ao que coubesse pedir, pedisse por força, dizendo-lhe:

—Tu que queres mais do que souberes pedir, pede á tua vontade, farta-te, e depois deixa-me dar a est'outro dous tantos, que tu nada perdes n'isso.

Nenhum d'elles tinha paciencia, e per derradeiro lançaram sortes, e aquelle a que lhe coube pedir, ficou per isso muy triste, e depois de bem imaginar no que pediria, veiu ledo a ElRey e disse-lhe:

— Senhor, já sei o que ey de pedir, e se m'o deres cumprindo tua palavra, ficarei contente e amigo de meu visinho, dando-lhe a elle o dobro.

E ElRey lh'o prometteu sem falta; elle se poz em geolhos, e lhe beijou a mão pela mercê e logo lh'o pediu:

— Dê-me vossa alteza um d'estes meus olhos aqui posto na minha mão.

ElRey maravilhado do que pedia, lhe disse:

— Jesus! e porquê?

E o homem tornou a dizer:

— Porque, conforme a promessa de vossa alteza, se me tirarem um olho a mim, hão lhe de tirar dois olhos a elle, e assi vendo-lhe eu este damno me contento.

Foy muito de espantar a crueldade d'este e vêr o endurecido odio que ambos se tinham.

(Trancoso, Part. I, conto IX.)

---

### Variante:

Em certa cidade avia dois homens, um era muito avarento e outro muito invejoso; sabendo-o o senhor d'aquella terra, os mandou chamar e lhes disse: «Determino de vos fazer mercês, e hão de ser d'esta sorte. Peça qualquer de vós primeiro, e veja o qué pede, e como, porque

ao segundo hei de dar dobrada do que ao primeiro.» Ora notae; o avarento como cubiçoso queria pedir primeiro para levar alguma cousa, ainda que não fosse tanto; mas o invejoso para que não levasse nada, inventou uma cousa diabolica, pediu primeiro, e foi que lhe tirassem um olho, para que ao avarento lhe tirassem dois, conforme ao concerto que haviam feito, assi foi, e ficaram ambos castigados.

(Saraiva de Sousa, *Baculo pastoral*, t. I,  
p. 231.)

### 155. MINHA MÃE, CALÇOTES

Perto da cidade do Porto, onde chamam Paço de Sousa, havia um pobre homem que tinha seis crianças, entre filhos e filhas, de que alguns eram de dezeseite ou dezoito annos, e d'ali para baixo. E tendo-os derredor de si um serão, sobre ceia de borôa e castanhas, de redor do lume muito contentes, olhou pera elles, e viu-os taes, que o melhor arroupado, se tinha camisa não tinha pelote, e se pellote, sem mangas, e se mangas sem fralda, e todos descalços e sem barrete nem coyfas; assi que todos se cobriam com fato, que pera bem não bastava a hum, e esse muito velho e esfarrapado, que quasi não prestava. E vendo-os taes, disse á mulher :

—Ouis? lembre-vos amanhã, se nosso Senhor quizer, que peçaes a minha comadre Briolanja de Payva huma quarta de linhaça emprestada; semeal-a-hemos, e com ajuda de Deus, averemos linho, de que façamos no verão calçotes para estes cachôpos.

Os filhos, tanto que o ouviram, saltando no ar com muito prazer, diziam uns aos outros rindo :

—Ai, calçotes, mana! Ay calçotes!

Tanto riram e folgaram, estando ainda nús, que o pae disse :

—O dou ao demo a canalha, que, como se sentem vestidos não ha quem possa com elles.

(Trancoso, *Contos*, P. I, conto x. Ainda se repete na tradição popular do Porto.)

156.

## O REAL BEM GANHADO

Aconteceu que um domingo, estando um ermitão á porta da ermida, viu atravessar pelo campo um pobre lavrador carregado de rêdes e armadilhas, que a seu parecer ia armar aos passaros. O ermitão chegou a elle, e lhe perguntou de donde era e adonde ia; o qual respondeu:

—Sou de meia legua de donde estamos, e entendi hoje na estação que fez o cura, que o Espirito Santo deceu ao mundo em figura de pomba, e eu desêjo de o vêr e achar, e tomei estas rêdes emprestadas, e venho-as armar, e se o posso aver n'ellas, lhe ei de pedir que aja misericordia comigo, dando-me mantença para cada dia, que eu e minha mulher com pão e agua da fonte nos contentamos.

O bom do ermitão, visto isto, levou á ermida e deu-lhe quasi todas as offertas que aquelle dia avia recebido, e lhe disse:

—Irmão, tomae isto, comei vós e vossa mulher; mas é necessario que me digaes qual quereis mais—um real bem ganhado, ou cento mal ganhados?

O pobre homem tomou o pão, e com alegria se foi a sua casa, dizendo ao Ermitão que averia conselho com sua mulher, qual era melhor, e tornaria a dizer-lh'ò. E tornando a casa, comeram contentes, e ouveram conselho qual tomariam—um real bem ganhado ou cento mal ganhados; quizeram ambos de um accordo um real bem ganhado, antes do que cento mal ganhados, e com isto

tornou o pobre homem ao Ermitão a dizer-lh'o para que lh'o desse; o qual com muito contentamento, por vêr que soube escolher, lhe deu um real em dous meios, como ora se costumam, dizendo-lhe:

—Este é bem ganhado, com elle vos fará Deus mercê.

E assi se tornou o lavrador para casa contente; porém no caminho, antes de chegar a ella, achou dous cachopos que pegados um no outro em grande briga andavam, dando-se de punhadas e de cabeçadas, ensanguentadas as boccas de sangue, tão encarniçados em matar-se, sem repousar, que era magoa de vêr. E assi o pobre homem quando os viu, avendo dó de os vêr tratar de tal sorte no campo, d'onde se elle não passara, não podiam ser soccorridos, desejoso de os meter em paz, com caridade se meteu no meio a apartal-os, perguntando a causa da briga. E ainda que deixavam de se ferir, nem por isso nenhum queria desapegar do outro; mas estando assim pegados, disse um:

—Vêdes, ali n'aquelle chão jaz aquella pederneira, que é para ferir lume; eu a vi, e querendo-a tomar, este m'o impide, e a quer elle tomar.

O outro respondeu:

—Não he assi; mas eu a vi primeiro, e quero-a tomar, e tu queres-m'o tolher e tomal-a para ti.

Esta era a causa por que se feriam. O pobre homem vendo que entre elles não havia maneira de paz, porque cada um queria a pedra, e ella não era tão grande que bastasse para a partir, e por vel-os ambos em paz lhe disse:

—Filhos, rogo-vos que cesse vossa briga; tomae de mim este real que tenho; cada um leve seu meio real; deixae ora esta pedra, não seja o demo que vos faça fazer algum desmancho.

Os moços, visto o real, e rogo do bom homem, accetaram a paz, e cada um tomou seu meio real, deixando a pedra ao lavrador se foram contentes, e elle a tomou,

não por lhe parecer que teria valia, senão para testemunha, que quando dissesse que lhe dera o real por ella, fosse crido, e assi a levou todavia. Chegando achou sua mulher á porta, que o esperava, desejosa de vêr o real bem ganhado, que o marido havia de trazer. N'isto elle que chega, e mostrou-lhe a pedra que trazia, e disse-lhe o caso que acontecera. A mulher logo á primeira face teve desgosto por não vêr com seus olhos o real; tomando a pedra da mão ao marido, arremessando-a para dentro da casa, disse:

—Ah! que nem este real nos veiu ter á mão.

Por que os paes dos moços, que os viram escalavrados e souberam d'elles a briga e donde e sobre que fôra, e quem fizera a paz e como lhes dera um real, que elles sabiam que o pobre homem não tinha de seu, ambos juntos lh'o agradeceram muito, e cada um d'elles por si lh'o pagou com grande ventagem, e d'alli em diante lhe faziam muitas honras conhecidas, que mostravam ser feitas pelo amor com que lhe tirou os filhos do arroido e peleja que tinham.

Aconteceu que em este tempo passou por aquelle logar um fidalgo, que por mandado de elrey ia a outro reino por Embaixador, e levava consigo dez ou doze homens; e conveiu-lhe ficar ali uma noite em aquella aldeia, esperando certo recado da côrte. E ainda que para seu aposento lhe deram as melhores casas que avia no logar, não lhe bastaram, e foi necessario agasalhar alguns dos seus em outras casas, e agasalhando-se pela aldeia, coube a este homem um d'elles. Este homem, criado do Embaixador, depois de lançado na cama, sendo passado uma grande parte da noite, acordou e viu que a seu parecer avia resplendor na casa, que a tal hora da noite, conforme ao tempo não se permittia, e admirado, foi posto em confusão, d'onde aquillo podia proceder. E por saber o que era se ergue como sesudo, e mui quietamente se foi para onde via a claridade, e pouco a pouco,

indo para ella chegou donde estava a pedra. Tanto que chegou a ella e a viu, a tomou e a guardou; até que vindo o dia a viu melhor, e parecendo-lhe de grande preço, se foi ao senhor Embaixador, com quem elle vinha, e mostrando-lh'a lh'a deu, e disse donde a achára; e o senhor, vista a pedra, a estimou em muito, e mandou logo chamar o homem em cuja casa se achára, e perguntando-lhe donde a ouvera e de que lhe servia, e o bom do homem lhe disse:

— Senhor, não serve de nada; se vossa mercê a quer, tome-a, que eu folgarei muito d'isso, que um real me custou.

E contou-lhe como e de que maneira, assi como a historia atégora o contou; do qual o fidalgo se maravilhou, e teve para si, que pelo muito que vale o real bem ganhado, permittiu Deus que lhe deparasse aquella pedra áquelle homem. E o Embaixador metteu a mão em uma boeta, em que levava dinheiro para sua despeza, e tomando um punhado de moedas de ouro em que averia duzentos mil réis lhe deu, dizendo:

— Irmão, esta pedra já que m'a dais, eu a quero.

O pobre homem não queria tanto dinheiro, e a importunação do nobre fidalgo tomou, e se foi para sua casa com muita alegria dar conta a sua mulher; comprou herdades e chegou a ser chamado o rico homem, e elle o era.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte I, n.º XIII.)

157.

## O SEGREDO REVELADO

Um nobre cavalleiro, virtuoso e muito rico, o qual chegando por velhice á ultima hora da vida, chamou ante si um só filho que tinha:

— Rogo-te que pera minha consolação, antes que

morra me promettas de fazer o que te deixar por conselho; que segredo que revelar honra ou vida não no descubras a ninguém, porque se tu não guardas o que tanto te releva a ti proprio, como esperas que t'o guardará outra pessoa alguma? e n'isto de segredo te guarda principalmente de tua mulher, porque todas em geral são mudaveis, e por pouca cousa que lhe faças se póde enojar contra ti e descobrir-te o segredo.

Isto tudo o filho ouviu e entendeu, e aceitou de cumprir como o pay lhe pedia, promettendo-lhe sem falta. Mas para vêr que damno lhe podia vir de descobrir o segredo, logo propoz de descobrir algum que fosse fingido haver feito que não fizesse, para que se se descobrisse não fosse verdade, e podesse mostrar o contrario.

Andando um dia o Duque á caça, trasmontou-se-lhe um nebri que elle prezava muito, e tornando sem elle á cidade, fez apregoar que daria grande achado a quem lh'o desse. E porque nem assi appareceu, tornou a mandar pregoar que quem o encobrisse perdesse a fazenda e morresse morte natural; e a quem lh'o descobrisse e fizesse vir á mão do Duque, perdoava qualquer delicto que tivesse, ainda que fosse de morte. E nem assi o nebri appareceu, de que toda a terra estava espantada; e não parecia, porque cahiu dentro da quinta d'este mancebo, que estava perto da cidade, a qual, como era muito grande e elle achasse ali muitas aves, andou muitos dias sem saber d'elle, até que o mancebo foi um dia á quinta; andando passeando dentro, achou o nebri, e como sabia muito d'aquelle mister, o chamou e fez vir a si, e o levou a uma camara das casas da quinta, em que avia todo apparelho para a criação d'aquellas aves, e que não podesse fugir, deixando a bom recado. Guardou comsigo a chave da casa, que era muito grande, e elle e outros passaros que ali estavam tinham bem de que se manter, porque a casa era artificialmente para isso, e estava bem provida do necessario. E deixando o nebri a recadado,

matou o mancebo hum grande pavão, de muitos que ali se criavam, e cortados os pés, rabo, cabeça, o depennou e levou para sua casa; e tanto que chegou, disse a sua mulher:

—Senhora, o nebri do Duque foy ter á nossa quinta, e nos tem mortas muitas de nossas aves e em satisfação d'isso eu o matei, e o trago aqui depennado para que o ceemos, vós e eu.

Ella, tanto que o ouviu se agastou muito, e disse:

—Pesa-me muito d'isso, que melhor fôra trazer-lh'o vivo ao Duque; d'aqui vos digo que me fizestes pesar, e eu não cearei d'elle, nem á mesa em que se comer.

E assi, ainda que o marido a chamou e lhe mostrou o pavão, gabando-o, dizendo-lhe:

—Senhora, olhae como estava gordo este nebri; vinde comer d'elle, que é tal como um gordo pavão.

Ella o não quiz vêr, nem aquella noite ceou com o marido, nem sem elle, tanto se entristeceu. Porém, passada esta noite, de ali por diante quando fallava com o marido parecia que era com uma isentidão sobeja, menos recolheita e mais despejada que d'antes, menos cortez e humilde do que sohia e por cima do hombro; no que tudo o marido attentou, tendo para si que já ella cuidava que lhe tinha o pé no pescoço em lhe saber o segredo do nebri, que na verdade estava vivo, e elle o visitava cada dia para lhe pròver o que fosse necessario; e a mulher cuidava que o pavão que o marido ceou, como ouvistes, era verdadeiramente o nebri, como elle disse.

E o mancebo, deseioso de chegar ao cabo com tudo, uma tarde entrando pela porta sobre:

—Porque não está a mesa posta? que fazeis á janella? (Cousa que nunca elle perguntava, nem n'isso entendia.)

Ella lhe respondeu isenta:

—Que quereis vós agora para isso? (com um menosprezo no marido, e gravidade n'ella, que elle não quiz

soffrer; e ali lhe deu uma grande bofetada; pelo que ella, pósta em cabello, gritando muito rijo, disse:

— Isso mereço eu, falso traidor? porque ha mais de seis dias que calo e encubro tua maldade, que matastes o nebri do senhor Duque, e o comestes por lhe dar desgosto, e não porque te faltavam a ti aves prezadas que comer.

Como isto foi dito a grandes brados na praça, por para pouco se teve o que mais tardou em dizel-o ao Duque, temendo que se o não descobrisse cairia em sua desgraça. O Duque tanto que o soube o mandou prender, e sem nenhuma misericordia, visto o testemunho da mulher e dos servidores e gente de sua casa, que todos affirmaram vêr-lhe trazer o nebri morto e mandal-o assar, e que o ceiara uma noite, foi por sentença mandado degolar na praça da cidade, e que perdesse sua direita parte dos bens que tinha para a corôa, conforme estava apregoado. E tirando-o da cadeia para se executar n'elle a justiça, a este tempo tinha o mancebo junto comsigo um virtuoso padre religioso a quem tinha dado conta do caso todo como passava assi como a historia o tem contado, que ouvindo-o, logo se ergueu em pé, e disse alto a todos que o ouviram:

— Este homem é julgado por falsa informação, e não é a sentença dada justamente; esperai, que eu irei fallar ao Duque, e será de outra maneira.

E assi foy e contou a sua Senhoria toda a historia passada do rogo do velho pae a seu filho até o estado em que estava, por vêr o segredo que sua mulher lhe tinha, no que fingidamente lhe dissera pera a provar. Que sua Senhoria mandasse pelo nebri á quinta, que elle lhe descobrira quê era vivo e estava ali; e para mais certeza, que tomasse aquella chave e o mandasse tirar, e que se lembrasse que conforme ao pregão que mandou dar, por esto feito de lhe descobrir o nebri e fazer-lh'o aver era perdoado. Porém que elle o não pedia senão, que se to-

davia o quizesse mandar matar, que dissesse o pregão, —que morria por não ser obediente a seu pae, nem tomar seu conselho.

E o Duque, visto isto e entendendo a verdade do caso mandou que fosse solto e perdoado da culpa que teve, e que soffresse o desgosto de ter sempre sua mulher consigo, sem nunca pelo passado lhe dar remoque, nem fazer aggravo, porque visto o que succedera estava arrependida do que fizera, e que em tudo d'ali por diante guardasse os conselhos de seu pae, assi como lh'os prometteu guardar.

(Trancoso, *Contos*, Parté I, n.º XI.)

## 158. A PROVA DAS LARANJAS

Um tabalião foi de publico e judicial em um logar de Senhorio, e chegando a idade que não podia servir o officio, pediu ao senhor da terra, que lhe fizesse mercê d'elle para um filho, que tinha tres já homens, e que cada um d'elles era sufficiente para o servir. E o senhor, por lhe fazer mercê, disse que lhe aprazia, porém, que queria vêr os mancebos um por um, para vêr qual seria melhor empregado, e que assi o daria.

O velho folgou d'isso, e mandou primeiro o mais velho, que apresentando-se ante o senhor, lhe disse que elle era o filho do tabalião; que sua senhoria mandara vir ante si para lhe fazer mercê do officio de seu pae, se lhe parecesse, para o servir n'elle. A este tempo o Senhor tinha na sua sala uma bacia grande, cheia de agua, e estavam n'ella laranjas, a saber, quatro inteiras e sete partidas pelo meio, com o agro para baixo, e o pé ou o olho para cima, que ao parecer de quem não no attentara bem pareciam todas inteiras. E tanto que o mancebo deu o recado, lhe respondeu o Senhor que logo o averia,

quasi fingido esperava por outra pessoa, e como que não fosse aquillo do caso proprio, lhe disse:

— Entrementes, vêde que laranjas estão ali fóra n'aquella bacia.

O mancebo olhou, e vendo as quatorze metades, que cuidou que eram inteiras, e as quatro inteiras tudo, em lançando-lhe os olhos sómente, disse:

— Senhor, são duzia e meia de laranjas. Que, na verdade, como estavam sobre a agua assi o pareciam; e o Senhor disse:

— Dizei a vosso pae, que mande cá outro filho (o qual veiu).

E aconteceu-lhe da mesma maneira que ao primeiro, que tambem disse que as laranjas eram dezoito, como o pareciam. E o Senhor mandou vir o terceiro, o qual vinha desgostoso, porque já sabia a pergunta, e não sabia que responder. E todavia chegando, o Senhor lhe mandou que visse as laranjas que estavam n'aquella bacia, como dissera aos outros; e elle saindo fóra, chamou dois homens da casa, que andavam passeando na sala, e disse-lhes:

— Senhores, o Duque manda saber as laranjas que estão n'esta bacia; sêde presentes por que sejaes testemunhas do que achar.

E assi, tirou as laranjas fóra, e viu elle e elles que eram as quatorze metades e as quatro inteiras; e metteu a mão na agua e viu que não havia lá outra cousa, e assi fez que o vissem aquelles dois homens que alli estavam. E visto isto, tirou papel e escrivanhinha que levava consigo e fez auto do que alli se achou, e nomeou n'elle os dois homens que foram testemunhas e o assignaram, e com isto tornou ao senhor, que visto lhe pareceu bem a diligencia que fizera, e disse-lhe:

— Vós o fizestes como official, e não como os outros, que sem vêr o que era disseram o que lhes pareceu.

E logo mandou que mandasse fazer a carta do officio,

que lhe fazia mercê d'elle, porque escreveu o que viu e palpou, que assi é necessario fazer-se para dar fé verdadeira.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte I  
n.º XIV.)

159.

## OS DOIS IRMÃOS

Um velho rico tinha dois filhos, e porque o maior que tinha carrego da administração da fazenda se casou sem licença, o lançou fóra de casa, tirando-lhe a posse e mando que n'ella tinha, e além d'isto lhe cobrou odio mortal com desejo de o empécer; e para o poder fazer ao menos na fazenda, imaginava sempre como per sua morte o deixasse desherdado e dêsse tudo ao outro filho menor. E achou que o faria, deixando de acabar umas casas sumptuosas que tinha começadas no melhor da cidade, as quaes estavam já galgadas as paredes para lhe lançar o primeiro sobrado; e isto porque o que avia de gastar n'ellas ficasse em dinheiro na mão do filho menor quando elle lh'o quizesse dar. E passados annos, o velho presevêrando em sua contumacia, não quiz perdoar o filho nem lhe quiz mais vêr o rosto. E com este rancor morreu e deixou grande fazenda em dinheiro, ouro e prata ao segundo filho, dando-lhe na mão, porque não dêsse d'ali parte ao outro, ao qual elle desherdára, de todo se perdera. Coube ao maior tão pouco, que não houve bem para se vestir de dó elle e seus filhos, que, como havia dias que era casado, tinha quatro crianças, e assi ficou pobre e cercado de trabalhos e muita necessidade, que, vendô-se o mais velho em tanta miseria foi ao irmão, e com lagrimas lhe disse:

— Irmão, bem sabes e vês minha necessidade e pobreza; rogo-te que me dês estes principios de casas que

meu pae deixou de acabar, porque alimpadas com meu trabalho e de minha mulher e filhos, as possa cobrir de trouxa e agasalhar-me dentro; que ellas a ti não te aproveitam, nem as estimas, e estão em esterqueira do concelho, feitas pardieiro; ellas estão galgadas de maneira que sem lhe acrescentar parede, ali as cobrirei do que puder, e n'isto me farás grande esmola.

O irmão menor vendo a necessidade de seu irmão, e como dizem, porque o sangue não se roga, entregou-lhe as casas, e fez-lhe d'ellas sua carta de doação livre e desembargada.

Passados annos o irmão menor veio a casar, e porque a quem tem muito lhe dão mais, deram-lhe grande dote com uma mulher tão cobiçosa da fazenda, que o muito que tinha lhe parecia nada, e o pouco alheio cuidava que era muito e o queria e cobiçava para si. E d'esta maneira, indo um dia a visitar a mulher do cunhado, irmão de seu marido, viu o principio e entrada da casa e o portal de pedraria que mostrava demandar mais agua, que ser logo em cima coberta de trouxa como estava, e cobiçosa de aver aquelle assento e fazer n'elle casas para sua morada custosas e ricas, sem fazer ali muita tardança veio ao marido e disse-lhe—que comprasse aquelle assento a seu irmão, dando-lhe por elle com que pudesse aver casas pera si em outra parte. E elle lhe respondeu:—que o não faria, porque elle lh'o dera feito pardieiro, que não era razão pedir-lh'o agora que o tinha limpo, ainda que fosse por compra.

Quando ella isto ouviu, ali foi a grita, que em toda a vizinhança se ouviu seu brado, dizendo:—que folgava muito de saber que elle lh'o tinha dado, porque já agora não dizia ella por dinheiro, mas sem elle lh'o avia de dar, e se não fosse em paz e por bem, seria por justiça. E dava logo esta razão:

—Se vós lh'o destes solteiro ereis menor; e se lh'o destes em casado, a dada não vale, que eu não consinto.

E isto dizia tão menencoria e pelejando, que o marido não tinha mesa nem cama sem arroido. E assi fez tanto, que por ter paz o marido citou a seu irmão, pedindo-lhe as casas que lhe dera; e processado o feito, que correndo seus termos ordinarios sahiu por sentença a doação por boa. E assi foi a propriedade julgada ao pobre; porém, a mulher do rico mal contente, fez agravar da sentença e seguir o feito até mór alçada, e assi foi á Supplicação, que então estava na cidade de Evora. E partindo de Lisboa, o rico ia a cavallo e com grande cevadeira, e o pobre a pé com dous pães e quatro cebollas no capello; e assi caminharam pera aver final sentença. Indo assi caminhando pera Evora, foram pousar huma noite na Landeyra em casa de um vendeiro, que avia dezoito annos que era casado e nunca tivera filho nem filha; e estava rico e contente, porque a este tempo tinha a mulher prenhe, quasi em dias de parir. E por ser muito conhecido do rico o agasalhou e poz grande mesa, dando-lhe de ceiar o melhor que elle pôde e tinha; assi se pozeram a ceiar com grande festa, fazendo assentar á mesa a mulher do vendeiro pera qué como prenhe tomasse de cada cousa um bocado. E o pobre homem, sem dizer que era irmão do rico, se assentou derredor do lume, e poz no borrhô a assar uma cebolla para sua ceia, que assada a ceou com seu pão e agua. Esta mulher prenhe ainda que estava á mesa com o marido e hospede, onde tinham bem que cear, e recebiam gosto de lhe dar o que ella pedia por que não perigasse, não lhe pareceu bem nada do que ali avia, nem lhe prestava coisa que comesse, cheirando-lhe a cebolla, que se assava, que morria por ir comer d'ella, e com vergonha do hospede não se erguia da meza, tomou-lhe tal desmaio que cahiu no chão, e como a criança era já grande a boa mulher com grande trabalho moveu aquella noite antes de muitas horas com muito pesar e dôr do marido, o qual, inquietando da mulher se desejára alguma cousa, tanto que

ella lhe disse que da cebolla assada que aquelle homem ceíara, se foi a elle com grande ira, que o queria matar a punhadas, e sem falta o fizera, se o irmão o não escusára, dizendo:

—Eu vou com elle em demanda á côrte; se vos parece que vos tem culpa e é caso de o matar, como queres, hi commigo e accusae-o, e lá vos farão justiça.

Tanto que veiu a manhã, determinou o vendeiro ir accusal-o á côrte. E assi como o rico se poz a cavallo, partiram ambos para a cidade de Evora donde o vendeiro pretendia fazer enforcar aquelle pobre homem. E assi caminharam os dous a cavallo, e o pobre a pé; chovia, e avia chovido toda a noite passada, de maneira que o caminho tinha a logares lamas e atoleiros, porque era tempo de inverno. A esta conjuncção achou no proprio caminho um homem, que com uma azemela estava metido no olho de um grande lamarão de barro, tão pesado que não podia sahir, nem valer-se a si, nem á azemela, e ainda que bradou pelos que passavam a cavallo, nenhum quiz accudir. Até que chegou este pobre homem que caminhava a pé, e com muito mais trabalho que todos e de feito o ajudou com vontade a livrar d'aquella affronta; e fez de maneira com que, tirando o homem da pressa de sua pessoa, buscaram ambos mata que lançar aderedor da azemela para poder chegar a ella sem atollar. Trabalhou tanto o pobre homem n'isto, tirando a vezes pelos pés e mãos, e outras pelo cabresto e rabo, com a força que elle poz lhe ficaram nas mãos tantas sedas do rabo da azemela, que lhe davam grande fealdade. O dono, tanto que viu o defeito da azemela veiu a grandes brados com o pobre, dizendo que acinte lhe arrancára o rabo, e que lhe avia de pagar por justiça o defeito, e que sobre isso iria á côrte; e assi indo alcançou os outros que iam diante na primeira venda donde estavam pouçados e lhe fez queixume do pobre que vinha a pé, muito triste de se vêr com tantos desastres como lhe aconteciam sem

elle ter culpa; e porque não acontecessem mais, não quiz pousar n'aquella venda, mas só se poz ao caminho e chegou a Évora a tempo que já lá estavam. E considerando o pobre como avia de parecer com trez demandas diante do Regedor, assentou que era melhor matar-se elle mesmo a si, que vêr-se em poder de seus inimigos, e logo o poz por obra d'esta maneira. Subindo pela escada do muro da cidade, foi acima até chegar ás ameias da torre que está sobre a porta, e deixando-se cahir da torre abaixo para a banda de fóra. Ora, aquella manhã, depois de tanta chuva, tinha amanhecido o dia bom e muito fermoso; um velho que estava entrevado doente e morava ali perto, por gosar o sol d'este dia se fez levar ao soalheiro ao pé do muro, por ali aquecer e ter refrigerio de vêr e fallar com alguns conhecentes que passavam; e assi pouco depois d'elle assentado em uma cadeira, vêdes, vem de cima do muro pelos ares aquelle homem, que desesperado por se vêr com tanta demanda se lançou desejoso de receber a morte, o qual veiu directamente dar sobre o desditoso velho, morreu, e o pobre homem que desejava morrer não recebeu nenhum damno da queda, que foi toda em cheio sobre o velho. Ao qual logo acudiram dois filhos que tinha, e achando-o morto lançaram mão do matador e preso o levaram ante o Regedor. Porém atravessando com elle pela praça, foi visto do irmão e dos outros dois contrarios, que o estavam aguardando; tomou o irmão a dianteira, e o vendeiro tambem queria dizer seu queixume e o da azemela o mesmo, de maneira que cada um se atravessava por fallar, nam deixando dizer ao outro. Tanta briga tiveram entre si, que o Regedor olhou n'isso e logo n'aquelle instante propoz em si, que se achasse da parte do pobre alguma coisa com que por direito o podesse favorecer, que o faria de boa vontade. E disse:

— Que as pessoas que tinham que dizer contra aquelle homem dissessem um a um, começando primeiro quem

primeiro teve a differença; e assi cada um per sua ordem.

Pelo qual o irmão foi o primeiro, que lhe pediu as casas fundando-se nas razões já ditas; ao qual respondeu o pobre com a verdade do caso como passava. O Regedor disse:

—Eu mando que este fique com as casas como estão julgadas, e que vós que sabeis que lh'as pedis mal e com malicia insistis n'isso, lhe pagueis a elle duzentos mil réis.

E logo foi por elles preso, e não foi solto até pagar. Concluido este veio o vendeiro, dizendo que lhe fizera mover a molher; ao qual respondeu o pobre com a verdade, contando como passára. E o Regedor visto o caso julgou ao pobre por sem culpa, e que o vendeiro pela affronta em que o puzera e em emenda do damno que lhe fez em sua casa dando n'elle, lhe pagasse cincoenta cruzados. E logo veio o da azemela, pedindo que maliciosamente pegára no rabo d'aquella alimaria e lh'o arrancára; o qual era muito defeito e grande fealdade, que lhe mandasse pagar o que fosse avaliado. Ao que foi respondido pelo pobre, dizendo que o ajudára a sahir do atoleiro; ouvido pelo Regedor e vista a ingratição foi julgado por elle que a azemela ficasse em poder do pobre tanto tempo até que lhe nascesse o rabo, e se servisse d'ella, e se o dono apellasse d'isso pagasse cincoenta cruzados. Isto concluido, os filhos do velho que estava morto, alcançaram as vozes pedindo justiça.

—Este matou; o matador morra por isso que assi é justo.

O Regedor quiz saber o caso meudamente, e ouviu ao pobre como e porque se lançára do muro abaixo. O que tudo visto mandou que aquelle homem accusado fosse assentado na cadeira em que estava o velho quando morreu, e o accusador se subisse ao muro e se lançasse d'elle abaixo como o outro fez e assi cahisse sobre elle e

o matasse, que d'esta maneira o matador pagaria como peccou; e se não quizessem aceitar isto, que pagassem ao pobre pela affronta em que o puzeram cincoenta cruzados.

Os filhos do velho, visto que podia ser deitando-se do muro errar o golpe e não lhe fazer damno, e o que se lançasse corria muito risco de perigar, davam brados, e foram logo reteudos e ouveram por bem de pagar os cincoenta cruzados, antes que aventurar a vida. E assi o homem accusado ficou livre e com muito dinheiro com que se tornou para Lisboa na azemela, que lhe julgaram.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte I, conto XV.)

160.

## DOM SIMÃO

Deu um principe poderoso uma Commenda grande de muita renda a um fidalgo nobre, que além de a ter ganhada em Africa, segundo costume, elle a merecia por sua virtuosa condição e bons costumes. Pareceu-lhe a ElRey que Dom Simão era caçador e tinha muitos galgos e outros cães, e se indignou tanto contra o fidalgo e determinou destruil-o ou matal-o; e assi com supita menencoria, fez fazer prestes e cavalgou aforrado, e em cinco dias foi ter á Commenda donde o bom Commendador estava, bem fóra de cuidar a menencoria que el Rey trazia contra elle. E tanto que el Rey chegou, foi o Commendador para lhe beijar a mão, mas el Rey lhe mostrou no rosto a má vontade que lhe trazia, e o apartou logo, e disse-lhe :

— Eu tenho informações dos males que fazeis, os quaes determino castigar, e hade ser em todo caso amenhã; salvo se em amanhecendo me responderdes a tres

cousas que agora vos quero perguntar, e acertando em todas terei para mim que acertaes no que fazeis, e se não, sois condemnado á morte.

Muito lhe pesou ao Commendador em ouvir isto, e quizera saber as culpas que lhe punham e desculpar-se d'ellas; porém el Rey o não quiz escutar, mas disse-lhe:

—Pela menhã mui cedo vinde-me aqui dizer: Em que logar do mundo é o meio d'elle? e Quanto ha de altura da terra ao ceu? e Que está imaginando o meu coração n'aquelle momento que vós me responderdes? E sem estas repostas e certas, não pareçais ante mim, nem me faleis.

E sem o querer ouvir se recolheu a uma camara a cear e dormir, e o Commendador ficou agastado imaginando no caso sem saber porque estava el Rey menencorio d'elle, nem entendia o que havia de responder a suas perguntas, e quando lhe representava a imaginação que se fosse, em tal caso tinha mór pena. E com isto se saiu a passear pola porta d'aquella sua casa, em a qual estava por hortelão um virtuoso homem, que na idade, filosomia do rosto e fala parecia muito ao Commendador, e differenciava no trage sómente, que algumas vezes querendo por passatempo fazer festa, se vistia o hortelão roupas do Senhor, levemente se enganavam os creados da casa. E andando assi passeando foi vista sua tristeza pelo hortelão, que era virtuoso e de boa criação, e foi-se ao senhor, ao qual affincadamente pediu por mercè que lhe desse conta de sua paixão, que poderia ser que por seu meio lhe daria algum remedio. O senhor que sabia, que este hortelão era homem de muita habilidade e saber, lhe contou o caso todo como passava com el Rey. O hortelão que era muito sisudo:

—Senhor, tudo se remediará com uma cousa; o que he necessario fazer para remedio da affronta em que estamos, é que dispaes essas roupas e vistaes estas mi-nhas, e eu fingirei ser vós e irei ter com el Rey, que já

tenho cuidado tudo o que heide dizer e fazer para livrar a vossa vida e a minha da affronta presente.

E isto foi feito com tanto segredo e resguardo, que ninguem na casa o soube nem suspeitou. E o fingido Commendador começou passear á porta da camara donde el Rey dormia, e tanto que sentira estava vestido, lhe mandou recado, estava ali para lhe dar a reposta do que sua alteza perguntara hontem. El Rey folgou d'isso, e sahiu para fóra a hum corredor que ali se fazia, que ia ter sobre a horta, e postos ali ambos disse o hortelão fingindo ser o Commendador :

— Hontem perguntou vossa alteza tres perguntas a que respondendo digo : que quanto á primeira, que é— D'onde está o meyo do mundo? lhe affirmo que está ali. (E lançando mão de um arremessão de murtos que n'aquelle corredor estavam o pregou na horta fazendo com elle fermoso tiro.) E para provar isto digo, que o mundo é redondo, e ninguem diz o contrario, e sendo tal como é, em qualquer parte é o meio d'elle, como se pode ver em uma bola redonda, a qual donde lhe puzerem o dedo é o meio d'ella. Está vossa alteza n'isto satisfeito?

El Rey disse :

— Dizei das outras !

E elle respondeu :

A segunda pergunta é — Quanto ha d'aqui da terra ao céo? Saiba vossa alteza que isto tem medida egual e é uma vista de olhos. Abaixei os olhos ao chão, e logo levantando-os ao céo, que com uma só medida chegam, que é como digo, uma vista de olhos.

El Rey lhe disse :

— Bem respondestes; livre estaes das duas; porém a terceira, tenho para mi, que nunca acertareis.

E elle lhe disse :

— A essa, melhor; porque a terceira é que heide dizer, que é o que vossa alteza cuida no seu coração a esta hora de agora? E porque isto não tem outro juiz senão

elle mesmo, eu lhe peço que o queira ser justo como o é em tudo o mais, e respondendo, digo: que está vossa alteza com todo seu coração cuidando que está falando com Dom Simão o Commendador, e fala com seu hortelão, que eu não sou elle. E se o quer vêr vestido com minhas roupas, está dando esmola aos pobres que mantêm cada dia n'esta commenda.

El Rey vendo a habilidade d'este homem, e que em tudo dissera bem, quiz saber d'elle com juramento a vida do Commendador e seu exercicio; folgou muito de saber e despedindo-se do Commendador lhe mandou dar das rendas da coroa dois mil cruzados cada anno. E ao hortelão dava el Rey carregos honrosos na côrte, porque andasse n'ella, o que elle não acceitou por servir a seu senhor, que lh'o agradeceu e pagou, tratando-o d'ali por diante como a irmão carnal.

(Trancoso, *Contos e Historias*, P. I, conto XVII.)

161.

## OS TREZ CONSELHOS

A casa de um sabio letrado chegou um mancebo de dezouto ou vinte annos e lhe disse:

—Meu pae, antes de sua morte me deu cento e cincoenta cruzados e me mandou que buscasse n'esta terra tres doctos varões, a quem desse cincoenta a cada um, e lhe pedisse por mercê que cada um me desse seu conselho d'aquillo que me pertencia fazer para bom governo de minha pessoa e vida. Eu tenho já escolhidos os letrados, e vossa mercê é o primeiro; sirva-se d'estes cincoenta cruzados.

E deu-lh'os logo em dinheiro, que o letrado tomou, e estudando sobre o caso, passados outo dias lhe respondeu:

— Assentae vivenda com algum senhor, e qualquer que fôr aquelle que vos acceitar honrae-o e servi-o com verdade e lealdade.

Despedido d'este letrado se foi a outro, e com as mesmas palavras que disse ao primeiro, lhe pediu seu conselho, declarando o conselho que já trazia, e lhe deu cincoenta cruzados, que o letrado tomou. E estando como o caso requeria, a cabo de outo dias, respondendo-lhe disse:

— Filho, presuposto, que aveis de ser tal qual o douto varão vos aconselhou, vos digo mais: Quando fordes poderoso, sêde misericordioso, não façaes com rigor tudo o que poderdes ainda que seja justiça. E sendo misericordioso no que fizerdes, sereis bem quisto de todos, tereis amigos, que em alguma necessidade, se a tiverdes, vos serão bons, e isto guardae sem falta.

E o mancebo se foi ao terceiro letrado, ao qual contou os conselhos dos dous que já ouvistes, dando-lhe os cincoenta cruzados, que acceitou; e estudando sobre o caso, conforme aos outros respondeu aos outo dias, e disse:

— Pois daes vosso dinheiro por conselhos, usae d'elles, que vos vae a vida em guardal-os. E alem d'elles digo, que se os amigos a que fizerdes bem vos agasalharem, acceitae seu gasalhado, e quando caminhardes andae de dia, não andeis de noite, ainda que seja uma pequena jornada; mas deixae-a pola menhã, que vos vae n'isto muito.

Estes foram os tres conselhos que os sabios deram a este mancebo, que se foi logo assentar vida com um senhor cidadão d'aquella cidade, ao qual sempre foi leal e sem lisonja como lhe foi aconselhado. Aconteceu, que vindo el Rey áquella terra, quiz este senhor por fruta nova (que então o era) mandar-lhe alguns figos, que os tinha, em certas figueiras temporãs muito boas; e mandou a ellas tres pagens, cada um com seu açafate, que os enchessem de figos, encommendo-lhes a limpeza

e bom tratamento d'elles, porque eram para levar a El-Rey. Dos quaes pagens era este mancebo um d'elles; e um dos outros, tanto que subiu na figueira, desejoso de comer dos figos se poz a isso comendo os melhores que achava. O outro pagem poz-se a encher seu açafate, tendo o olho emquanto lhe vinha ter á mão algum muito fermoso que lhe contentava mais, este comia. Este nosso pagem de que tratamos, tanto que trepou na figueira, com grande deligencia buscou como encher seu açafate de muitos bons figos limpos e maduros, tendo diante dos olhos que este era o gosto de seu senhor, que os havia de mandar a elrey. Todos os tres açafates foram bem recebidos, e logo se viu a ventagem que o d'este pagem tinha ao soutros, e foi descoberto o caso que aconteceu no apanhar, pelo que o mestre-sala delrey o pediu áquelle cidadão com quem estava, o qual pelo aproveitar lh'o deu, e o moço se soube dar tal manha em seu serviço e com tanta verdade, que elrey de o saber e de que vêr levou muito gosto e não queria ser servido por outrem senão por elle, quando o mestre-sala era ausente.

Mandou elrey para fóra do reino ao mestre-sala com um carrego honroso, e mandou que até elle tornar servisse em seu carrego aquelle mancebo, o qual o fez, tendo tão boa ordem no serviço do officio, que elRey estava muito satisfeito. E tanto que vindo novas que era morto o mestre-sala d'onde fôra, a este deu o officio, e foi tal, que mereceu que elrei o fizesse mordomo da casa da rainha. E querendo ir aforrado visitar seu reino, e prover algumas coisas d'elle, o deixou onde ficava a rainha, servindo-a n'este cargo em que esteve até que elrey tornou. Como nunca faltam mãos, foi este mordomo-mór mexericado com elrey, de maneira que com falsas informações o indignaram tanto contra elle, que sendo como era muito leal, affirmaram contra sua pessoa que era trêdor, e isto dito por palavra e per pessoa, que elrey creu que seria verdade. E porque de todos era bemquisto,

não quiz elrei na côrte fazer justiça d'elle, nem descobrir seus delictos; mas chamando-o ante si lhe disse:

— Esta carta não se fia de outra pessoa senão de vós; pelo qual com diligencia caminhando o mais que poderdes, a levae a foão, que está na raia d'este reino, em tal fortaleza, e dae-lh'a, e vêde como e de que sorte tem a guarda d'aquelle castello.

E logo lhe deu uma carta sellada com o sêllo real, que o mordomo tomou como leal criado; e visto o mandado delrey, partiu logo para a fortaleza por jornadas que já levava ordenadas da côrte, em que o terceiro dia avia de ir dormir áquelle castello. Porém, uma legoa antes de chegar a elle, se achou com o cavallo quasi desferrado de todo. E porque isto era passando pelo meio de uma boa povoação, quiz repouisar sua cavalgada, e ouvindo trabalhar um ferrador, foi-se para aquella parte; mas antes que chegasse, lhe sahiu ao encontro um homem preto, alto de corpo, ladino, e lhe disse:

— Senhor, boa seja a vinda de vossa mercê; em verdade este é um alegre dia para mi; apeie-se, repousará aqui esta noite.

E poz-se a ferrar o cavallo, o qual fez com muito primor e graça, e feito disse:

— Senhor, conheci-me, que tenho muita razão de vos servir, e fazei-me mercê que entreis n'esta casa, que é vossa.

E o mordomo attentando por elle, pareceu-lhe que já o vira. E n'estas detenças estiveram algum pequeno espaço, que lhe pareceu ao mordomo que devia de ficar ali, porque o preto se lhe deu a conhecer e era amigo que já recebera honras d'elle, e conforme ao terceiro conselho, não havia de passar adiante, e assi o fez com intenção de se erguer muito cedo e amanhecer na fortaleza. Cearam todos com contentamento, e sobre mesa lhe disse como ia áquelle castello não a mais que a dar aquella carta del rey ao capitão, que devia importar,

pois elrey a não fiára d'outrem senão d'elle, a qual mostrou, e poz debaixo da cabeceira. Duas horas ante menhã, o preto se ergueu de sua cama, e tomando mansamente a carta da cabeceira ao mordomo, a bom recado caminhou, e ante menhã elle estava batendo á porta da fortaleza.

Tanto que o capitão abriu a carta, sem outra detença o mandou enforcar de uma amêa. Ora o mordomo-mór, tanto que foy menhã se ergueu, mas quando não achou a carta ficou agastado, e partiu a todo o galope. E em chegando á vista da fortaleza viu o preto enforcado da amêa, que lhe dava já o sol, logo presumiu que aquillo devia ser recado da carta, e estava comsigo pensativo que faria. Todavia com a furia que o cavallo levava chegou á porta, e chamou, e porque foi logo conhecido dos de dentro lhe foi logo aberta; o mordomo-mór tomou a carta, e viu que era a que ella trazia; leu-a, que dizia assi: «Capitão, tanto que esta receberdes enforcae o portador.» E estava escripta da propria letra de elrey, assinada e selada, de que o mordomo-mór ficou espantado. Determinou tornar diante de elrey com a propria carta. Chegou ao paço a horas que elrey acabava de jantar, e se recolhia a uma camara a repousar. Entrou e posto em giolhos, disse:

— Senhor, não sei que supito accidente pode tanto com vossa alteza, que sem ser ouvido me mandasse matar tão cruelmente; minha innocencia me livrou.

E com breves palavras lhe contou como, e disse:

— Porém se vossa alteza tem culpas de mi, aqui estou, faça justiça, mande vir diante de mi quem me accusa. E se me faz mercê que eu seja ouvido, saiba que antes de vir a casa de meu primeiro senhor, dei cento e cincoenta cruzados que tinha, a trez sabios por trez conselhos que até hoje guardei. E do primeiro, que era ser sempre leal, como o fui, resultou que subi a mais do que merecia, nem esperava, como é chegar a servir de mor-

domo-mór da rainha. E n'este tempo que a servia, sendo vossa magestade ausente, senti que um escravo de casa sahiu do paço com certas peças ricas, que me pareceu levava de mau titulo; tomei-lh'as, e por não infamar a pessoa que as devera guardar, ou quem lh'as deu para as vender, dissimulei o caso, forrei o escravo, e mandei-o fóra do paço, dando-lhe dinheiro para o caminho; no que tudo usei do segundo conselho, que era — ser misericordioso quando fosse poderoso. Agora levando a carta que vossa alteza me mandou, achei-me a uma legua da fortaleza com o cavallo desferrado; conheceu-me aquelle escravo, que com o dinheiro que lhe dei aprendera a ferrador, e estava ali casado, e quando me viu ferrou-me o cavallo, mostrando e fazendo-me muito gazarlhado me importunou que pousasse com elle aquella noite, o qual eu acceitei por guardar o terceiro conselho, que era tomar pousada com sol. O preto por me pagar, sem eu o saber me tomou a carta da cabeceira, porque lhe disse que a levava áquelle capitão, e de madrugada partiu de sua casa e a levou; d'onde resultou que conforme ao que n'ella dizia elle padeceu. Póde ser que quem tinha culpa das peças que digo, quando achou que não parecia o negro, temendo ser descoberto de mi, quiz com minha morte innocente segurar a vida maliciosa pondo-me algum falso testemunho.

ElRey ouvindo isto pasmou e fez vir ante si quem o accusava, o qual a poucas perguntas confessou ser elle culpado em delictos que cuidava o mordomo-mór sabia, e por escapar lhe alevantou tudo o que contra elle se disse a elrei. ElRey o poz em justiça e por ella foi condemnado á morte, que logo se executou. E assim pagaram elle e o negro como malfeitores, e escapou o innocente mordomo.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte I, n.º XVIII.)

## 162. QUANTO VALE A BOA SOGRA

Uma nobre dona deu a um mancebo que ia para Indias de Castella, uma beatilha, muito fina, que lh'a levasse de encomenda, dizendo, que lhe rogava que a vendesse pelo mais que pudesse, e partiriam ambos o dinheiro. E o mancebo, não por cobiça do ganho, mas por fazer bem á viuva, que tinha uma filha virtuosa que manter, a guardou e levou a recado. Perderam os portuguezes toda a mercadoria que levavam, e de nojo morreram quasi todos antes de vinte dias; porém como não perdiam a roupa de seu corpo, houve este mancebo o caixão da roupa de linho, donde metera a beatilha, e como se viu solto determinou por misericordia pedir a fazenda que perdera, e para se lhe fazer n'isto favor teve maneira como mandou aquella beatilha rica de presente á molher do Justica Mayor d'aquella terra. E ella tanto que a viu a acceitou, e desde logo trabalhou com o marido todo o que pode para que desse' a fazenda áquelle homem. E assi lhe deram cinco vezes mais do que lhe tomaram, e vendeu tão bem o que lhe ficou na roupa de linho, que fez grande fazenda, e tudo feito em pedaços de ouro, veio a Portugal riquissimo.

Estando este mancebo já repousado em sua casa, disse-lhe um dia a sua propria mãe:

— Filho, se fizeste algum dinheiro da beatilha da visinha, rogo-vos que o mandeis a sua filha, que ficou orfã.

E elle vendo isto, e tendo diante dos olhos que tudo o que trouxe lhe veio de apresentar a beatilha como presentou, tomou cincoenta cruzados em ouro e deu-os á mãe:

— Dizei-lhe que tome isto por então.

Assi lh'os mandou, e isto fez por quatro vezes; e a mãe, vendo que elle tinha já dado tanto dinheiro, e que lhe parecia não ter satisfeito, lhe disse:

— Filho, se vós tanto lhe deveis, que com o que lhe tendes dado não vos parece que pagaes, fazei o que vos eu disser, que eu vos rogo que caseis com ella, e que verdadeiramente por sua pessoa o merece.

O mancebo ouvindo isto de sua mãe, acceitou o casamento, que se logo tratou. Foram desposados e a seu tempo recebidos, porém como diz o rifão, *que a orfã não gosa nem o dia da sua boda*, assim aconteceu a esta, que o dia que os receberam, azevieiros defamadores vinham da igreja detraz d'elles murmurando do noivo porque se casára com aquella que sua mãe a vendera primeiro. E isto diziam tam desavergonhadamente, que deram occasião a que o noivo o ouvisse. Porém, des então lhe ficou um rencor no coração, e tam grande menencoria consigo, que se não podia consolar, tendo-a tambem contra sua mãe. E assi despedida a gente que os acompanhou até casa, elle disse que ia por certa cousa que lhe faltava por trazer, e tambem se sahiu de casa sem nunca mais tornar a ella.

Ficou a este tempo a noiva mais triste que a noite, sem ter consolação de ninguem, nem saber a causa d'aquella mudança, que não sabia que conselho tomar, e certo se deixára morrer de nojo, se não fôra a boa sogra que tinha, que esta a acompanhou todo o tempo que lhe durou seu trabalho.

Porém como o mancebo tinha para si que era enganado, apartado d'aquella visinhança, em outra rua tomou casa, em que a poz de mercadorias que elle sabia tratar, com um sobrado em cima em que viveu mais de dois annos. N'este tempo indo a mãe a vêr o filho, algumas vezes lhe achou molheres em casa. E tanto que a mãe sentiu isto, imaginou o que havia de fazer, e foi-se a casa e disse a sua nora:

— Filha, sempre tomastes meu conselho, e espero tambem tomareis agora este que vos der: e é, que deixeis estes trages tão honestos e tristes e vos façaes muito

fermosa é leda com outro trage que pareça de molher que vae em corpo fóra. Fiae-vos de que vos acompanharei até vos mostrar a logea de vosso marido; entrae n'ella, e fingi comprar para um corpinho.

D'aqui lhe aconselhou o que havia de fazer e se foi com ella até lhe mostrar a porta da logea, e a velha se tornou para casa. A moça viu seu marido, envergonhada, pelo transe em que estava lhe veiu outra còr ao rosto, que a fez mais fermosa, ainda que ella o era assaz, e esteve um pouco suspensa. O marido que a viu, não suspeitando nem por imaginação que fosse, lhe perguntou o que queria, e a fez entrar, e deu ordem como despedir os que ali estavam, e ficando com ella só começou a fallar-lhe de amores, a que ella de envergonhada não sabia que responder. Elle a importunou, e ella accitou ficar alli aquella noite, em que elle conheceu claro que ella era donzella quando alli veiu e viu que sem falta era muito fermosa. E chegada a menhã, ella lhe pareceu que já não era razão nem tempo de usar de tanta vergonha:

—Muito tempo ha que vos tenho por meu senhor, e se até agora tardei e estive sem vol-o notificar foi por vos dar mostra de minha pessoa, que foi tão mofina, que sem me vêr nem haver porquê, me engeitastes. E se todavia agora me engeitaes, mandae chamar vossa mãe que me leve, que ella me trouxe.

Quando elle entendeu isto e viu ser aquella sua molher, não sabia determinar o qué faria, que por aquella noite que a teve, se ella não fóra sua molher, e elle fóra solteiro, lhe pareceu que lhe merecia casar-se com ella. E estando n'estas considerações, começaram a bater-lhe rijo á porta, e elle chegou a uma fresta, e conhecendo que quem batia era sua mãe, lhe foi abrir, a qual, em entrando pela casa, disse:

—Filho, que vos parece da donzella que vos acompanhou esta noite? Crêdes que é a que eu disse, já que sabeis que é vossa molher?

Elle vendo a fermosura da molher e sua grande humildade, e conhecendo que o que ouvira foi engano, pe-sou-lhe do tempo em que deixou de estar com sua nobre e virtuosa molher, e com bom coração na vontade pedia perdão do agravo que até então lhe tinha feito, e se começaram a abraçar como se então se viram a primeira vez, e ficaram marido e molher muito contentes, e tiveram a velha mãe d'elle por mãe d'ambos, que por esta se póde bem dizer:

A sogra boa  
Da nóra é corôa.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte II,  
conto 1.)

### 163. O QUE DEUS FAZ É PELO MELHOR

Havia um Medico, bom homem, em côrte de um poderoso rei, sem reholho de malicia, que visitando sua alteza, ainda que o achasse affligido com qualquer trabalho ou dôr, não mostrava entristecer-se, mas, applicados os remedios que entendia lhe eram necessarios, consolava elrey dizendo: que se não agastasse, que soffresse seu trabalho com paciencia, porque tudo o que Deus faz é pelo melhor.

Aconteceu que morreu o principe herdeiro do reino, pelo que elrey esteve encerrado e muito triste; e querendo este medico visital-o e consolal-o, como todos faziam, o fez com as palavras de seu costume, dizendo-lhe:

— Senhor, não vos agasteis tanto, que seja occasião de perda de vossa pessoa; tudo que Deus faz é pelo melhor.

Elrei não teve paciencia a este dito em tal tempo, e disse:

—Que peor me podia ser a mim ácerca do principe, que morrer-me elle! Prometto de me vingar d'este simples e vêr se lhe será por melhor a morte que lhe mandarei dar, se deixal-o viver.

E chamou dois homeéns, que eram para isso, e disse-lhes:

—Ide apoz foam, que agora vae d'aqui, e dizei-lhe que lhe quereis dar um recado meu, e como chegar a ouvil-o matae-o que eu o mando; não temaes a justiça.

Os quaes foram a casa do medico e acharam a porta da escada fechada, porque, como todos traziam dó pelo principe, elle tambem quando chegou a sua casa vinha muito affrontado, e para comer despiu-se por desabafar, ficando em calças e gibão, e por não ser achado assi se alguem o buscasse, que lhe pareceu que estava deshonesto, mandou cerrar a porta da rua, e os que o vinham matar disseram que traziam recado de elrey, e o medico alvoroçado com isto lançou sobre si o capuz de dó, e quiz ir adiante dos moços a abrir-lhe elle a porta, e com a pressa ao decer empeçou no capuz e de tal maneira se atravessou na porta que quebrou uma perna pela coxa, de que dava grandissimos gritos. Accudiram os servidores de casa; tirando-o d'ali o lançaram na cama, que os brados que dava era lastimosa coisa de ouvir. Foi curado por donas de sua casa, como elle mandou, e respondido aos homens que estavam á porta que se fossem e dissessem a sua alteza o que acontecera; e elles o fizeram assi. E o medico esteve mais de seis mezes em uma cama, que cuidaram que morresse d'aquillo; porém sarou, e depois que se ergueu, coxeando da perna foi beijar as mãos a elrey, e elrey vendo-lhe o defeito que tinha e o trabalho passado, o quiz consolar com palavras meigas; mas o medico pelo costume que tinha não acceitou consolação:

—Não me pesa d'isso, porque o que Deus faz é pelo melhor.

Ouvido por elrey e visto como em cousa propria, teve-o d'ali por diante por bom homem, e perdeu o rancor que contra elle tinha; e visto na verdade ser por melhor o quebrar-lhe a perna, que se a não quebrára morrera, como elle mandava, lhe fez mercê para seu gasto, e acceitou seu conselho.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte II,  
III.)

---

#### 164. A RAINHA VIRTUOSA E AS DUAS IRMÃS

Um rei mancebo, que não tinha conversação de mulher alguma, requerido dos seus que se casasse, com desejo de achar na sua propria terra mulher para isso, refusava o casamento de muitas princezas forasteiras que lhe traziam. E queria que a mulher fosse de virtuosos costumes, claro sangue e boa vida, sem respeito a fazenda, pelo que por dote queria que tivesse estas tres cousas. E andando com esta imaginação passeando um dia per uma rua, sahiram certas mulheres moças todas fermosas a uma janella, e quando elrey passou ficavam fallando umas com outras, que elrey as ouviu, e não entendeu o que diziam, e por saber o que era chamou a si fidalgos que estiveram mais perto. Foi-lhe respondido:

—Senhor, uma disse, que se ella casasse com vossa alteza, se estrevia a fazer de suas mãos labores de ouro e seda, tão ricos e tanto em vosso serviço, que se se avaliassem valessem tanto dinheiro que bastasse para gasto da mesa. E a outra respondeu que aquillo era muito, mas que se ella tivesse tal dita que casasse com elle, lhe faria camisas e outras cousas de que tivesse necessidade. E a outra respondeu: Ambas não sabeis o que dizeis, nem val todo vosso lavor tão estimado tanto que baste para vossa mantença; eu vos digo o que farei:

Se chegasse a estado de casar eu com elrey, de seu ajuntamento lhe pariria dois filhos fermosos como o ouro e uma filha mais fermosa que a prata, o qual é prometter que as mulheres podem cumprir.

Elrey folgou de o ouvir, e notando as considerações em que ellas estavam propoz de casar com uma d'ellas. Visto isto mandou chamar mulheres de titulo, donas e senhoras, a quem deu conta, diante das quaes quiz falar com estas donzellas para se determinar qual tomaria por mulher. E logo fez vir ante si a mais velha, que vista foi julgada por muito fermosa; elrey lhe perguntou:

—O que promettestes fazer estando á vossa janella se eu casasse comvosco, estrevei-vos a cumpril-o?

Ella se envergonhou, e mudada a côr disse:

—Farei em seu serviço tudo o que minhas forças bastarão.

Elrey a fez recolher e vir a segunda; porém nas perguntas aconteceu assi como á primeira, pelo que elrey a fez recolher e vir a menor, que claramente mostrou ser ella a mais fermosa de todas. Elrey lhe perguntou se se estrevia a cumprir o que promettera, e ella muito envergonhada respondeu:

—Senhor, si; com as condições que então disse.

Coube isto em tanta graça a elrey, que elle a recebeu por mulher e se fizeram grandes festas que duraram muito. E elrey trouxe para casa da rainha as duas irmãs que a acompanhassem, e ellas foram servidas e tratadas como irmãs da rainha sua mulher. Elrey fez vida mui amorosa com sua mulher, porém durou pouco tempo, porque com inveja que tinham do estado da rainha ambas de um conselho lhe buscavam todo o damno e como a poder empecer e tirar da alteza e honra em que estava. De sua industria, com falsas testemunhas n'aquelle parto e em outros dois adiante, publicaram com falsidade que a Rainha parira monstros peçonhentos e não criatura, e os fizeram ventes aos que tinham razão de os



vêr, de que o reino todo se alterou, e elrey aborreceu tanto a sua mulher, que lançando-a fóra de casa não lhe permittiu em todo o reino logar nenhum em que tivesse repouso, e as irmãs lhe buscavam tanto mal, que o faziam a quem a recolhia; de modo que a rainha veiu a ser a mais pobre e abatida mulher de serviço que em seu tempo houve na terra, porém permanecendo em toda limpeza se fingiu forasteira e por mulher de serviço a recolheram em um mosteiro de freiras. As irmãs procuravam illicitamente de vêr se podiam agradar a elrey, o qual dissimulando e apartando-se da conversação d'ellas fazia que as não entendia, e quando se achava só dizia mal da fortuna que lhe apartava da sua presença a coisa do mundo que elle mais amava, e para recreação do desgosto que trazia consigo não tinha outra consolação senão ir muitas vezes em um barco pelo mar ao longo da terra por desaparecer. Algumas vezes pescava e outras ia á caça ao longo de algumas ribeiras. E costumando isto, aconteceu que um dia indo ao longo de uma ribeira acima, viu á borda de agua uma casa feita de novo. E chegando perto, desejando saber cuja era, viu a uma janella um menino que seria de sete annos, de muito fermoso rosto, pobremmente vestido, perguntou-lhe:

— Filho, quem móra n'esta casa?

E o menino como muito criança, disse:

— Senhor, mora meu pae, que não está aqui; se vossa mercê quer que chame minha mãe, virá logo.

E n'este tempo outro menino de menos idade dizia dentro:

— Senhora mãe, senhora mãe, aqui está um fidalgo á nossa porta.

E a esta conjuncção sahiu uma mulher á porta da rua com uma menina pela mão, pequenina, e disse:

— Senhor, que manda vossa mercê?

Elrey, que tinha pregados os olhos e o coração nos meninos que via, tendo no sentido que os filhos da rai-

nha sua mulher já houveram de ser d'aquelle tamanho, lhe disse:

—Vejo estas casas novas ao longo d'esta ribeira, e estes meninos tão fermosos, folgaria de saber cujo isto é?

Ella respondeu:

—Senhor, as casas e os meninos são meus e de meu marido.

—Dona, as casas creio que serão; mas os meninos, sois já de dias, que parece não deveis de ter tão pequenos filhos. Dona honrada, sou Elrey, e quero saber cujas são estas casas e estes meninos.

Ella se humilhou muito e com os gíolhos no chão, que ao que perguntava soubesse, que as casas eram suas, mas que os meninos ella não sabia cujos filhos eram mais que trazer-lh'os seu marido, que aquella manhã fôra ao mar e viria á noite. Então disse Elrey:

—Pois dizêi-lhe que amanhã ao jantar vá ter commigo ao paço, e leve estas crianças para me dizer o que sabe d'ellas, que o hei-de esperar sobre mesa.

E ella assi lh'o prometteu. Ido elrey, como se metteu ao longo da ribeira, já ia acompanhado de muitos dos seus e iam buscando se descobririam alguma caça; sua alteza viu umas lapas que parecia que outro tempo foram pedreira e de dentro sahio uma mulher, que trazia os cabellos muito grandes, soltos e pretos, e os vestidos muito rotos. E assi como ella sahio viu a elrey e com muita diligencia se tornou a metter para dentro para se esconder; mas como foi vista, elrey a seguiu e asinha a alcançou:

—Quem sois? e porque estaes n'este ermo?

Ella que conheceu mui bem que era elrey o que lhe fallava, lhe disse:

—Para que quer saber vossa alteza a vida de uma mulher desventurada, que em penitencia de seus peccados a faz d'esta maneira, que agora vê?

Elrey, que viu que era conhecido d'ella, e que por muito que lhe rogou não quiz dizer quem era, desejoso de o saber a fez tomar por dois homens, lhe mandou dar uma capa de agua sua, e um sombreiro, que se cobrisse e a puzessem em ancas de uma mula, e que um escudeiro com muito resguardo a levasse ao paço, e sem que fosse vista de outra pessoa alguma a tivesse até que elle chegasse, o qual se fez assi. Ao outro dia, chegadas as horas de recolher á mesa, trouxeram aquella mulher por mandado de elrey, que de novo lhe perguntou quem era e porque andava d'aquella sorte; e ella cheia de lagrimas e soluços disse:

—Estando eu n'esta casa em muito viço, favorecida da rainha e de suas irmãs, ellas me apartaram um dia, e me disseram que sua alteza estava de parto, quando a primeira vez pariu, e que ellas tinham determinado lançar um grande sapo com as páreas quando deliberasse, para dizer que aquillo parira a rainha, e que eu com diligencia tomasse a criança, que ellas m'a dariam envolta em panos, que fosse lançar no mar, e que isto faziam, porque não acertasse de parir filhos como o promettera. Tomei a criança acabada de nacer, que era um filho, e logo em minha presença tiraram um grande sapo que tinham em uma panella, e o embrulharam com as páreas; e isto feito gritaram fingindo que isto era medo do sapo e lançaram a fugir e juntamente com ellas a parteira. E com esta revolta tive tempo para me sahir do paço levando a criança commigo, e quando me vi na rua encaminei para o mar, e fui ter junto áquelle lugar donde vossa alteza me achou; desembrulhei a criança, vi que era varão, e n'isto vi vir um velho pescador; deixei a criança embrulhada nos fatos como vinha e lancei a correr fugindo. Elle como me viu deixar aquelle vulto, foi vêr o que era, e como lh'o vi erguer do chão e leval-o para sua casa, tornei-me ao paço com o rosto ledó, e disse ás senhoras que o lançára no mar. Foram contentes do que

eu disse que fizera, e d'esta maneira aconteceu outra vez no segundo parto, quando disseram que a Rainha parira uma cobra; fugindo todas, fugi eu tambem e levei o infante ao proprio logar donde levára o outro. Antes de outro anno, ou n'elle, a rainha veiu a parir outra vez; chegada a hora me deram outra criança, e fingiram como d'antes aver a rainha parido uma toupeira, que tinham para isto prestes; e no espanto e alvoroço d'isto, quando fugiram fugi eu e fui ter á borda da agua no logar donde deixei seus irmãos, e vi que levava uma menina. Esmoreci, e quando acordei achei o pescador commigo, e me dizia:

—Descoberta ha-de ser esta cousa a elrey.

E porque me temi que me buscasse no paço não quiz tornar a elle, e metti-me n'aquellas lapas, em que averá hem quatro annos que estou.

Elrey acabando de ouvir isto, ficou espantado das treições que as irmãs fizeram contra sua irmã, as quaes ambas foram chamadas e viram a donzella e entenderam tudo o que ella tinha dito, e como tudo era verdade não tiveram bocca com que o negar, e como que queriam fallar uma com a outra se chegaram a uma janella d'aquella sala que ia ter ao mar, e abraçando-se ambas se lançaram em baixo com tanta presteza que se lhe não pôde estorvar. Ainda a gente do paço não estava de todo socegada d'este alvoroço quando entrou pela porta o velho pescador e sua mulher; traziam no collo dois Infantes e a Infanta. E chegando ante elrey o velho se adiantou de sua companhia, e disse alto que todos o ouviram:

—Disseram que hontem passára vossa alteza pela porta da casa em que vivo, e vendo estes meninos perguntou cujos filhos eram, e porque minha mulher lhe não deu razão sufficiente, vossa alteza mandou que viesse eu aqui e os trouxesse, que queria saber cujos filhos eram tam fermosos meninos; pelo que vim e os trago commigo.

Ouvindo isto, e visto o que a donzella dissera todos

os circumstantes a uma voz diziam que todos aquelles trez eram filhos delrey; e as donas todas da casa viram e conheceram todo o fato em que os infantes foram envoltos. Logo elrey mandou por todo o reino em busca da rainha, e que se publicassem as novas do achamento dos trez filhos infantes, e da treição das irmãs da rainha e sua morte. E foi ter esta nova ao Mosteiro onde a rainha estava; todos viam n'ella mais alegria, que em nenhuma outra pessoa, e foi tanta que suspeitaram o que era, e a Rainha vendo que já não era tempo de se encobrir, lhes manifestou e declarou a verdade.

Elrey mandou chamar toda a fidalguia da cõrte e muitos senhores, que trouxessem suas mulheres, e com todos elles e ellas em grande festa levou a Rainha d'alli para o paço com tanto alvoroço de alegria como se então se casaram de novo.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte II, conto VII.)

## 165. QUEM TUDO QUER, TUDO PERDE

Um homem muito rico, mercador famoso, teve um filho sómente, o qual se creou com tanto mimo, que já seu pae não podia com elle de travesso, e por querel-o então sujeitar com doutrina e castigo, o moço lhe fugiu e se foi. E passando lá muito trabalho, se passaram mais de vinte e cinco annos sem vir, nem mandar cartas suas, de maneira que alguns o tinham por morto. N'este tempo o mercador veiu a grande crescimento de fazenda, quintas, casas e outras herdades e chegando á velhice, no ultimo da vida fez seu solemne testamento: «Deixo por meu universal herdeiro ao mordomo de minha casa.» De tudo o que tinha fez inventario mui copioso, e no cabo disse: «Porém digo que tenho um filho, o qual ha muitos annos se foi d'esta terra contra minha vontade, e não sei

de certeza se é vivo ou morto; se este meu filho fôr vivo e apparecer como eu desejo, quero que a quem ora deixo por meu testamenteiro e universal herdeiro d'esta minha fazenda lhe dê ao dito meu filho o que quizer, sem ser constringido a outra cousa, e a demasia lhe fique.»

E d'esta maneira houve seu testamento por acabado, e d'esta enfermidade morreu. Soube-se sua morte na terra onde estava o filho, o qual ouvindo a morte de seu pae e da grossissima fazenda que deixou, partiu d'onde estava e veiu a sua casa; e entrou por ella como por casa propria, perguntando quem tinha aquella casa e fazenda. Foi-lhe dito quem e por que titulo; e elle disse quem era, e foi conhecido por velhos que foram criados de seu pae. O mordomo, que o ouviu e entendeu bem isto, lhe respondeu :

— Esta fazenda, ainda que ficou de vosso pae, é toda minha, e não tendes n'ella mais do que dar-vos eu o que eu quizer. Vêde o testamento de vosso pae, que elle vos desenganará, que vos não devo mais que dar-vos o que eu quizer.

E mostrou-lhe a verba do testamento, que o dizia assi á letra, como já declaramos. E o mancebo lhe pedia que fizesse conta que eram irmãos e que partisse pelo meio o qual o mordomo não quiz. Visto isto, disse o mancebo :

— Ora, já que sois obrigado a dar-me alguma cousa, pois diz que me dareis o que vós quizerdes, pergunto, que é o que vós me quereis dar, pois meu pae o deixou em vosso alvedrio?

Respondeu que lhe daria como cinco mil cruzados, valendo a fazenda mais de cem mil. Rogaram ao mordomo que desse o que fosse honesto, elle nunca quiz vir em nenhum arresoado, pelo qual o demandou, e ambos vieram a juizo e ambos houveram o testamento por bom; porém dizia um, que seu pae o não podia desherdar sendo vivo, nem nunca tivera essa tenção. Dizia o mordomo :

— Já teu pae presumia que eras vivo, e para vivo man-

dou que te desse o que eu quizesse, e assi não sou obrigado a mais.

Sobre o caso houve libello, réplicas e o mais que em direito se costuma té rasoado final, que indo o feito concluso, como o caso era de tão grossa fazenda, quiz o rei da terra ser presente na determinação da sentença. Entre os mesmos julgadores havia diferenças; porém um velho se levantou em pé e disse:

— Ora, Senhor, veja vossa alteza o testamento, que diz: Dará o mordomo ao filho o que elle mordomo quizer; portanto vós, mordomo, dae ao filho do mercador isto que vós quereis, e fique-vos para vós o que lhe daveis, porque a tenção do pae nunca foi desherdar o filho, mas por sustentar sua fazenda a fiou de vós. Para se cumprir o testamento é necessario dar-lhe o que vós quizerdes, e quizesstes a maior parte, essa julgo que lhe deis, e fique-vos o que lhe daveis.

Elrey, e todos os que ali estavam presentes houveram o caso por muito bem julgado e approvaram a sentença, e assim se cumpriu.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte II, conto VIII.)

### Variante:

«Como se conta de um homem, que tinha uma filha bastarda; quando veiu a hora da morte, fez um testamento e disse:—Leixo a foam por meu herdeiro, e mando que dê a minha filha pera seu casamento tudo aquillo que elle quizer de minha fazenda.

Crecida a moça, dava-lhe o herdeiro cem mil reaes para casamento, que era mui pouco: e sobre isso, vieram a juizo. Perguntando o juiz ao herdeiro quanto valia a fazenda e quanto dava á moça, respondeu: que valia um conto e que lhe dava cem mil reaes. Disse o juiz, logo vós quereis d'esta fazenda novecentos mil reaes?

Respondeu o herdeiro, si. Pois segundo a verba do testamento (disse o juiz) vós haveis cem mil reaes, e a moça novecentos; porque ella hade haver aquillo que vós quereis da fazenda do testador, e esta foi a sua vontade, mas leixou a verba amphibologica por oulhades milhor pola fazenda de sua filha, té ella ser em idade para casar. E d'estes *exemplos* ha muitos, de que os oraculos dos gentios usavam para enganar os seus devotos.

(João de Barros, *Grammatica*, p. 170. 1540.)

166.

## O FALSO PRINCEPE E O VERDADEIRO

Acabado de repousar a sesta um rei viuvo, que já sahia fóra da camara para a guarda roupa, muitos fidalgos mancebos lhe apresentaram um, que traziam ante si preso, e póstos ante elle lhe disseram:

— Senhor, estando agora na sala grande jogando á pêla o princepe com este fidalgo e outros, sobre uma chaça vieram a ter differença no jogo, e tanta que o Princepe manencorio contra elle o affrontou e lhe disse palavras muito feias e mal ditas, que este fidalgo alevantou a mão e lhe deu tão grande punhada no rosto, que lhe ensanguentou os narizes e bocca, cousa que a todos nos pareceu tão mal que o queriamos matar por isso, e o fizemos se não fôra pelo Duque seu avô, que com grandes brados se poz no meio, dizendo: Que pois sua alteza estava na terra não quizessemos nós tirar-lhe seu mando.

Elrei que ó ouviu entendeu bem o caso, e disse:

— E o princepe a esse tempo não tinha consigo nehumas armas? Ou como lhe não tirou a vida?

— Armas, tinha; que sempre traz adaga na cinta; po-

rém tanto que se viu ensangentado se poz a um canto da sala a chorar, coisa que de todos lhe foi muito estranhada.

Elrey deixando passar um pequeno espaço em o qual deu logar a apartar de si a grande ira que com a supita menencoria tinha concebida contra o fidalgo, e socegado no espirito, disse:

— Affirmo-vos, em verdade, que mais quizera que me dissesseis que o principe era morto, ainda que não tenho outro filho, que saber que soffreu essa injuria tamanha sem se vingar d'ella. Quero que seja ouvido este fidalgo ante os meus desembargadores, guardando-lhe tambem a elle seu direito e justiça, que creio não terá nenhuma desculpa que o escuse de morte, havendo feito tão grande delicto como fez.

E ainda que o mancebo a este tempo quizera responder, elrey o não quiz ouvir, mas mandou-o ter preso e arrecadado com grande guarda; porém que se quizesse ir a alguma parte da cidade que o levassem com muito resguardo e segurança, e que esta prisão fosse por quinze dias, dentro dos quaes se provesse do que lhe cumprisse, e no cabo se apresentasse ante elle e os seus desembargadores. Muitos fidalgos que se acharam presentes acompanharam a este mancebo e lhe aconselhavam que se fosse, porque o podia fazer não sómente da cidade mas do reino até á raia na fronteira dos inimigos, onde trabalhando em armas na guerra podia fazer cousa com que elrey lhe perdoasse o mal que fizera, o que elle não accitou nem quiz nunca quebrar a prisam que lhe deram. E assi se lhe passaram os catorze dias do praso em os quaes, ainda que buscou conselho de letrados e fidalgos para sua salvação, não achou quem lhe aconselhasse cousa que o satisfizesse, nem desculpa do delicto, porque a todos parecia caso de morte. E muy inteiro n'esta tenção sahia alguns dias de sua pousada acompanhado de seus guardadores por se desagastar, e para vêr

se achava quem lhe abrisse algum caminho como parecesse mais despejado diante de elrey. Recolhendo-se quasi noite encontrou á porta de um Mosteiro uma mulher muito velha, que ao parecer seria de noventa annos, muito feia, secca e mal arroupada, e ella que o estava esperando, chegou-se a elle e disse-lhe:

— Senhor, eu vos faço saber que sei a pressa em que andaes e o remedio que tendes para sobrar vossa vida do caso que vos aconteceu; para o qual não achareis no mundo quem vos aconselhe o que vos cumpre senão eu, e seguindo a ordem do meu conselho sereis livre d'esta affronta e ficareis o mais honrado de vossa geração. Porém, antes de tudo, para que eu tenha razão de vos dar a industria e modo que necessario é n'este caso, convém que façaes por mim o que vos eu pedir.

O fidalgo tanto que a ouviu e entendeu o que lhe dizia, foi em extremo ledo, promettendo-lhe de fazer por ella tudo o que lhe mandasse; porém ella disse que havia de ser logo, e que o que lhe pedia era que a recebesse por sua mulher, do qual elle se maravilhou muito e respondeu:

— Deixando á parte a qualidade das pessoas em que não fallo, vossa idade não conforma com a minha, que eu ainda não fiz vinte annos e vós pareceis de cento ou quasi, pelo qual não posso casar comvosco.

Ella se mostrou muito agastada e respondeu:

— Embora; e vós engeitaes-me por velha, pois eu vos certifico que me haveis de rogar e receber, se não que ireis a casar com a picóta, que é mais antigua deixando-lhe lá a cabeça por arras.

E assi se apartou d'elle, indo muito direita pelas ruas. O fidalgo, que com as suas palavras estava já esforçado e com esperança da vida, vendo-a ir, e temendo se fosse ficaria sem remedio, foi-se após ella com tenção de lhe prometter o que pedia, e tanto a seguiu, que a alcançou e lhe disse:

— Senhora, perdoae-me não aceitar antes de agora o que me pedistes, que eu conheço que errei e quero fazer o que me mandardes.

E assim se foi ella a sua pousada e ali em mãos do cura prometteu e jurou de a receber por sua mulher; porque sem isto não lhe quiz ella dizer cousa alguma. E tanto que perante testemunhas foram jurados, ella lhe aconselhou o que devia de fazer aquella noite e o que havia de dizer ao outro dia apresentando-se na relação diante de elrei. Vindo a menhã, quando foram horas e soube que estava elrey com os desembargadores na casa de despacho se foi lá, e lhe fez saber que estava ali, que se vinha livrar. Elrey mandou que entrasse, maravilhando-se todos de sua ousadia; e elle entrando disse o seguinte:

— Mui alto e poderoso rei e senhor nosso, ainda que vossa alteza está manencorio, a seu parecer com rasão, se me ouvir diante d'estes fidalgos e letrados com animo desapaixonado, e de sua pessoa que será a principal testemunha do que disser, ficarei desculpado e com muita honra; para o qual somente lhe peço por mercê me queira ouvir, até que acabe de todo o que quero dizer: Havendo quatro annos, pouco mais, que vossa alteza era casado com a rainha, vendo que ella não paria, desejoso de ter filhos era afeiçoado a mulheres, e a ella não mostrava tanto amor como no principio. Por lhe ganhar a vontade, aconselhada de outras mulheres se fingiu prenhe, e assim haveria princepe no reino e vossa alteza lhe teria mais amor. O que tudo se ordenou e fez como ella pedia, e as parteiras lhe trouxeram um filho de uma pobre mulher, que morava fóra dos muros da cidade, cujo marido era um cavouqueiro. Isto tudo se fez com tanto segredo, que nunca té hoje foi descoberto. Com esta imaginação a rainha adoeceu de enfermidade de que morreu, dando primeiro conta a seu confessor do que fizera. Verificado não ser princepe o que cuidavam que o era, fi-

cará o meu caso menos grave e eu não merecendo tanta pena por sua parte. E se vossa alteza não se enfada, ainda lhe direi adiante outras novidades maiores do tempo e de mi, que fazem ao caso e folgue de as saber.

Elrey lhe disse:

— Por certo, que o que até aqui me dissestes foi tanto e estou d'isso tão espantado e triste, que não posso imaginar que possaes dizer adiante cousa maior, nem que eu receba alegria; porém, por saber que é, e por vos ouvir como tenho promettido, dizei.

— Saberá vossa alteza, que havendo quasi dous mezes que a rainha se fazia prenhe, por encobrir melhor o engano não consentia que houvesse mais ajuntamento, e pela não anojár, se foi para fóra d'esta côrte vossa alteza e assi andando pelas terras do Duque meu avô mandou rodear a cêrca por vêr se havia entrada no pomar; e achando-lhe uma pequena porta a fez lançar fóra do couce, e aberta viu que andavam dentro mulheres, e uma donzella muito fermosa, que n'aquelle tempo seria de catorze annos, e peitando com joias e dinheiro aquellas que a deveram guardar, a meteu na casa do pomareiro, e ali houve ajuntamento e lhe deu estes tres anneis que vossa alteza levava nos dedos, e esta cadêa com esta cruz e lhe descobriu que elle era rei, ainda que ella não lhe quiz dizer quem era, por que ficou tam anojada de seu corrompimento, recolheu-se em casa sem tornar mais em sua vida ao pomar. Seu pae, que é o Duque meu avô, tomou isto muito mal, porque minha mãe se determinou de não casar, e como o duque não tem outro filho nem filha senão minha mãe, e sabia ser eu seu neto, criou-me com mimo, pois sou com verdade filho de vossa alteza, e veja se conhece estes anneis, cadeia e cruz. E assi sendo isto verdade, como é, já vê que este que até agora se teve por principeo o não é, que se o fóra não couberam em sua bocca as palauras torpes e vis que me disse.

E com isto se poz em giolhos na alcatifa que estava

aos pés delrey; admirados ficaram todos os desembargadores e fidalgos que estavam presentes, em especial sua alteza, que então se lhe representou diante dos olhos aquella donzella fermosa e como a houvera n'aquelle pomar, e as muitas vezes que desejou saber quem era; lembrou-se que elle dera aquellas joias, conheceu-as e considerando o mais que fica dito, teve para si que aquelle que tinha diante dos olhos era seu verdadeiro filho, e quanto ao mais do que estava em posse de príncipe fizeram-se as diligencias necessarias, e de um em outro se soube a verdade, e o mancebo foi julgado por sem culpa do passado, e do presente lhe fizeram grandes honras, jurando-o por príncipe do reino para o haver depois da morte de seu pae. Mandou elrey o mancebo que até então tivera o principado e sua mãe com todas as pessoas que foram ao conselho e consentimento de o trazer por filho de elrey, se fossem da terra e os mandou levar a uma ilha donde nunca mais nenhum tornou á côrte.

Estando sobre mesa com grande contentamento, elrey quiz saber como e por quem fora descuberto a seu filho, que o era e não o outro, rogando ao príncipe lh'o contasse. Contou como á porta de sua casa achara aquella velha que lhe descobriu o caso miudamente, e que ella lhe ensinou que fosse pedir aquellas joias a sua mãe, e tambem tudo o mais que até então tinha dito e feito, e lhe descobriu como para isso elle lhe jurara casar com ella, porém que o não faria pela disformidade das edades baixeza e fealdade d'ella, e não tinha tenção de casar senão quando e com quem sua alteza ordenasse. Elrey lhe disse:

— Já que lh'o jurastes de a receber e ella cumpriu o que vos prometeu, seja quem fôr, cumpri vossa palavra.

Fez elrey que a velha viesse ao paço, e foi recebida por mulher do príncipe, o qual ficou d'isto tão triste como já fôra ledô com o socego de seu conselho. O prin-

cepe e ella foram levados a uma camara rica donde tinham seu leito, em que o principe se deitou com mostras de tanto pesar por se vêr casado contra seu gosto, que ninguem lhe podia vêr o rosto, nem elle quiz vêr o da princeza, mas deitado na cama virando-se para a dianteira e ella da outra parte voltada para a parede estiveram sem se verem nem fallarem um ao outro esta noite e outras muitas. Uma noite, estando o principe e a princeza na cama, segundo seu costume, ouviu um rumor na camara, e era tal, que parecendo-lhe fosse alguma treição se ergueu do leito, e com a espada na mão foi para aquella parte adonde o rumor parecia, e ali nem em toda a casa não havia cousa que se podesse temer, nem mostras que dessem suspeita do que fôra, que elle pôde vêr tudo bem porque tinha um brandão acceso que alumiaava a casa toda. Vista a quietação, deixou a espada e tornou-se ao leito, e como a este tornar levasse o rosto para a cama donde a princeza jazia, ainda que estava virada para a parede viu-lhe a cabeça em que tinha uma coifa feita de ouro tirado com algumas perolas riquissimas que davam de si muito lustro e faziam que os fermosos cabellos, que estavam debaixo se differencassem na côr do ouro. Elle vendo o resplendor da coifa, sem saber determinar comsigo o que seria aquillo, considerando que a velha tinha os cabellos muito alvos, desejou affirmar-se que era o que via, chegou mais perto, viu-lhe o rosto muito alvo e feroso. Ficou mais maravilhado do que se pôde imaginar, porque viu que era a mais ferosa e bella criatura que seus olhos viram. Não podia acabar comsigo de crêr que aquella fosse a velha, que elle cuidava tinha comsigo, porque lhe parecia, como na verdade era, moça que não passava de catorze annos, alva e loura.

Vista pelo principe a ferosa dama que tinha comsigo, pediu-lhe se voltasse pera elle; por que se não desconcertasse no termo, inda que era sua mulher e elle

seu marido, conhecendo que era acabado o tempo de seu encantamento, lhe disse :

— Senhor, quem me desconhece de dia na sua sala por velha, não é rasão que me venere e conheça em outra parte por moça e fermosa ; pelo que vossa alteza não haverá de mim mais do que até agora houve sem se determinar de duas cousas qualquer : Se me quer esta que ora me vê de noite comsigo na cama, e que me hade soffrer de dia velha e fêa na sala ; ou pelo contrario, ter-me na sala de dia esta moça e fermosa, e na cama de noite velha e fêa. E como se determinar no caso assi lhe responderei e direi-o que hade fazer ao diante.

O principe, que já a este tempo estava tão namorado d'ella, que por nenhum preço a queria perder, nem aventurar-se a isso, lhe respondeu :

— Seja eu tão ditoso que vos não perca, e no mais vos quero como vós quizerdes que vos queira, porque em vossa vontade deixo a minha, e essa quero seguir toda a minha vida.

A este tempo ficou a princeza muito leda, e logo disse :

— Pois senhor, de hoje para sempre serei esta que aqui me vêdes e não parecia, porque já é acabado meu encantamento. Parece cousa tão contra rasão vêr-me hontem velha e fêa e hoje moça e fermosa ; é necessario dizer-vos quem sou. Elrey de Granada é meu pae ; sendo eu de sete mezes, estando no berço a deshoras a ama que me criava viu que em um instante se me mudou a côr e se me arrugou a pelle de maneira que me tornei logo velha muito fêa ; minha ama deu logo grandes brados, aos quaes accudiram elrey e a rainha, e ainda que a ama lhes disse o que vira disseram elles que não era possivel senão que alguma cousa má lhe levava a filha, e logo lançaram fóra de casa a ama, queixosos d'ella, que saiu commigo do paço, e buscou quanto a ella foi possivel, quem lhe dissesse que cousa fóra aquella e o reme-

dió que tinha, e achou um velho que lhe disse, que antes de quinze annos de minha idade seria livre e com muito contentamento, porque aquillo fôra feito por ciúmes de uma mulher com quem meu pae antes de casar tivera conversação; e aconselhou a minha ama me trouxesse a esta cidade, porque aqui haveria fim meu trabalho e eu ficaria livre.

Todos folgaram muito de saber que era de tão alto sangue; despediram logo mensageiros que o fizeram saber aos reis de Granada, os quaes levaram tanto gosto d'isso, que não se poderam ter sem virem alli donde viram a filha e genro e aos Reis seus sogros.

(Trancoso, *Contos e Historias*, P. III,  
conto 1.)

167.

## CONSTANCIA DE GRIZELIA

Em os confines de Italia, mais á parte do ponente, região alegre e deleitosa, povoada de villas e logares, habitava um excellente e formosissimo Marquez, que se chamava Valtero, homem mancebo, dotado de grandes forças e rara gentileza. Por diversas vezes indo á caça havia visto Grizelia, que morava não longe da cidade onde o Marquez tinha seus paços, com seu pae, em um logarzinho de poucos e pobres moradores, com algum gado, que com industria de Grizelia eram governados grandemente. Era esta lavradora de bom parecer quanto á disposição e presença corporal, porém fermosa, de animo, nobre criação, raro aviso, era excellente e como era criada a todo o trabalho, não se achava em seu pensamento nenhum modo de deleite, antes um grave e varonil coração publicava em defensão de sua honestidade; era coisa de notar como estimava suas ovelhas e servia seu pae. O Marquez determinou que Grizelia fosse sua

mulher; n'este comenos fez apparelhar com grande diligencia vestidos, joias e todo o mais que para tal caso convinha, os quaes vestidos mandava cortar á medida de uma criada de sua casa, semelhante á estatura de Grizelia. Vindo o dia tão desejado em que se haviam de celebrar as bodas, accudiram ao paço muitos cavalleiros e damas ricamente vestidos, e em não saber quem seria a noiva estavam todos suspensos e maravilhados. Mas o Marquez vendo que tudo estava a ponto, tomou comsigo seis privados seus e foi-se directamente a casa do pae de Grizelia. Tomando o velho pela mão se apartou em secreto com elle, e lhe disse:

—Se assim como sou teu senhor, quererás dar-me tua filha por mulher?

—Senhor, nenhuma coisa devo eu querer, senão o que tiverdes por bem.

—Entremos, porque diante de ti tenho necessidade de fazer certas perguntas a tua filha Grizelia.

Entrados em casa, ficando os seus cavalleiros fóra, começou sua pratica amorosamente:

—Eu e teu pae somos contentes que sejaes minha mulher; creio que não sahirás de nosso contentamento; porém, eu quero saber de ti uma cousa, e é, que quando nosso casamento vier a feito, que será logo, me digas se estás prompta e apparelhada a eu fazer de ti tudo o que me bem parecer, sem por cousa nenhuma mostrares tristeza, nem em tuas palavras contradizeres cousa alguma?

A considerada donzella, cheia de vergonha e tremendo de alegria, lhe disse:

—Senhor, bem sei que este favor é muito maior que meu merecimento; porém se vossa vontade e minha ventura é tal, não digo eu fazer cousa contra vosso parecer, porém nem pensal-a no pensamento; nem do que vós fizerdes contradizer-vos cousa alguma, ainda que por isso haja de receber mil mortes.

Ouvindo o Marquez taes promessas, disse:

—Baste isso, que não se espera menos de vosso bom entendimento.

E tomando-a pela mão, a tirou fóra diante de seus cavalleiros, dizendo-lhes:

—Amigos, esta é, ainda que mal composta, minha mulher e senhora vossa; portanto amae-a e servi-a como é razão.

Entonces os cavalleiros com os chapéus nas mãos se agiolharam beijando-lhe a mão com muita cortezia cada um por si. Ella abraçando um a um os alçou do chão com toda a humildade que podia ser. N'isto mandou o Marquez que um d'elles levasse secretamente a nova Marqueza ao paço e a puzesse no aposento de uma ama sua de quem muito se fiava, pera que fosse despida dos vestidos que trazia, e vestida d'aquelles ricos, que o Marquez pera aquella hora havia feito. E despedido d'elles com a cortezia costumada se entrou em o aposento onde estavam a Grizelia vestindo e compondo pera tal effeito; a qual estava já pósta a ponto, e o Marquez lhe deu um rico anel em sinal de desposada e tomando-a pela mão sahiu com ella onde estavam já aguardando todos os cavalleiros e damas que haviam de vêr a noiva, e onde logo foram desposados por um bispo, e se celebraram as bodas, passando aquelle dia com grandes festas e prazeres.

Mostrou-se depois em pouco tempo na nobre e já feita nova Marqueza tanta graça e prudencia, que não mostrava em cousa alguma ser nacida nem doutrinada na aspereza do monte. Com tão excellente mulher vivia o Marquez em suas terras em muita paz e socego. D'ali a tempos pariu uma filha em extremo fermosa; do qual parto levou o Marquez estranho contentamento, o qual por provar sua constancia ordenou uma cousa estranha de maravilhar e não digna de louvor, que mandou a sua ama, que era mais sagaz e cautelosa, do que elle se fiava: «Que tomasse uma menina, que havia trazido do

esprital fallecida d'aquella hora, e estando a Marqueza dormindo de noite na sua cama lhe tomasse sua filha e lhe puzesse aquella morta com os proprios vestidos que a sua tinha.» Feito tudo isto com a maior sagacidade, a Marqueza acordando, e achando ao seu lado a criança morta, cuidando ser sua filha começou a gritar. O Marquez que já estava sobre aviso, acudiu muito apressado, mostrando-se muito espantado do acontecido. Elle esteve recolhido em seu aposento por espaço de alguns dias, em os quaes ordenou a um criado seu mui familiar secretario de suas cousas, levasse sua filha a elrey de Polonia, pera que a criasse em toda sorte de bons e virtuosos costumes e sobretudo a tivesse tão secreta, que ninguem soubesse cuja filha era. D'ali a quatro ou cinco dias, determinou o Marquez de visitar a Marqueza, a qual achou encerrada muy triste, e entrando mandou que todos se sahisses fóra, e elle ficando só com a Marqueza lhe começou a dizer :

— Meus vassallos estão de vós mal contentes e lhe parece cousa aspera ter por senhora uma mulher baixa de rustica geração; e eu como desejo de os ter contentes e em paz, queria que vos tornasseis para casa de vosso pae.

Acabado que a Marqueza ouviu isto, nenhum sinal de turbação mostrou, antes com gentil semblante lhe respondeu :

— Não ha ahi cousa nenhuma que vos agrade, que a mi me não contente; isto é que firmei no meio de meu coração quando vos dei a palavra de ser vossa mulher.

Considerando o Marquez o animo e profundissima humildade de tal mulher, sem conhecer n'ella mudamento nenhum do que d'antes era, atalhou a pratica, dizendo :

— Abaste por agora isto; ponha-se silencio n'este negocio até vêr se meus vassallos me tornam a importunar.

Com esta dissimulação passaram doze annos no cabo dos quaes a Marqueza pariu um filho. Ao fim de dois an-

nos, sendo já o infante desmamado, ordenou o Marquez, por lhe dar sobresalto maior e provar sua paciencia e constancia, que se fosse a Marqueza com elle á caça de monte folgaria em extremo. Ella mui contente e festejada se vestiu mui ricamente, não deixando a seu filho. Chegados que foram ao monte, mandou o Marquez que o jantar (a causa da grande calma que fazia) se fizesse junto de uma fonte sombria e deleitosa. E determinando sahir á caça com seus monteiros, encarregou muito a seu secretario que trabalhasse quanto possivel fosse por fur-tar á Marqueza o filho que sempre trazia consigo, e vista a presente o levasse a elrey de Polonia, por que o criasse secretamente com a filha que lhe tinha mandado. O menino, levantando-se de apar da mãe, se alongou algum espaço a brincar com umas pedrinhas que ali achou; n'isto o secretario, que não estava descuidado, vendo que ninguem o podia vêr, apanhou o menino e levou-o onde o Marquez lhe tinha mandado.

Quando a Marqueza despertou, perguntando pelo menino a algumas mulheres e escudeiros que ahi estavam, e não lhe dando razão d'elle, cuidando que alguma féra o houvesse comido ou feito algum damno, os extremos que fazia eram tão grandes que dava lastima. Achegando o Marquez, e dando-lhe parte da perda de seu filho, foi tão grande o pesar que fingiu ter, que não quíz comer, nem beber, senão logo se partiu para a cidade, e a Marqueza tambem. Passados alguns dias, lhe disse:

— Grande desdita foi em haver-vos tomado por mulher, pois por vossa culpa hei perdido dois successores e herdeiros de meu estado; e meus vassallos vendo a baixeza de vossa linhagem e a negligencia que tivestes de guardar meus filhos, sou importunado d'elles que vos mande para casa de vosso pae, e me case com uma donzella, que dizem que é filha do Rei de Polonia. Portanto é necessario que despida de vossos vestidos reaes, conforme a vossa natureza vos vades para casa de vosso pae.

A isto respondeu a nobre Marqueza:

—Sempre eu entendi que entre vossa grandeza e meu pouco merecer não havia proporção nenhuma. Em o demais aparelhada estou a servir a vossa desejada esposa, se fôr necessario.

O Marquez como não cansado de a experimentar em diversas coisas, lhe disse:

—Já que, fermosa Grizelia, vos offereceis para servir minha esposa, eu quero que fiqueis em casa a dardes ordem ao recebimento e banquetes, que se offerecerem.

Ella foi mui contente e ficou em casa feita criada e dispenseira, e n'isto com sua boa prudencia cuidava que tinha alcançado muito. N'este tempo que isto passava, mandou o Marquez a seu secretario, de quem muito se fiava, com cartas escriptas de sua mão, acompanhado de muitos cavalleiros pedindo a el-rei de Polonia lhe mandasse a filha que lhe tinha mandado. Era tão grande a amizade que elrey tinha ao Marquez, que determinou de os acompanhar e assinado certo dia tomou seu caminho, levando comsigo a donzella, que em extremo era fermosa e levava comsigo o infante seu irmão, chegando em poucos dias em presença do Marquez.

A que sabia ser Marqueza, em figura de servidora de casa, chegou a dar os parabens á noiva e fingida desposada, sem se poder fatar de louval-a de fermosa e avisada. Determinados de se assentarem a comer, revirou-se o Marquez para sua Grizelia, meio rindo, em presença de todos, lhe disse:

—Que vos parece, Grizelia, esta minha desposada? não é muito fermosa?

—Não cuido que se ache em todo o mundo outra que mais o seja.

O Marquez vendo a generosidade com que isto dizia, e considerando aquella grande constancia de mulher tantas vezes e tão fortemente tentada da paciencia, não po-

dendo mais dissimular a fez vir assentar a par de si, dizendo:

— Oh minha nobre e amada mulher, não cuido haver homem debaixo do céu, que tantas experiencias de amor de sua mulher haja visto como eu. Vós sois, senhora, minha mulher, nunca outra tive, nem tenho, nem terei. E esta que vós cuidaes que é minha esposa, é vossa filha, a qual fingidamente fiz que a tivesseis por morta; este é o infante vosso filho. Pois juntamente cobraes tudo, perdoae-me os desgostos que vos tenho dado, pois foram para mais fineza de vossa honra.

Ouvindo isto a nobre Marqueza, de prazer perdia o sentido, e com o soberano goso de vêr seus filhos, que tantas vezes tivera por mortos, sahia fóra de seu juizo, e querendo ir-se para elles desfeita toda em lagrimas, não se pôde escusar de os abraçar muitas vezes. Vendo isto as damas e senhoras que ali estavam, todas á porfia com muito gosto e prazer a despiram de seus fatos pobres e lhe vestiram os seus acostumados. Foi para todos um mui grande dia de alegria, e com isto viveram despois marido e mulher largos annos com muita paz.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte III,  
n.º v.)

## O BARBEIRO DO REI

Um rei havia ficado por fallecimento de sua mulher com uma filha, a qual era herdeira e successora do reino. Este, para tirar de si paixão e malenconia, que lhe sobrevinha por causa de sua tristeza, se sahia muitas vezes por tempo de verão a um pateo que tinha, muito fresco, ornado de muitas flores cheirosas, que ali mandara crear por seu refrigerio. Estando n'este pateo que digo, vinha por algumas vezes com elle por seu mandado o seu bar-

beiro para lhe fazer a barba, e como os barbeiros tem por seu natural serem praticos e chocarreiros, Elrey o mandava chamar, mais por gostar de sua boa conversação, que por necessidade que tinha do seu officio. Estando um dia com elrey fazendo-lhe a barba como costumava, veiu elrey a gostar tanto de sua boa conversação, que lhe disse, que lhe pedisse mercês, que o barbeiro despresou sua promessa, dando-lhe a entender que não havia mister nada. Mas vindo outras vezes ao proprio officio como costumava, lhe veiu elrey a cobrar tanta affeição, que lhe importunava, que lhe pedisse mercês, que, por grandes que fossem lh'as não negaria. Elle, tomando ousadia e atrevimento ás promessas que elrey lhe fazia, lhe disse:

— Saberá vossa alteza, que não ha ahi na vida cousa que hoje áccite que me possa fazer contente e que meu desejo satisfaça, senão é uma, a qual é, dar-me em casamento a princeza sua filha.

Elrey sobresaltado de tão estranha novidade dissimulou com elle, interrompendo a pratica n'outra materia, cuidando que aquillo era dito a modo de graça, por dar passatempo a elrey com suas chocarrices e zombarias: mas elle era tão em seu inteiro juizo, que vindo outra vez barbear a elrey, e tornando-lhe a pedir elrey, que lhe pedisse mercê, tornou a repetir sua primeira petição dizendo: «Que não tomaria outra cousa senão a Princeza sua filha por mulher.» Elrey parecendo-lhe isto já mais que zombaria, determinou de o despedir com brevidade, e ido, mandou chamar um homem letrado, de grande entendimento em diversas sciencias, e, dando-lhe conta como desejando por muitas vezes de fazer algumas mercês áquelle homem, sempre lhe saíra com desatinos tamanhos, a que não podia nem sabia dar entendimento.

O letrado esteve um pouco cuidando comsigo em seu entendimento, e disse a elrey:

— Senhor, faça-me vossa alteza mercê de se pôr em

outro lugar, fóra d'esta casa a barbear com esse barbeiro, e de lhe tornar a repetir que lhe peça mercês, para vêr se acerto em um segredo que tenho imaginado n'esta casa.

Elrey fez assi, e pondo-se n'outra casa o mandou chamar, e com dissimulação, lhe disse:

— Mestre, desejo tanto de vos fazer mercês, e vejo que nunca me pedis nada; folgara que me occupasseis em alguma cousa, porque de verdade que vos tenho tanta afeição, que não haverá cousa que me peçaes que, ainda que seja uma grande parte do meu reino, vos não conceda.

O barbeiro lhe respondeu:

— Certo, senhor, que vossa alteza me offerece ha tempo mercês que não posso deixar de não lançar mão d'ellas, portanto se vossa alteza m'as quer fazer, serão para mim mui grandes, e é, que me hade fazer mercê de me mandar dar dez cruzados para pagar o aluguer de minha casa de que estou penhorado, e n'isto a receberei mui assinalada.

Se elrey de primeiro se espantou de lhe pedir sua filha em casamento, mais se espantou abatendo-se tanto que para lhe pedir dez cruzados lhe mostrava ficar em tamanha obrigação. Elrey lhe mandou dar os dez cruzados, e depois de ido fez vir diante de si o letrado que lhe havia aconselhado, e vindo diante d'elle lhe disse o que passára com o barbeiro, que deitasse juizo em tamanha differença.

O letrado respondeu:

— Vossa alteza saberá, que meu entendimento sahio certo, e para saber a prova d'isto, mande vossa alteza abrir a terra aonde esse homem punha os pés quando estando barbeando, lhe pedia sua filha em casamento, que eu creio que n'esse lugar se achará um grande thesouro, e não póde ser menos senão que pizasse com seus pés algum grande thesouro quem tinha fumos de pedir a princeza em casamento.

Mandou elrey abrir a terra onde isto passou e foi achado um grande haver, que a elrey foi de grande admiração; e para pagar ao letrado tão bom conselho como tinha dado, em especial tiral-o de uma duvida tamanha, lhe concedeu uma boa parte d'aquelle haver, e outra parte mandou dar ao barbeiro com que se auctorisasse em estado.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte III, conto III.)

169.

### O ACHADO DA BOLSA

Havia um mercador muito rico, e assim como cada dia se lhe iam acrecentando suas riquezas, assim n'elle se lhe ia multiplicando tanta avareza, que em outra cousa não trazia o sentido senão em ajuntar dinheiro. Este estando um dia vendendo suas mercadorias, tomou quatrocentos cruzados em ouro, que havia vendido, e deitou-os em uma bolsa, e depois de recolher seu fato se foi para sua casa enthesourar. Indo pelo caminho fazendo suas contas com a imaginação, lhe acertou a cahir a bolsa, e até que chegou a casa a não achou menos. Esteve para perder o juizo juntamente com a bolsa. Com grande dôr e paixão se foi ao Duque, que era senhor d'aquella cidade, e lhe pediu que mandasse sua excellencia em seu nome apregoar que quem achasse uma bolsa com quatrocentos cruzados em ouro, que os trouxesse diante d'elle, que lhe daria quarenta cruzados de achado. Foi dado o pregão pela cidade, e sendo ouvido de todos, chegou a ouvidos de quem tinha achado a bolsa, que era uma mulher viuva, muito pobre e virtuosa. E ouvindo dizer, que davam quarenta cruzados de achado foy mui leda, entendendo que ficar com a bolsa seria infernar sua alma. Assim com esta determinação se foi diante do Duque e lhe poz em sua mão a bolsa que havia achado assim e da

maneira que o mercador a havia perdido. Vendo o Duque a pobreza d'esta mulher, e que era digna de ser grandemente favorecida, logo mandou chamar o mercador e lhe disse como a bolsa havia já apparecido, que não faltava mais que cumprir sua promessa áquella mulher honrada que a havia achado. Folgou em extremo o avarento mercador, porém achegou-lhe á alma o vêr que havia de dar os quarenta cruzados que tinha promettido de achado, e assim imaginou logo n'aquelle instante um ardil para os não dar, e foi que tomou a bolsa e vasou o dinheiro em uma meza que ali estava, e contou-o, e posto que o achasse certo, comtudo isso revirando para a mulher que o havia achado, lhe disse :

— Molher de bem, aqui n'esta bolsa faltam trinta e quatro escudos venezianos, que estavam de mais dos quatrocentos cruzados em ouro que aqui estão.

A boa velha affrontada e corrida, lhe disse :

— De maneira, senhor, que crêdes de mim que vos havia de furtar o vosso dinheiro! Quem me obrigava, tendo eu em meu poder essa bolsa, a trazel-a aqui, senão não querer eu o alheio?

Não deixava o mercador de gritar e dar vozes dizendo que lhe fosse buscar os trinta e quatro escudos venezianos que faltavam, se queria que lhe dêsse o achado que tinha promettido. O Duque, conhecendo a malicia do mercador e tudo aquillo que fazia e dizia era a fim de se escusar de dar o que promettera, entendendo que quanta era a bondade da virtuosa mulher tanta era a maldade do avarento mercador, imaginou que a maior pena que podia dar a um homem tão ruim como aquelle era fazer que com seu engano se offendesse a si mesmo, e a esta causa, virando-se para elle, lhe disse :

— Vinde cá; se isto é assi como dizeis, porque me não declarastes que a bolsa levava mais esses escudos de ouro? Ora eu tenho entendido que vós sois tal que quereis fazer o alheio vosso, e que esta bolsa que essa mu-

lher honrada achou não é vossa, pois n'ella faltam esses ducados venezianos que dizeis; antes essa bolsa que se achou sem duvida nenhuma é uma que esse proprio dia perdeu um meu criado com esta mesma somma de dinheiro que essa tem, e pois sendo assim como é, a mim e não a vós pertence.

E dizendo isto, virou-se para onde estava a velha, e lhe disse:

— Boa mulher, pois que achastes esta bolsa com estes cruzados de ouro, eu vos faço graça d'ella com o dinheiro que tem.

Não se atreveu o inconsiderado avarento a replicar ao que o Duque dizia; antes arrependido de não haver cumprido a palavra que promettera se foi para sua casa chorar seu desastre.

(Trancoso, *Ibid.*, Parte III, conto VII.)

170.

## O CAPÃO TORNADO SAPO

Houve um homem pobre, o qual veio a ter muita fazenda, e não tendo mais que um filho, certa gente procurou de o casar com uma filha sua; a nóra o começou (como costumam) a aborrecer tanto, que o não podia vêr; e como mulheres muitas vezes podem muito no mal, pôde tambem com o marido, para que aborrecesse seu pae, de modo que tambem o não podia vêr; o pobre pae morria de fome, seu comer eram favas muito ruins, e com esta grande fome chegou um dia á porta do filho pedindo que lhe dêsse de comer; tinha um capão cosido para jantar, mas logo o escondeu mettendo-o em uma arca, e dando ao pae uma tigella de favas, o deitou pela porta fóra, e acabando de as comer, despois que se foi, disse á mulher: — Agora comeremos á nossa vontade, ide buscar o capão; — o qual o achou que se tinha tornado

em um terrível e espantoso sapo, que logo lhe saltou no rosto, aferrando-lhe os dois pés na barba e as mãos na testa, não havia quem o pudesse desapegar; foi um homem com uma tenaz pegando d'elle para o tirar, o sapo o atravessou com os olhos, tão terrível e peçonhentosamente, que logo cahiu no chão, nem houve quem pudesse dar remedio a tal caso.

(Francisco Saraiva de Sousa, *Baculo Pastoral de Flôres de Exemplos*, t. I, p. 87. Ed. 1657.)

## 171. OS PODERES DO OURO

Houve em Italia, e em um dos mais conhecidos logares d'ella, um honrado pai de familias, nobilissimo por geração, rico de bens procedidos da herança e nobreza antiga de seus passados, dotado de muitas partes e graças naturaes, e tão liberal do que possuia, que mais parecia dispenseiro das riquezas, que carcereiro d'ellas. Teve este em sua mocidade um filho tão industrioso e esperto nos negocios da mercancia, que ajuntou em poucos annos grande copia de dinheiro, o qual elle guardava com tão solícito cuidado, como costumam os que com cohiça e trabalhos o adquiriram, e era notavel espanto aos naturaes, verem em um velho a largueza e liberalidade de mancebo, e em o filho a avareza e tenacidade de velho. O pae, que o via responder tão mal a suas inclinações, e que já com a idade e continuação de gastar largo estava menos rico, muitas vezes lhe dizia, e aconselhava com brandura, que conservasse com o que ganhára, a honra que tinha de seus passados, e não degenerasse d'elles por seguir a vileza do interesse: Que usasse das riquezas como nobre, e favorecesse a velhice de quem o criára, e honrasse aos pequenos irmãos que tinha; que

fosse proveitoso aos amigos e parentes, benigno aos pobres, e se não captivasse ao trabalho de enthesourar riquezas sem fructo. Mas como fallar a um morto e aconselhar a um avarento é cuidado vão, nenhum effeito faziam os paternos rogos em sua má natureza. Succedeu que o Senado d'aquella Republica por a nobreza e pessoa do mancebo, e pela industria e sagacidade que mostrava, o elegeram em companhia de outros, para ir com uma embaixada a Roma ao summo pontifice. Depois de sua partida, vendo o pae occasião ao que havia muito que desejava, mandou secretamente fazer chaves falsas com que entrou na camara do filho, e abriu os cofres em que aquelle inutil thesouro estava depositado, e com a brevidade que o desejo lhe pedia, vestiu a si, a sua mulher e filhos custosamente, deu libré a seus criados, comprou ricas armações e baixellas, encheu a estrebaria de cavallos fermosos, accudiu em occasiões a parentes e amigos necessitados; dispendeu, emfim, aquella prata e ouro que o filho com muitas vigílias ajuntava, da maneira em que elle quando florescia em riquezas usava d'ellas. Gastado o dinheiro, encheu os sacos em que antes estava de muitos seixos e areia, e posto tudo na mesma ordem em que o filho o deixára, tornou a fechar os cofres e as caixas como de antes. Tornou depois o filho da sua embaixada, e os pequenos irmãos o foram esperar á entrada da cidade vestidos custosamente, e com o magnifico apparato de que então usavam. Vendo-se o irmão rodeado d'elles, ficou confuso e enleado, lhes perguntou logo d'onde houveram tão ricos vestidos e fermosos cavallos? ao que elles com uma simplicidade innocente responderam: Que seu pae e senhor vivia com differente largueza da que antes tinha, e que outros trajos e cavallos de maior preço lhe ficavam. Entrando depois em casa de seu pae, nem a elle conhecia, pelo differente estado em que a deixára, e como n'esta mudança se lhe não aquietava o coração, foi-se com muita pressa aonde tinha posto

o seu thesouro, entrou na sua camara, abriu os cofres, e vendo que os sacos estavam cheios e da maneira que elle os deixára, se aquietou, porque não dava logar á mais vagarosa experiencia a pressa com que os companheiros o chamavam e o Senado o esperava. Depois que deu fim áquella obrigação, que a elle lhe não pareceu que fosse tão custosa, fechando-se de vagar no seu aposento, abriu as arcas e os sacos em que lhe parecia que estava a sua bemaventurança, e vendo o engano da areia e seixos, que dentro tinham, começou a gritar com grandes lamentações e brados, a que, primeiro que todos, accudiu o generoso velho, perguntando-lhe, que tinha? de que se queixava? e quem o offendera?—Ai de mim (disse elle), que me roubaram as riquezas que com tantos trabalhos e com tão largo discurso de annos tinha grangeadas.— Como é possível que te roubaram (respondeu elle), se eu vejo esses cofres e sacos cheios, que parece que não podiam tirar nada d'elles, nem elles levarem mais?—Ai, triste de mim (tornou o filho), que o de que elles estão cheios, não é do ouro e prata com que os deixei, que não tem agora mais que pedras e areia sem proveito. A isto respondeu o generoso pae, sem no rosto fazer mudança:— Ah enganado filho, que importava para que estes sacos estivessem cheios de ouro fino ou de areia grossa, se a tua avareza te não deixava fazer nas obras differença d'ella? Cessaram os brados, mas não já o sentimento do filho com esta resposta, que a mim me pareceu digna de ser contada entre as mais celebres do mundo.

(Rodrigues Lobo, *Córte na Aldeia*, dial.  
VII.)

---

172. **O THESOURO ESCONDIDO**

Acho extremada aquella historia, que toca o Ausonio, poeta, em um seu epigramma: E é, que um homem desesperado com uma paixão que teve, se ia enforcar em um logar secreto, levando comsigo o baraço em que havia de deixar a vida. Succedeu, que com a força que fez, cahindo uma parte da terra n'aquelle logar, se lhe descobriu um thesouro, a cuja vista mudou logo o pensamento, e levando o que achára, deixou em seu logar o baraço que trazia. Vindo depois o que ali escondera, e achando-o menos, e em seu logar a tentação da sua desventura, fez, porque perdera um thesouro, o que o outro deixou de fazer porque o achára; de modo que a um deu vida o ouro, a outro matou a avareza d'elle.

(Rodrigues Lobo, *Côrte na Aldeia*, dial. VII.)

173. **ERRAMOS (E RAMOS)**

Uma mulher não tratava bem de obras a honra de seu marido, e elle muyto mal de palavras a toda a sua visinhança; era o seu nome d'elle *Ramos*, e pondo-se um dia em praticas com a mulher começou a contar com ella todos os cornudos, que havia no seu bairro; a mulher com raiva de sua má natureza a cada passo dizia:

— *E Ramos*, marido; torna e a contar, que falta um.

Elle, que entendia mal o remoque, sem se metter na conta, a tornava a fazer de novo muitas vezes.

(Rodrigues Lobo, *Côrte na Aldeia*, dial. XI, p. 156.)

**O PAGEM DA RAINHA**

Teve a rainha Santa Izabel um pagem ou criado de camara, que servia de seu esmoler, e outras obras pias e caritativas em que a santa rainha de continuo se occupava; era este moço de boas partes, que foi a herança que seu pae lhe deixou, segundo conta Henrique Gran, que estando para morrer lhe disse:—Filho, a melhor herança que te posso deixar é dar-te este conselho, que sejas muito virtuoso e que ouças cada dia missa inteira e sejas muito devoto da Virgem nossa senhora. Estas e outras cousas santas lhe encommendou. N'este tempo tinha elrei Dom Diniz outro pagem muito seu privado e querido; este vendo a privança que o outro tinha com a rainha, por inveja e por mais cahir em graça delrei, determinou de lhe levantar um falso testemunho e pô-lo em mal com elrei; e foi este que affirmou que a rainha tinha uma affeição má; como o rei vivia não mui honestamente, pouco bastou logo para lhe dar credito, e assi d'ali por diante andava pensativo, triste, malenconizado, vivendo com muita desconfiança da rainha pelo que seu pagem lhe tinha dito, determinou de o matar secretamente, e sahindo aquelle dia a passear, passou por onde estavam ardendo uns fornos de cal, e chamando de parte os homens que n'elles trabalhavam, lhes mandou que a um criado da camara que elle enviaria com um recado:—se tinham feito o que elrei lhe tinha mandado?—o arrebatessem logo e o lançassem dentro no forno para que assi se fizesse em pó e em cinza, porque assi convinha ao seu serviço. Ao outro dia pela manhã mandou o pagem da rainha que fosse logo com este recado, para que os homens puzessem em execução o que lhes tinha mandado; mas nosso senhor, que nunca falta aos seus e acode aos innocentes, ordenou que em passando este moço tangessem no mosteiro de S. Francisco (que es-

tava em caminho) á missa, e entrando esteve-a ouvindo até o cabo, e ainda outras duas, que se começaram. N'este tempo desejando elrei saber se era já morto, mandou ao pagem da camera (que era aquelle que o havia accusado levantando-lhe o falso testemunho) e lhe disse: — Vae ao forno a saber se tem já feito o que mandei; foi e dando o recado, arrebataram-no os homens e vivo o metteram no forno. N'este tempo acabando o moço innocente e sem culpa de ouvir as missas, foi dar o recado que elrei lhe tinha dito, se haviam feito o que sua alteza lhes havia mandado, e dizendo elles—que si, se volveu com a resposta a Elrei, o qual vendo e considerando que havia acontecido este negocio ao revés de como elle havia mandado, e tornando-se ao pagem o começou a reprehender, perguntando-lhe d'onde havia estado tanto tempo? Respondeu elle:— Senhor, indo a cumprir o mandado de vossa alteza, tangendo a Missa entrei dentro, e ouvi aquella missa até o cabo, e antes que aquella se acabasse começaram duas, e assi ouvi todas trez até o cabo, porque assi m'o encommendou meu pae e deixou por benção, que todas as missas que visse começar estivesse a ellas até o fim. Então viu elrei por este juizo de Deus as falsidades, e veiu a cahir na conta da verdade e a conhecer a innocencia da santa rainha, e a fidelidade e virtude de criado, e assi lançou a má imaginação que trazia contra a rainha.

(*Baculo pastoral*, 1, 148.)

---

## 175. A INGRATIDÃO DOS FILHOS

Certa mulher, déra á sua filha em dote quanto possuia; e depois, assim ella como o genro a desprezavam e lhes aborrecia em casa como carga inutil. Vendo isto a velha:

— Já sei (disse comsigo) como emendar o erro meu.

D'ali por diante fingia que se furtava aos olhos dos domesticos para se retirar a certo aposento interior, onde tinha uma arca com muitas fechaduras, cujas chaves re-catava; ali, de noite, a horas escusas, com dissimulação affectada, abria, vasava, contava e tornava a guardar, em logar de patacas, pedacinhos de louça quebrada, espreitando entretanto se fôra sentida a mesma que o desejava ser. Tambem entre a conversação deixava cahir algumas palavras prenhes, que indicavam testamento feito, ou quantidade de suffragios e esmolas, ou louvor dos que poupavam para a sua velhice ou outras semelhantes. Do que tudo vieram a filha e o genro a entender que a velha tinha dinheiro escondido e logo deliberaram dar-lhe bom trato e falar-lhe com agrado e sugeição. Tanto que chegou o seu dia e passou d'esta vida, foram muito soffregos registrar o que havia na arca, suave tormento de suas esperanças, mas o que acharam entre os telhos, foi só um papel com estas palavras:

— Filhos meus, se os tiverdes, não vos esqueçaes de vós no dar-lhe estado; este desengano que tenho vos deixo, em logar do dinheiro que não tenho.

(Padre Manoel Bernardes, *Nova Floresta de varios Apophthegmas*, t. 1, p. 145.

---

### Variante

Achava-se certo pae com duas filhas capazes já de tomarem estado, e querendo dar-lh'o com mais grandeza, lhes consignou em dote quanta fazenda possuia. Suppoz que os consortes nunca deixariam de corresponder a esta liberalidade com equal gratificação provendo-o depois do que necessitasse, servindo-o e tratando-o com aquelle amor que podia prometter-se de pessoas tão pro-

ximas no parentesco como obrigadas pelo beneficio. Mostraram-lhe os esposos ao principio algumas demonstrações de affecto, mas faltando-lhes pouco a pouco as esperanças de conseguirem já nada do velho, que lhes tinha dado tudo, começaram-no a maltratar de sorte, que bem cedo conheceu o erro em que cahira, reduzindo-se á pobreza. Vendo-se o velho reduzido a tão triste estado, e cuidando no remedio da sua necessidade, lhe occorreu emfim uma industria, que lhe sahiu bem succedida e acertada. Tinha um amigo particular, e pedin-lhe certa quantia bastante de mil cruzados, a qual sem fallencia alguma lhe restituiria passado aquelle termo. Conseguiu promptamente o dinheiro, e levando-o ás escondidas para a sua camera que ficava proxima ás dos genros e filhas, vasou o sacco sobre uma meza e poz-se a contar o dinheiro, manejando-o de sorte que tinisse e soasse fóra o estrondo. Perceberam as filhas o som, acudiram logo ao reclamo, espreitaram pela fechadura da porta, e vendo sobre o bofete tanta somma de moedas, communicada a novidade aos maridos, assentaram que convinha mudar de estylo e dar ao velho outro tratamento. Como lhe suppunham ainda algum cabedal, temerosas que talvez o deixasse a pessoas extranhas, julgaram que importava ganhar-lhe a vontade para segurarem d'este modo toda a herança. Assim como o resolveram o executaram, e para mais se certificarem, em certa occasião procuraram saber d'elle um dia se lhe restava ainda alguma cousa, e quanta somma de dinheiro de que dispuzesse.

Respondeu o acautellado velho, que alguma quantia reservára para fazer seu testamento: Que sua tenção era deixar a somma dos mil cruzados, que lhe restavam, a suas filhas, deixando a uma ou outra mais ou menos, conforme os obsequios e serviços que d'ellas recebesse n'aquella sua velhice necessitada de tantos.

Bastaram estas palavras para accenderem nas filhas o appetite do dinheiro, e cada qual logo á porfia começou

a ganhar a vontade e benevolencia do pae, servindo-o em tudo e gosando-se elle dissimuladamente do bom successo que surtira o stratagem. Passado algum tempo adoeceu de morte o velho, e chamando as filhas e os genros, disse-lhes ser chegada a sua ultima hora, e que assim tanto que expirasse, acabados os suffragios, receberiam dos *Frades* a chave da caixa, a qual abrissem, porque de quanto estava dentro as deixava egualmente por herdeiras. Apenas o bom velho expirou, promptamente se disseram as missas, e recebendo as filhas com alvoroço a chave, abriram a arca mui ligeiras, mas não estava dentro uma só moeda; sómente acharam um malho, que tinha estas letras ao redor escriptas:

«Com este malho se dê na cabeça de quem não tratando de si, deixa a sua fazenda a outrem.»

(Padre Manoel Consciencia, *Academia universal de varia erudição*, p. 95.)

---

## 176. A USURA DE NOSSA SENHORA

Um onzeneiro famoso foi avisado e castigado com lepra. Tendo já quasi esgotada a medicina e a bolça, por ultimo remedio recorreu á Senhora do Loreto, prometendo-lhe se sarasse, offerta de cem escudos de ouro. Foi ouvido e restituído á saude brevemente. Os amigos, aproveitando a occasião o amoestaram, não tornasse a manchar a sua alma com aquelle vicio da usura. Respondeu:

—Se fôra vicio esse que dizeis, não levára a Senhora cem escudos por curar-me.

(Padre Manoel Bernardes, *Estimulo pratico*, Exemplo v.)

---

177. **O MEDICO DE BOA FÉ**

Como o outro que curava de um espinho certo cavalleiro, e tinha-lhe mettido em cabeça que era posthema. Ausentou-se um dia e deixou um seu filho instruido, que continuasse com os emplastos do espinho, a que chamavam posthema. Mas o filho na primeira cura, para se mostrar mais destro, arrancoû o espinho; cessaram logo as dôres, e sarou o doente em menos de vinte e quatro horas. Veiu o pae; pediu-lhe o filho alviçaras, que sarára o doente só com tirar-lhe o espinho. Respondeu-lhe o pae:

— Pois d'ahi comerás, pura besta. Não vias tu, selvagem, que emquanto se queixava das dôres continuavam as visitas e se acrescentavam as pagas? Seccaste o leite á cabra que ordinhavamos.

(Padre Vieira, *Arte de Furtar*, p. 26.)

178. **NÃO ESCAPA DE LADRÃO  
QUEM SE PAGA PELA SUA MÃO**

A um cego, d'esses que pedem por portas, deram uma vez em certa parte um cacho de uvas por esmola; e como se guarda mal cevadeira de pobres, o que se pôde pisar, tratou de o assegurar logo repartindo igualmente com o seu moço que o guiava; e para isso concertou com elle, que o comessem bago e bago, alternadamente; e depois de quatro idas e venidas, o cego para experimentar se o moço lhe guardava fidelidade, picou os bagos a pares; o moço vendo que seu amo falhava no contracto, calou-se e deu-lhe os cábes a ternos. Não lhe esperou muito o

cego e ao terceiro invite descarregou-lhe o bordão na cabeça. Gritou o rapaz:

—Porque me dais?

Respondeu o amo:

—Porque contratando nós, que comessemos igualmente estas uvas bago e bago, tu comes a trez e a quatro.

Perguntou-lhe então o moço:

—E quem vos diz a vós, que eu fiz tal aleivosia?

—Isso está claro (respondeu o cego), porque faltando-te eu primeiro no contracto comendo a pares, tu te calaste, sem me requereres tua justiça; e não eras tu tão santo, que me levasses em conta nem em silencio a minha sem razão, senão pagando-te em dobro pela calada.

(Padre Vieira, *Arte de Furtar*, p. 33.)

---

#### 179. A VENDA DAS GALLINHAS

E menos agudo andou o outro, que talhando o preço das gallinhas a quem as vendia na feira, e levando-o a quem dizia lh'as havia de pagar, o poz em uma Igreja onde estava o padre cura confessando; e chegando-se a elle lhe pediu por mercê á puridade, se lhe queria ouvir de confissão aquelle homem, e respondeu alto que sim e que esperasse, que logo o despacharia, se deu o vendedor por satisfeito, cuidando que o mandava esperar para lhe dar o preço da compra, e teve logar o ladrão de se acolher com o furto.

(Padre Vieira, *Idem*, p. 276.)

---

**180. O ROUBO DO VESTUARIO**

Mais agudo andou outro, que vendo entrar pela ponte de Coimbra um forasteiro bem vestido armou a lhe furtar o fato na volta; e armou bem para seu intento, porque o esperou no bocal de um poço, que está na estrada por onde havia de passar, chorando sua desgraça, e que lhe cahira n'aquelle instante uma cadêa de ouro dentro do poço e que daria um dobrão a quem lh'a tirasse. Moveu-se á compaixão o passageiro, que devia de ser homem de bem, senão que o picou o interesse, e por isso não presumiu de malicia; gabou-se que sabia nadar como um golfinho e que lhe tiraria a cadêa de mergulho. O malote da cadêa, tanto que o viu debaixo da agua, tomou as de Villa Diogo com todo o fato e cabana.

(Padre Vieira, *Ibidem*, p. 278.)

---

**181. A ROUPA DOS MENDIGOS**

Um fidalgo piedoso lançou um pregão na sua terra, que tal dia dava um vestido novo por amor de Deus a cada pobre. Ajuntaram-se no seu pateo infinitos, e a todos deu vestidos novos, mas obrigou-os a que logo os vestissem, e tomou-lhes os velhos, e n'elles achou bem cosida e escondida por entre os remendos maior quantidade de dinheiro vinte vezes que a que tinha gasto nos vestidos.

(Padre Vieira, *Arte de furtar*, p. 316.)

---

182.

**A CASA DOS MORTOS**

Indo o pagem de um fidalgo que tinha fama de rico, comprar uma moeda de rábãos para a cêa de todos, encontrou uma grande procissão de religiosos e clérigos, que levavam a enterrar um defunto, e de traz da tumba se ia carpindo a mulher, e lamentando a sua desgraça; e ouviu que dizia entre lagrimas e suspiros:

—Aonde vos levam, meu mal logrado? Á casa onde se não come, nem bebe; nem tereis cama mais que a terra fria.

Em ouvindo isto o rapaz, voltou para casa como um raio fugindo, trancou as portas e disse espavorido a seu amo:

—Senhor, ponhamo-nos em armas, que nos trazem cá um homem morto.

—Tu deves vir doudo, disse o amo, pois cuidas que a nossa casa é igreja?

—Entrei em suspeitas se viriam cá enterrar aquelle finado; e confirmei-me de todo, porque a gente que o traz vem dizendo que o levam á casa onde se não come, nem bebe, nem ha cama mais que a terra fria; fiz bem em fechar as portas, pois assás bastam os defuntos, que cá jazemos mortos de fome, que he peor que maleitas.

(*Idem, ib.*, p. 328.)

183.

**AS BOTAS FIADAS**

Um fidalgo, tomou por materia de riso calçar todo o anno sem pagar nenhum par de obra aos sapateiros, que vieram a dar-lhe na trilha, levantando-se ás maiores com palavras, que correu entre todos que nenhum se fiasse d'elle, nem lhe desse calçado sem lhe pagar primeiro.

Vendo-se o fidalgo posto em cêrco, e que ninguem lhe queria dar sapatos sem o dinheiro na mão, mandou ao moço que pedisse um só sapato á prova, e que se lhe contentasse mandaria buscar o outro com o dinheiro de ambos.

— Isso sim, disse o official; um sapato levará você, mas dois não os verá seu amo sem me pôr n'esta banca o dinheiro.

Como o fidalgo teve um nas unhas, mandou o pagem a outro sapateiro com o mesmo recado, e do mesmo modo fiou um sapato d'elle, persuadindo-se que mandaria buscar o outro com o dinheiro, ou lh'o restituiria não lhe servindo. Vendo-se assim com os dois, calçou-os e foi-se ao paço rir sobre a historia.

(Padre Vieira, *Arte de furta*r, p. 474.)

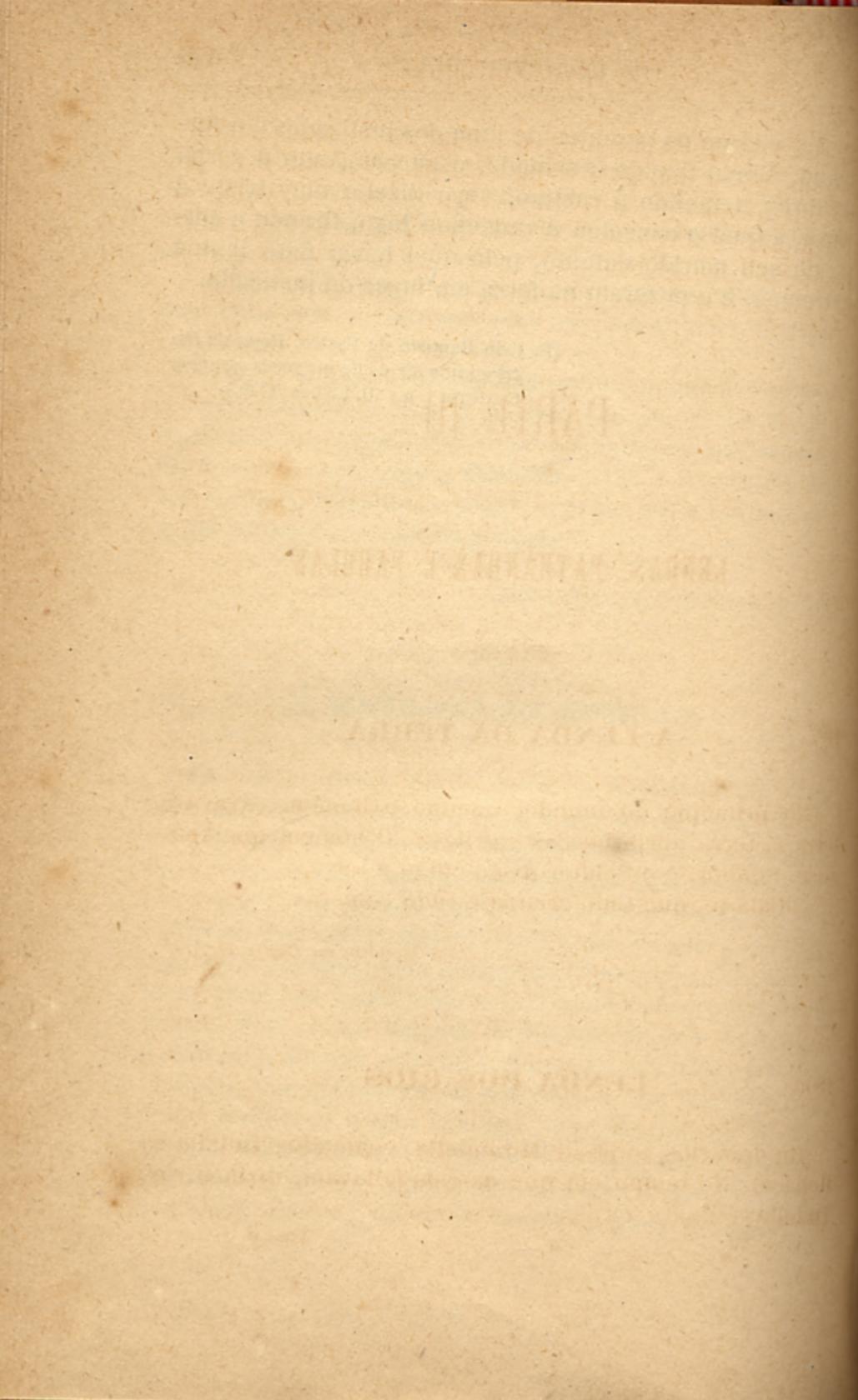
184.

## A MATRONA DE EPHESO

Em Efezo havia huma matrona honestissima que, morrendo-lhe seu marido, fez por elle os mayores extremos de dôr que se podem considerar; e não se contentando com as ceremonias communs das outras viuvias, se foy á sepultura de seu marido (que antigamente se enterravam nos adros das Igrejas) e ali estava a chorar, sem querer comer, nem afastar-se d'aquelle logar. Aconteceu terem ali perto enforcado a huns facinorosos, para guarda dos quaes deixára a Justiça alguns soldados. Soube hum d'estes que estava junto da sepultura aquella matrona, e compadecido da sua magoa, lhe levou da sua cêa, e a obrigou a que comesse, por não morrer desesperada. Passou adiante, porque o mesmo que a convenceo a que comesse, a persuadiu tambem a que lhe desse seu corpo, com a qual cousa descuidando-se da sua obri-

gação, vieram os parentes de hum dos justicados e o furtaram. Vindo depois o soldado, e não achando o corpo na forca, temendo o castigo, veyo dizel-o muy triste á viuva, a qual o consolou e remediou logo, tirando o corpo de seu marido defunto, pelo qual havia feito tantos extremos, e o puzeram na forca em lugar do justicado.

(P. João Baptista de Castro, *Hora de Recreio nas ferias de mayores estudos*, Centuria 1, n.º 79. Lisboa, 1770.)



## PARTE III

---

### LENDAS, PATRANHAS E FABULAS

---



185. **A LENDA DA TERRA**

No principio do mundo, quando o homem cavava a terra, a terra abria boccas e gritava. O homem queixou-se ao Senhor, e o Senhor disse então á terra:

— Cala-te, que tudo criarás e tudo comerás.

*(Guarda, Mondim da Beira, etc.)*

---

186. **LENDA DOS RIOS**

Ha dois rios ao pé de Mirandella, chamados Tudella e Robaçal. No tempo em que os rios fallavam, dizia o rio Tudella:

Arreda, arreda,  
Rio Tudella;  
Se não quizeres arredar  
Ahi vem o Robaçal  
Que elle te fará arredar.

Porque o rio Robaçal leva mais agua do que o Tudella.

(*Torre de D. Chama.*)

### 187.        **TEJO, DOURO E GUADIANA**

Havia trez rios irmãos, o Tejo, o Guadiana e o Douro, que combinaram deitar-se a dormir, dizendo que o que primeiro acordasse partisse para o mar. O Guadiana foi o primeiro que acordou; escolheu lindos sitios e partiu de seu vagar. O Tejo acordou depois, e como queria chegar primeiro ao mar, largou mais depressa, e já as suas margens não são tão bellas como as d'aquelle. O Douro foi o ultimo que acordou, por isso rompeu por montes e valles, sem se importar com a escolha, e eis porque as suas margens são tristes e pedregosas.

(*Mondim da Beira, Famalicão, Porto.*)

### 188.        **LENDA DA LUA E DA AGUA**

Quando Deus foi fazer o Inferno deixou Luz-Vella na cadeira d'elle; quando veiu não lhe quiz Luz-Vella restituir a cadeira, allegando que o Senhor lh'a tinha dado.

Dizia o Senhor:

—A cadeira é minha, emprestei-t'a, não t'a dei.

Luz-Vella ateimava muito e poz uma demanda com o Senhor. O Senhor apresentou a Lua, a Agua e o Sol como testemunhas de que tinha emprestado e não dado a cadeira. A Lua e a Agua juraram falso; o Sol jurou a verdade, dizendo ao Senhor:

—O que é dado é dado; o que é vendido é vendido; o que é emprestado é emprestado. Portanto a cadeira é vossa.

Deus então castigou a Lua (que era tão linda como o Sol) tirando-lhe os raios para os dar ao Sol; castigou a Agua, obrigando-a a correr sempre, sem nunca estar queda.

(Famalicão.)

## 189. LENDA DO MILHO E DO CENTEIO

Quando se acaba de gastar o milho começa a colheita do centeio barroso, que se semeia em fevereiro e só se malha em julho. De uma vez o milho disse-lhe, chasqueando-o d'esta sua demora:

— Gandarella, gandarella,  
Que andas seis mezes na terra.

Respondeu-lhe o centeio:

«Cala-te lá meu reboludo,  
Quando te acabas sou eu que acudo.

(Airão.)

### Variante:

Disse o Trigo para o Centeio:

Cala-te lá, Centeio, centeiço;  
Que tu não fazes as funcções que eu faço.

Retruca o Centeio para o Trigo:

Cala-te lá, Trigo espadanudo,  
Que não acodes ao que eu acudo.

Diz d'ali a Aveia:

Eu sou a Aveia  
Negra e feia;  
Mas quem me tem em casa  
Não se deita sem ceia.

(*Villa Nova de Gaya.* — Leite de Vasconcellos, *Trad.*, p. 128.)

190. **LENDA DAS ADUELLAS  
E DOS ARCOS DA PIPA**

Diziam as aduellas da pipa: — Muito fortes sômos nós, que sustemos o vinho.

Responderam os arcos: — Mais fortes sômos nós, que em todas vós temos mão.

N'isto começa a fallar o vime, que liava os arcos de loureiro:

Mas se eu tiro a minha mão  
Vae-se o vinho pelo chão.

(*Airão.*)

191. **A LENDA DAS MANCHAS DA LUA**

Uma vez andava um homem a trabalhar ao domingo apanhando silvas. Apareceu Deus e disse-lhe:

— Então andas a trabalhar ao domingo?

— Senhor, aqui ninguem me vê n'este canto.

—Pois deixa estar que toda a gente te ha-de vêr.

Depois Deus collocou na Lua o homem com o mólho de silva ás costas. É elle que, andando lá, produz as manchas.

(Freixo, Carrazeda de Anciães, etc.—  
L. de Vasconcellos, *Vanguarda* n.º 34.)

192.

## OUTRA

A Lua era mais linda do que o Sol. O Sol queria casar com ella, mas a Lua não lhe dava cavaco. Elle então despeitado atirou-lhe á face com cinza, e ella a elle com agulhas de costura.

A Lua ficou sem brilho, e o Sol cheio de raios. Ainda nos eclipses é o Sol que batalha com a Lua.

(Porto, Vimieiro, *Leça do Balio, Familiarão, Carrazeda, Torre de D. Chama.*—Ibidem.)

193.

## LENDAS DE FEVEREIRO

Uma vez o Fevereiro pediu a Março uma tigela de papas; disse o Março:

—Só se tu me emprestares trez dias.

Fevereiro cahiu n'essa, e d'ahi em diante ficou com vinte oito dias e o Março com trinta e um.

Dizia a velha dos bezerrinhos:

—Vae-te, meu Fevereiro curto,  
Que cá ficam os meus bezerrinhos  
Todos uito.

Diz agora elle:

«Ora cala-te tu,  
Que ahí vem meu irmão Março,  
Que dos oito ficarão quatro.

(Foz.)

Fevereiro  
Enganou a mãe  
Ao soalheiro.

(P. Delicado.)

194.

### LENDA DE SALOMÃO

O rei Salomão era tão esperto que mesmo de cima de uma palheira sabia vêr tudo o que ha por esses céos além. Vae de uma vez a mãe tirou-lhe a palheira debaixo dos pés, quando elle estava a vêr as estrellas, e elle parou a fallar comsigo :

—Temos cousa! Ou o céo se arredou, ou a terra se afundou.

(Açores.)

195.

### LENDA DO CHORÃO

O chorão protestou com Deus que havia de chegar ao céo. O Senhor disse-lhe, que nunca lá havia de chegar, porque quanto mais crescesse mais havia de virar para o chão.

(Famalicão.)

196.

**LENDA DA LENHA**

Quando se queimava a lenha ella gritava; foi por isso que o Senhor lhe tirou a falla para não commover a gente.

---

197.

**LENDA DA OVELHA**

No principio do mundo, a ovelha fallava. Ella estava presa, mas queria que lhe abrissem a porta, porque tinha chegado Março e já havia que comer; e disse então:

No Março, onde quer eu passo;  
No Abril, abre a porta e deixa-me ir;  
Em Maio, onde quer eu caio.

---

198.

**LENDA DO CÃO**

O cão pediu ao lobo para o ensinar a uivar. E o lobo pediu-lhe que o ensinasse a farejar. O lobo ensinou-o a uivar, mas quando lhe pediu que o ensinasse a farejar, o cão disse:

Se te eu ensinasse a farejar  
Á cama me ias matar.

(Guarda.)

---

**199. LENDA DA SERPENTE, DO SAPO  
E SARDÃO**

No principio fallava a serpente, o sardão, o sapo, etc. Deus perguntou-lhes, se queriam ter pernas e não fallar.

A serpente disse que não queria ter pernas, mas ferrar. O sardão disse que queria ter pernas e não ferrar, mas ser avêssô ás mulheres. O sapó disse que não queria ter pernas, nem ferrar, mas ter o corpo feio e os olhos bonitos.

(*Leça do Balio.*)

200.

### LENDA DA CORUJA

Havia um passaro sem pennas, chamado o pito-nú. A coruja ficou por fiadora para que todas as outras aves emprestassem ao pito-nú pennas para elle se vestir. Mas o pito-nú, assim que se agarrou vestido, fugiu. A coruja nunca apparece de dia com medo de que as outras aves a piquem, pelo facto de ella não poder restituir as pennas do pito-nú.

(*Do pé da Guarda.*)

201.

### LENDA DO SAPO

O sapo sustenta-se de terra que come, mas come muito pouquinho de cada vez com medo que ella se acabe.

(*Airão — Minho.*)

202.

### PORQUE OS CÃES SE CHEIRAM

Os cães deram uma vez um banquete entre si; como faltasse a pimenta offereceu-se um d'elles para ir de uma carreira á cidade buscal-a. Os outros cães esperaram que esperaram e o mensageiro não apparecia; por fim resolveu ir cada um á sua procura, e d'aqui resultou que

quando algum cão se encontra com outro sempre se cheiram para saberem se é o que foi buscar a pimenta.

(Braga e Ilha de S. Miguel.)

203. **LENDA DAS ANDORINHAS  
E DOS TARALHÕES**

Dizem os taralhões:

— D'onde vindes, andorinhas,  
Que fostes poucas e muitas vindes?

Replicam ellas:

— D'onde vindes, taralhões loucos,  
Que fostes muitos, e vindes poucos?

(Carrazeda de Anciães.)

204. **CONTO DA CODORNIZ**

(VOZES DE ANIMAES)

A codorniz passando um dia por certo sitio, viu o sapo á porta do seu covil, e como elle só tivesse visivel a cabeça, a codorniz encantou-se dos olhos d'elle e pediu-lhe que saísse cá fóra; o sapo obedeceu, mas a codorniz aterrou-se tanto com a figura d'elle que se retirou bradando: *Tem-te-lá! Tem-te-lá!* D'aqui acredita-se que veiu a fórma do seu canto.

(Paços de Ferreira.)

205.

**ONOMATOPEÁS**

Canta o gallo :

— Quem virá lá ?

Outro gallo :

— Um cavalheiro.

A gallinha :

— Jantará cá ?

Um frango :

— Triste de mim :

Outro mais pequeno :

— Tripas ao sol.

*(Airão.)*

206.

**O CUCO E A POUPA**

A poupa foi uma vez chamar o cuco para a ajudar a fazer certo trabalho; disse o cuco :

Eu, se estiver suão,  
 Vou-te dar uma demão;  
 E se estiver nevoeiro  
 Quero ir para o meu cuqueiro.

207.

## LENDAS DOS ANIMAES

Quando os animaes fallavam, a *pulga* disse:

Que a matassem  
Mas que a não estorcegassem.

(*Oliveira de Azemeis*—Leite de Vasconcellos, *Tradições*, p. 139.)

Dizia a *gallinha*, referindo-se ao milho:

—Que muito se medisse, e nenhum se vendesse.

(*Penafiel*. — *Ib.*, p. 154.)

O *burro* disse:

Que tanto nevasse  
Que até as ventas se lhe arreganhasse.

(*Carregosa do Douro*, *Ib.*, 176.)

O *boi* disse:

Que tanto chovesse  
Que até os cornos lhe amollecesse.

(*Penafiel*, *Ib.*, 177.)

A *cabra* disse:

Que tanto sol raiasse  
Que até as pedras rachasse.

(*Ib.*, p. 180.)

Disse a *ovelha*:

Que tanto ventasse  
Que até a lã lhe voasse.

(*Penafiel, Gaia*. — *Ib.*, 182.)

208.

**VOZ DO CORVO**

Uma vez andavam uns pedreiros no monte a arrigar um penedo, o que lhes custava; passou um corvo por cima e disse:

— Scaba, scaba, scaba (*escava*).

D'aqui lhe veiu a sua feia voz.

(*Paços de Ferreira. — Ib., 158.*)

209. **LENDA DO SAPO E DA TOUPEIRA**

O sapo em outro tempo tinha rabo, e a toupeira tinha olhos. Depois fizeram uma troca entre si; a toupeira ficou cega mas em paga com cauda, e o sapo desrabado ficou com uns olhos lindos.

(*Chaves. — Ap. Leite de Vasconcellos.*)

210.

**A PROVA DOS LOBOS**

Uma vez uns lobos tinham enterrado um carneiro para o comerem em certo dia; mas um d'elles foi ás escondidas e comeu-o sosinho; os outros, quando viram que o carneiro tinha desaparecido, disseram que haviam de saltar todos por cima de um carro com estadulhos, que o criminoso ficaria espetado nos estadulhos. Saltaram, e o criminoso ficou effectivamente espetado nos páos.

(*Mondim da Beira. — Leite de Vasconcellos, Tradições, p. 187.*)

211. **O GORAZ**

O goraz tem duas malhas, uma de cada lado da cabeça; é o signal dos dedos de S. Pedro quando um dia que andava pescando apanhou este peixe.

(Pedroso, *Varia*, n.º 446. — Leite de Vasconcellos, *Trad.*, 188.)

212. **O GRITO DO CÃO**

Abel tinha um cão que estimava muito; quando Caim matou Abel, o cão foi pelo mundo fóra a dizer:

— Caim, Caim!

D'aqui o grito do cão, quando lhe batem.

(*Mafra*. — L. V., *ib.*, 197.)

213. **AS ORELHAS DO BURRO**

Quando Deus criou os animaes, deu o nome a todos; d'ahi a dias veiu verificar se elles se lembravam ainda dos seus nomes. Todos se lembravam, menos o burro; Deus então puchou-lhe muito as orelhas e disse-lhe:

— Burro, burro! sempre hasde ser burro!

(*Mafra*.)

214. **A CREAÇÃO DA MULHER**

Quando Deus quiz formar Eva, tirou uma costella de Adão, mas veiu um cão (var. *raposa*, *gato*, etc.) e levou a

costella. Deus correu atraz d'elle, e agarrando-lhe pela cauda fez d'ella a mulher, dizendo:

Tanto vale fazer Eva,  
De uma costella de Adão,  
Como de um rabo de cão.

(Ap. Leite e Vasconcellos, *Vanguarda*,  
n.º 39.)

### 215. A OBRA DE S. PEDRO

Andava uma mulher a bulhar com o Diabo. Deus mandou S. Pedro apartal-os. O santo foi, cortou a cabeça a ambos, e voltou. O Senhor perguntou:

— Oh Pedro, tu que fizeste?

— Não se queriam accommodar, e eu peguei e cortei-lhes as cabeças.

— Eu não te mandei fazer isso. Torna lá.

Sam Pedro foi, mas ao collocar as cabeças nos troncos, enganou-se e collocou na mulher a cabeça do Diabo, e n'este a da mulher.

(Ibidem.)

### 216. O CANTO DO GALLO

Quando os Apostolos estavam á meza, affirmaram elles que Christo não era Deus; e Christo respondeu:

— Que tanto era Deus como o gallo fallar.

Foi então que o gallo disse: *Coroado!*

E ainda hoje é a sua linguagem.

(*Penafiel.*)

217.

**LENDA DA CODORNIZ**

Quando a Virgem ia de Belem para Nazareth a codorniz levantou o vôo e fez bulha; a Senhora amaldiçoou-a para que não podesse pousar em arvore nenhuma.

(Cabo Verde.)

---

218.

**OUTRA**

Indo Nossa Senhora a fugir para o Egypto com o seu filho, a codorniz levando o vôo dianteiro gritava: *Cá vae!* A Senhora vendo que ella a denunciava, condemnou-a a andar rasteira, sem erguer vôo nem sorrir para o sol.

(Açores.)

---

219.

**LENDA DA ARVELINHA**

Quando ia de fugida para o Egypto a Virgem com o Menino, a arvelinha ia atraz apagando as pégadas com o rabinho. Então Nossa Senhora abençoou-a, dando-lhe o poder de matar o milhafre mettendo-se debaixo das azas.

(Açores.)

---

220.

**O BALIDO DA OVELHA**

Quando a Virgem ia para o Egypto, andava a ovelha no monte a berrar: *Belem! Belem!* A Virgem não queria que ella berrasse para se não saber que ella ia ali, e a ovelha continuava sempre a dizer aquillo. A Virgem Ma-

ria amaldiçoou então a ovelha, ficando esta sempre condemnada a herrar.

(Famalicão.)

### 221. NOSSA SENHORA E A SOLHA

Estando Nossa Senhora á beira do rio, viu uma solha e perguntou-lhe:

— Oh solha! a maré enche ou vasa?

A solha pôz a bocca á banda, e repetiu com escarneo:

— Oh solha, a maré enche ou vasa?

Nossa Senhora disse:

— Assim fiques sempre com a bocca á banda.

(Foz e Porto. — Ap. *Positivismo*, t. IV, p. 225.)

### 222. A ROMARIA DA ABBADIA

Deus mandou a Senhora para o deserto, e ella não queria ir. Deus disse-lhe então:

— Vae, Maria. Todas as romarias hãode renovar e acabar, e a tua hade ficar.

(Famalicão.)

### 223. LENDA DAS GIESTAS

(Do 1.º de Maio)

Quando Christo veiu ao mundo, foi procurado pelos Judeus para o matarem, e como estes o vissem entrar para uma casa, collocaram-lhe á porta um ramo de giesta, afim de no dia seguinte o prenderem. N'esse dia, po-

rém, todas as casas da povoação appareceram marcadas e os judeus não puderam dar com elle.

(*Vanguarda*, n.º 20.)

224.

### LENDA DO MANTO DE NOSSA SENHORA

Estava Nossa Senhora em sua casa, quando lhe vieram dizer:

— Vinde vêr o vosso amado Filho, que vem pela rua da Amargura com a cruz ás costas.

Nossa Senhora arranjou-se á pressa e disse para Santa Izabel:

— Prima, dá-me d'ali d'aquella arca o meu manto.

Santa Izabel foi e perguntou:

— Qual quereis, o manto roxo ou o manto encarnado?

Responde-lhé a Senhora:

— Oh bebada! Eu estou cá agora para mantos encarnados!

(*Porto.*)

225.

### LENDA DOS TREMOÇOS

A Virgem passava por um campo de tremoços. Como elles rugiram, e a Virgem não queria que elles fizessem barulho, disse-lhes:

— Amaldiçoados sejaes vós! Quem vos comer nunca se satisfará.

(*Famalicão*. — *Vanguarda*, n.º 50.)

226. **LENDA DE NOSSA SENHORA**

A Virgem passava por um campo de trigo e perguntou aos lavradores:

— Que semeaes?

— Semeamos pedras.

— Pedras vos nasçam. D'aqui a tres dias vinde quebrar os penedos.

E continuou a andar. Logo ao outro dia o campo appareceu coberto de penedos.

Chegou a outro campo, onde andava outra sementeira. Perguntou:

— Que semeaes?

— Trigo.

— Trigo vos naça. D'aqui a tres dias vinde segal-o.

D'ali a tres dias vieram os Judeus e perguntaram aos lavradores:

— Vistes aqui passar uma mulher com um menino, a cavallo n'uma jumentinha?

— Vimos. Andavamos nós a semear este trigo.

— Ah! isso então já foi ha muito. Podemos ir embora. Assim escapou a Virgem.

(*Id. ibid.*)

227. **A SUBMERSÃO DAS CIDADES**

Na ilha de S. Miguel existe uma lagôa das Sete Cidades. A tradição da submersão de cidades em lagos é frequente na península hispanica, explicando-se pela seguinte fôrma:

Nossa Senhora foi á Cidade de Valverde vestida de pobre pedir esmola; como a trataram com crueza, Valverde afundou-se na lagôa do Carregal.

(*Galliza.*)

228.

**A LENDA DOS FERREIROS**

Nas proximidades de Penella ha dois montes bastante elevados e de fórma mais ou menos conica.

Dois ferreiros, dizem que irmãos, foram estabelecer as forjas cada um em seu monte, mas possuindo ambos um só martello, d'elle se serviam alternadamente. Os montes, na sua parte superior distam uns dois kilometros um do outro; e quando o Mello, assim se chamava um dos ferreiros, precisava do martello, chegava á porta da forja e gritava para o Jurumello, assim se chamava o outro, para lh'o atirar. Os dois ferreiros eram gigantes; uma vez zangou-se o Jurumello com o companheiro, e atirou-lhe o martello com tanta violencia, que desencavando-se este no ár, foi cair o ferro na encosta do monte Mello, e logo d'ahi brotou uma fonte de agua ferrea, e o cabo, que era de madeira de zambuja, foi espetar-se na terra, reproduzindo-se um zambujo, que deu o nome á povoação do Zambujal, a quatro kilometros dos referidos montes.

(Ap. *Positivismo*, t. II, p. 452. Porto, 1880.)

---

**Variante:**

Havia um ferreiro no monte de Arcella e outro no de Guisande (Minho), mas tinham entre si apenas um malho com que trabalhavam. Quando um descansava atirava o malho ao outro, de monte a monte.

(*Cercanias de Vermoim*.—Ap. *Epopéas Mosarabes*, p. 102. Porto, 1871.)

---

229.

**LENDA DA PONTE  
DE DOMINGOS TERNE**

A ponte de Domingos Terne, sobre o Ave, uma legoa para o norte da Senhora do Porto de Ave, foi segundo a tradição, feita pelo Diabo. Eis o caso:

O Diabo queria ajuntar dois namorados, cada um dos quaes morava em logares differentes e separados pelo rio. Todas as noites lançava este uma ponte para o rapaz ir ter com a sua conversada (namorada). Soube-se d'isto, e n'uma noite um padre pôz-se á espreita, e depois que o rapaz passou, exorcismou de repente a ponte, que o diabo nunca mais pôde retirar.

(Ap. Consiglieri Pedroso, *Positivismo*, t. IV, p. 416. Lendas analogas se contam das pontes de *Val-Telhas*, *Misarella* e outras.)

---

230.

**LENDA DA AMENDOEIRA**

A amendoeira é a arvore que enganou o diabo. O diabo como a viu florecer em janeiro, sentou-se debaixo d'ella, á espera que lhe amadurecessem os fructos, para depois ir guardar as outras arvores. Esteve até setembro á espera do fructo, pois é n'este mez que a amendoeira o dá. Como n'esse mez não estivessem maduras ainda as amendoas, cansado já de esperar foi espreitar as outras arvores. Estas porém já estavam apanhadas e o diabo todo desapontado voltou para debaixo da amendoeira, mas n'este meio tempo tinham-lhe apanhado as amendoas e o diabo ficou logrado.

(Idem, *ibid.*, Lisboa.)

---

231. **A PONTE DA ALLIVIADA**

Quando o diabo fez a ponte da Alliviada chamou S. Gonçalo, que andava a fazer a de Amarante, e disse-lhe que a não benzesse; o Santo ergueu a bengala a modo de cruz, assim como quem ao fallar aponta; o Diabo então fugiu para cima de um monte d'onde começou a atirar pedras ao santo, as quaes elle desviava.

(Leite de Vasconcellos, *Tradições*,  
p. 312.)

---

232. **A PONTE DA MISARELLA**

Um salteador das terras d'além Douro perseguido pela justiça embrenhou-se pelas serras de Traz-os-Montes, mas chegou á beira de uma torrente caudal e não pode passar. Para fugir offereceu a alma ao Diabo, e logo ali appareceu uma ponte, que se desfez logo que elle passou. Na hora da morte o salteador confessou-se, e o padre disfarçando-se em salteador chamou o Diabo, fez-lhe a mesma proposta, a ponte appareceu, e metteu-se por ella. Quando já estava no meio da ponte faz o signal da cruz, bota-lhe agua benta, e a ponte ficou firme até hoje. É de um só arco.

(Ap. J. A. d'Almeida, *Dicc. Chorographico.*)

---

233. **LENDA DE SIMANCAS**

A villa de *Simancas*, chamada de antes Gureba, cobrou este nome, porque sete donzellas que d'aqui haviam de ser levadas, se cortaram as mãos para d'este modo

escaparem; e como as amostrassem aos mouros que vi-  
nham arrecadar o tributo, dizendo: — Que não podiam ir  
por estarem mancas, — elles responderam, que:

— *Assi mancas* as queriam.

Mas o povo compadecido de tanta virtude, arremetteu  
tumultuariamente contra os Mouros e mortos de mão  
commum, foram as donzellas póstas em liberdade, dei-  
xando por nome á villa a resposta que deram aos barba-  
ros: *Si mancas* as queremos, e por armas as mãos corta-  
das das donzellas.

(Fr. Bernardo de Brito, *Monarch  
Lusit.*, P. II, liv. 7, cap. 9.)

234.

### LENDA DE CHACIM E DO MOSTEIRO DE BALSEMÃO

Um habitante da Alfandega da Fé recusou-se a ceder  
sua noiva para a prelibação, d'onde resultou uma renhi-  
da peleja entre christãos e mouros. Como os christãos  
eram poucos, Nossa Senhora veio soccorrel-os, trazendo  
uma ambula de *balsamo na mão*, com que ia dando vida  
aos mortos e sarando os vivos. Em reconhecimento da vi-  
ctoria alcançada por este modo o povo fez uma ermida a  
Nossa Senhora do *Balsamo na mão*, e ainda hoje se cele-  
bra ali a festa do *Cara-Mouro*, resultando para a aldeia o  
nome de *Chacim* da *chacina*, que ali se fez nos infieis, e  
para a povoação de Alfandega o titulo da *Fé*.

(Vid. J. A. de Almeida, *Diccionario  
abreviado de Chorographia*, t. I,  
p. 37.)

235. **ORIGEM DO NOME DE VIZEU**

Quasi pegado a esta cidade para o lado do nascente, está o Alto do Viso, onde se dividem as aguas para os rios Paiva e Dão: d'este alto os guerreiros christãos avistaram uma povoação, e disse um d'elles:

— Que *Viso eu?*

D'aqui ficou o nome á terra.

---

236. **ORIGEM DO NOME DE BRAGANÇA**

*Bem querença*, era este o nome que primeiro se deu á villa de Bragança, por ser o mesmo que antes tinha o terreno, quinta ou lugar em que elrei Dom Sancho I a fez de novo construir.

(Viterbo, *Elucidario*.)

---

237. **LENDA DE BRITEANDE**

Era uma vez um rei que passou por aquelle sitio (de Briteande) na occasião em que um lavrador andava a varejar uma nogueira. O pobre homem offereceu nozes a um dos da comitiva real, e como este acceitasse, o rei disse-lhe:

— Conde, *Brite e ande*.

D'aqui o nome da povoação.

(Ap. Leite de Vasconcellos, *Encycloped. republicana*, p. 195.)

---

238.

**LENDA DE CRESCIDO**

(A CASTRO DAIRE)

Um rei, visitando um certo fidalgo, exclamou ao reparar no desenvolvimento physico de um filho do fidalgo:

— Ah! está *crescido*.

(Id., *ibid.*)

239.

**LENDA DE LAMEGO**

Vem de geito esta conhecida phrase *Noites de Lamego*, que se interpreta assim: Um viajante hospedou-se uma noite em Lamego. O dono da casa deu-lhe um quarto muito escuro, onde havia um armario com queijos, e pela manhã esqueceu-se de ir abrir a porta. O viajante acordou, e cuidando que o armario era uma janella, abriu-o e como não visse luz e elle lhe cheirasse ao queijo que lá estava, disse:

— É muito cedo, não se vê nada, e só ainda agora as mulheres vão a vender o leite pela rua.

E tornou-se a deitar, dormindo não sei se um dia se mais. Quando lhe abriram a porta, ficou tão admirado por *as noites de Lamego serem tão compridas*.

(Id., *ibid.*)

240.

**ORIGEM DO NOME DE LISBOA**

A tradição affirma que Ulysses, depois de destruida Troya, viera a estes districtos, e que lançára os primeiros fundamentos de Lisboa, que se ficou chamando *Ulyssiopone*, ou *Ulyssipo*, ou mesmo *Olyssipo*; mas pôde ser que a parecença dos nomes occasionasse esta opinião.

(La Martiniere, *Dicc. Geogr.*)

241.

**OUTRA**

Um padre hespanhol querendo refutar o *Teatro critico* de Feijó, diz que o nome de Lisboa vem do grego *olis*, e *hippon*, tirado do que refere Plinio ácerca das ligeiras eguas que concebiam do vento.

(*Panorama*, t. iv, p. 18.)

**242. A SEPULTURA DOS DOIS IRMÃOS  
EM CINTRA**

Dois irmãos traziam amores com uma donzella que por aquelles sitios habitava, ignorando ambos os amores um do outro. Acontecendo por uma triste fatalidade encontrarem-se os dois irmãos em uma noite tenebrosa, debaixo do balcão do objecto que tão enfeitçados os trazia, um d'elles persuadido que o outro lhe disputava os favores da sua dama, corre cego e inconsiderado sobre elle e o estende morto a seus pés, victima de um frenetico ciume. Porém qual a sua desesperação quando pela voz moribunda d'aquelle que julgava seu rival, reconhece ter sido o assassino de seu proprio irmão, que muito amava e que lhe expira nos braços! Cheio de desesperação volta contra o peito o ferro fraticida, e cae morto sobre o cadaver ensanguentado do irmão, preferindo uma morte prompta a uma vida inconsolavel cheia de remorsos.

(*Cintra Pittoresca*, p. 114.)

Paul ...

## 243. FABULA DA RAPOSA E DO MOCHO

Uma raposa passou por um souto e sentiu piar um mocho; disse ella para si:

— Ceia já eu tenho.

E foi muito sorrateira trepando pelo castanheiro em que estava piando o mocho, e filou-o.

O mocho conheceu a sorte que o esperava, e viu que não podia livrar-se da raposa sem ser por ardil. Disse então para ella:

— Oh raposa, não me comas assim como qualquer frango d'esses que furtas pelos gallinheiros; tu tambem sabes andar á caça de altanaria, e é preciso que todos o saibam. Agora que me vás comer grita bem alto: «Mocho comi!»

A raposa levada por aquella vaidade, gritou:

— Mocho comi!

— A outro sim, que nenja a mi! replicou-lhe o mocho caindo-lhe d'entre os dentes e voando pelo ár fóra livre de perigo.

(Airão.)

## 244. A AGUIA E A CORUJA

A coruja encontrou a aguia, e disse-lhe:

Oh aguia, se vires uns passarinhos muito lindos em um ninho, com uns biquinhos muito bem feitos, olha lá não m'os comas, que são os meus filhos.

A aguia prometeu que os não comia; foi voando e encontrou n'uma arvore um ninho de coruja, e comeu as corujinhas. Quando a coruja chegou e viu que lhe tinham comido os filhos, foi ter com a aguia, muito afflicta:

— Oh aguia, tu foste-me falsa, porque prometteste que não me comias os meus filhinhos, e mataste-m'os todos!

Diz a aguia:

—Eu encontrei umas corujas pequenas n'um ninho, todas depennadas, sem bico, e com os olhos tapados, e comi-as; e como tu me disseste que os teus filhos eram muito lindos e tinham os biquinhos bem feitos entendi que não eram esses.

—Pois eram esses mesmos, disse a coruja.

—Pois então queixa-te de ti, que é que me enganaste com a tua cegueira.

(Porto.)

## 245. A BARATA E OS FILHOS

A barata sahiu de baixo de umas pedras com os filhos e disse-lhes em quanto elles ainda pequenos estavam ao sol:

—Passeae, flores! passeae, flores!

D'aqui vem o ditado: «Quem o feio ama, bonito lhe parece.»

(Ilha de S. Miguel.)

## 246. A RAPOSA E O LOBO

A raposa e o lobo mataram dois carneiros e fugiram. Depois que se acharam seguros, deitaram-se a comer, mas só puderam comer um, e o outro ficou inteiro. Diz a raposa:

—Compadre, é melhor enterrarmos este carneiro, e vimos cá amanhã comel-o juntos.

Vae o lobo e diz-lhe:

—Mas nem eu nem tu temos faro, como é que o temos tornar a achar?

—Deixa-se-lhe o rabo de fóra.

Assim se fez. No dia seguinte apresenta-se o lobo e diz:

— Comadre, vamos comer o carneiro?

— Hoje não posso, tenho de ir ser madrinha de um cachorrinho.

O lobo fiou-se, mas a raposa foi ao lugar onde estava enterrado o carneiro e comeu um grande pedaço. No outro dia torna o lobo a perguntar-lhe:

— Que nome puzeste ao teu afilhado?

— Comecei-te.

Responde o lobo:

— Que nome! vamos comer ambos o carneiro?

— Ai compadre (diz-lhe a raposa), hoje tambem não pode ser; estou convidada para ir ser madrinha.

O lobo fiou-se; a raposa tornou a ir comer sósinha. Ao outro dia vem o lobo:

— Que nome deste ao teu afilhado?

— Meêi-te.

— Que nome! (replica o lobo) Vamos comer o carneiro?

A raposa tornou a escusar-se com outro baptisado, e foi acabar de comer o carneiro. O lobo vem:

— Como se chama o teu afilhado?

— Acabei-te.

— Vamos comer o carneiro?

Foram e chegaram ao sitio; assim que viram o rabo, disse a raposa:

— Pucha, com força, compadre.

O lobo puchou, e caiu de pernas para o ar; a raposa safou-se.

(Airão.)

## 247. A RAPOSA NO GALLINHEIRO

De uma vez uma raposa apanhou um buraquinho n'um gallinheiro, entrou para dentro fazendo-se muito esguia, e depois que se viu lá, comeu gallinhas á farta.

Quando foi para sahir estava com a barriga muito cheia, e por mais que fez não pôde passar pelo buraco. Viu-se perdida, porque já vinha amanhecendo. Por fim teve uma lembrança. Fingiu-se morta.

De manhã veiu o lavrador e viu-a:

— Cá está ella. E que estrago que ella me fez!

Vae para lhe dar pancadas e matal-a, mas vê-a hirta, com a lingua atravessada nos dentes e os olhos envidrados:

— Poupaste-me o trabalho; morreste arreventada. Foi bôo.

E pega-lhe pelas pernas e atira-a para o meio da horta para a enterrar. A raposa assim que se viu fóra do gallinheiro, pernas para que te quero! botou a fugir pelos campos fóra e fez do rabo bandeira. O lavrador deu a cardada ao dianho, e jurou que nunca mais se fiaria em raposas.

(Airão.)

## 248. A RAPOSA E O GALLO

Uma raposa viu um gallo pousado em cima de um palheiro, e não podendo agarral-o começou-lhe a fallar cá de baixo:

— Oh gallo, não sabes? Veiu agora uma ordem para todos os bichos serem amigos uns dos outros. Nós cá as raposas já não temos guerra com os cães, estamos amigos; e tu podés-te descer cá para baixo, que eu já te não faço mal.

Estava n'isto quando vem uma matilha de cães, e fa-rejando-lhe a raposa, botam-se atraz d'ella. A raposa ia sendo agarrada, mas fugia o mais que podia. O gallo de cima do palheiro gritava-lhe:

— Mostra-lhe a ordem! Mostra-lhe a ordem!

A raposa, ainda de longe lhe respondia:

— Não tenho vagar! Não tenho vagar.

E fugia por entre uns tremogaes, que já estavam secos, e faziam uma grande bulha, e ella dizia:

— Ai que rica festa, e logo hoje que vou com tanta pressa.

(Airão.)

249.

## O LOBO E A OVELHA

Uma vez um lobo encontrou uma ovelha, que andava a pascer, e disse-lhe:

— Oh ovelha! eu como-te.

Respondeu a ovelha:

— Pois sobe alli para cima, que eu entretanto vou pascendo, e depois entro-te lá mesmo pela bocca dentro.

O lobo subiu para o alto do monte e esperou. A ovelha assim que viu o lobo longe, fugiu. O lobo começou a correr atraz d'ella, e como a não pudesse agarrar, disse:

Eu, que sou lobinho-cão,  
Nunca corri tanto em vão.

Respondeu a ovelha:

Eu, que sou ovelhinha ruça  
Nunca corri tanto de escaramuça.

(*Villa Cova, Leite de Vasconcellos,  
Trad., p. 183.*)

FIM.

# NOTAS

---

1. **A cara de boi.**—A donzella é evidentemente o mytho da Aurora, como se comprova pelo estribilho *Arcello, Arcello*, em um romance popular do Algarve, intitulado *D. Carlos de Montalvor*, colligido pelo nosso amigo Reis Damaso, lê-se o verso: «Não permitta Deus *d'Arcello*» por Deus del celo. (*Encyclopedia republicana*, p. 204, Lisboa, 1882.) A velha, que torna feia a menina é a Noite, e o joven amante que a arrebatá é o Sol. Consiglieri Pedroso diz-nos que tambem encontrou uma versão d'este conto. No Catalogo de Barrera y Leyrado, cita-se um Auto perdido de Gil Vicente, intitulado *A Donzella da Torre*, por ventura baseado sobre este thema mythico commum aos outros povos romanicos. Nos *XII Conti pamiglianesi*, illustrati da Vittorio Imbrianni, Napoli, 1877, acha-se este conto desenvolvido sob o titulo de *Persillette*, no qual a donzella fechada na torre, a madeixa que serve de escada e a fuga com o namorado são simples episodios. A tradição portugueza está mais pura na sua simplicidade, em quanto que o conto de Pomigliano é formado pela confusão de differentes contos, como o

da *Filha do rei Mouro* (n.º 6). O thema do filho de um rei que vae procurar uma mulher formosa, condição essencial para succeder no reino do pae, acha-se na novella monferrina *La bella d' l'isoule Fourtiunà*, publicada por Stanislao Prato (Como, 1882) com notas de abundantissimos paradigmas. Nas *Quattro novelline popolari Livornese*, do mesmo escriptor, a terceira *Il ré é sú tre figlioli*, ha tambem este mesmo thema, em que a encantada é uma rã que depois apparece n'uma mulher bonita. Pertence a um vastissimo cyclo novellesco commum a toda a Europa, o que coincide com o seu evidente sentido mythico. Da importante nota de Stanislao Prato a este conto (p. 136 a 144), transcreveremos a indicação das principaes collecções em que ella se encontra: Imbriani, *La Novellaja fiorentina*, n.º 20, *I tre fratelli*; Pitré, *Fiabe e Novelle popolare siciliane*, n.º 46, *La Iimuruta*; Corazzini, *Componimenti*, n.º 18: *A ranaottola*; Comparetti, *Novelline popolare*, n.º 4 e 48, *La moglie trovata colla frombola*, e *Le scimmie*; Visentini, *Fiabe montovane*, n.º 48, *La rana*; Gianandrea, *Novelline e fiabe popolari Marchigiani*, n.º 4, *El fiijo del re, che sposa 'na ranocchia*. Em Hespanha, no *Rondallayre ou quentos populars catalans* de Mapons y Labros: *La princesa encantada*. Em França, nos *Contes de Fées*, de M.<sup>me</sup> d'Aulnoy, *La chatte blanche*; e na revista *Melusina*, t. I, p. 64, *Les trois fils du roi, ou le bossu et ses deux frères*. Nos povos germanicos, slavos e scandinavos, este cyclo novellesco é extensissimo, como se infere dos estudos comparativos do Dr. Reinhold Köhler, o que mais profundamente tem investigado estes assumptos; elle encontrou paradigmas fundamentaes nas collecções de contos de Busching, Hylten-Cavallius, Grimm, Beauvois, Jonson, Kattan, Asbjørnsen, Töppen, Schwartz, Ey, Stephanovic, Radloff, Colshorn, Hahn, Zingerle, Benfey, Chavannes, Affanasiëff, Böhmer, Peter e outros.

Nos *Portuguese folk-Tales*, collecção, de Consiglieri Pedroso, e traducção de Ralston, vem com o titulo *A filha*

da *Feiticeira*, n.º IV, muito desenvolvido, e contendo no seu syncretismo, os n.ºs 1, 6, 17 e 32, que colligimos separadamente e em diferentes logares. Ralston compara esta versão com o conto *The story of Sringabhujá and the Daughter of the Rákshasa*, que vem no VII livro do *Kathá Sarit Ságara* (vol. I, p. 355-367), traducção de Tawney. Na versão do Algarve cita-se uma noz dentro da qual cabe o lenço bordado para a rainha; Gubernatis, diz: «A noz que esconde a fazenda de que se faz o vestido do noivado para a esposa do principe solar, a Aurora, parece ser propriamente a lua. Por influencia d'ella a donzella perseguida escapa ao poder magico da mãe-bruxa e apresenta-se vestida com vestes esplendidas na festa do principe. O vestido luminoso, imagem do céo, é tão tenue, tão subtil, que pode desdobrar-se sem fim.» (*Myth. des Plantes*, t. I, p. 145.)

2. **O velho Querecas.**—Áparte os episodios communs a muitos contos, é este uma das fórmulas do mytho de Psyche. Gubernatis, na *Mythologie zoologique* (t. I, p. 437), traz uma variante d'este conto colligida em Fucecchio, na Toscana, em que o desencantamento do principe é devido á coragem da donzella. As circumstancias episodicas divergem e pertencem a outro cyclo novellesco. Um conto colligido em Cosenza, na Calabria, por Greco, traz o episodio do ruido nocturno, do pingo de cêra que acorda o mancebo, e do novello que deve guiar a menina á busca do amante. (Gubernatis, *op. cit.*, t. II, p. 301, nota 2.) Estas uniões mysteriosas acham-se ainda com character mythico, no *Harivansa*, entre Urvasi e Pururavas, e no *Mahâbahratta*, entre Çantana e a nympha das aguas; na lenda grega de Psyche, Eros desaparece, quando acorda por causa do pingo de azeite que cahiu da lampada a cuja luz foi visto. Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 183, cita contos pertencentes a este cyclo na collecção sueca de Cavallius e

Stephens, *Svenska Folk-Sagor och Afventyr*, traduzida por Thorpe, e na collecção norueguesa de Asbjørnsen e Moe, traduzida por George Webbe Dasent, apparece o episodio do pingo de cêra.

Sobre o evidente character mythico d'estas tradições, accrescenta Brueyre: «Em todas estas narrativas a felicidade dos amantes não é de longa duração, porque, apesar da fé jurada, a promessa é sempre violada, e aquelle dos amantes a quem o outro faltou á palavra, é forçado a desaparecer, apesar do ardente amor que o consomme. M. Cox demonstra que as lendas d'esta natureza são a *representação do mytho celeste do Sol seguindo a Aurora, ou reciprocamente*. Muitas vezes depois da violação da promessa e da separação dos amantes o mytho continúa.» (Op. cit., p. 184.) Em um artigo sobre a Historia do Japão, cita-se tambem a lenda analoga á de Psyche: «Uma parenta do imperador era a esposa do Deus Omonomichi. Elle jámais apparecia aos olhos da princeza, pois não se encontrava com ella seuão nas trevas. Uma noite ella lhe disse:— Ainda me não foi dado olhar para a tua face; rogo-te que fiques commigo até pela manhã, para eu ter a felicidade de te contemplar.

«Tanto lhe rogo, com tal ternura e taes carinhos, que o esposo cedeu e prometeu-lhe que ficava. Por fim, as primeiras claridades da Aurora entraram no aposento da impaciente princeza, mas qual foi o seu espanto quando ella descobriu, no leito, uma serpente enroscada! Soltoou um grito de pavor, e a serpente transformou-se logo n'um joven formosissimo, que lhe disse com expressão de dolorosa melancholia:— Nunca mais, agora, hei-de poder estar contigo. E desapareceu. Abatida por tristeza incuravel a esposa solitaria foi pouco a pouco decahindo até fallecer de paixão.» (Do viajante portuguez Mesnier, *Actualidade*, n.º 241, do ix anno.) O despertar por meio de um raio de luz é frequente, como na *Bella Aurora* (Spoleto) e *La Bella Rosalinda dai capelli d'ori*, e na no-

vella dinamarqueza de Grandtovig. (Stanisláo Prato. *Quatro novelline*, p. 156 e 157.) Sobre as origens mythicas indo-europeias d'este Conto, vide Gubernatis, *Piccola Enciclopedia indiana*, p. 175, em que discute a simultaneidade da representação da *Aurora* e da *Nuvem* que desaparecem quando o Sol se mostra. Este cyclo do *Amor e Psyche* foi estudado por F. Liebrecht, *Zur Volkskunde* (Amor und Psyche). Na versão do Algarve ha o episodio do corpo que cae aos pedaços, para experimentar a coragem da menina; é commum a varios contos, e acha-se na lenda de Athenedoro (ap. Alexander ab Alexandro, lib. III, cap. 12), que o padre Manuel Consciencia traduziu na sua *Academia Universal de Erudição*, p. 545.

3. **O surrão.** — A lenda christã de S.<sup>ta</sup> Margarida, engulida por um Dragão, representa a luz solar escondida pela noite. Pertence a este cyclo, como observa Tylor, a historia do *Petit Chaperon rouge*, em França e Inglaterra: «Na Allemanha as velhas conservam-no com toda a sua pureza. Segundo a sua narrativa, o lobo engole a encantadora criança, vestida com o seu brilhante manto de setim vermelho, e a sua avó; mas ellas sahem incolumes da barriga do animal que um caçador abriu emquanto elle dormia. Acha-se um conto parecido na collecção de Grimm, em que se pode igualmente reconhecêr o mytho do sol. Como no *Petit chaperon rouge*, abre-se a barriga do lobo e enche-se-lhe de pedras.» Tylor, *Civilisation Primitive*, t. I, p. 390. Apparece em francez nos *Contes populaires lorrains* de Emm. Cosquin, *L'homme au pois*; e em Fernan Caballero, *El zurron que cantaba*. Sobre o character mythico d'este conto, applicamos o dito de Gubernatis:

«O sacco representa um importante papel na tradição do heroe escondido ou perseguido; este sacco é a Noite, ou a nuvem (o inverno), etc.» *Mythologie Zoologique*, t. I, p. 255 e seg. E em outra passagem, acrescenta: «Acha-

mos aqui não somente a heroína que foge, mas a heroína que viaja; esta heroína é a Aurora...» (p. 259.) Nos romances populares portuguezes ha donzellas mettidas em esquifes de vidro ou deitadas ao mar em cofres. Nos costumes domesticos, as crianças são intimidadas com a ameaça de um velho que vem e as leva em um sacco. O surrão é o sacco de couro das tradições indo-europêas e dos costumes juridicos da penalidade symbolica medieval.

4. **A saia de esquilhas.** — O vestido com escamas de ouro com que a menina escapa á ferocidade da sogra é a Aurora depois que brilha vencendo a escuridade maligna da Noite. É um typo geral d'este cyclo novellesco. No conto hindu intitulado *Sourya-Bai*, da collecção *Old Decan Days*, de M. Frere, a menina fica com um somno lethargico por causa de um espinho, e é lançada n'um poço por outra mulher que a vê amada por um principe. Sobre o character mythico d'este conto pode applicar-se a consideração de Husson sobre o citado conto hindu: «Temos n'esta narrativa o novo exemplo do mytho da mulher picada por um espinho ou por uma ponta aguda, e caindo em um somno lethargico de que é tirada por um principe amoroso. Um outro mytho se lhe sobrepõe, o de uma rival ou irmã ciosa, que personifica a hostilidade da escuridão contra a luz da primavera contra o inverno; e n'esta phase de desenvolvimento novas peripecias se manifestam entre uma morte apparente e um regresso persistente á vida.» (*La chaîne traditionnelle*, p. 109.) Nos *Contos populares portuguezes*, Lisboa, 1879, o conto xxxv, *Os Sapatinhos encantados* versa sobre um somno lethargico com algumas relações no fim com o nosso.

5. **As tres fadas.** — No conto hindu de *Sourya-Bai*, a menina tambem nasce de um fructo de manga, e tendo anteriormente sido roubada, depois que volta á sua casa

desposa um príncipe. Sobre o rapto por uma aguia, diz Husson: «Os contos populares gregos mais ou menos conservados pelos poetas ou reproduzidos nos vasos pintados, fazem-nos conhecer muitas nymphas encantadoras, Thalia, Egina, Ganymeda, Asteria, egualmente arrebatadas por uma aguia divina.» Em uma versão popular de Abrantes, ha o estribilho :

Tesourinha, tesoureta,  
Corta aquella lingueta.

**6. A filha do rei mouro.**—Ha uma outra versão intitulada *Grisme e Guiomar*, nos *Contos nacionaes para crianças*, n.º xv. Porto, 1883. No *Violier des Histoires romaines* (Gesta Romanorum), cap. v, vem esta situação sem o maravilhoso da fuga dos dois amantes. No *Pentamerone*, de Basile, é *Petusinella*, que foge lançando successivamente tres nozes, que recebem varias transformações. Nos *Contos zulus*, de H. Callaway, ha o de uma rapariga perseguida pelos canibaes, que vae deixando cair atraz de si grãos de sésamo. O mesmo em um conto russo em que a Boba-Yaga corre atraz de uma rapariga. O mesmo episodio apparece no *Aprendiz do Mago*, n.º 11. O conto n.º 17, o *Cavallinho das sete côres*, é uma variante notavel, pelo episodio do esquecimento produzido pelo abraço em uma pessoa de casa. As transformações dos amantes que fogem, acham-se nos contos esthonianos, citados por Gubernatis, de Kreuzenwal. (*Myth. zoologique*, t. 1, p. 180.) Vide nota 1, in fine, acerca do syncretismo do conto da *Filha da Feiticeira*.

**7. As fiandeiras.**—Nas *Fire Side Stories of Ireland*, de P. Kennedy, acha-se este conto, e traduzido por Brueyre com o titulo *A prigueirosa e suas tias*. (*Contes populaires de la Grande Bretagne*, n.º xxii, p. 159.) Entre as differentes fontes, cita a versão escosseza da collecção de

Chambers, *Whooppity Storie* (*op. cit.*, p. 245, de Brueyre); ha uma lição franceza *Histoire du Ric Din-Don* de M.<sup>lle</sup> Lhéritier; ao *Pentamerone* de Basile, o conto italiano, e na *Novelline di Santo Stephano*, de Gubernatis, *La Comprata*. No *Norske Folke eventyr*, de Asbjörnen e Moe, *As tres Tias*; e na collecção sueca de Cavallius e Stephens, *A Rapariga que não podia fiar ouro com lama e palha*, e *As tres corvinhas*. Jacob Grimm, nos seus *Kinder und Hause märchen*, n.º 14, traz *As tres fiandeiras*, traduzido nos *Contes choisis*, de Fred. Baudry, p. 128. Ha alguns vestigios em *Rumpelstilzchen*; na collecção de Büching, *Volksagen, Märchen, und Legenden*, é o das *Tres Fiandeirinhas*. Ha uma outra versão portugueza traduzida por G. Ralston nos *Portuguese folk Tales*, de Consiglieri Pedroso, n.º XIX, com o titulo *As Tias*. Na *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 212, Gubernatis traz um conto popular da Calabria, cujo maravilhoso versa sobre o poder de fiar concedido pelas fadas a uma mulher.

8. **Cravo, Rosa e Jasmim.** — Aparecem outras versões d'este conto, nos *Contos populares portuguezes*, n.º XVI; e nos Contos populares do Brazil, colligidos pelo Dr. Sylvio Romero, com o titulo *O Bicho Manjaleó*. (*Rev. Brazileira*, tomo VI, p. 120.) Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, de Brueyre, p. 81 e 119. Nos *Old Deccan Days*, de Miss Frere, o conto do *Punchkin* versa sobre este mesmo assumpto de um Mago que encanta todos, e cuja vida estava resguardada sendo impossivel descobrir esse talisman: é uma criança que livra sua mãe e sete tios, principes.

9, 10 e 11. **O Magico. O Mestre das Artes. O aprendiz do Mago.** — Versões nos *Contos Populares da Russia*, de Afanasieff, livro VI, n.º 46; em Gubernatis, *Novelline di Santo Stephano*, n.º 22 e 26. (*Ap. Myth. zool.*, I, 365.) Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, de

Brueyre, p. 289.—Nas *Notte piacevoli*, de Straparola, Nott. VIII, fabula 5.<sup>a</sup>, vem este mesmo conto. O freio magico é um episodio commum a muitos outros contos mythicos, como o prova Brueyre, *Op. cit.*, p. 253, e Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. I, p. 77.

Nos *Contos populares portuguezes*, n.º xv, o *Criado do Estrujeitante*, versão de Ourilhe, pertence a esta mesma tradição. Nos *Contos populares do Brazil*, de Sylvio Romero, ha uma variante sob o n.º VIII, com o titulo *O passarinho preto*.

12. **A bicha de sete cabeças.**—Uma versão de Coimbra vem publicada sob o titulo de *Pedro e Pedrito*, nos *Contos populares portuguezes*, n.º LI, com o estribilho:

Quem isto ouvir e contar  
Em pedra se ha-de tornar.

Nos *Portuguese folk-tales*, colligidos pelo nosso collega Consiglieri Pedroso e traduzidos pelo eminente mythographo Ralston, vem sob o n.º VI com o titulo *Pedro and the Prince* com algum desenvolvimento. Nos Contos dos irmãos Grimm, n.º 22, *O fiel João*, e trad. de Fred. Baudry, p. 27, pertence a este cyclo do creado ou do amigo que se sacrifica. Ralston, na introdução aos contos portuguezes, cita este paradigma, bem como o n.º 5 da collecção de Miss Frere, *Old Deccan Days*, intitulado *Rama and Luxaran*, e a situação geral em um conto indiano na traducção do *Kathá Sarit Ságara* por Tawney, vol. I, p. 253. Muitos contos têm evidentemente uma origem indiana, mas não é esta a unica fonte.

13. **O Conde soldadinho.**—Pertence ao cyclo do amigo que se sacrifica; não ha aqui a morte, mas a sua importancia provém da parte metrificada, que revela a dissolução de uma obra dramatica.

14. **A sardinhinha.**—Gubernatis cita diferentes contos russos das collecções de Afanasiéff e de Erlenwein, de Ferraro, etc., do peixe que dá fortuna. (*Myth. zoolog.*, II, 357.) Nas *Notte piacevoli*, III, fabula 1.<sup>a</sup>, vem este conto, que tambem figura no *Pentamerone* de Basile, Jornada III, fab. 1.<sup>a</sup> No *Catapalha Bráhmãna*, e no *Malá-bharatha*, Manu socorre um peixe, de quem recebe depois a salvação do diluvio. Vichnu tambem os transforma em peixe. Husson cita um fragmento de um conto colligido por Luzel (*Chaine traditionnelle*, p. 66.) A menina-paagem accusada pela rainha é o thema de um conto citado por Gubernatis (*Myth. zoolog.*, t. II, p. 405), colligido em Antignano. Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XIX, vem sob o titulo *A afilhada de Santo Antonio*, versão de Coimbra; repete-se na ilha de Sam Jorge com o nome *A afilhada de Sam João*. Consiglieri Pedroso cita o conto russo da collecção de Afanasiev, n.º 162, *O sapatinho de ouro* (Zolotoii bachmatchola) que pertence ao cyclo do peixe encantado.

15. **Maria da Silva.**—Ha outras versões portuguezas oraes. Nas *Fiabe, Novelle e Racconti*, de G. Pitré, vem a versão italiana sob o n.º 100. Na ilha de Sam Jorge é repetido com o nome de *Maria das Silvinhas*, como vemos pelas notas do eminente collector Dr. João Teixeira Soares. Nos *Contos populares portuguezes*, n.º LVIII, vem uma versão de Coimbra, com o mesmo titulo da do Algarve, e tambem com estribilhos poeticos:

Procura, procura,  
Que a que chora  
Ainda hade ser tua.

N'uma silva fui achada,  
Por uma cabra fui criada;  
Um pastor me educou,  
E agora aqui estou.

16. **Rosa branca na bocca.**—Um povo que recebeu as tradições semitas, phenicias, hebraicas e arabes, repete sob um novo aspecto o conto de Joseph que resiste á seducção da mulher de Putiphar.

17. **O cavallinho das sete côres.**—Vide contos 1 e 6, e notas respectivas. Nos *Contos populares portuguezes* da traducção de Ralston, *A filha da Feiticeira* traz a circumstancia do esquecimento da namorada; é o n.º IV. As nossas versões não apresentam syncretismos. Vide o conto 32, agrupado tambem na versão citada. Nas *Fiabe, Novelle e Racconti popolari siciliani* de Pittré, o n.º XV *Lu Ré di Spagna* é identico ao conto portuguez a *Filha da Bruxa* colligido por Pedroso.

18. **Muda, mudella.**—Ha uma versão de Coimbra, intitulada *O senhor das janellas verdes*, nos *Contos populares portuguezes*, n.º XLVIII. Traz o seguinte estribilho poetico:

—Olha a muda, mudona!  
 Que traje! que dona!  
 «Olha a condessa, que inveja!  
 Que eu falle não deseja.

Nos Contos populares de Pomigliano, colligidos por Imbriani, é o conto de *Muzella*. (*Rev. des Deux Mondes*, Nov. 1877, p. 142.) Nos Nobiliarios portuguezes a lenda do solar dos Marinhos versa sobre a peripecia de uma mulher que não falla. Vid. n.º 129.

19. **O sapatinho de setim.**—Nos *Contos populares portuguezes*, n.ºs XXXI e XXXVI, ha duas versões, *Pelle de cavallo*, e a *Engeitada*. N'esta ultima, ha o estribilho poetico:

Perola fina fica na cuba,  
 E o saramago vae na burra.

No *Romanceiro do Archipelago da Madeira* do Dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, sob o titulo *A gata borralheira*, vem este conto em verso de redondilha, de p. 364 a 391. Acha-se no *Pentamerone* de Basile, *Gatta Cenerentola*; nas *Recreations* de Bonaventure des Periers; no conto do Pérrault, *Peau d'Ane*; em Rollenhagen, *Fresch Maüsler* (ap. Grimm); em Brueyre, *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 37, e notas eruditas a p. 46. Em Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. v, p. 110 ha mais paradigmas. No *Asinarius, vel Diadema*, de Gotfried de Tirlmont, acha-se este thema popular. Consiglieri Pedroso allude a uma variante por elle colligida sob o nome *A Menina e o Peixe*, de que apresenta o resumo: «Um dia um homem trouxe para casa um peixe que apanhou, e deu-o á mais nova das filhas, que era quem tratava da cosinha, para ella o arranjar. A menina em vez de o matar deitou-o n'um poço, e o peixe reconhecido, quando d'ahi a algum tempo ella tem de ficar em casa, em quanto as irmãs mais velhas vão a uma festa no palacio do rei, dá-lhe tudo quanto ella precisa, para se apresentar no baile, conseguindo a menina pela riqueza do seu trage attrahir a attenção de toda a côrte, vindo por fim a casar com o peixe, que era um principe encantado.» (*O Positivismo*, t. II, p. 446.)

A *Gata borralheira* fórma um vasto cyclo novellesco, estudado pelo eruditissimo Reinhold Köhler, nas notas a uma versão escosseza, na *Revue celtique*, t. III, p. 370, e 371. Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 114, vem uma versão do Chili com o titulo de *Maria la Cenicienta*, curiosa pelo syncretismo com outros contos. O episodio das tripas repete-se tambem na tradição portugueza:

Fadas, fadinhas,  
Vistes por aqui as minhas tripinhas?

20. **A Madrasta.** — Pertence ao cyclo do antecedente.

A troca das crianças pelas fadas, acha-se nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 223, trad. Brueyre.

22. **Cabellos de ouro.** — A versão portugueza está

bastante confusa; a redacção mais completa que conhecemos é a do Chili, intitulada *El Culebroncito*, publicada na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 137.

23. **A Carpinteirinha.** — Este titulo não tem sentido

ignorando-se a significação primitiva de *carpinteiro*; *carpenta* é o carro gaulez, usado pelas antigas mulheres da Ausonia, como descreve Ovidio (*Fastos*, I-IV, 819.) Florus cita um *carpentum* de prata do rei Brituitus. A locução portugueza *bicho de carpinteiro*, designa a pessoa que não está quieta em um lugar. Evidentemente o nome de *Carpinteirinha* deriva-se da sua mobilidade com que figura no conto. A fórma seguinte é uma variante.

24. **A filha do lavrador.** — Pertence ao cyclo da

Maria Sabida.

25. **A feia que se torna bonita.** — No *Pentamerone*

de Basile, x conto, ha uma velha que se esfolia para se fazer bonita. Vid. Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. II, p. 6: «No decimo conto do *Pentamerone*, o rei de Roccaforte casa-se com uma velha, julgando que é uma nova. Deita-a pela janella, mas ella na queda fica dependurada de uma arvore; vêm as fadas, fazem-n'a nova, dão-lhe formosura e riqueza, e cingem-lhe o cabello com uma fita de ouro. A irmã, tambem velha, da outra que ficou bonita (a Noite) foi a casa de um barbeiro, esperando obter a mesma transformação pedindo que a esfolasse, mas ficou sem pelle. No que respeita o mytho das duas irmãs, a Noite e a Aurora, a donzella negra e a que se

disfarça ou tinge de negro, ou cinzento, vide tambem o *Pentamerone*, II, 2.» O conto baseia-se sobre um equivoço de linguagem, que vem reforçar a elaboração do mytho. Nos *Contos populares portuguezes*, n.º LXV, vem uma versão de Coimbra com o titulo *A velha fadada*.

26. **O peixinho encantado.**—Ha uma outra versão da Foz do Douro intitulada *João Mandrião*, nos *Contos populares portuguezes*, n.º XXX. Vide nota 14, retro. Nos *Portuguese folk-tales*, de Consiglieri Pedroso, apparece com o n.º XVII sob o titulo *O preguiçoso filho da Padeira*, diversificando no episodio da laranja. Ralston, na sua *Introdução* (p. VII) considera-o commum a todo o oriente da Europa, e cita os n.ºs 55, do volume V dos *Skaski* de Affanasieff, os n.ºs 32 do vol. VI, e 31 do volume VII; depois da vasta collecção russa, cita o conto n.º 19 dos *Contos de Grimm*, *O pescador e sua mulher*; uma variante nos *Griechische Märchen*, n.º 8, de Hahn, e termina dizendo que na Asia esta tradição conserva uma fórma mais razoavel. Sobre os Peixes-Salvadores vid. n.º 14.

27. **O figuinho da figueira.**—Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XLI, vem uma versão de Coimbra sob o titulo *A menina e o figo*. Acha-se nos *Contos populares do Brazil*, de Sylvio Romero, n.º XVI, com o titulo *A Madrasta*. Celso de Magalhães colligiu-o na tradição do Maranhão.

28. **A da varanda.**—Pertence ao cyclo da Maria Sabida. Em uma variante que ouvimos no Porto ha o estribilho:

E a cabra na cama  
A fazer de madama?

29. **A noiva formosa.**—Vide o conto n.º 1, e a nota correspondente.

30. **A noiva do corvo.**—Nos *Kalmükische Märchen*, de Jülg, vem um conto do Passaro desposado, que se prende a este cyclo do amante tornado em porco ou em cavallo, em serpente ou em passaro. Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XXV e XXXIV, vem com os titulos *O Carneirinho branco*, e o *Principe-sapo*. Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, cita um conto da collecção de Campbell, em que o esposo é um corvo, e não um principe-sapo ou principe-serpente como no cyclo em geral, na Russia, Allemanha, Italia e França. (Vid. nota a pag. 58.) Estudaremos mais adiante ao annotar a redacção litteraria de Trancoso. No setimo conto mogol do Siddhi-Kûr, resumido por Gubernatis (*Myth. zoologique*, t. I, 140), é a gaiola que a desposada queima por conselho de uma bruxa. Nos mythos indianos o sol é um passaro, e a aurora a gaiola que arde. Nas *Fiabe, Novelle e Racconti popolari siciliani*, de Pittré, ha o conto d'este cyclo, n.º CCLXXXI, *Ré Cristallu*. Consiglieri Pedroso colligiu duas versões portuguezas *O Principe encantado*, e o *Talo de couve*.

31. **A paraboinha de ouro.**—O episodio da bacía magica é frequente em outros contos. (Gub., *Mythologie zoologique*, t. II, p. 315.) Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XLIV, vem uma versão de Ourilhe, *O principe das palmas verdes*, com o estribilho poetico:

Principe das Palmas verdes  
 Não te lembres de mim;  
 Lembra-te do teu filho  
 Que o tens ao pé de ti.

Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 126, vem uma versão do Chili, com o titulo *El Principe Jalma*.

32. **O príncipe que foi correr sua ventura.**— Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XIV, ha uma variantè de Coimbra com o titulo *Branca-Flôr*. Nos *Contos populares brazileiros*, n.º XXII, vem uma variante com o titulo *Cova da Linda-Flôr*. Este conto acha-se em quasi todos os seus detalhes com o titulo *As trez pombas*, nos *Contos e tradições do tyrol italiano*, de Schneller, n.º 27. O mesmo na collecção dos *Contos populares e infantis*, de Pröble, n.º 8. Nos *Rondallayres ou quentos populares catalans*, de Maspons y Labros, apparece com o nome de *Lo Castell del Sol*. Vide Stanislao Prato, *Una novellina popolare monferrina*, p. 56. Sobre as donzellas-passaros, Reinhold Köhler, annotando os contos esthonianos, n.ºs 14 e 16, e os contos sicilianos, n.º 10, desenvolve largamente todos os paradigmas tradicionaes. Guichot y Sierra colli-giu uma outra versão em Sevilha, *El Marqués del Sol*, publicada na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 187.

33. **Maria Subtil.**— Na versão do Algarve encontrá-mos este conto com o titulo de *Dona Vintes*; e na versão de Ourilhe (Celorico de Basto) vem com o de *Esvintola*, (*Contos populares portuguezes*, n.º XLII) trazendo o estri-bilho:

Ai Dona Esvintola,  
Tão brava na vida  
E tão dôce na morte. (1)

Nos *Contos populares portuguezes*, de Sylvio Romero, n.º XII, *Dona Pinta* é uma variante do nosso. Ha uma

(1) Em uma versão ouvida em Airão (Minho) ha um episodio com esta cantiga:

Quem leva, quem leva  
Meninos e flôres  
Para quem 'stá doente  
Por via de amores?

versão sevilhana, intitulada *Mariquilla la ministra*, colligida por Guichot y Sierra. Vid. n.º 42.

A referencia mais antiga a este conto vem nas *Cartas*, de D. Francisco Manoel de Mello (Centuria v, carta 7.<sup>a</sup>): «Eu cuido que vireis a ser aquella

... Dona atrevida,  
Dôce na morte  
E agra na vida.

que nos contam quando pequenos.» Na tradição popular corrente ainda tem o titulo de *Maria Sabida*. Charles Perrault, nos seus Contos (1697), redigiu litterariamente este thema tradicional na *Adroite Princesse ou Aventures de Finette*, no qual o principe de Bel-à-Voir fura com a espada uma boneca de palha que tem uma bexiga cheia de sangue. João Baptista Basile, no *Pentamerone*, deu redacção litteraria á fórma italiana no conto da *Sapia Licciardia*, que tambem mette na cama uma boneca cheia de mel e cousas dôces, exactamente como na tradição portugueza. Na Inglaterra este conto apresenta um aspecto exclusivamente maravilhoso no *The Made Pranks and merry Jestes of Robin Good Fellow*, em que o amante é um genio domestico, Robin, que deixa na cama uma figura de lâ. (Brueyre, *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 235.)

34. **O coelhinho branco.**—Em uma versão do Algarve, inedita, vinha o estribilho poetico:

Lenço, liga, cordão e cuidado,  
Quem me dêra vêr aqui  
A dama do meu agrado!

35. **Clarinha.**—Pertence aos mythos da Aurora, o que concorda singularmente com o nome da menina.

36. **Bola-bola.** — Liga-se com o conto das *Tres Cidras do Amor*. Vid. n.º 46.

37. **Linda branca.** — Pertence ao cyclo do *Sapatinho de vidro*. Vid. n.º 19.

39, 40. **Rei Escuta. As cunhadas do Rei.** — D'este conto publicou duas versões do Porto o sr. Leite de Vasconcellos, na *Vanguarda*, n.º 40 e 41. No *Romanço do Archipelago da Madeira*, vem a pag. 391 um largo conto em verso com o titulo *Los incantamentos da grande fada Maria*, de perto de quarenta paginas, um verdadeiro problema litterario, cuja genuinidade só se admite pela espontanea improvisação que distingue os povos insulanos. Nos *Contos populares do Brazil*, do Dr. Sylvio Romero, vem sob o n.º II, com o titulo *Os tres coroados*. Este mesmo thema tradicional recebeu fórma litteraria nos *Contos e Historias de Proveito e Exemplo*, de Gonçalo Fernandes Trancoso, Parte II, n.º 7, que reproduzimos na secção competente. É extraordinaria a somma de paradigmas que apresenta este conto na tradição hespanhola, italiana, franceza, grega moderna, allemã, hungara, slava, avárica, etc. O Dr. Reinhold Köhler, nas notas dos *Awarische Texte*, ao n.º 12, *A bella Issensulchar*, traz uma enorme somma de paradigmas, e o prof. Stanislao Prato, nas *Quattro Novelline popolari, Rivornesi*, Spóletto, 1880, annotando o conto das *Le tre Ragazze*, pag. 92 a 136, desenvolve extraordinariamente a área das comparações, de modo que o processo erudito está feito, sendo facil imbaire os ingenuos. Aproveitaremos com franqueza as investigações d'esses mestres, com algumas resumidas ampliações.

No *Folk-lore andaluz*, n.º 8, p. 305, vem este conto com o titulo *El agua amarilla*, colligido por J. L. Ramirez. Nos *Rondallayre*, de Maspons y Labros, n.º 14 e 25; e nos *Cuentos y Oraciones divinas*, de Fernão Caballero,

n.º 6, p. 31, com o titulo *El pajaro de la verdad*. Ha tambem uma versão basca, colhida por Webster.

As versões italianas são abundantissimas; Stanislao Prato, nas *Quattro Novelle popolari*, traz sete versões importantes para a critica comparativa (pag. 16 e 29 a 39). Ha uma versão livorneza nos *Italianische Märchen*, n.º 1, de H. Knust; outra em Gubernatis, *Novelline di Santo Stefano de Calcinaja*, n.º 15; Pittré, *Fiabe, Novelle e Racconti*, n.º 36, e a 3.ª variante; em Imbriani, *Novellaja fiorentina*, no app. ao n.º 6, e n.ºs 7 e 8; e nos *Contos de Pomigliano*, sob o titulo de *Viola*; Comparetti, *Novelline popolari italiane*, n.º 6, versão de Basilicata; outra de Pisa, n.º 30; em Laura Gonzenbach, *Sicilianische Märchen*, n.º 5; em Schneller, *Märchen und Sagen aus Wälschtirol*, n.º 23, 25, 26. As tradições populares d'este cyclo penetraram na litteratura italiana, como se vê no *Pecorone*, de Giovanni Fiorentino, jornada x, novell. 4; em J. Baptista Basile, *Pentamerone*, jorn. III, trat. 2; Straparole, *Piaccevoli Notti*, fab. v, n.º 4; Molza, *Novella*, Poggi Bracciolini, Gozzi deram redacção litteraria a este conto, que tambem apresenta o character de lenda religiosa, na *Rappresentazione di Santa Uliva*, e no *Libro dei Miracoli della Madonna*, cap. x. Acha-se em novas collecções: Carolina Coranedi-Berti, *Novelle popolari bolognesi*, n.º 5; Arietti, *Novelle popolari piemontesi*, trez versões; e Visentini, *Fiabe mantovane*, n.º 46; Bernoni, *Fabulas populares venezianas*, n.ºs 2 e 15, e Reppone, *La Positecheata*, n.º 3.)

Gubernatis, na *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 224, traz este mesmo conto em uma versão popular toscana das fontes do Tibre. A aversão das duas irmãs mais velhas é comparada com o facto analogo das que figuram no conto do *Lear*, e da *Bella e da Fera*.

As versões francezas, acham-se na Litteratura e na tradição oral simultaneamente; em M.ª d'Aulnoy, é *La Princessé Belle-Etoile et le Prince Cheri*; em Millin, *Conteur breton*, intitula-se *L'Oiseau de Verité*; em Cosquin, *Contes*

*populaires lorrains*, n.º 17, com importantes notas; Revista, *Melusine*, t. I, p. 206 a 213: *Les trois filles du Boulangier*, etc. Foram tambem vulgarisadas na traducção das Mil e uma noites, *As duas irmãs invejosas*, e na continuação de J. Scott, na *Historia do sultão do Yemen e das suas tres filhas*; Bladé, *Trois Contes*, p. 33.

O grupo occidental completa-se com as versões gregas, em Hahn, *Griechische und Albanische Märchen*, n.º 5, e n.º 69 (variante 1, e 2) e n.º 112; e nos *Neohellenica Analecta*, I, 1, n.º 4, e n.º 8; outra em K. Ewlampios.

Variante irlandeza, em Powel and Magnusson, *Irelandie Legendes*, t. II, p. 427.

As versões allemãs são numerosissimas: Grimm, *Kinder und Hausmärchen*, n.º 96; Prohle, *Kinder und Volksmärchen*, n.º 3; Wolf, *Deutsche Hausmärchen*, p. 168; Wernaleken, *Oesterreichische Kinder und Hausmärchen*, n.º 34; Peter, *Legendas, Novellas, usos e superstições populares da Silesia austriaca*, t. II, p. 199; Meier, *Deutsche Märchen und Sagen*, n.º 72; Fromman, *Die deutsche Mundarten*, IV, 263; Bechstein, *Deutsche Märchenbuch*, p. 250; Haltrich, *Contos populares tedescos de Saxe de Transilvania*, n.º 1; Curtze, *Tradições populares do principado de Waldeck*, n.º 15; Zingerle, *Kinder und Hausmärchen*, t. II, p. 112 e p. 157; Liebrecht, versão do Tyrol allemão no *Anuario de Litteratura* de Hidelberg, n.º 42, p. 187.

As versões slavas alargam o dominio da ficção: Natalia Nemçova, *Novellas e contos populares slavos*, vol. V, p. 52; Wenzig, *Thesouro de Novellas dos Slavos occidentaes*, p. 148; Gliuski, *Bajarz Polski*, t. II, p. 46; Gaal e Stier, *Contos populares hungaros*, p. 390; Stephanovic, *Contos servios*, n.º 25 e 26; Kohler, no *Jagic Archiv für Slavische Philologie*, fasc. II, p. 626 e 627; Afanasieff, *Novellas populares russianas*, liv. VI, n.º 96; Miklosich, *Contos dos Ciganos de Bukowina*, n.º 4; Urbovec, *Contos populares croatas*, n.º 25; M.<sup>me</sup> Mijatovies, *Popular Tales*, p. 238; Schiefner, *Avarisch Texte*, n.º 12; e uma versão siameza no

*Asiatic Researches*, t. xx, p. 348 (1836). Depois d'estas largas indicações apresentadas pelo Dr. Köhler ao n.º 12 da collecção de Schiefner, ao n.º 5 da collecção de Laura Gontzenbach, e aos n.ºs 25 e 26 da collecção de Stephanovic, accrescentou mais estas fontes utilizadas por St. Prato: Jecklin, *Tradições populares do Cantão dos Grisões*, p. 105; W. Webster, *Basque Legends*, p. 176; Bladé, *Trois contes populaires*, p. 33; Luiz Leger, *Cantos heroicos, e canções populares dos Slavs da Bohemia*: O Soldado; Asbjörnсен, e Moe, *Contos noruegueses*, o que se intitula: *O rico mercador*. Com as Notas de Köhler, de Cosquin, Ivé, Teza e Prato sobre este conto ficou esgotada a área das investigações, sendo possível organizar o seu encadeamento genealógico, e por elle remontar ao seu sentido mythico.

A Edade media sympathisou com esta lenda da substituição das crianças por animaes, como se vê na *Historia do Cavalleiro do Cysne*, *Storia della Regina Stella*, no *Dolopathos*, no velho theatro francez, *Du Roi Thierry*, e nas tradições dos Lohengrin (Grimm, *Veillés allemandes*, t. II, p. 342 a 378.) Evidentemente, quando mais vasta é a universalidade de um conto, tão mais profunda é a sua origem tradicional e pela investigação das fórmias mais simples se chegará ao seu valor mythico.

41. **As sonsas.**—Ha uma versão da Beira-Baixa nos *Contos populares portuguezes*, n.º LXI, com o titulo *As filhas dos dois validos*, do grupo colligido por Consiglieri Pedroso. Traz os seguintes estribilhos:

— Ah estrangeirinha, estrangeirinha!  
 Que esta caixa era minha.  
 «Pois se a caixa era vossa  
 Pela virtude sereis rainha.

42. **A mão do defunto.**—É uma versão popular do *Barba azul*. Gubernatis, na *Myth. zoologica*, t. I, p. 182, resume o XIV conto esthoniano, de Fred. Kreuzenwald,

pertencente a este mesmo cyclo. Na mesma obra, t. II, p. 36, traz outra versão italiana d'este conto com o titulo *O rei dos assassinos*, não colleccionada. Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, trad. de Brueyre, vem uma versão de Yorkshire, colligida por Gould nos *Curious Myths*, com uma nota interessante a pag. 407. Segundo Brueyre, a parte mythica do conto é a *mão de gloria*, que se liga ao mytho do fogo. No *Folk-Lore andaluz*, p. 308, ha uma versão do marido que mata as mulheres, até que a ultima vinga as irmãs. Este mesmo thema subsiste nos contos populares portuguezes no romance do *Rico Franco*. Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 149, vem uma versão de Sevilha, intitulada *Mariquilla la ministra*, em que se confunde tambem o conto da Maria Sabida.

43. **O rei de Napoles.**—Nas *Nuits facetiennes*, de Straparola (ed. elz.), IX, fab. 1.<sup>a</sup>, vem este conto com a mesma situação das joias e da donzella escondida pelo pae.

44. **O matador de bichos.**—É uma das lendas mais queridas da Edade media, do pae ou avô que conhece o filho ou neto abandonado, pela sua valentia extraordinaria. As Gestas desenvolveram este thema epico. Trogo Pompeu cita um fragmento de um poema dos Turdetanos, que é o conto do rei Abidis, neto do rei Gargoris, nascido de uma fragilidade de sua filha; tendo-o exposto a todos os perigos para que a criança morresse, sobrevive a tudo e é nomeado pelo avô successor do seu reino.

45. **As nozes.**—É o conto das *Tres Cidras do Amor*, modificado segundo os fructos predilectos de cada terra, cidras, laranjas ou nozes. Sobre os paradigmas d'este conto universal, vid. n.º 46. Don Agustin Duran, no *Ro-*

*mancero general*, t. I, p. 2, nota ao Romance n.º 4, resume este conto, também vulgar em Hespanha. Na versão italiana de Perugia, tem também o título *Le tre noci fatali*. (Ap. Prato, *Quattro novelline*, p. 28.)

46. **As trez cidras do amor.** — Aparece pela primeira vez citado na tradição portuguesa, por Soropita, *Prosas e Versos*, p. 103. Este escriptor pertence ao fim do século XVI. Cita-se nas obras de Nicoláo Tolentino, p. 93. (Ed. J. Torres.) Publicamos uma versão popular nos *Estudos da Edad Media* em 1869, p. 65, quando iniciámos estas investigações. Ha outra versão nos *Contos populares portugueses*, e nos *Contos populares do Brazil*, colligidos por Sylvio Romero, n.º XIV, vem com o título *A moura torta*, e variantes. Stanisláo Prato, no seu opusculo *Quattro Novelline popolare licornesi*, p. 11 e seguintes, traz bastantes versões italianas d'este conto: *La bella dei sette Cedri*, *I tre cocomeri*, *Le tre melangele d'amore*, *Bianca como la neve e rossa como il sangue*, *Le tre noci fatali*, *Il giardino del orso*, *La dea Venere*. Sobre esta novella apresenta em seguida um largo estudo comparativo (p. 46 a 91 in-4º) sobre as versões colligidas por Pittre, Basile, Imbriani, Berti, Comparetti, Corazzini, Gubernatis, Gradi, Gozzi, Laura Gonzenbach, Schneller, Lippi, Busk, Ive, Visentini, Deulin, AfanasiEFF, Makban, Buemosci, Schott, Grimm, Kennedy, Brueyre, Asbjornsen (Dasent), Köhler, Maspons y Labros, Schmidt, Eredelgi Stier, Hahn, Benfey, Stefanovic, Jawis Schiefner, Zingerle, Cavallius, etc. Todos estes nomes representam collecções de novellas populares italianas, gregas modernas, allemãs, húngaras, russas, inglezas, escocezas, hespanholas, suecas, aváricas, suissas, por onde se vê que este conto é verdadeiramente universal. Stanisláo Prato interpreta este conto como sendo o mytho do Hercules roubando os pòmos de ouro do jardim das Hesperides.

des. Gubernatis, na *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 81, tambem apresenta uma interpretação mythica.

Na collecção de Maive Stokes, *Indian Fairy Tales*, n.º XXI, *The Bêl-princess*, há uma versão oriental d'este conto.— Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 109, vem uma versão, *La Negra y la Tórtola*, colligida no Chili, na povoação de Santa Joanna; traz os estribilhos:

— Hortelanito del rey,  
Que hace el rey con su negra mora?  
•A veces canta y a veces llora.  
— Hui, hui, hui! triste de mi  
Por el campo sola.

47. **A bengala de dezenove quintaes.**— Acha-se este conto na Foz do Douro, com o titulo *O homem da espada de vinte quintaes* (*Contos populares portuguezes*, n.º XXI.) Na *Revista Occidental*, vol. II, p. 329, vem uma outra redacção, de Ourilhe (Celorico de Basto) a que a narradora deu o titulo de *O homem da bengala de cem quintaes*, ou *da bengala de ferro*, não reunido na collecção citada, por não ter differenças essenciaes. Ha uma versão andaluza, colligida por Fernan Caballero, *Contos populares*, p. 51, ed. Leipzig.) Este conto acha-se colligido por Schiefner, nos seus *Awarische Texte*, n.º II. (Nas *Mem. de l'Academie Imperiale des Sc. de Saint Petersburg*, VII serie, t. XIX.) O Conto chama-se *Orelhas de Urso* e é de uma grande importancia para a determinação da origem de uma grande parte das novellas populares europêas, pelas relações entre os ávaros caucasicos com os ávaros mongolicos. A traducção d'este conto acha-se na *Revista Occidental*, vol. II, de p. 337 a 343. Ha versões d'este mesmo conto na Russia, como se vê pelas collecções de Erlenwein e de Afanasieff, traduzido para inglez no *Russian Folk-Tales* by Ralston, p. 73-80; e para francez com o titulo de *O monstro Norka*, por Brueyre. (*Contes popu-*

laïres de la Russie, p. 77.) Ha elementos episodios no *Kos-chéi o immortal*. (Ibidem, p. 105.) Nos *Contos populares da Servia*, de Vuk Stefanovic, vem este conto com uma forma deturpada, e uma variante colligida pela Sociedade da joven Bosnia, ambos traduzidos para inglez pela dama Mijatovics (p. 32 e 36, e p. 123.) Na collecção de Hahn, *Contos gregos e albanezes*, n.º 70 do I vol., e p. 294, do vol. II. Na Itália, apparece nas collecções de Pittré, n.º 80 e 83 das *Ott. Fiabe*, e p. 208 do vol. II das *Fiabe Nouvelle e Racconti popolari siciliani*; e nos *Contos sicilianos* de Laura Gonzenbach, apparece sob os n.ºs 58, 59, 61, 63 e 64; nos *Contos populares venezianos*, de Wiedter e Wolf, n.º 4, e nas *Novelline popolari italiane*, de Domenico Comparetti, n.º 19. As notas de Reinhold Köhler alargam immensamente a área das comparações na tradição européa; acham-se nas collecções Schiefner, de Gonzenbach, Wiedter, Hahn, Vuk Stefanovic e Bladé, d'onde se aproveitam todos os criticos com leves ampliações; pertencem a este cyclo nouvellesco, contos magyar, slavonico e polaco, das collecções de Gaal, Vogel e Woyciki; contos allemães das collecções de Grimm, (1) Wolf, Sommer, Colshorn, Curtze e Vernalecken; Mullenhoff, Birlinger, Haltrich; conto bohemio, na collecção de Waldau, lituanico na de Schleicher, tiroleza na de Zingerle e Schneller, dinamarqueza na de Grundtvig, e slava na de Schmalzer, e em suisso, de Suttermeister, finlandez em Bertram, e gaelico em Campbell. O estudo comparado d'este conto portuguez com os elementos tradicionaes europeus colligidos pelo erudito Köhler, acham-se na citada *Revista Occidental*, Lisboa, 1875, vol. II, p. 239 e 245.

Gubernatis, na sua *Mythologia zoologica*, t. I, p. 207, traz o resumo de um conto russo colligido por Erlenwein, e no tomo II, p. 197, traz o episodio da descida ao poço

(1) Na traducção franceza de Fr. Baudry, vem *Os seis companheiros* (p. 172) e o *Gigantinho* (p. 274) com analogias.

e da salvação das princezas filhas do *rei de Portugal*, colligido da tradição oral da Toscana. Portugal, nos contos populares europeus, é o paiz das maravilhas, e as laranjas, como pômos dourados das Hesperides são chamadas *Portogalotes*; uma grande parte dos assumptos novellescos narram-se como tendo acontecido em Portugal. Por ultimo citaremos ainda uma versão catalan, colligida por Maspons y Labros, nos Rondellayres, com o titulo *Jean de l'Ours*, e a versão franceza colhida recentemente por Emmanuel Cosquin, nos *Contes populaires lorrains*, com o titulo *La canne de cinq cents livres*. É evidente a universalidade d'este conto, e com certeza desenvolveu-se pela obliteração do seu sentido mythico primitivo. Gubernatis determina essa interpretação pelo conto IV da collecção de Erlenwein, *Narodnija Skarki sabramnija selskimi učiteliami*: «os tres irmãos apparecem sob nomes mythicos interessantes; uma mulher dá á luz tres filhos; um nasce-lhe á noite, e por essa razão lhe chamam Vecernik, ou da noite; o segundo, á meia-noite, e por isso o seu nome é Polunocnik; e o terceiro ao alvoroçar, pelo que o chamam Svetazor, ou o ladino.» Segundo a universalidade da tradição este é o mais esperto, e gira com uma clava de ferro de doze puds, e vae com os irmãos libertar trez princezas encantadas, que são a princeza do castello de cobre (Aurora da Tarde), a princeza do castello de prata (a Lua argentea), e a princeza do castello de ouro (a Aurora da manhã) que casa com Svetazor (o Sol.)» *Op. cit.*, p. 209.

Nos *Contos populares do Brazil*, de Sylvio Romero, ha uma variante, n.º XIX, intitulada *Manoel da Bengala*.

**48. A torre de Babylonia.**—Segundo uma nota de Consiglieri Pedroso, tambem tem o titulo da *Torre da Somnolencia*, o que nos explica o sentido do titulo com que o ouvimos em uma versão de Abrantes, *A torre da madorna*. Acha-se nos *Contos populares portuguezes*, n.º

XIV; seguimos o texto de Leite de Vasconcellos, da *Vanguarda*, n.º 39. Ha uma outra versão nos *Portugueze folktales*, de Consiglieri Pedroso, n.º XI. Este mesmo conto é commum á tradição hespanhola com o titulo *El Castillo de irás y no volverás*, em Maspons y Labros, *Rondellayres y quentos populares catalans*, Serie I, n.º 5; acha-se tambem na collecção de Fernan Caballero, com o titulo *Los cavalleros del pez*. Nos *Contes populaires lorrains*, de Emm. Cosquin, as versões francezas tem os titulos *Le fils du Pecheur* e *Les dons des trois animaux*. Aparece uma versão italiana na *Fiabe, Novelle e Racconti popolari siciliani*, n.º 16; de G. Pittré. Aparece uma versão servia, intitulada *Bash Chalek*, na trad. ingleza de M.<sup>me</sup> Mijatovies *Serbian-Folk-lore*. Reinhold Köhler, nas suas notas aos *Awarische Texte*, de Schiefner, n.º IV, onde compara o conto dos *Cunhados animaes*.

49. **Desanda cacheira.**—Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XXIV, vem uma versão de Coimbra. Nos *Estudos da Edade media*, p. 70, publicámos pela primeira vez este conto com uma redacção artificial. Acha-se na tradição allemã: *A meza, o burro e o bastão maravilhoso*. (*Contes choisis*, de Grimm, trad. Baudry, p. 155.) Gubernatis traz uma variante italiana nas *Novelline di Santo Stephano*. (*Rev. des deux mondes*, pag. 145, Nov. de 1877.) No conto XI da collecção esthoniana, resumida por Gubernatis, a cacheira que desanda por si, é interpretada como a expressão mythica do raio. (*Myth. zoologique*, t. 1, p. 174.) Sobre estes talismans da *toalha que dá de comer*, ha nos *Contos dos pastores slavos*, de Chodzko, *O Anão e o tapete volante*. Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, falla nos episodios fundamentaes d'este conto: *A bolsa sempre cheia de dinheiro*, é uma fórmula do *Asno mija-dinheiro*, da *Pata dos ovos de ouro*, dos *Cinco reis eternos do Judeu Errante*. A toalha cheia de iguarias, é figurada na mythologia antiga pelo *corno de Amalthea*, ou



a Vacca da fertilidade dos Vedas, ou a taça de *Graal* da Tavola Redonda, ou o *copo de Oberon* no poema de *Huon de Bordeaux*. (p. 139.) A *toalha do Põe-te meza*, apparece nas collecções bretã, slava e norueguesa; em Luzel, no *Corpo sem alma*; em Chodzko, na *Toalha que alimenta*; em Asbjornsen, *O homem que vae ao vento do norte*, *Mestre Tabaco*, o *Rei Valemond* e o *Urso branco*.—Nos *Contos populares do Brazil*, de Sylvio Romero, acha-se com o titulo *O prigueiro*. Este thema acha-se largamente desenvolvido pelo prof. Stanisláo Prato, no opusculo *Una Novellina popolare monferrina*, Como, 1882. Aproveitamos as suas indicações. Acha-se este thema no II conto kalmuco, da traducção de Bernhard Jülg; no conto indiano do *Rei Patraka*, no *Kathasârítsâgara*, de Somadeva Bhattra. Cita uma outra historia na collecção indiana do *Bahar Danusch*, e uma traducção do industanico de Garcin de Tassy. Nos *Avadanas* chinezes, traduzidos por Stanisláo Julien, t. II, p. 8, vem sob o titulo *A disputa dos dois demônios*. Ha uma variante arabe *Aventuras de Mazen do Khorassan*. Na collecção do *Touti Nameh* (vol. II, p. 28, da trad. allemã de Iken), ha outra variante; na collecção polaca de Glinski, traduzida por Chodzko, e por Prato, (op. cit., p. 21) e em outro conto (Glinski, t. III, p. 81) apparece a toalha magica. Nos contos XI e XXIII da collecção esthoniana figura a cacheira, ou o pão que bate por si mesmo. O thema do Asno faz-dinheiro acha-se nos *Old Deccan Days*, de Miss Frère, p. 166. O sentido mythico é evidente na toalha, que figura a nuvem, e na cacheira que é o raio. Vide Brueyre, p. 48, notas, p. 58, dos *Contos da Gram Bretanha*. Nas *Fiabe, Novelle e Racconti popolari siciliani*, n.º XXIX, vem este conto do qual Consigliere Pedroso colligiu outra variante portugueza com o titulo *A Velhinha e Sam Pedro*.

50. **Comida sem sal.**—É uma fôrma popular da lenda do *Rei Lear*. Nos Contos de Grimm (p. 209 da ver-

são de Fr. Baudry) vem como episodio na *Guarda-Patas*. Nas *Fiabe, Novelle e Raconti*, de Pittré, n.º 10, vem este mesmo thema tradicional. No *Pantcha Tantra* (trad. Lancereau, p. 244) ha uma princeza casada com um principe serpente, a qual é expulsa de casa pelo pae. Adiante reproduziremos a fórma litteraria d'esta lenda como se lê no Nobiliario do Conde D. Pedro, do seculo XIV. Nos *Contos populares do Brazil*, n.º III, vem com o titulo de *Rei Andrada*. (Vide supra notas 19 e 20.) Ha uma versão portugueza, colligida por Pedroso, *Pedro Cortiçôlo*. Na collecção de Maive Stokes, *Indian Fairy Tales*, n.º XXIII, vem com o titulo *The princess who loved her fatter like salt*.

**51. As crianças abandonadas.**—Ha outras versões de Guimarães e Villa Real (ap. Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, p. 264 e 266); outra nos *Contos populares portuguezes*, e nos *Portuguese Folk Tales*, de Consiglieri Pedroso, traducção de Ralston, n.º XIV, apparecem duas versões com o titulo *As duas crianças e a Feiticeira*. Sobre este conto Ralston cita um paradigma norueguez *Boots and the Troll*. (*Op. cit.*, p. VII.) As botas de sete leguas são interpretadas como uma fórma mythica do vento; acha-se nos Contos esthonianos de Frederico Kreuzenwald, n.º XI. (Ap. Gubernatis, *Myth. zool.*, t. 1, 174.) No XVI conto esthoniano tambem se marca o caminho deixando cahir cascas. (*Ib.*, p. 178.)

**52. O afilhado de Santo Antonio.**—Ha versões de Guimarães e Cabeceiras de Basto, ap. Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, p. 271 e 274.

**53. A filha do Diabo.**—Liga-se á lenda medieval do *Roberto do Diabo*, que anda na litteratura de cordel em Portugal. Vide o nosso estudo sobre *Os Livros populares portuguezes*. (*Era Nova*, n.º 1 e 2.)

54. **As trez maçasinhas de ouro.**— Gubernatis, (*Myth. zoolog.*, t. II, p. 342) cita o conto n.º XXII do seu *Novellino de Santo Stephano de Calcinaiá*, no qual: «dois irmãos mais velhos roubam uma penna de pavão ao seu irmão mais moço e o matam (isto é o pavão, da mesma fôrma que n'um conto russo, a irmã mata o irmão mais moço para lhe tirar as botinas vermelhas). No logar em que o irmão da penna de pavão é morto e enterrado, cresce uma arvore, de que se faz um cajado, depois um assobio, que, quando toca, conta o caso funebre da morte do irmãosinho morto por causa da pluma de pavão.»

Eis como o illustre mythographo explica o conto: «Quando o céu luminoso ou quando o sol está occulto pelas nuvens, quando as pennas brilhantes são arrancadas, quando o pavão está enterrado, a arvore que está plantada sobre a sua sepultura (a nuvem) faz ouvir a sua voz na volta da primavera... a arvore torna-se uma cana, uma flauta magica, um kokila melodioso.»

Acha-se este conto na vasta collecção russa de Afanasiéff, liv. v, n.º 17; e liv. vi, n.º 25. Alem da fôrma italiana citada, Vittorio Imbriani colligiu uma outra sob o titulo de *Passo griffo*, nos seus Contos de Pomigliano. (*Rev. des Deux Mondes*, Nov. de 1877, p. 145.) Este mesmo conto foi colligido por Bladé, em gascon, com o titulo *Lu Flauto*, nos *Contes et proverbes populaires rec. em Armagnac*; já apparece n'este a laranja, ou o pómo de ouro. Por elle se vê quanto o conto portuguez já se acha deturpado.

Ha uma outra versão allemã, *O osso que canta*, citado por Bladé, na *Hausmaerchen*; X. Marmier, nos *Chants populaires du Nord*, p. 75, traz uma ballada parecida com este conto, na revelação do fratricidio por uma canção. Husson, na sua obra *La Chaine traditionnelle*, interpreta o sentido mythico por esta forma: «como uma transformação de um antigo mytho relativo aos phenomenos da luz. Estes dois irmãos, correspondem aos Dioscuros e aos

Açvins, isto é, aos Genios da luz no seu nascimento e occaso.» (p. 59.) Gubernatis, na *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 129, traz um conto hungaro, em que uma irmã mais nova é morta pelas duas mais velhas, e uma flauta é que revela o crime. Segundo a sua interpretação mythica as duas irmãs são as duas metades da noite. O poder da flauta apparece no conto da Çakuntala, no de Poldoro, e em um conto toscano; no Rig-Veda (x, 135) Yama toca uma flauta, á sombra da arvore que canta, com que acorda todos os antepassados mortos. (Gub., *ib.*, t. I, p. 94.)

A nossa versão foi colligida pelo sr. Leite de Vasconcellos, e publicada na *Vanguarda*, n.º 39, em 1881; ha outra versão nos *Contos populares portuguezes*, n.º XL. Vide Stanislaò Prato, *Quatro Novelline livornesi*, p. 57, onde discute este thema nos mythos hellenicos, na *Eneida* e *Divina Comedia*.

Ha uma versão de Sevilha, intitulada *La Flor de Lililá*, publicada na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 196.

55. **O Sargento que foi ao inferno.** — Apparece este conto na versão allemã de Grimm, *Os tres cabellos de ouro do Diabo*. (Vid. *Contes Choisis*, trad. Baudry, p. 133.)

56. **A princeza que adivinha.** — É vulgar em Hespanha (Carmona e Arahál); acha-se com o titulo *Las Trez Adivinanzas*, em Demofilo, *Collecion de Enigmas*, p. 310. Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XXXVIII, intitula-se *As trez lebres*, e traz os seguintes estribilhos em verso:

Comi carne sem ser caçada;  
Em palavras de Deus assada;  
Bebi agua que não foi do céu cahida,  
Nem tambem na terra nascida.

Quando n'este palacio entrei  
 Tres lebres encontrei;  
 Todas tres esfolei,  
 E as pelles d'ellas mostrarei.

No *Folk Lore andaluz*, p. 470, cita-se uma redacção castelhana. Nos *Contes populaires lorrains*, de Emm. Cosquin, acha-se esta mesma tradição com o titulo *La princesse et les trois frères*. Nos *Contos populares do Brazil*, n.º xxxv, ha uma variante com o titulo *O matuto João*. O sr. Leite de Vasconcellos (*Rev. Scientifica*, p. 210) cita uma versão do Porto, com o seguinte estribilho:

Sahi de casa  
 Com Pita e massa;  
 Massa matou Pita,  
 Pita matou sete;  
 De sete escolhi a melhor;  
 Atirei ao que vi,  
 Matei o que não vi;  
 Com palavras santas

Assei e comi.  
 Bebi agua,  
 Que não estava no céo nem na terra;  
 Se bom era o fructo  
 Melhor era a raiz;  
 Já vi um burro  
 Com sessenta burros em cima.

Em outra versão de Vizeu, cita tambem o estribilho:

Atirei ao que vi  
 Matei o que não vi.

Nas *Novelle popolari toscane*, de G. Pittré (*Archivio per lo studio delle tradizioni popolari*, p. 64), no conto de *Soldatino*, vem o estribilho:

Tirai ai chi viddi,  
 Chiappai chi non viddi.  
 Mangiai carne creata, e non nata,  
 Cotta a il fumo di parole.  
 Striccia ammazzó Paola,  
 Il morvido consuma il sodo.  
 Enne e nè,  
 S'indovina cosa gli è.

57. **A adivinha do rei.**— O editor dos *Awarische Texte*, Schiefner, traz uma versão finnica d'este conto: «Um rei ordena ao filho de um aldeão de vir ter com elle á sua presença, nem de noute, nem de dia, nem pelo caminho, nem por atalho, nem a pé, nem a cavallo, nem vestido, nem nú, nem dentro, nem fóra. O intelligente moço, veste-se com uma pelle de cabra, faz-se levar á cidade, no crepusculo da manhã, deitado no fundo de um cofre, com um crivo n'um pé e uma êscova no outro; depois parou no limiar da porta do rei, tendo uma perna fóra e outra dentro.» (Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. I, p. 154.) O illustre critico considera como pertencendo á classe dos enigmas astronomicos. Nos *Contos* de Grimm intitula-se *A Bavara astuta*; Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 169, not. 1, citando o enigma de Diarmaid, transcreve tambem uma pequena lenda irlandeza de Kennedy analoga á portugueza.

58. **O boi cardil.**— Este conto acha-se na tradição oral da Ilha da Madeira ainda em fórma poetica, com o titulo de *Boi Bragado*. (*Romanceiro do Archipelago da Madeira*, p. 273.) Nos *Contos populares portuguezes* n.º LVI, traz o nome de *O Rabil*, versão de Coimbra, com o estribilho poetico:

Senhor meu amo!  
 Pernas altas e cara gentil  
 Me fizeram matar o boi Rabil.

Esta facecia tem raizes tradicionaes muito profundas; Schmidt determina-lhe um paradigma nas *Gesta Romanorum*, cap. 111, no qual se vêem ainda os elementos mythicos de Io mudada em vacca, e Argus, o pastor, fazendo um discurso ao seu barrete espetado na aguilhada, da mesma fórma que Travaillin faz em um conto semilhante das *Piaceccole Notte* de Straparole, Noite III, Fabula v. (*Les Facetieuses nuits*, t. I, p. 223. Ed. Janet.) Na versão franceza das Gesta, *Le Violier des Histoires romaines*, cap. xcviII, p. 265, não traz a seducção amorosa. N'esta edição indicam-se novas fontes; acha-se tambem nos *Contos tûrcos*, que Loiseleur des Longchamps juntou á sua edição das *Mil e uma Noites*, p. 315. Vide a *Histoire du grand ecuyer Saddyk*. Nos *Quarenta Vizires*, vem este conto com o titulo *Scheikk Chehabeddin*, d'onde passou para outras collecções europêas. O Dr. Schmidt, nas notas á sua versão de Straparola, cita este mesmo conto em allemão do seculo xvi, que se acha nos *Volkssagen*, d'Otmar (Nachtigall) Breme, 1800. O Abbade Blanchet, nos *Contes et Apologues orientaux*, tral-o tambem sob o titulo de *Doyen de Badajoz*. (Vide Loiseleur des Longchamps, *Essai sur les Fables indiennes*, p. 173.) No conto viII dos *Contos sicilianos* de Laura Gonzenbach, é uma cabra que serve para pôr á prova a fidelidade do aldeão. (Vide Gubernatis, *Myth. zoologique*, t. 1, p. 442, nota.) Nos *Contos de Pomigliano*, colligidos por Vittorio Imbriani, acha-se esta anedocta em que o heroe se chama José Verdade. (*Rev. des Deux Mondes*, Nov. 1877, p. 145.)

59. **O camareiro do rei.**—Este conto tem uma referencia historica, sendo os personagens Frederico II e Pedro de Vignes. Esta anedocta teve larga vulgarisação, porque acha-se não só nas *Dames galantes* de Brantome, como no *Livro de Sendabar*, no *Mischlé sendabar*, no *Syntipas* grego, e nos *Sete Vizirs*, com o titulo *Rasto de Leão*. Nas tradições populares italianas tambem está vi-

gorosa, e acha-se nos *Contos de Pomigliano* de Vittorio Imbriani. Por esta versão, em que ha alguns estribilhos poeticos, se vê o sentido das referencias á *vinha*, da versão do Algarve. Tambem se repete na Sicilia e em Veneza. (Vid. *Rev. des Deux Mondes*, Nov. 1877, p. 144.) Eis a adivinha do conto italiano:

Diz o rei:

Una vigna no piantá.  
Per travers è intrá  
Chi la vigna ni ha goastá.  
Han fait gran peccá  
Dí far ains che tant mal.

Diz a esposa:

Vigna sum, vigna sarai,  
La mia vigna non fali mal.

Responde Pedro:

Se cossi è como è narrá  
Plu amo la vigna che fis mai.

No conto veneziano vem as seguintes estrophes, que condizem com o dialogo rimado de Pedro de Vignes:

A esposa:

Vinha era, e vinha sou,  
Fui amada, e já o não sou.  
E não sei porque rasão  
A vinha perdeu a estimação.

O camareiro:

Vinha eras, vinha serás,  
Amada eras, e já o não serás.  
Pela pata do leão  
A vinha perdeu a estimação.

O rei, comprehendendo e explicando tudo:

N'aquella vinha eu entrei  
Em pampano algum toquei,  
Pelo sceptro que tenho aqui  
Nenhum fructo lá comi.

63. **A mulher curiosa.**—Acha-se nos *Contos populares da Gram Bretanha*, trad. de Brueyre, p. 273.

64. **As favas.**—O sentido *phallico* primitivo ligado á fava, apparece em todo o seu vigor aqui; o sentido *funerario* explica-se pela ameaça de morte que pesa sobre o rapaz que faltou ao respeito á rainha. (Vid. *Gubernatis, Mythologie des Plantes*, t. II, p. 132.) Nos costumes populares da Italia, a fava branca que apparece no bolo é a *rainhã* e a *fêmea*.

65. **A velha das gallinhas.**—O thema d'este conto acha-se no *Violier des Histoires romaines*, cap. 56, p. 168. São trez gallos que revelam, segundo a interpretação da camareira, a infidelidade da senhora. Este conto acha-se, segundo Gustave Brunet, no *Dialogus creaturarum moralisatus* e por ventura generalisou-se na Europa a titulo de Exemplo de prégadores.

67 e 68. **Março marçagão.**—Publicado pela primeira vez pelo sr. Leite de Vasconcellos, na *Vanguarda*, n.º 75 e 76. O março é mythificado nos anexins populares portuguezes. Em uma versão que colligimos o estribillo era:

Eu sou o Março Marão,  
Que curo meadas e esteiras não.

69. **A alegria da viuva.**—É uma fórmula popular da antiga tradição da *Matrona de Epheso*, tão frequentemente citada nos escriptores classicos. Nas *Horas de Recreio*,

do padre João Baptista de Castro, vem uma redacção portugueza da *Matrona de Epheso* formada sobre elementos eruditos. Esta historia acha-se na collecção dos *Sete sabios*; Loiseleur des Longchamps, no *Essai sur les Fables indiennes*, p. 161, indica as fontes d'este conto mais conhecido pelo *Satyricon* de Petronio. Ha um estudo especial por M. Dacier, nas *Mem. de l'Academie des Inscriptions*, t. XLI; no *Polieraticus sive de Nugis Curialium*, de João de Sarisberi, de 1183, vem esta lenda d'onde se vulgarizou na Edade media, e para a collecção das *Cento Novelle anti-che*. As imitações litterarias são numerosissimas. No *Novellino* traz o n.º LIX.

70. **A carpideira.**—Pertence ao cyclo do conto antecedente, um dos mais abundantes do nosso Decameron popular.

71. **Frei João Sem Cuidados.**—Merece comparar-se a versão oral com a redacção litteraria de Gonçalo Fernandes Trancoso, do seculo XVI, em que figura um fidalgo Dom Simão. Ha uma fórma hespanhola tambem do seculo XVI, no *Patrañuelo* de Timoneda, n.º xv. (Coll. de Auctores españoles, de Ribadaneyra, p. 154.) A fórma mais antiga que conhecemos é a italiana de Franco Sacchetti, contemporaneo de Dante, nas *Novellas*, t. I, n.º IV. A primeira versão oral portugueza foi publicada no *Almanach de Lembranças*, para 1861, p. 323. (Vid. n.º 160.)

72. **João Ratão** (ou Grillo).—Publicado pela primeira vez na *Era nova*, p. 243. Em uma versão popular de Villa Real, o objecto da adivinha é um grillo, e por isso o adivinho acerta na resposta, dizendo:

Ai grillo, grillo,  
Em que mão estás mettido.

No livrinho dos *Contos nacionaes para crianças*, p. 47, n.º XVII, vem uma outra redacção sob o titulo de *O Doutor Grillo*, formando um cyclo de aventuras. Diz Gubernatis: «Na Italia, quando se propõe um enigma para ser adivinhado, ajunta-se ordinariamente como conclusão as palavras—*Indovinala, grillo!* (adivinha grillo!) Esta expressão liga-se ao idiota fingido dos Contos populares, que acaba sempre por dar prova de tino. O sol envolvido na nuvem e na obscuridade da noite, é em geral o idiota mas o idiota que vê tudo, etc.» (*Myth. zoolog.*, t. II, p. 50.)

**75. Pedro de Malas Artes.**—Na collecção dos *Contos sicilianos* de Pittré ha este mesmo thema. (*Rev. des Deux Mondes*, 1875 (Agosto, 15), p. 883. Consiglieri Pedroso encontrou-o com o titulo de *Manel tolo*, correspondente ao *Giufa* dos contos sicilianos (*Fiabe*, vol. III, p. 353 da collecção de Pittré), e ás *Molbohistorie* da Dinamarca. (Ap. *Romania*, t. IX, p. 138 a 140.) *O Positivismo*, t. II, p. 450.—Nos *Relogios fallantes*, D. Francisco Manuel de Mello, allude a esta tradição corrente em Portugal no seculo XVII: «que me puderam levantar estatuas como a *Pedro de Malas Artes*...» (*Apologos Dialogaes*, p. 23.) N'esta mesma obra vem o conto da mulher que nas dôres do parto mandou accender uma vela benta, tendo em seguida o cuidado de a mandar apagar para outra vez. (*Ibid.*, p. 196.)

Crêmos que é a esta mesma tradição que se refere o typo de *Pedro de Urde-Lamas*, citado na *Lozana andalusá*, da litteratura hespanhola do seculo XVI. No Cancioneiro da Vaticana vem uma allusão a este typo: «Chegou Payo de *maas Artes*.» (Canç. 1132.)

**76. D. Helena.**—A peripecia d'este conto, o signal no peito da rainha, acha-se na *Cymbelina* de Shakespeare, em um conto de Boccacio, e no poema da Edade media *Gerart de Nevers*.

77. **O guardador de porcos.**—Apparece nos *Contos populares da Russia*, na Colleção de Afanasieff, liv. v, n.º 8. Além da traducção de alguns contos russos por G. Ralston, Gubernatis vulgarisou mais uns cem, para elemento dos estudos comparativos. Na tradição italiana do Piemonte tambem se repete esta facecia: «Um rapaz que guardava porcos, corta-lhes os rabos, lança-os n'um lameiro, e foge com elles. O patrão, vendo os rabos, cuida que os porcos se enterraram na lama. Pucha-os, mas só lhe vem na mão os rabos sem os corpos a que andavam pegados.» (*Mythologie zoologique*, t. I, p. 252.) O illustre critico liga este conto a outros elementos tradicionaes para a reconstrucção popular do mytho de Hercules e Caco.

78. **Nascer para ser rico.**—Nos *Contos proveitosos*, de Trancoso, Parte I, n.º XIII, *O real bem ganhado* versa sobre esta peripecia da pedra preciosa.

79. **Dom Caio.**—Este conto versa sobre o equivoco da phrase: *Matar sete de um golpe*. Tem analogias com o *Alfaiatinho valoroso*, dos Contos de Grimm. (*Contes choisis*, p. 253.) No *Pantchatantra*, a fabula do *Oleiro e o Rei* versa sobre este mesmo assumpto. (Trad. Lancereau, p. 289.) Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 121, vem este conto com o titulo de *Don Juan Bolondron Mata siete de um trompom*, colligido no Chili, na povoação de Santa Juana.

80. **Os dez anõesinhos da Tia Verde-Agua.**—Nos Contos de Grimm *Os anões magicos*, dão realidade ao que na tradição portugueza apparece com sentido allegorico. (*Contes choisis*, p. 181.)

81. **O compadre Diabo.**—Sobre esta facecia, Gubernatis apresenta um conto russo em que o Diabo é

representado pelo urso com um character demoniaco: «O aldeão logra duas vezes o seu companheiro urso; primeiro quando semeam juntamente nabos, e que o aldeão reserva para si o que cresce debaixo da terra, deixando ao urso o que sae e se levanta acima do chão; depois, quando elles semeam trigo, e que o urso, julgando-se agora mais esperto toma para si o que cresce debaixo da terra e cede ao aldeão o que se produz para fóra d'ella. O aldeão está a ponto de ser devorado pelo urso, quando a raposa o vem soccorrer.» (*Myth. zoologique*, t. II, p. 119.) D'este conto da collecção de Afanasiéff, acha-se uma variante na Noruega, n.º 74, da collecção de Asbjörnssen, e na Allemanha, na collecção de Grimm, n.º 189. Em um conto caucasico, publicado no *Magazin für die Litter. des Auslands*, n.º 134, de 1834, figura o Diabo, que tambem é enganado. Sobre este conto Liebrecht escreveu um estudo comparativo na *Academy*, de 1873, n.º 74, resumido por Gubernatis, loc. cit. No *Conde de Lucanor*, de D. João Manuel, cap. 41: *De lo que contescio al Bien y al Mal*, vem este mesmo conto, em que tambem ha os nabos da partilha. (Ed. 1642, fl. 111.) Nos *West Highlanders popular Tales*, de Campbell, acha-se este conto em que figuram a raposa e o lobo, e a cultura é de aveia e depois de batatas. Ap. *Contes populaires de la grande Bretagne*, de Brueyre, p. 363, que traz mais estas fontes similares: Rabelais, *Pentagruel*, liv. iv, cap. 45 e 46. Lafontaine, conto de *Le Diable et Papefiguiere*. Na tradição oral franceza o conflicto dá-se entre S. Martinho e o Diabo. Nos *Contes populaires agenais*, de Bladé, figura sob o titulo de *La Chèvre et le Loup*. Gubernatis, na *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 31, cita este conto mostrando «como os mythos se deslocam e se multiplicam infinitamente, tendo muitas vezes o mesmo ponto de partida.»

82. **Os corcundas.**—Apparece tambem na tradição popular italiana, colligida pelo prof. Gubernatis, na *Bota-*

*nique zoologique*, t. II, p. 249, extrahida do livro do medico Pedro Piperno, do sec. XVII, que se intitula *De Nucemaga beneventana*. A troca das corcundas é explicada por Gubernatis: «é evidentemente o jogo das sombras; a corcunda por detraz é a escuridão da noite, a corcunda por diante, é a sombra na alvorada.» Ha uma outra versão portugueza, de Coimbra, publicada na *Revista de Ethnologia e Glottologia*, p. 200.—A tradição tem certa universalidade. Vide tambem Brueyre, *Contes de la Grande Bretagne*, p. 206, tradição da Irlanda, e Emile Souvestre, *Foyer Breton*, Les Korils de Plauden, ou Presente dos Gnomos.

Nos *Contes populaires lorrains*, de Emm. Cosquin, vem com o titulo *Les Fées et les deux bossous*.

**83. A mulher gulosa.**—Esta facecia encontra-se nas tradições populares do Brazil. Sylvio Romero, colligiu-a em Pernambuco, e tral-a com o titulo *A mulher dengosa*, nos seus *Contos populares do Brazil*.

**86. Dá-me o meu meio tostão.**—Acha-se esta facecia nos Contos sicilianos, colligidos por G. Pittré, sob o nome de *Giufa*. (*Rev. des Deux Mondes*, de 1875, 15 de Agosto, p. 833.)

**87. O soldado que foi para o céo.**—Acha-se na tradição da Bretanha franceza, sob o titulo de *Moustache*. (Em. Souvestre, *Les Derniers Bretons*, t. I, p. 83.) Acha-se colligido na tradição popular italiana por G. Pittré; na fórma siciliana é um frade, o Grós-Jean analogo ao *Bonhomme Misère*, da França, ao *Prete Ulivo*, da Toscana, *Accacini*, de Palermo, e *Gingannuin*, do Castellermini. (Vid. *Rev. des Deux Mondes*, de 1875, 15 de Agosto, p. 843.) O soldado que recebe os trez dons, vem tambem nos contos de Grimm, o *Judeu nas Silvas*, trad. Baudry, p. 243.

92. **A enfiada de petas.**—Ha uma variante de Ourilhe, nos *Contos populares portuguezes*, n.º LVII.

94. **Manoel Feijão.**—É o celebre conto do *Petit Poucet*, de Perrault; Emm. Cosquin colligiu-o da tradição oral outra vez nos seus *Contes populaires lorrains*; Massons y Labros, tral-o nos seus *Rondelaires*, com o titulo *En père Patufet*. Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, trad. de Brueyre, vem na fôrma de um poema *Tom Thumb*, e uma versão oral colligida por Campbell. Mr. Gaston Paris publicou uma outra versão popular no começo da sua monographia intitulada *Petit Poucet*, em que procura provar que este conto deriva do mytho da Grande Ursa. (O auctor brindou-nos com um exemplar d'este seu opusculo.) Hyacinthe Husson, na *Chaine traditionnelle*, p. 28, discute o sentido mythico, e apresenta a indicação de uma versão russa (p. 34). Nos Contos de Grimm é o *Tom Puce*, trad. de Baudry, *Contes Choisis*, p. 145. Gubernatis, na *Mythologia zoologica*, t. II, p. 159 e 160, cita o conto piemontez de *Piccolino*, e o conto russo de *Malcik-palcik* (dedo mendinho). Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XXXIII, ha uma versão de Bragança intitulada *O grão de milho*. Ha outra versão italiana, de Pittré: *Uma variante toscana della novella del Petit Poucet*.

95. **Cahiu-me na minha catulinha.**—Acha-se tambem nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, de Brueyre, p. 377.

97. **O cego e o moço.**—Esta facecia popular acha-se com variantes na *Hora de Recreyo*, do Padre João Baptista de Castro, t. I, p. 123: *O cego e o moço comendo uvas*.

98. **O cego e o mealheiro.**—Apesar de ser uma simples facecia, tem raizes tradicionaes; acha-se no *Ali-*

*vio de Caminhantes*, de Timoneda, n.º 49, p. 181, da ed. Ribadaneyra.

100. **Os tres conselhos.**—Além da versão oral, temos uma redacção litteraria nos *Contos proveitosos* de Trancoso, do seculo XVI. No *Conde de Lucanor*, cap. XLV, fl. 119, ha uma versão, indubitavelmente de origem arabe. No *Violier des Histoires romaines* (Gesta Romanorum), cap. 94, uma outra versão moralisada, com notas. No *Patrañuelo*, de Timoneda, n.º XVII, vem uma historia analoga. Vid. n.º 161.

104. **A estatua que come.**—Convém aproximar esta lenda do conto da *Mirra*, n.º 62, para se completarem os elementos da lenda de *Dom João* em Portugal. No n.º V do *Positivismo*, vol. IV, vem um estudo ácerca dos vestigios mythicos d'esta tradição.

105. **As adivinhas em anexins.**—Nos *Adagios*, do Padre Antonio Delicado, do seculo XVII, vem estes anexins a pag. 44, o que nos determina certa antiguidade da facecia. Ha uma variante nos *Contos infantis*.

106. **A mulher teimosa.**—Edelestand du Méril, na *Histoire de la Fable esopique*, (Ap. *Poésies inédites du Moyen-Age*, p. 154, not. 5) cita um manuscripto da Bibliotheca de Bruxellas, do seculo XV, no qual se acha esta mesma fabula com o titulo *De homine et uxore litigiosa*. Transcrevemos a peripecia final: «Illa, autem, quia jam linguam amiserat et loqui non potuit, signo quo valuit, pertinaciam ostendit, forcipi formam et officium digitis ostentans.»

107. **O jogo do Pira.**—Este conto acha-se no seculo XVI, em uma comedia do celebre Giordano Bruno, intitulado *Candelajo*; Barra, que é um freguez, para não

pagar na taverna, propõe varios jogos, que são successivamente regeitados, e por fim propõe *darem uma carreira*, o que lhe serve de pretexto para se escapulir. No seculo XVIII este conto teve tambem uma nova fórma dramatica na comedia de cordel *O gallego lorpa ou os Tolineiros*. Vid. *Historia do theatro portuguez*, t. III.

**108. O caso do tio Jorge.**—Recebemos esta facecia colligida na Ilha de S. Miguel pelo nosso eminente zoologista Francisco de Arruda Furtado. Conheciamol-a em prosa. Existe um pequeno fabliau sobre esta aventura, na litteratura franceza da Edade media.

**109. Os dois irmãos e a mulher morta.**—Acha-se publicado no *Elvense*, n.ºs 202, 205 e 206, III anno, com uma redacção litteraria que prejudica o seu valor tradicional. Pertence ao cyclo do *Frade morto*, aqui substituido por uma cunhada, o que é uma circumstancia accidental. Ha cinco versões portuguezas do *Frade morto*; na tradição peninsular acha-se no *Patrañuelo* de Timoneda, n.º III; no *Fabliau du Prêtre qu'on porte* (*Hist. litteraire de la France*, t. XXIII, p. 141); na antiga tradição italiana: *Cinquante Nouvelle* de Masuccio, n.º 1; e modernamente acha-se colligido por Pittré, nos *Fiabe e Racconti*, n.º 165: *Fra Ghinipera*. Na collecção dos *Contos russos*, de Erlenwein, n.º 17, acha-se a tradição do frade morto. (*Gubernatis, Myth. zoologique*, t. II, p. 214.)

**111. Para quem canta o cuco?**—Acha-se esta facecia na collecção quinhestista de Timoneda, *Sobremesa y Alivio de caminantes*, conto 57. (Ed. Ribadaneyra, p. 181.)

**112. Tudo andaremos.**—É hoje uma locução portugueza, sendo o conto menos vulgar. Na collecção de Timoneda, *Alivio de Caminantes*, n.º 33, vem uma versão d'esta facecia. (Ed. Ribadaneyra, p. 179.)

113. **A mulher que cegou o marido.**—Aparece este conto na *Pantchatantra*, (Vid trad. franceza de Lancereau, p. 265) com o titulo *O Brahmane e sua mulher*.

114. **O tolo e as moscas.**—Pittré colligiu tambem esta facecia nos seus Contos sicilianos. (Vid. critica na *Revue des Deux Mondes*, 15 de Agosto de 1875, p. 857.)

115. **Já que tanto teima.**—No *Conde de Lucanor*, de D. João Manoel, n.º xxxiv, fl. 401, v., encontra-se como conto o que em Portugal se repete quasi que exclusivamente como locução.

116. **Tic-taco.**—Esta facecia insulana acha-se nas *Notte piacevoli* de Straparole (*Facetieuses nuits*, nuit II, fab. 5.) Um fabliau da Edade media desenvolveu este conto *De la Dame qui attrapa un Prêtrè*. Vid. outros paradigmas na versão franceza de Straparole, p. xx.

117. **As orelhas do Abbade.**—Esta vulgarissima facecia já se encontra na *Sobremesa y Alivio de Caminantes*, conto 51, da edição Ribadaneyra, p. 181.

Acha-se no *Fabliau des Perdrix* (*Recueil de Fabliaux*, p. 159); no *Passa tempo de Curiosi*, p. 22; nos *Nouveaux Contes à rire*, p. 266; nas *Facetie, motti et burle*, da Ch. Zabata, p. 36; e nos *Contes du Sieur d'Ouille*, t. II, p. 225.

118. **Os duzentos carneiros.**—É um conto typico; encontra-se no *Castoiment d'un Père à son Fils*; nas *Cento Novelle antiche*, n.º xxx; no *Don Quijote* e no *Recueil de Fabliaux*, p. 1, Paris, 1829. (Bibl. choisie.)

120. **Lenda da Mãe de S. Pedro.**—Acha-se em muitas terras de Portugal; Pittré encontrou-a na tradição italiana, mas em vez de ser a rama de cebola é uma fo-

lha de pereiro. *A mãe de S. Pedro* é uma locução proverbial em toda a Sicilia, Veneza, Toscana, Frioul, etc. (Vid. *Revue des Deux Mondes*, de 15 de Agosto de 1875, p. 843.)

Adiante, sob o n.º 215, reaparece o typo popular de S. Pedro em um genero de contos muito vulgares em Andalusia com o titulo de *Susedios*.

123. **O lavrador e o Ermitão.**—O sr. Leite de Vasconcellos traz na revista *El Folk Lore andaluz*, (ann. I, n.º 5, p. 176) uma variante d'esta lenda colhida nas Duas Igrejas, do concelho de Mirandella, servindo de paradigma a uma versão andaluza de Rodriguez Marin, publicada no *Folk Lore andaluz*, n.º 2, p. 31-33.

124. **O thesouro enterrado.**—Acha-se uma versão de Celorico de Basto publicada na *Revista de Ethnologia e Glottologia*, p. 170. O sr. Sylvió Romero, na sua collecção de Contos populares do Brazil, tral-o com o titulo *O ouro dos Maribondos*, tendo sido anteriormente publicado na *Revista brazileira*.

125. **As vozes dos animaes.**—Ha uma outra versão colligida pelo sr. Sequeira Ferraz; e uma versão franceza, intitulada: *Les musiciens voyageurs (Vieux Contes*, p. 17, Paris, 1830); tambem nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 306, trad. de Bruyere. Nos *Contos dos irmãos Grimm*, vem com o titulo *Os musicos da cidade de Brême (Contes choisis*, trad. Baudry, p. 313).

Pag. 224. **Ditados novellescos.**—Nas tradições populares são frequentes estes estribilhos iniciaes e finaes. Colhemos alguns da collecção de Leite de Vasconcellos, no *Folk Lore andaluz*, p. 214. Rodriguez Marin, nos *Contos populares españoles*, t. v, p. 46, traz as seguintes fórmulas iniciaes: *Era vez y vez*, *Erase que se era*, que nos parece analoga á fórmula insulana: *Era, não era, no*

*tempo da éra.* Marin cita um trecho de Quevedo (Musa VI, rom. 29):

Doncellas no sé que son,  
Porque me contó una vieja,  
Que ya son sólo en los cuentos  
Fruta de *Erase que se era.*

E Cervantes tambem escreve: «Suelen los muchachos antes de comenzar un cuento ó consexá, decir:

Erase lo que era:  
el mal que se vaía  
y el bien que se venga;  
el mal para los moros  
y el bien para nos otros.  
(*Quijote*, I, 20.)

Em Cuba repete-se um estribilho em fôrma de conto, com que se arrelia as crianças; tral-o Marin:

Este era um gallo pelado,  
que tiene los pies de trapo  
y la cabeza al revés;  
Quieres que te lo cuente otra vez?

(*El niño responde que — si.*)

Yo no digo que digas si,  
Si no que si quieres que te cuente  
el cuento del Gallo-pelado.

(*Cantos populares españoles*, t. v, p. 16.)

A circumstancia de alçar o rabo e chupar o pez, achase em um estribilho da Extremadura hespanhola:

Era uma vez y vez  
Una cabrita  
Que tenia um chivito  
Con los ojos de ver  
Y el culito de lamer.  
Quieres que te le conte otra vez?

(*Folk Lore Betico Extremeño*, p. 210.)

Costa Cascaes, no *Panorama* (t. XII, p. 115 e 118), traz intercaladas em uns versos seus, algumas fórmulas finaes. Vid. nota 118. No final de um conto de Huelva vem «*unos zapatitos de manteca*».

126. **O rey Leir.**—A tradição do rei Lear acha-se na *Chronica* bretã de Geoffroy de Montmouth, e no *Roman de Brut*, de Robert Wace. Gubernatis acha nas lendas indianas de Dirghatamas e Yayati, do *Mahabaratha*, «um primeiro esboço do rei Lear.» (*Myth. zoolog.*, t. I, p. 93.) A lenda está hoje universalizada na tragedia de Shakespeare. Sob o n.º 50 vem uma versão oral.

127. **A dama pé de cabra.**—Na *Chaine traditionnelle*, p. 156, Hyacinthe Husson traz uma tradição analoga das ilhas Celebes. O episodio da ida de Enheguez Guerra libertar o pae acha-se no *Violier des Histoires romaines*, cap. XIV, p. 37 (ed. Janet). O cavallo-fada acha-se nas *Nuits facétieuses*, de Straparola, III, fab. 2. Parece-nos que este mesmo fundo tradicional subsiste no romance popular da *Infantina*.

128. **A morte sem merecimento.**—Contaram-nos que este thema era objecto de um romance metrificado, que nunca encontramos na tradição popular. Sobre o mesmo assumpto existe uma tragedia de Lope de Vega.

129. **A lnhagem dos marinhos.**—Pertence ao cyclo das lendas heraldicas; o typo da mulher muda ainda persiste nas tradições populares. Vide a *Muda Mudella*, n.º 18.

130. **Exemplo do philosopho.**—No *Violier des Histoires romaines* (*Gesta Romanorum*, cap. 137), tem o sentido allegorico. Vem como apologo na *Historia de Barlaam e Josaphat*, a qual tambem foi traduzida em portuguez no

seculo XIV e se acha na Torre do Tombo. A extensão de este apologo na Edade media foi vastissima; Jubinal publicou uma redacção do seculo XIII no *Nouveau Recueil de Fabliaux*, t. II, p. 113; e em inglez ha uma redacção do seculo XII de Odo de Ceriton; acha-se na *Legenda Aurea*, de Voragine, e no *Speculum Historiale*, de Vicent de Beauvais, e na *Vies des Pères*. Mone, publicando um texto latino, «aproxima este apologo vindo da Asia com a tradição scandinava da arvore sagrada, o carvalho Yggdrasil, cuja cima toca no céo e cuja raiz é continuamente roida por Nidhogger, a serpente infernal.» (*Violier*, p. 389, nota.) Esta mesma tradição acha-se nos preliminares da traducção pehlvi de *Catila et Dimna*, do começo do seculo VI, nas traducções arabe, hebraica e grega, e no *Directorium humanae vitae*.

**131. Exemplo dos tres amigos.** — Acha-se no *Conde de Lucanor*, de D. João Manoel, cap. xxxvii, fl. 104, porém mais desenvolvido. Nas *Gesta Romanorum* (traducção franceza, *Violier*, p. 297) traz o titulo *De la vraye probation d'amytié*. Citam-se nas notas muitas fontes tradicionaes, entre outras o *Dialogus creaturarum*, cap. 56; a *Disciplina clericalis*, de Pedro Alfonso, cap. 2.<sup>o</sup>; e *Summa Predicantium*, de Bromyard, vb. *Amicitia*; ha uma traducção arabe de Cardone, *Melanges de litterature orientale*, t. I, p. 78; Apologos de Stainhoewel, fl. 88; Hans Sachs fez sobre este assumpto a comedia *Der halb Freund*; Granuci a novella *L'Eremita*; acha-se tambem na parabol dos trez amigos, da *Historia de Barlaam e Josaphat*.

**132. Exemplo allegorico da redempção.** — Parece-nos a fórma rudimentar d'onde se desenvolveu a novella de cavalleria celeste. É provavel que se encontre nas collecções medievaes.

**133. A justiça de Trajano.** — Esta lenda da Edade-

Media, acha-se em João Diacono, em S. Thomaz, e Dante tratou-a no seu *Purgatorio*, canto x; apparece no *De Mirabilibus urbis Romae*, e foi metrificada no *Dolopathos*, canto quinto. (Vid. ed. Janet, p. 265.) Na collecção do *Novellino*, vem sob o n.º LXIX. A lenda continuou a ser conhecida em Portugal como thema de arte. Em uns panos de raz do palacio de D. João II estava pintada a lenda da justiça de Trajano, como o referem os chronistas. Tambem em uma festa palaciana, D. João II appareceu na sala «invencionado em *Cavalleiro do Cirne*.» Sobre esta outra lenda, conhecida em Portugal, póde vêr-se Jacob Grimm, nas *Veillées allemandes*, t. II, p. 342 a 370. (Ed. Paris, 1838) e a larga introduccção de Reifenberg na *Chronica rimada* de Philippe de Mouskes.

134. **A morte dos avarentos.**— Nas facecias populares, o avarento apparece em uma grande variedade de episodios; é natural que os pregadores catholicos se apropriassem de um fundo tradicional conhecido. (Vid. n.º 99.)

135. **As miserias da riqueza.**— O thema do rei que anda de noite pela cidade, tem uma base popular. (Vid. n.º 38 e 39.)

136. **O que Deus faz é por melhor.**— Acha-se no *Conde de Lucanor*. Vid. o conto de Trancoso, sobre o mesmo thema, mas em diversa situação. (N.º 164.)

138. **Os quatro ribaldos.**— Este conto acha-se traduzido no *Orto do Esposo*, ms. da Bibliotheca de Alcobaga, do seculo XIV. A redacção mais antiga é a que vem no *Pantchatantra*, liv. III, n.º 4: *O Brahmane e os Ladrões*. (Trad. de Lancereau, p. 225, e nota resumida de Benfey, a p. 374.) Acha-se igualmente no *Hitopadeça*, (1) d'onde

(1) Trad. Lancereau, p. 192.

veiu para a collecção arabe do *Calila e Dimna*, que foi vulgar na península hispanica. D'este conto diz Max Müller, que foi conhecido em Constantinopla por uma traducção grega pelo tempo das Cruzadas, sendo espalhada pela Europa pela obra latina intitulada *Directorium humanæ vitæ*. Quer pela corrente arabe quer pela latina entrou elle em Portugal, como se vê pelo character moral do exemplo com que é referido no livro ascetico supracitado. O conto acha-se levado na corrente da transmissão litteraria e reaparece na *Filosofia Morale* e nos *Piacevoli Notte*, de Straparola (1); mas é certo que elle teve uma migração oral, porque na collecção dos contos norricos de Asbjørnsen e Moe, traduzidos para inglez por Dasent, (*Popular tales from the Norse*) figura com o titulo de *Mestre ladrão*. (2) Acha-se na collecção mais querida da Edda de media as *Gesta Romanorum* (*Violier des Histoires romaines*, cap. 132); no *Decameron*, de Boccacio, jornada IX, novella 3.<sup>a</sup>; nas *Facecias* de Poggio, nas *Cento Novelle antike*, nas *Novelle*, de Fortini, n.º 8, e nas *Novellas* de Compriano.

139. — **A boa andança d'este mundo.** — Foi este o primeiro conto que deparámos ao folhear o *Orto do Esposo*, antes de termos prompta para a imprensa a nossa collecção. Encontrámos uma versão oral com algumas modificações: «O amante para obter o sim da viuva, que exige que elle traga muito dinheiro, em vez de matar o mercador faz um pacto com o diabo, que lhe apparece no caminho sob essa fórma conduzindo muitas riquezas. O pacto consiste em que lhe ha-de dar a primeira pessoa que entrar em casa quando vierem do casamento. Assim se combinou. Ao sahirem da igreja já casados todos montaram a cavallo, e o noivo montou tambem um muito

(1) Notte I, Fabula 3.<sup>a</sup>; ha differença, porque o padre traz da feira um macho, que os ladrões teimam em chamar burro.

(2) Max Müller, *Essais sur la Mythologie comparée*, pag. 276 a 278.

lindo que um criado lhe trouxe. O cavallo rompeu logo á desfilada adiante de todos, chegou a casa, entrou pela porta dentro, e n'isto ouviu-se uma voz, que disse:—Ah damnado, que te filei! A casa foi pelos ares com tudo que tinha dentro, e quando o acompanhamento do noivado chegou ao sitio só achou um lago, que ainda cheirava a enxofre.» Ha uma preciosa versão oral nos *Contos populares portuguezes*, n.º LXXIV.

140. **Os dois caminhos.**—O thema tradicional do caminho que vae dar ao céu e do que vae dar ao inferno conserva-se entre o povo. (Vid. n.º 55.)

141. **A Papisa Joanna.**—Acha-se uma referencia a esta lenda, no livro de Mariannus Scotus, *Chron. ad annum 854*, dizendo que «Leão IV teve por successor uma mulher chamada Joanna, que occupou a cadeira de Pedro durante dois annos, cinco mezes e quatro dias.» Em outro chronista do fim do seculo VIII, Sigberto (da collecção de Leibnitz), se lê: «Conta-se que este João fôra uma mulher, conhecida sómente por um dos seus familiares...» Nos Annaes de Othon, bispo de Fressingue, que chegam até 1146, diz-se que este papa João *era uma mulher*. O mesmo testemunho se acha nas chronicas de Gifrid Arthur, Godefroy de Viterbo (da collecção Freher), collocando a papisa Joanna entre Leão e Bento. No seculo XIII, Martim Polonus, dominicano e penitenciario dos papas João XXI e Nicolau III, diz na sua *Chron. ad annum 854* (da collecção de Leibnitz): «que Joanna era filha de paes inglezes e nascida em Mayence, e que depois de ter sido papa dois annos, cinco mezes e quatro dias, morrera de parto, em uma procissão, e foi enterada sem honra no mesmo logar em que expirára. Os soberanos pontifices nunca mais passaram por esta rua, e iam para a basilica de Latrão por outro caminho.» Um bispo da Galliza, Bernardo Guy, do seculo XIV, nas suas

*Flores temporum*, tambem allude ao facto da papisa Joanna, seguindo-se a este outros, como João de Paris, Sifrid de Misnia, Sozomeno, Barlaam, monge da Calabria, e Amalarico d'Auger, na sua *Nomenclatura chronologica dos Bispos de Roma*. Petrarca, na *Vida dos Imperadores e dos Papas*, e Boccacio, na obra *De claris mulieribus*, citam como facto historico a realidade da papisa Joanna, que mais tarde Allatio attribuiu impudentemente a fabricação dos protestantes. Basta-nos citar estas auctoridades para se conhecer por que via este facto penetrou no conhecimento dos theologos portuguezes do seculo XIV, e com que intuito o citou Frei Hermenegildo de Tancos no *Orto do Esposo*. Merece consultar-se a monographia de Emm. Rhoïdes, *La Papesse Jeanne*, p. 64 a 71.

142. **O firmal de prata.** — O thema da joia engulida por um peixe, persiste na tradição popular (vid. n.º 10); ou engulida por uma aguia (vid. n.º 21). Nas *Cantigas de Santa Maria*, de D. Alfonso el Sabio, sec. XI, n.º CCCLXIX, tambem se acha esta lenda.

144. **O cavalleiro e o pacto com o diabo.** — Esta tradição é ainda popular na Italia, e acha-se colligida na Sicilia por Pittré; a Edade media elaborou-a profundamente em cantos, contos e autos. Acha-se na narrativa do rei de Castella, Dom Sancho o Bravo, intercalada no *El Libro de los Exemplos*; e foi o assumpto de um drama do velho theatro francez *Du chevalier qui donna sa femme au dyable*. Du Puymaigre cita uma ballada allemã sobre este mesmo thema. (*La Poesie populaire en Italie*, p. 42.) Nas *Cantigas de Santa Maria*, por D. Alfonso el Sabio, n.º CCXVI, vem esta lenda curiosa.

145. **O Diabo escudeiro.** — Acha-se tambem nas *Cantigas de Santa Maria*, por D. Alfonso el Sabio, cap. VII, n.º LXVII.

149. **Rosimunda.**—Nas *Lendas allemãs*, de Jacob Grimm (*Les Veillées allemandes*, trad. de L'Heretier de l'Ain), t. II, p. 45, vem esta tradição colligida de Paulo Diacono, e de Gotfrid. Na poesia popular italiana ainda subsiste esta tradição germanica na fôrma de romance, com o titulo a *Dona Lombarda*, segundo a interpretação de Nigra. Sabatini, fallando d'este canto, define a sua propagação na Italia do norte: «percorrendo dal norte al sud, la ritroviamo in Piemonte, nel Monferrato, nel Veneto e a Ferrara; nella Toscana poi più non vive ma v'è ancora chi ricorda averla udita. Si ritrova nelle Marche in Orvieto, a Viterbo, in Roma finalmente non s'ode cantar che da pochi, e cosi proseguendo non si rinviene più nelle terre meridionali e in Sicilia non se ne ha traccia veruna.» (*Rivista di Letteratura popolare*, p. 14.) A obliteração da lenda á medida que se avança para o sul indica a sua origem germanica, e portanto a fôrma litteraria portugueza proveiu de uma fonte erudita.

150. **A bilha de azeite.**—Este conto é um dos mais persistentes na tradição universal. Max Müller tomou-o por thema comparativo para o seu estudo *Sobre a migração das Fabulas*, conferencia feita na Royal Institution, em 3 de Junho de 1870, começando pela fabula de Lafontaine *La laitière et le pot au lait* (Fab. x, do livro VII), e buscando-lhe os paradigmas no *Pantchatantra*, liv. v, fabula IX: *O Brahmane e o pote de farinha*. Aproveitando dos resultados criticos de Benfey, indicaremos a área de propagação d'esta fabula: *Hitopadessa*, liv. IV, p. 182; *Kalila e Dimna*, cap. x, p. 269; *Anwâr-i Souhaili*, cap. VI, p. 409; *Contes et fables indiennes*, cap. VI, t. III, p. 50; *Del governo de' regni*, exemplo v, fl. 50, v.; *Directorium humanæ vitæ*, cap. VII; *Exemplario contra los engaños*, cap. VII; *Filosofie morali*, trat. IV, fol. 83; *Atter Esopus*, de Baldo, XVI, ed. Du Méril: *De viro et vase olei*. Du Méril cita tambem o *Dialogus creaturarum*, a *Sylva sermonum*, e Rabelais, *Gar-*

*gantua*, liv. I, cap. 33, como vehiculos d'esta fabula. Acha-se tambem no *Eyar-i Danisch*; nas *Mil e uma noites*, CLXXVI; no *Conde de Lucanor*, de D. João Manoel, n.º XXIX, fl. 97; nos *Joci ac Sales*, de Ottomarus Luscinus; nas *Facecie*, de Domenichi, liv. v; nos *Contes et joyeux devis*, n.º XII, de Bonaventure Des Periers; nos *Sermones conviviales*, de Gast; nos *Apologi Phædrui*, de Regnerius, P. I, fab. xxv; no *Democritus ridens*, p. 150; nas *Favole e Nouvelle*, de Pignotti, fab. VIII; vid. Lancereau, *Pantchatantra*, nota a pag. 388. Gubernatis, na *Mythologie zoologique*, t. I, p. 136, cita uma versão do *Tuti-Namé*, II, 26, que interpreta no sentido mythico, em que o céu e a lua são representados como um pote ou taça. No XXI conto mongolico de *Siddhi-Kür*, ha uma variante d'este apologo (resumido por Gubernatis, op. cit., p. 146) em que o achado é uma pelle de carneiro, de que o pae de familia pretende fazer panno, e com elle comprar um burro, e com o burro irem pedir esmola com os filhos. Esta versão explica-nos a variante apresentada por Trancoso (vid. n.º 155), a qual encontrámos referida em uma locução popular do Porto, *Minha mãe, calçotes!* Sobre esta fabula vid. Loiseleur des Longchamps, *Essai sur les Fables indiennes*, p. 55. Ha uma redacção d'este conto sob o titulo *A quarta de leite*, na *Hora de Recrejo*, do Padre J. Baptista de Castro, p. 29.

O nome de *Mofina Mendes*, heroína do conto da *Bilha de azeite*, é de proveniencia popular; Jorge Ferreira de Vasconcellos, na *Aulegraphia* refere-se a esta tradição metrificada por Gil Vicente: «fermosura com vangloria dana mais do que aproveita, e as mais das vezes lhe corre per davante *Mofina Mendes* e a boa diligencia acaba o que merecimento não alcança.» (Fl. 52.) Na linguagem popular o nome de *mofina* emprega-se como sorte ou destino: *a minha mofina*. Jorge Ferreira allude a um outro conto popular, de um diabo cuja actividade era tal, que já não havia que lhe dar a fazer, a não ser

uma *corda de areia*: «Quer sempre ser a hydra e fazer cordas de areia.» (*Eufrosina*, p. 300.) Na tradição popular ainda se repete esta oração:

Se o diabo viesse  
Para me attentar,  
As areias do mar  
Lhe mandaria contar.

Walter Scott traz uma lenda escoceza semelhante.

152. **D'quellas sete ao dia.**—Este conto apparece ainda na tradição popular do Minho; nos *Contos populares portuguezes*, n.º LIII, traz o titulo *Os Simplorios*.

154. **O odio endurecido.**—Este conto n.º IX da Parte I dos *Contos proveitosos*, de Trancoso, acha-se nas *Fabulas* de Aviano, n.º 42; no poema francez *Les Enseignements Trebor*; no fabliau *Du Convoiteux et de l'Envieux*, par Jean de Boves (*Recueil de Fabliaux*, p. 107, Bibl. choisie); na *Élite des bons mots*, t. II, p. 292; nos *Detti et Fatti piacevoli* del Guiardini, p. 99; nas *Mem. de l'Academie des Inscriptions et Belles Lettres*, t. XX; o Conde de Caylus publicou um extracto do fabliau do *Convoiteux*; Saraiva de Sousa e o Padre João Baptista de Castro deram-lhe nova redacção litteraria.

155. **Minha mãe, calçotes.**—Ainda ouvimos no Porto o anexim que serve de titulo a este conto. Quanto ao seu thema tradicional, vid. nota 151.

156. **O real bem ganhado.**—O thema tradicional da pedra preciosa conserva-se no povo. Vid. n.º 78.

157. **O segredo revelado.**—Acha-se este conto nas *Cento Novelle antiche*, n.º 100; nas *Novelle*, de Franco Sa-

chetti, n.º XVI; nas *Gesta Romanorum*, cap. 124 (*Violier*, cap. 148); nas *Cent Nouvelles nouvelles*, n.º LII; nas *Nuits facétieuses*, de Straparola, I, da 4.ª Noite (t. I, p. 15). Também se repete no *Livre du Chevalier de la Tour*, cap. 128. O episodio do falcão morto (um carneiro, para simular um homem) vem nas *Horas de recreio*, de Guichardin, p. 161; nas *Novelle*, de Granuci, n.º v; no fabliau do *Prud'homme qui donna des instructions à son fils* (*Rec. de Fabliaux*, p. 131), na collecção de Barbazan, e Ms. de Clayette. Vid. *Melanges de littérature orientale*, t. I, p. 78. Ha imitações d'este conto em Hans Sachs, em uma comedia; o Dr. Schmidt, na sua edição de Straparola determina bastantes paradigmas d'este conto, que ainda apparece nos *Mille et un quart d'heure*, de Gueullette. No *Dolopathos*, d'Hebers (ed. 1856, p. 225), acha-se esta narrativa; nos *Haus-Mærchen*, de Grimm, t. III, p. 176, ed. 1819, apon-tam-se outros paradigmas.

158. **A prova das laranjas.**—Ha uma situação analoga no *Conde de Lucanor*, n.º XIX; é um herdeiro do throno o escolhido.

159. **Os dois irmãos.**—Ha um largo estudo comparativo sobre este conto na *Revista de Ethnologia e Glottologia*, onde se compara a versão de Timoneda, no *Patrañuelo*, e as russas, tibetanas, indianas e allemãs, colligidas por Benfey, as de Sercambi e de Busoto, comparadas por Reinhold Köhler. Vide uma fórma popular alem-tejana, n.º 109.

160. **Dom Simão.**—Vid. a versão popular com a nota respectiva ao n.º 71.

161. **Os trez conselhos.**—Conserva-se ainda no povo este thema tradicional, a que Trancoso deu fórma litteraria. Vide n.º 100 e nota correspondente. O thema da

morte do mensageiro repete-se na tradição do Pagem da Rainha Santa Izabel. (Vid. nota 173.)

162. **Quanto vale a boa sogra.**—Nos romances metrificados, como de *Dom Bozo* e *D. Pedro*, a sogra é sempre crúa. A mulher que engana o marido mettendo-se com elle na cama é um thema popular de muitos contos; este, porém, já recebeu fórma litteraria na composição de Shakespeare, *Tudo é bom quando acaba bem*.

163. **O que Deus faz é pelo melhor.**—Acha-se no *Conde de Lucanor*, de D. João Manuel, n.º XVII (ed. 1642, fl. 81). Indubitavelmente esta redacção do seculo XIV tem uma fonte arabe. Sob o n.º 136 deixámos outra redacção portugueza do ms. do seculo XIV, *Orto do Sposo*.

164. **A rainha virtuosa e as duas irmãs.**—(Vid. a versão popular, n.º 39 e 40 e nota respectiva.)

165. **Quem tudo quer, tudo perde.**—Acha-se na collecção italiana *Il Novellino*, conto x; passou a adaptar-se aos Jesuitas, e attribue-se a differentes personagens historicos. A fórma italiana vem em Nanuci, *Manual della Letteratura*, t. II, p. 65.

166. **O falso principe e o verdadeiro.**—Sobre o thema tradicional de um principe que se dá a conhecer pela sua valentia, vide o n.º 44. Em um conto da Edade media, que vem no *Novellino*, e no *Baculo Pastoral*, o principe é ensinado por um mestre, que tem mais doze discipulos em quem bate quando o principe erra a lição.

167. **Constancia de Griselia.**—É notavel a relação que existe entre o texto de Trancoso e a redacção castelhana de Timoneda no seu *Patrañuelo*, n.º II (ed. Ribadaneira, p. 131). Ou Timoneda traduziu a sua versão da

portugueza de Trancoso, ou ambos os auctores se serviram de uma lição commum. Esta ultima supposição parece inferir-se do folheto italiano sem data *La Novella di Gualtieri*, anterior aos dois. O conto de *Griselides* acha-se no *Decameron*, de Boccacio, x jornada. Du Méril, investigando as fontes tradicionaes do *Decameron*, cita os livros em que se acha este conto: Philippo Foresti, *De plurimis claris scelestisque Mulieribus*, p. 145; Bouchet, *Annales d'Aquitaine*, liv. III, citam-na com realidade historica. A tradição recebeu a fôrma poetica no *Lais del Freisne*, de Marie de France. (*Oeuvres*, t. I, p. 138.) Chaucer tratou este assumpto no *The Clerkes Tale*, e um anonymo no *Gualterus and Grisalda*; acha-se em uma ballada popular *The Nut-Brown*; representa-se nos theatros populares da Inglaterra; ha um mysterio francez de 1395, e Hans Sachs compoz uma comedia *Die gedultig und gehorsam Marggräfin Griselda*. (Vid. Du Méril, *Histoire de la Poesie Scandinave*, p. 359 e 360.) O conto de *Griselida* acha-se na tradição popular da Russia, na collecção de Afanasieff, liv. 5, n.º 29, do qual Gubern. dá um resumo.

169. **O achado da bolsa.**—Acha-se tambem no *Patrañuelo*, n.º VI, de Timoneda (Ed. Ribadaneyra); no fabliau *Du Marchand qui perdit sa bourse* (*Recueil de Fabliaux*, p. 101, da *Bibliothèque choisie*); nas *Novellas* de Geraldo Cynthio, x, e no *Novellino italiano*. O conto de Trancoso, n.º xv, anda como episodio no conto do *Justo juizo* largamente estudado por Benfey e Köhler, sobre as versões russas, thibetanas, indianas e allemães. Nos *Contos nacionaes*, n.º III, Porto, 1883, vem uma versão popular portugueza, que nos leva a crêr que Trancoso poucas vezes recorreu a fontes litterarias.

170. **O capão tornado sapo.**—Cita-se uma variante de Cesario, lib. 60, cap. 22, em que em vez de um sapo era uma serpente.

172. **O thesouro escondido.** — Compare-se com a tradição popular, conto n.º 88.

173. **Erramos.** (E Ramos?) — Encontrámo-lo também na tradição insulana, e no Porto.

174. **O pagem da Rainha.** — Acha-se no *Patrañuelo* de Timoneda, n.º XVII. (Ed. Ribadaneyra, p. 158.) Loiseleur des Longchamps, no *Essai sur les Fables indiennes*, p. 134, not., cita um dos Contos dos *Sete Vizires*, e o fabliau *D'un roi qui voulut faire brûler les fils de son sénéchal*. (Legrand d'Aussy, *Fab.*, t. v, p. 56.) Esta mesma tradição acha-se na redacção ingleza das *Gesta Romanorum*, cap. xcviij; nas *Cento Novelle antiche (Libro di Novelle, LXVIII)*; nas *Novellas* de Geraldo Cynthio, 2.ª cent., 8.ª dez., 6.ª novella; a lenda de Santa Isabel, em Portugal, no *Baculo Pastoral*, de Saraiva de Sousa, já se achava em verso por Affonso o Sabio, avô do rei D. Diniz, contada como um milagre da Virgem. A sua proveniência oriental acha-se no *Katha sarit sagara*, collecção de Somadeva Bhatta, do seculo XII. (Trad. Brockhaus, vol. II, p. 62.) Esterley, na sua edição das *Gesta Romanorum*, cita na nota ao numero 283 os paradigmas d'esta lenda, também popular na Alsacia com o titulo de *Fridolin*, sobre que Schiller fez a Ballada *Gang nach dem Eisenkammer*. Vid. também o estudo d'Ancona, na *Romania*, t. III, p. 187. Repete-se ainda na tradição popular de Coimbra.

175. **A ingratidão dos filhos. O caixão de pedras.** — Acha-se nos fabliaux da Edade media: *Le bourgeois d'Abbeville* por Bernier (*Recueil de Fabliaux*, p. 166); o Conto do *Sapo*, no *Doctrinal de Sapience*, fl. 21, v. A herança de pedras acha-se no testamento de Fauchet, em que os logrados são os frades; ha outras versões nas *Histoires plaisantes et ingenieuses*, p. 146; e em Piron, *Fils ingrats*, comedia. Esta historia affecta outras fórm,

como é o episodio da intervenção do neto que se prepara para exercer a mesma crueldade com o pae. Nos *Contos nacionaes para crianças*, n.º 1, ha uma referencia a uma versão popular ainda corrente em Portugal. Nas *Horas de Recreio*, do Padre João Baptista de Castro, (p. 81) vem este thema da *Velha que dá o que tem á filha*.

179. **A venda das gallinhas.**—Esta anedocta acha-se extremamente vulgarisada: nas *Facetieuses journées*, p. 407; nas *Repues franches*, de Villon; nas *Facetie di Poncino*, na Arcadia di Brenta, p. 152; nos *Nouveaux Contes à rire*, p. 262; nos *Contes du sieur d'Ouille*, t. II, p. 471; no *Courrier facétieux*, p. 355; na *Histoire générale des Larçons*, p. 20; na *Bibliothèque de Cour*, t. III, p. 23. As variantes dão-se entre o objecto da compra e a pessoa que paga. No Conto *Des trois Aveugles* vem esta peripecia como episodio. (*Recueil de Fabliaux*, p. 85.) Nas *Novelle de Morlini*, n.º XIII; nas *Facetieuses Nuits*, XIII, fab. II, e em Bebelius, liv. II, conto 126, acha-se este mesmo conto do jesuita portuguez, e ainda corrente nas facecias populares.

184. **A matrona de Epheso.**—Sobre esta tradição e sua fórma popular, vid. n.º 69 e nota correspondente.

189.—Uma grande parte d'estas lendas e patranhas foram colligidas pelo sr. Leite de Vasconcellos, achando-se dispersas nos seus estudos criticos sobre as tradições portuguezas.

191. **A lenda das manchas da Lua.**—Stanisláo Prato estudou largamente esta lenda no opusculo *L'Uomo nella Luna*, como complemento ao ensaio critico sobre *Caino e le Spine secondo Dante e la tradizione popolare*; n'ella cita versões de diversos paizes: *Contes populaires de la Haute Bretagne*, de Paul Sebilot, 2.ª serie, n.º 64; na

*Melusine*, de Gaidoz e Rolland, p. 403-6, n.º 5; nos *Nord-deutsche Sagen*, de Kuhn e Schwartz, n.º 55; nas *Seize Superstitions populaires de la Gascogne*, de Bladé, n.º 4, p. 10. Na tradição popular açoriana é um pescador que anda de noite ás lapas, que é arrebatado para a lua. A lenda deriva-se da crença gauleza e scythica da transmigração das almas para a lua. (Vid. Belloguet, *Ethnogénie gauloise*, t. III, p. 184.) A ideia de castigo affrontoso é uma reacção contra o antigo respeito da crença religiosa.

192. **Outra.**— Consiglieri Pedroso, nos seus Estudos sobre *Tradições populares portuguezas*, colligiu esta lenda como superstição sob o n.º 578: «O sol passou pela lua e atirou-lhe com uma mão cheia de terra; por isso ella ficou escura e com manchas.»

197 e 198.— Na *Revista de Ethnologia e Glottologia*, vem paradigmas hespanhoes, e é conhecida na França meridional, na Suissa, Inglaterra, Escossia, Italia e Sicilia; vid. p. 103 a 108. Saco Arce traz na sua *Grammatica gallega* este ditado:

Febreiriño corto  
Cós teus días vinteoito,  
Si durarás mais quatro  
Non paraba can nin gato.

208.— Na tradição popular hespanhola de Guadalcanal e Sevilha tambem se encontra esta lenda em que figura Sam Pedro, que mette o dinheiro em certo lugar do *Perro de las especias*. (Ap. Rodriguez Marin, *Cantos populares españoles*, t. IV, p. 382.)

209. **Lenda do sapo e da toupeira.**— Vem como fôrma de superstição nas *Tradições populares portuguezas*, de Cons. Pedroso, n.º 577.

215. **A obra de Sam Pedro.**—Gubernatis, na *Mythologia zoologica*, t. I, p. 325, explica o sentido mythico das lendas da troca de cabeças.

216 a 227.—Na Italia e Hespanha são frequentes estas lendas, ultimo vestigio da elaboração dos Evangelhos populares a que a Igreja chama apocryphos. Pittré colligi-as sob o titulo de *Cyclo legendario evangelico*. Na Andaluzia este genero de contos tem um nome popular; chama-se-lhes *Susedios* e *Suseíos*, considerando-os não como contos mas *Sucedidos* (acontecidos). Rodriguez Marin colligiu *Cinco contezuelos populares andaluzes*, em que Sam Pedro é o heroe, uma especie de Sancho.

221.—Vem como superstição, sob o n.º 603, colligida por Consiglieri Pedroso.

225.—O mesmo sob n.º 605, ampliando a lenda com as seguintes: «Os pinhões tambem foram amaldiçoados por denunciarem a passagem da Senhora com barulho. Os fetos igualmente foram amaldiçoados pelo mesmo motivo; e esses então ficaram com as mãos na cabeça (as folhas voltadas para cima). Sob o n.º 614 traz a lenda da origem do Gato—nascido da baba do leão.

232.—Esta lenda repete-se na Galliza, substituindo á Virgem Sam Thiago, e localisa-se em outras lagoas, como a de Doniños e Riega; o historiador Morguia considera esta crença da submersão de Valverde como a tradição inconsciente e remota passagem das cidades lacustres para as aldeias territoriaes. A lenda da condemnação é commum a outras cidades de origem lacustre, como a Ars affundada no lago de Paradru. Diz o Dr. Anselmo de Andrade, de quem tomamos estes factos: «Na tradição portugueza encontra-se tambem mencionado este genero de peccado e de expiação. Uma cidade transmontana,

que negou a hospitalidade a um santo, teria soffrido o castigo de ser sepultada nas aguas exactamente como as impias cidades hespanholas.» *Sciencia pre-historica* (As Habitações lacustres, p. 17, nota).

239.— Sobre a lenda do *Tributo das Donzellas* elaboraram-se muitas outras tradições de etymologia popular, taes como a de *Peitobordelo*, *Figueiredo das Donas*, etc.

240.— Viterbo extracta um codicilo de 1183 onde vem *Benequerencia*, como alatinisação do nome local, e que explica a lenda.

245.— Esta lenda tambem existe em Verona, contando-se a situação como passada entre Bartolomeo Scaligero e seu irmão, que se assassinaram em uma entrevista amorosa. (Philarète Chasles, *Etudes sur Shakespeare*, p. 159.) Diz o Abade Castro: «Muitas tradições vogam ácerca d'esta campá, que nós temos por falsas ou viciadas... referindo uns que é a sepultura dos dois irmãos, outros diversas lendas que mais se assemelham a contos de fadas ou de velhas com que embalam as crianças, do que realidades, que tenham por base algum solido fundamento.» (*Panorama*, t. 1, da 2.<sup>a</sup> serie, p. 359.)

246. **A raposa e o lobo.**—Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, trad. de Brueyre, p. 362 (vid. nota 1, p. 364 e 365). A fabula dos Highlanders versa sobre uma panella de manteiga; é popular na Noruega, como se vê pela collecção de Absjörnsen, *A Raposa e o Urso*.

248. **A raposa e o gallo.**—Nos *Contos populares da Gram Bretanha*, trad. de Brueyre, p. 369, vem tambem esta fabula. Acha-se em Lafontaine, *Le Coq et le Renard*.

FIM DAS NOTAS.



2  
72783

# INDICE

	Pag.
Introduccão: <i>Litteratura dos Contos populares em Portugal</i> .....	4

## PARTE II

### Historias e Exemplos de thema tradicional e fórma litteraria

126. O rey Leir ( <i>Livros de Linhagens</i> , seculo XIV)...	31
127. A dama Pé de Cabra ( <i>Ibidem</i> ).....	32
128. A morte sem merecimento ( <i>Ibidem</i> ).....	34
129. A linhagem dos Marinheiros ( <i>Ibidem</i> ).....	35
130. Exemplo do Philosopho ( <i>Ms. d'Alcobaça</i> , seculo XIV) .....	36
131. Exemplo dos trez amigos ( <i>Ibid.</i> ).....	37
132. Exemplo allegorico da Redempção ( <i>Orto do Sposo</i> , de Frei Hermenegildo de Tancos, seculo XIV) .....	38
133. A justiça de Trajano ( <i>Ibidem</i> ).....	39
134. A morte dos Avarentos ( <i>Ibidem</i> ).....	40
135. As miserias da riqueza ( <i>Ibidem</i> ).....	41
136. O que Deus faz é por melhor ( <i>Ibidem</i> ).....	43
137. Um homem de taverna ( <i>Ibidem</i> ).....	44
138. Os quatro ribaldos ( <i>Ibidem</i> ).....	45
139. A boa andança d'este mundo ( <i>Ibidem</i> ).....	46
140. Os dous caminhos ( <i>Ibidem</i> ).....	48

141. A papisa Joanna ( <i>Ibidem</i> ).....	49
142. O firmal de prata ( <i>Ibidem</i> ).....	49
143. Os quatro ladrões ( <i>Ibidem</i> ).....	50
144. O cavalleiro e o pacto com o diabo ( <i>Ibidem</i> )..	52
145. O diabo escudeiro ( <i>Ibidem</i> ).....	54
146. As maas artes das molheres ( <i>Ibidem</i> ).....	55
147. O rey e os cortezãos ( <i>Ibidem</i> ).....	57
148. As vistiduras honradas ( <i>Ibidem</i> ).....	59
149. Rosimunda ( <i>Ibidem</i> ).....	59
150. A bilha de azeite ( <i>Gil Vicente</i> , seculo XVI).....	61
151. O ermitão e o ladrão ( <i>Trancoso</i> , seculo XVI)...	62
152. D'aquellas sete ao dia ( <i>Idem</i> ).....	63
153. A donzella recatada ( <i>Idem</i> ).....	65
154. O odio endurecido ( <i>Idem</i> ).....	68
Variante ( <i>Saraiva de Sousa</i> , seculo XVII).....	69
155. Minha mãe, calçotes ( <i>Trancoso</i> ).....	70
156. O real bem ganhado ( <i>Idem</i> ).....	71
157. O segredo revelado ( <i>Idem</i> ).....	74
158. A prova das laranjas ( <i>Idem</i> ).....	78
159. Os dois irmãos ( <i>Idem</i> ).....	80
160. Dom Simão ( <i>Idem</i> ).....	86
161. Os tres conselhos ( <i>Idem</i> ).....	89
162. Quanto vale a boa sogra ( <i>Idem</i> ).....	95
163. O que Deus faz é pelo melhor ( <i>Idem</i> ).....	98
164. A rainha virtuosa e as duas irmãs ( <i>Idem</i> ).....	100
165. Quem tudo quer, tudo perde ( <i>Idem</i> ).....	106
Variante ( <i>João de Barros</i> ).....	108
166. O falso principe e o verdadeiro ( <i>Trancoso</i> )....	109
167. Constancia de Grizelia ( <i>Idem</i> ).....	117
168. O barbeiro do rei ( <i>Idem</i> ).....	123
169. O achado da bolsa ( <i>Idem</i> ).....	126
170. O capão tornado sapo ( <i>Saraiva de Sousa</i> , se- culo XVII).....	128
171. Os poderes do ouro ( <i>Rodrigues Lobo</i> ).....	129
172. O thesouro escòndido ( <i>Idem</i> ).....	132
173. Erramos (E Ramos?) ( <i>Idem</i> ).....	132

174. O pagem da rainha ( <i>Saraiva de Sousa</i> ).....	133
175. A ingratidão dos filhos ( <i>Padre Manoel Bernardes</i> ).....	134
Variante ( <i>Padre Manoel Consciencia</i> ).....	135
176. A usura de Nossa Senhora ( <i>Padre Bernardes</i> ).....	137
177. O medico de boa fé ( <i>Padre Vieira</i> ).....	138
178. Não escapa de ladrão ( <i>Idem</i> ).....	138
179. A venda das gallinhas ( <i>Idem</i> ).....	139
180. O roubo do vestuario ( <i>Idem</i> ).....	140
181. A roupa dos mendigos ( <i>Idem</i> ).....	140
182. A casa dos mortos ( <i>Idem</i> ).....	141
183. As botas fiadas ( <i>Idem</i> ).....	141
184. A matrona de Epheso ( <i>Padre J. Baptista de Castro</i> , seculo XVIII).....	142

## PARTE III

## Lendas, Patranhas e Fabulas

185. A lenda da terra ( <i>Guarda, Mondim da Beira</i> )..	145
186. Lenda dos rios ( <i>Torre de D. Chama</i> ).....	145
187. Tejo, Douro e Guadiana ( <i>Mondim da Beira, Famalicão, Porto</i> )..	146
188. Lenda da Lua e da Agua ( <i>Famalicão</i> ).....	146
189. Lenda do Milho e do Centeio ( <i>Airão</i> ).....	147
Variante ( <i>Villa Nova de Gaia</i> ).....	147
190. Lenda das Aduellas e dos arcos da pipa ( <i>Airão</i> )	148
191. Lenda das manchas da Lua ( <i>Freixo, Carrazeda</i> )	148
192. Outra ( <i>Porto, Vimieiro, Leça do Balio, etc.</i> )....	149
193. Lenda de Fevereiro ( <i>Foz do Douro</i> ).....	149
194. Lenda de Salomão ( <i>Açores</i> ).....	150
195. Lenda do chorão ( <i>Famalicão</i> ).....	150
196. Lenda da lenha.....	151
197. Lenda da Ovelha.....	151
198. Lenda do Cão ( <i>Guarda</i> ).....	151

199. Lenda da Serpente, do Sapo e do Sardão ( <i>Leça do Balio</i> ) . . . . .	151
200. Lenda da Coruja ( <i>Guarda</i> ) . . . . .	152
201. Lenda do Sapo ( <i>Airão</i> ) . . . . .	152
202. Porque os cães se cheiram ( <i>Braga, S. Miguel</i> ) . . . . .	152
203. Lenda das andorinhas e dos taralhões ( <i>Carrazeda</i> ) . . . . .	153
204. Conto da codorniz ( <i>Paços de Ferreira</i> ) . . . . .	153
205. Onomatopêas ( <i>Airão</i> ) . . . . .	154
206. O cuco e a poupa . . . . .	154
207. Lendas dos animaes ( <i>Oliveira de Azemeis, etc.</i> ) . . . . .	155
208. Voz do corvo ( <i>Paços de Ferreira</i> ) . . . . .	156
209. Lenda do sapo e da toupeira ( <i>Chaves</i> ) . . . . .	156
210. A prova dos lobos ( <i>Mondim da Beira</i> ) . . . . .	156
211. O goraz ( <i>Foz</i> ) . . . . .	157
212. O grito do cão ( <i>Mafra</i> ) . . . . .	157
213. As orelhas do burro ( <i>Idem</i> ) . . . . .	157
214. A criação da mulher ( <i>Porto</i> ) . . . . .	157
215. A obra de S. Pedro . . . . .	158
216. O canto do gallo ( <i>Penafiel</i> ) . . . . .	158
217. Lenda da codorniz ( <i>Cabo Verde</i> ) . . . . .	159
218. Outra ( <i>Agores</i> ) . . . . .	159
219. Lenda da Arvellinha ( <i>Idem</i> ) . . . . .	159
220. O balido da ovelha ( <i>Famalicão</i> ) . . . . .	159
221. Nossa Senhora e a solha ( <i>Foz e Porto</i> ) . . . . .	160
222. A romaria da Abbadia ( <i>Famalicão</i> ) . . . . .	160
223. Lenda das giestas ( <i>Idem</i> ) . . . . .	160
224. Lenda do manto de Nossa Senhora ( <i>Porto</i> ) . . . . .	161
225. Lenda dos tremoços ( <i>Famalicão</i> ) . . . . .	161
226. Lenda de Nossa Senhora ( <i>Idem</i> ) . . . . .	162
227. A submersão das cidades ( <i>Galliza</i> ) . . . . .	162
228. A lenda dos ferreiros ( <i>Penella</i> ) . . . . .	163
Variante ( <i>Cercanias de Vermoim</i> ) . . . . .	163
229. Lenda da ponte de Domingos Terne ( <i>Ave</i> ) . . . . .	164
230. Lenda da amendoeira ( <i>Lisboa</i> ) . . . . .	164
231. A ponte da Alliviada ( <i>Minho</i> ) . . . . .	165

232. A ponte da Misarella ( <i>Douro</i> ).....	165
233. Lenda de Simancas.....	165
234. Lenda de Chacim ( <i>Alfandega da Fé</i> ).....	166
235. Origem do nome de Vizeu ( <i>Vizeu</i> ).....	167
236. Origem do nome de Bragança.....	167
237. Lenda de Briteande.....	167
238. Lenda de Crescido ..	168
239. Lenda de Lamego.....	168
240. Origem do nome de Lisboa.....	168
241. Outra.....	169
242. A sepultura dos dois irmãos ( <i>Cintra</i> ).....	169
243. Fabula da raposa e do mocho ( <i>Airão</i> ).....	170
244. A aguia e a coruja ( <i>Porto</i> ).....	170
245. A barata e os filhos ( <i>S. Miguel</i> ) ..	171
246. A raposa e o lobo ( <i>Airão</i> ).....	171
247. A raposa no gallinheiro ( <i>Idem</i> )... ..	172
248. A raposa e o gallo ( <i>Idem</i> ).....	173
249. O lobo e a ovelha ( <i>Villa Cova</i> ).....	174
NOTAS COMPARATIVAS.....	175



L

81263

